

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PROGRAMA DE ESTUDO PÓS-GRADUADOS EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**GABRIELA MARQUES MENDES DA SILVA**

**A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA CULTURA DO CONHECIMENTO: A  
EXPERIÊNCIA DO CENTRO POPULAR DE CULTURA E DESENVOLVIMENTO**

**SÃO PAULO  
2015**

**GABRIELA MARQUES MENDES DA SILVA**

**A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA CULTURA DO CONHECIMENTO: A  
EXPERIÊNCIA DO CENTRO POPULAR DE CULTURA E  
DESENVOLVIMENTO**

Dissertação a ser apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais, sob a orientação da Professora Doutora Maria Margarida Cavalcanti Limena.

SÃO PAULO  
2015

Nome: SILVA, Gabriela Marques Mendes da.

Título: A construção de uma nova cultura do conhecimento: a experiência do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento

Dissertação a ser apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Aprovado em:

Banca Examinadora:

Prof. Dr.

Instituição:

Julgamento: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr.

Instituição:

Julgamento: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr.

Instituição:

Julgamento: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

**À esperança do despertar da humanidade**

## AGRADECIMENTOS

Esse trabalho merece inúmeros agradecimentos, desde que a vontade de escrever sobre o tema despertou em mim. Passando por inspirações, apoios, suportes emocionais, incentivos, atenção, interessados, enfim, cada um contribuindo de uma forma que foi ressignificando o desenrolar do que está escrito aqui – por mim, mas que no fundo foi composto por uma complementaridade de visões e de lindas intenções para o desenvolvimento de novas formas de se educar nesse país e no mundo.

Agradeço, primeira e profundamente, ao meu padastro-pai, Richard, que além de ter viabilizado esse estudo, me deu força para persistir e seguir me reinventando a partir daquilo que brilham meus olhos, me dando todo apoio para a ampliação do meu próprio horizonte para passos cada vez mais largos nessa caminhada.

À minha orientadora Maria Margarida Limena pela confiança, pelos direcionamentos e pela autonomia concedida, fazendo com que achasse o meu próprio caminho e, assim, me possibilitando uma aprendizagem com um sentido muito maior.

Hoje, à minha comadre, Ligia, pelas inspirações e por estar perto sempre.

Ao Aerton Paiva e à equipe da Gestão Origami, que me apresentou o Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento.

À Silvia Juhas, especialmente, pela liberdade, pela crença no meu potencial, pela compreensão e pelos ensinamentos, possibilitando ampliar a minha prática educacional; e toda equipe da editora Aymar, que me deu o suporte necessário para continuar.

Ao carinho, acolhimento, amizade, doçura, às trocas, paciência e toda a experiência que vivi em Araçuaí, que me acende a forçá e a crença imortal do potencial do ser humano em pulsar amor e significado ao viver, dentro daquilo mais puro e simples em conjunto com as manifestações das mais variadas formas de vida e de se viver. Agradecimentos ao mestre da oralidade Tião

Rocha; à grande ajuda e atenção da Flávia Mota; à profundidade das palavras e ao compartilhamento de experiências de grande valia de Edilúcia Borges, Regina Poluceno e Ana Paula Silva; à sabedoria de Cleia e Yuri e de todos os educadores do Ser Criança; ao suporte de Patrícia Nogueira e Luciana Aguiar; à ternura de Dona Lurdes e Seu Antônio; às crianças e toda a energia revigoradora de viver o mundo; às trocas, à parceria e à gentileza dos queridos Meninos do Cinema e dos Meninos do Software; aos quitutes cheios de amor das cozinheiras Elizânia e Té, ao cuidado com a terra e os alimentos cultivados pelos agricultores do Sítio Maravilha.

Agradeço ao Gustavo, Camila e Gabrielle, muito mais do que companheiros de viagem, mas sim companheiros de pesquisa, de sonhos, e incentivadores de mudança.

Aos meus pais e à minha irmã, que me ouviram e me incentivaram durante todo o processo desse trabalho.

À dança, à minha terapeuta Karin (e aos maravilhosos florais) e aos amigos e irmãos da vida pelas horas de descanso mental, apoio e a necessária renovação para seguir com foco e fluidez.

**Meus sinceros e carinhosos agradecimentos.**

## O Vale da Abundância

Gabriela Marques

Onde a vida se sustenta pela troca.  
E que o compromisso com ela é o de retribuí-la  
Com o milagre que é essa oportunidade.

Regido pelo invisível  
Que penetra nos vazios do nosso corpo-alma  
E que parece que nos preenche e expande,  
Sendo mais de nós mesmos.

Mas mais de nós  
Com os outros,  
Com o imaterial,  
Com o rio que passa,  
Com os lugares que pulsam...

Um lugar  
Em que o céu e terra parecem um só.  
Que sonho e realidade parecem um só.  
Que raízes e asas são sinônimos.

Espírito e matéria  
Acontecem continuamente no mesmo momento  
E que não dá para distinguir suas forças.

E assim se faz  
Uma única força  
Que se autorregenera  
De dentro para fora,  
E que, dessa forma, toma conta de mais  
Amplitude.

Não há uma palavra  
Sequer  
Para explicar  
Toda essa simplicidade de ser

Mas um conjunto de palavras  
Em poesia pode,  
Talvez,  
Traduzir  
Nas suas entrelinhas  
O que é viver o Médio Jequitinhonha.

## RESUMO

A crise da vida humana está associada diretamente com a estrutura do pensamento, principalmente das sociedades ocidentais, por reproduzir uma lógica de um paradigma que simplifica, reduz e fragmenta a compreensão que se tem da realidade e do mundo. A prática educacional atual, exercida e concentrada nas instituições escolares, se mostra insuficiente para o desenvolvimento de cidadãos que aprendam a lidar com a complexidade do mundo contemporâneo e seus desafios. O pensamento complexo, proposto por Edgar Morin, torna-se uma abordagem possível para a construção de uma nova cultura do conhecimento, contribuindo para uma outra possível visão de mundo, em que o ser humano se reposiciona em favor da vida, pela consciência de sua condição perante ao contexto planetário em que habita, ao reconhecer sua identidade e a sua comunidade de destino terrestre. Aplicada à prática educacional, a complexidade faz com que seja possível religar saberes para o reconhecimento de problemas globais e a tomada de consciência das necessidades políticas, sociais e éticas necessárias para a fundamental postura civilizatória: solidária e responsável pelas transformações emergentes. A atuação do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento, na cidade de Araçuaí, em Minas Gerais, será analisada neste trabalho como uma experiência alternativa à escolarização, que reflete, em exercício educacional e organizacional, a concepção complexa, transformando de forma significativa e positiva comunidades onde atua, sendo hoje reconhecida como uma grande referência de educação e desenvolvimento comunitário sustentável. Um espaço em que se amplia a experiência do indivíduo, pela prática da transformação social contínua e motivadora da realização de um presente e de um futuro em que se respeite a vida. Cada vez mais consciente da sua própria humanidade, o indivíduo nutre-se, simultaneamente e de forma complementar, da utopia e da realidade rumo à construção de uma ética planetária.

**Palavras-Chave:** Complexidade; aprendizagem; conhecimento; transformação; desenvolvimento.

## **ABSTRACT**

The crisis of human civilization is directly associated to the structure of its thought process, especially in Western societies, because this is based on a paradigm of logic that simplifies, reduces and fragments people's understanding of reality and the world around them. The current educational practice, which is carried out and concentrated in schools, is inadequate to the task of developing citizens who can learn to deal with the complexity of the modern world and its challenges. Complex thinking, then, as proposed by Edgar Morin, is one possible approach to enable the construction of a new culture of knowledge, which can contribute to a worldview in which human beings reposition their thinking in favor of life, by becoming conscious of their situation in the context of the planet they inhabit, and by recognizing their identity and their earthly community. When applied to educational practice, the concept of complexity makes it possible to reconnect bodies of knowledge that enable the recognition of global problems and that create awareness of the political, social and ethical needs that are necessary for a fundamental civilizing posture: in solidarity with, and responsible for, emerging transformations. This study will analyze the activities of the Popular Center for Culture and Development, located in the city of Araçuaí in the State of Minas Gerais, Brazil, as an alternative method of learning, based on the application of the concept of complexity in its educational practices and organization, and which has resulted in significant and positive transformations in the communities where it has been adopted, and which is now recognized as an important reference in education and in sustainable community development. It is a space in which the individual's experience is broadened, by the continuous and motivating practice of social transformation and the realization of a situation that is based on respect for life, both in the present and in the future. The individual, increasingly aware of his/her own humanity, is nourished, simultaneously and in a complementary manner, by utopia and reality on the path to building a planetary ethic.

**Key-words: complexity; learning; knowledge; transformation; development.**

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Plano de Trabalho e Plano de Avaliação.....	42
FIGURA 2: Ciclo Metodológico .....	50
FIGURA 3: Roda no projeto Ser Criança .....	59
FIGURA 4: Cartelas para criação de uma história coletiva.....	61
FIGURA 5: Bolsa que contém jogos feitos pelas crianças.....	63
FIGURA 6: Oficina de sabão a partir do óleo de cozinha .....	64
FIGURA 7: Saberes locais.....	64
FIGURA 8: Sabão pronto .....	65
FIGURA 9: IPDH.....	72
FIGURA 10: Mapa do Estado de Minas Gerais .....	96
FIGURA 11: Rio Araçuaí.....	97
FIGURA 12: Bacia do Jequitinhonha .....	97
FIGURA 13: Mandala Arassussa .....	112
FIGURA 14: Mandala Arasempre .....	119
FIGURA 15: Centro Velho de Araçuaí .....	120
FIGURA 16: Cinema Meninos de Araçuaí .....	120
FIGURA 17: Cooperados do Cinema Meninos de Araçuaí.....	121
FIGURA 18: Coral Meninos de Araçuaí.....	122
FIGURA 19: Artesanato de ferro.....	123
FIGURA 20: Marcenaria .....	124
FIGURA 21: Cooperados da Fabriqueta de softwares.....	125
FIGURA 22: Cooperativa Dedo de Gente.....	126
FIGURA 23: Agricultor no espiral de ervas .....	128
FIGURA 24: Atividade no Ser Criança.....	129
FIGURA 25: Quintal Maravilha.....	131
FIGURA 26: Cisterna de captação da água da chuva .....	132
FIGURA 27: Produtoras de alimentos orgânicos na feira .....	134

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Tecnologias utilizadas pelo Arassussa .....	111
Tabela 2: Moedas de troca .....	133

# Sumário

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
1. A crise do conhecimento e a necessária reforma do pensamento .....	15
2. Trajetória como educadora e pesquisadora .....	25
3. Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento .....	28
3.1. O estudo .....	28
3.2. O caso .....	29
4. Percurso da pesquisa .....	28
<b>PARTE I: O CENTRO POPULAR DE CULTURA E DESENVOLVIMENTO ....</b>	<b>37</b>
1. Experiência para a mudança .....	37
1.1. Tecnologias Sociais .....	41
1.1.1. Planos de Trabalho e Avaliações – PTAs .....	41
1.1.2. Indicadores de Qualidade de Projetos Sociais – IQPs .....	44
1.1.3. Monitoramento de Processos e Resultados de Aprendizagem – MPRA .....	47
1.1.4. Maneiras Diferentes e Inovadoras – MDIs .....	48
1.2. Pedagogias Consolidadas .....	51
1.2.1. A Pedagogia da Roda .....	53
1.2.2. A Pedagogia do Brinquedo .....	60
1.2.3. A Pedagogia do Sabão .....	64
1.2.4. A Pedagogia do Abraço .....	69
1.2.5. A Pedagogia do Copo Cheio .....	72
1.3. Gestão organizacional .....	74
1.3.1. Formação de Educadores .....	75

1.3.2. Participação Comunitária .....	82
1.3.3. Metodologia Inovadora .....	84
1.4. Financiamento e Sustentabilidade .....	87
1.5. Parcerias .....	91
1.6. Prêmios e Destaques .....	92
2. Araçuaí .....	96
3. CPCD em Araçuaí .....	91
3.1. Arasempre: Araçuaí Sustentável - Plataforma Estrutural Articuladora .....	102
3.1.1. O modelo de plataforma .....	106
3.1.2. De Arassussa a Arasempre: um passo evolutivo .....	109
3.1.3. Tríade Estratégica .....	114
3.1.4. Arasempre: Araçuaí viável para todos e para sempre .....	116
4. Projetos em andamento .....	119
4.1. Cinema Meninos de Araçuaí .....	119
4.2. Coral Meninos de Araçuaí .....	122
4.3. Fabriquetas .....	123
4.4. Fabriqueta de software .....	124
4.5. Cooperativa Dedo de Gente .....	125
4.6. Sítio Maravilha .....	126
4.7. Ser Criança (ou educação pelo brinquedo) .....	129
4.8. Ações na zona rural .....	130
5. Complexidade educacional .....	135

**PARTE II: A COMPLEXIDADE COMO CAMINHO PARA A  
REORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO: A CONSTRUÇÃO DO BEM**

<b>PENSAR</b> .....	<b>136</b>
1. A crise do conhecimento, a crise da vida.....	136
1.1. O paradigma simplificador .....	140
1.2. Noção de paradigma: organização e cognição .....	144
1.3. Cegueiras paradigmáticas: <i>imprinting</i> e possessão noológica .....	145
1.4. A emergência da reforma do pensamento: compreendendo a transformação .....	149
2. A transição: do paradigma simplificador a um sistema de pensamento complexo.....	151
2.1. Emergência de um novo pensamento .....	151
2.2. Pensamento complexo: princípios, fundamentos e concepções .....	153
3. Epistemologia e complexidade.....	158
3.1. Conhecer o conhecimento .....	158
3.2. Convergindo para uma nova cultura do conhecimento .....	163
3.3. Condição humana: situar o ser humano no contexto planetário .....	167
3.4. Incerteza como propriedade do conhecimento .....	175
3.5. Ética da compreensão: solidariedade e responsabilidade como fundamentos da cidadania planetária .....	176
4. O despertar da nova educação. ....	180
4.1. Aprendizagem por projetos .....	181
4.2. Liberdade e criatividade como caminho do conhecimento .....	184
4.3. Comunidades de aprendizagem: a Terra como espaço comum .....	186
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>189</b>

<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>192</b>
Livros, artigos, sites e filmes .....	192
Entrevistas .....	202
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>204</b>
APÊNDICE I: Roteiro de Entrevistas .....	204
APÊNDICE II: PTA Ser Criança 2013 .....	208
APÊNDICE III: Transcrição de Entrevistas .....	222

## INTRODUÇÃO

*“A força da alienação vem dessa  
fragilidade dos indivíduos que apenas  
conseguem identificar o que os separa  
e não o que os une”*

Milton Santos

### 1. A CRISE DO CONHECIMENTO E A NECESSÁRIA REFORMA DO PENSAMENTO

Construir uma cultura para a sustentabilidade, que garanta processos saudáveis, individuais e coletivos, de uma determinada comunidade em um local específico é de extrema importância para a necessidade da mudança emergente atual que priorize, acima de tudo, a vida.

O cenário contemporâneo, de desigualdade ainda crescente, deterioração de ecossistemas e fragmentação social, exige novos paradigmas de modelos mentais, assim como de modelos organizacionais, que sejam capazes de contribuir para a construção de sociedades economicamente justas, socialmente igualitárias e ecologicamente equilibradas.

Ainda nesse panorama, há uma grande distância em compreender o ser humano e suas expressões como um ser complexo e integral, produto de seu próprio meio, que por sua vez é produto do próprio homem. Ou seja, os valores culturais que norteiam as atitudes e comportamentos de um povo em relação a seu meio estão dissociados da compreensão dessa relação dialógica entre homem enquanto indivíduo social e a própria natureza.

Ribeiro (2009:53) frisa determinado fato, apontando que a visão antropológica predominante, no decorrer do seu desenvolvimento como ciência, ainda enxerga a natureza apenas como uma fonte de subsistência para diversas sociedades e povos ao longo da história do ser humano. Isto é, foi construído, fora da concepção natural do homem, “o reino independente da cultura”, como expressa

Morin (2000:2). O ser humano, em suas diferentes manifestações, ainda se mostra incapaz, portanto, de contemplar a compreensão da totalidade da vida.

Sobre essa questão, Edgar Morin (2000:5) afirma que tanto a antropologia, como a biologia rejeitam abordar questões que ligam a percepção do homem como um ser que está circunscrito nessas duas perspectivas de forma complementar, considerando o ser humano como bioantropológico: “Não consegue-se conceber a unidualidade da realidade humana e impede-se a relação simultânea de implicação e de separação entre o homem e a natureza” (MORIN, 2011:25).

Até a primeira metade do século XX, tais ciências eram fechadas em si mesmas, tornando-se verdades conflitantes, excludentes e contrastantes. O desmembramento entre natureza e cultura fez com que se consolidasse um antagonismo intelectual, em que o homem passou a pensar contra a natureza, de forma a ter a intenção de dominá-la, subjugar-la e conquistá-la, desconsiderando-se como parte de uma totalidade da qual tem uma relação de interdependência, dependendo dela para sobreviver e perpetuar sua espécie na Terra.

A partir disso, o homem torna-se “sujeito num mundo de objetos e soberano num mundo de sujeitos” (MORIN, 2000:2), no qual se enxerga como o centro da vida no mundo. O antropocentrismo, logo, forma-se como um modelo conceitual, no qual o homem se define como oposto do animal e a cultura, como oposto da natureza.

A disjunção, redução e simplificação da compreensão da condição humana em um contexto planetário acaba determinando conceitos indiscutíveis, que prescrevem uma relação a partir de uma lógica que revela uma dupla visão de mundo, no qual cria-se uma dicotomia da forma de se ser e estar no mundo: separando sujeito e objeto; ciências reflexivas da filosofia e a pesquisa objetiva; alma e corpo; espírito e matéria; qualidade e quantidade; finalidade e causalidade; sentimento e razão; liberdade e determinismo; existência e essência.

Tal dualidade de como se estrutura a vida em sociedade, decorrente da separação conceitual entre homem e natureza, no entanto, reflete uma grande

relação de desarmonia, que dá origem a um cenário atual de insustentabilidade mundial, principalmente no que se trata de padrões de vida do Ocidente.

É preciso, portanto, que se reverta esse quadro e que se desenvolva a compreensão de que o homem é parte do filamento da teia da vida, como declara Capra (2000:28), pela perspectiva da compreensão organizacional dos sistemas vivos como parte fundamental da dinâmica dos processos humanos, se tratando como forma estruturante de comunidades humanas, que contribuam para a criação de uma cultura de relações saudáveis e equilibradas que prezem pela vida.

Considerando que a manifestação humana é advinda da própria estrutura mental, que, por sua vez, revela desafios originários de formas básicas de pensar e interagir, dados pela forma e pela padronização do próprio pensamento, como alega Senge (2002:61), acredita-se que a perspectiva adotada para a construção de um novo olhar e para compreensão dos processos vivos é o modelo complexo de pensamento, capaz de direcionar um desenvolvimento voltado para sustentabilidade dos processos humanos, ou seja, que a sabedoria da natureza esteja intrínseca nesses processos, com a inserção da dimensão natural do homem.

Considerando que a estrutura de um pensamento muda sempre e simultaneamente com as modificações aleatórias do meio, em um movimento circular (MARIOTTI, 1999), fala-se, portanto, em um pensamento que contemple a compreensão das relações, o contexto e as conexões entre variáveis, que dá sustentação à emergência da dinâmica que manifesta a própria cultura em que determinada sociedade se organiza, a partir dos princípios direcionadores de atitudes e comportamentos de uma coletividade, segundo seus valores e crenças.

Nessa perspectiva, necessita-se compreender que os sistemas vivos são estruturados de modo interativo, revelando como as coisas se determinam e se constroem umas às outras. Segundo Maturana e Varela (2001:11), essa construção é feita de modo necessariamente compartilhado, num processo incessante. Os seres vivos, ainda pela afirmação dos autores, são autônomos,

isto é, auto reprodutores, “capazes de produzir seus próprios componentes ao interagir com o meio: vivem no conhecimento e conhecem no viver.” (MATURANA; VARELA, 2001:14).

A autopoiesis é como se define a forma de organização dos sistemas vivos, em que estes são, por sua vez, produtores e produtos ao mesmo tempo, ou seja, se relacionam de forma circular, sendo modificados continuamente e modificando da mesma forma, utilizando recursos do próprio ambiente, numa relação ao mesmo tempo autônoma e de dependência (MARIOTTI, 1999).

Estendendo tal fato para a noção cultural, a compreensão de que é preciso que o ser humano observe a si mesmo enquanto observa o mundo, permitindo clarificar a inexistência de hierarquia e de separação entre o ser humano e o próprio planeta Terra, afirma uma visão cooperativa na circularidade – expressa pela relação dialógica entre o meio e aqueles que compartilham esse mesmo ambiente, fazendo com que se desenvolvam mutuamente e de forma contínua.

Senge complementa que os sistemas vivos complexos, representados por estruturas dos múltiplos sistemas, aninhados entre si, representam as inter-relações básicas que controlam o comportamento (SENGE, 2002:73). Nas organizações sociais, tais inter-relações se dão pelas interações de todos os componentes de um sistema – não apenas entre pessoas, mas também entre todas as suas variáveis-chave –, propulsionando o seu desenvolvimento.

Nessa direção, busca-se a relação do ser e do saber, do pensamento e do conhecimento. Isso porque sujeitos atuam conforme suas construções de vida pessoal, à medida que reagem aos estímulos ao interagirem com determinada realidade, por meio de percepções, competências, objetivos e vontades. Ou seja, as reações do indivíduo em relação aos fenômenos exteriores são o resultado das constantes atualizações do processo dos sistemas dos quais fazem parte e de que interdependem, numa permanente relação dialógica-recursiva, regenerando-se mutuamente (CHIQUIERI *et al.*, 2009:90).

A aprendizagem e a vida, portanto, implicam num único e mesmo processo, no qual a visão de mundo do indivíduo decorre da maneira como se conhece a realidade. Ter uma maior clareza epistemológica influencia, no entanto, a

maneira como se pensa, sente e age, indo além dos processos de construção do conhecimento, mas englobando também os hábitos, valores, atitudes e estilos de vida.

Dessa forma, a prática educacional alinhada com a perspectiva da complexidade entra como ação primordial, que contribui para a reorganização do saber. Saber, este, que repercute como postura perante o mundo.

A complexidade, que funciona como um princípio organizador do pensamento e da ação, significa uma nova maneira de pensar a realidade, implicando enxergar o objeto de forma relacional, inserido em um contexto do qual ele é interdependente. Epistemologicamente, o foco não está no sujeito nem no objeto, mas sim nas conexões entre ambos. Dessa forma, voltar o foco para as inter-relações entre sujeito e objeto significa reintegrar o objeto em seu contexto, ao mesmo tempo em que se reintegra o sujeito na epistemologia (MORAES, 2009:107).

Cria-se, assim, um pensamento que considere a contextualização e a religação dos saberes para o bem pensar (MORIN, 2000:21 *apud* LORIERI; QUEIROZ, 2009:68), que nas palavras de Morin significa justamente a superação da visão dicotômica, que fragmenta o sujeito – religando teoria e prática, política e ética, mente e corpo, indivíduo e contexto.

O pensamento voltado para essa compreensão significa a existência de uma abertura para a identificação das origens dos erros, ilusões e cegueiras do próprio pensamento, que abarca, por sua vez, a busca da compreensão da complexidade do real, do ser humano e do conhecimento em si.

Ou seja, é um modo de não reduzir ou fragmentar a realidade, não dividir aquilo que é complexo ou relacional. Sinteticamente, é desenvolver a capacidade de pensar o objeto e suas relações; compreender processos recursivos; considerar a dinâmica não linear ou circular presente no conhecimento ou na aprendizagem, reconhecendo as incertezas, ambiguidades, o inesperado e a possibilidade de articular e complementar aspectos que são antagônicos entre si.

Para isso, a educação como ação da construção do conhecimento deve ser vista como um veículo que irá unir os saberes parciais e o saber global, fazendo que o conhecimento seja inserido em seu contexto e despertando, portanto, a construção de uma sociedade-mundo (CIURANA *et al.*, 2003:63), num processo de ligações entre as partes e o todo e suas possíveis emergências, conduzindo ao aprendizado de relação entre o objeto e a conjuntura que o envolve. Assim, tal prática assume a responsabilidade no processo de conscientização das relações que existem entre a humanidade e as dimensões de espaços em que ocorrem as manifestações do viver.

Porém, em oposição a essa visão, depara-se, majoritariamente, com o que se trata do processo atual de ensino-aprendizagem e com ações educativas insuficientes para atuação em prol da transformação social, sendo outro vetor, portanto, que estruturalmente reflete a lógica de um pensamento simplificador.

A educação reproduzida a partir de uma visão massificada, pautada numa lógica de mercado, é legitimada na perspectiva sociocultural, reduzida à escolarização. A educação formal<sup>1</sup> se mostra (ainda) insuficiente no seu papel de contribuição para a formação da cidadania, já que exprime um modelo fragmentado, que descontextualiza a aprendizagem do mundo atual, assim como o indivíduo perante a dimensões de contextos nos quais está inserido.

Para Ivan Illich (1998), o pensamento simplificador se reproduz, principalmente, na prática educacional massificada das instituições escolares. Segundo o autor, as estruturas educacionais não ensinam a pensar, apenas buscam resultados para si, tornando obsoleta a finalidade de aprender e voltando seu objetivo para o aumento gradativo do que ele chama de “nível de escolarização”. Isto é, a escola passa a fabricar ensino, sem se preocupar com a aprendizagem, sendo o indivíduo instruído a obedecer a ordens de autoridades (professor ou diretor, por exemplo) e a ter um comportamento de acordo com normas impostas pela instituição. Em um espaço organizado em fileiras, com hierarquias e com divisão de tempo para realização das tarefas, o aluno torna-se um receptor de

---

<sup>1</sup> A educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados (GOHN, 2006).

obrigações, realizando-as para atravessar etapas, a partir do conteúdo apresentado pelo professor para a posterior cobrança de resultados. Resulta-se, dessa forma, na ausência do pensar, do senso crítico e da autonomia da aprendizagem. Assim, em um processo educacional técnico, o aluno entra na escola para aquisição de especialização de sua mão de obra, pois aquilo que lhe é ensinado vai ser cobrado para sua instrumentalização dentro da escola (ILLICH, 1988).

Peter Senge (2002:11) explica que, nessa lógica, enxerga-se aprendizes como mais um “insumo” de produção, significando que o indivíduo é “algo disponível para ser usado”; impedindo que o ser humano possa atingir o seu potencial máximo na capacidade de aprender e realizar. Assim, nos sistemas humanos, a alavancagem potencial dos indivíduos não é exercitada, pois os mesmos se concentram apenas em suas próprias decisões em uma visão unilateral, que exprime uma óptica “micro” de processos, fazendo com que criem uma involuntária barreira sobre a compreensão da própria realidade e de todos os desafios expostos por ela (SENGE, 2002:77).

Segundo Tião Rocha, antropólogo e educador, fundador do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento – objeto de estudo deste trabalho – escola é apenas um meio que promove a educação, enquanto esta é um fim em si. Para o antropólogo, não diferenciar tais conceitos é um grande equívoco, pois as escolas, como instituições educacionais, fecham-se em si mesmas. Seus projetos, na maioria das vezes, são pré-estabelecidos em currículos, conteúdos, instrumentos e métodos que não condizem com a realidade atual, fazendo com que a escola não consiga cumprir seu papel social de educar. A instituição escolar, portanto, escolariza unicamente, reproduzindo uma lógica padronizada de não educar integralmente para a formação da cidadania, na qual indivíduos sejam conscientes ativos de seus direitos e deveres que impulsionem a transformação social urgente (ROCHA, 2007).

Ele ainda complementa:

Alguns anos atrás, a gente dizia que a escola era o aparelho ideológico do Estado. Hoje, ela é o aparelho ideológico do Mercado, pois atende aos interesses dele e está à sua mercê, preparando gente como mão de obra para um mundo volátil, excludente, seletivo, individualista,

amoral e competitivo. Esta privatização da escola não produz educação, mas escolarização, e esse é o ponto fundamental. (ROCHA, 2007).

Portanto, para que haja uma verdadeira educação, é preciso ir além do espaço escolar. Esse espaço ultrapassa o físico, refere-se ao espaço mental lógico em que se faz a escolarização, para que se vá além das necessidades do mercado e de conteúdos enrijecidos. Afinal, o problema da escolarização não é a escola em si, mas sim o formato estrutural pela qual ela se dá.

Ana Thomaz coloca:

“Ou mudamos a nossa cultura ou não mudaremos a escola, afinal, a escola é um instrumento da cultura atual. Como você muda uma cultura? No ato de se emocionar. Temos que nos emocionar de outras maneiras. Se minha maneira de se emocionar é baseada no medo, continuarei a cultura de hoje. Precisamos investir em um outro tipo de emoção”. (COLETIVO EDUC-AÇÃO, 2013:142).

Acredita-se, então, que a escola deve ser considerada apenas como uma das vertentes educacionais que precisa ser articulada a outras instituições, pessoas e espaços para que possa contemplar a complexidade da vida de hoje, assim como outras práticas de educação. Por isso, a grande importância de proporcionar mais espaços de tempo para a aprendizagem voltada para humanidade, ou seja, para a compreensão do indivíduo em sua condição humana.

Inúmeras alternativas nesse campo educacional têm sido tessituras de movimentos criativos que desafiam a estrutura na qual se fundamenta a escola brasileira hoje em dia. Afinal, conectar espaços de convivência, potenciais, sonhos e experiências faz com que se forme um conjunto catalisador de mudanças que se fazem necessárias (COLETIVO EDUC-AÇÃO, 2013:13).

A educação não formal passa a ser, dessa forma, uma outra possibilidade de aprendizagem, pois estar fora do espaço escolar significa construir alternativas da prática educacional que se relacionam ao cotidiano, à cidadania, à ética, ao lazer, às relações sociais, entre outros assuntos e aspectos que compõem a vida em sociedade.

Entende-se por educação não formal aquela em que se aprende a partir das experiências da vida ao serem compartilhadas, principalmente em espaços e

ações coletivas. Ou seja, os espaços para a prática da educação não formal são aqueles onde se convive e se circula socialmente. São os territórios da trajetória de vida do indivíduo e da sociabilidade da qual se estabelece a partir do viver, à medida que se dá a interação. Dessa forma, se aprende de forma coletiva, em que o indivíduo é ao mesmo tempo quem aprende e quem ensina, fazendo com que a aprendizagem ocorra em situações relacionais voltadas para intenção de ação, de participação e de troca de saberes (GOHN, 2006).

Nessa perspectiva, Gohn coloca que a educação não formal, à medida que é baseada na construção de relações, fortalece o exercício da cidadania, com fundamentos nos princípios de igualdade e de justiça social:

A transmissão de informação e formação política e sociocultural é uma meta na educação não-formal. Ela prepara os cidadãos, educa o ser humano para a civilidade, em oposição à barbárie, ao egoísmo, individualismo etc. (GOHN, 2013).

Atuando sobre aspectos subjetivos, a prática não formal educacional desenvolve vínculos de pertencimento, construindo ao mesmo tempo uma identidade e cultura de determinado coletivo, contribuindo para o desenvolvimento da autoestima no nível individual e para o fortalecimento coletivo voltado a ações e realizações. Assim, fundamentos como colaboração, cooperação, alteridade e solidariedade, que se dão a partir dos laços relacionais, são parte do processo de construção da cidadania coletiva.

Cidadania esta em que os indivíduos irão atuar a favor da transformação social necessária numa dimensão de mundo a partir do próprio mundo, ou seja, das realidades que o compõem, com a finalidade de ao mesmo tempo conhecê-lo e conhecer também suas relações sociais (GOHN, 2006). Os indivíduos passam a ser conscientes de seus direitos e deveres, tendo noção de suas autonomias, com habilidades de articulação, mobilização e organização para agirem conjuntamente entre si. Assim, o processo de ensino-aprendizagem irá ocorrer à medida que se constrói o conhecimento coletivamente pelas interações.

Assumir a dialogia entre a realidade composta por pessoas, lugares, culturas e dinâmicas e o próprio indivíduo, faz com que a vivência compartilhada pelas relações que se estabelecem torne possível a compreensão de lidar com tudo aquilo que constitui a si próprio.

Isto faz com que seja fundamental, portanto, que cada ser humano, considerado criador de realidades, questione o futuro que se almeja fomentar. Interrogar as raízes do próprio pensamento torna-se primordial para a possibilidade de transformá-lo (COLETIVO EDUC-AÇÃO, 2013:13).

Metodologias e estratégias inovadoras devem, então, estar voltadas prioritariamente para a consolidação dessa mudança, que implica transformações nas estruturas do pensamento humano, como nas ações pedagógicas capazes de desenvolver a reforma do pensamento, construindo um acoplamento estrutural entre sujeito e meio.

Em outros termos, conforme apontam Maturana e Varela, a mudança entre sujeito e meio, ocorre de forma congruente, no que se refere a suas estruturas. Compreendendo o indivíduo como um sistema vivo, com o acoplamento deste e do meio do qual está circunscrito, há uma influência mútua entre ambos a partir de suas inter-relações. Suas estruturas se modificam quando se estabelece um ponto de diálogo entre esses sistemas e, em sua dinâmica, os fluxos de troca vão ser estímulos de transformação (MATURANA; VARELA, 2001).

Dessa maneira, os indivíduos, autônomos, por sua vez, vão determinar seu comportamento a partir de seus próprios referenciais, isto é, de como interpretam a intervenção do meio sobre si próprios. Configura-se, assim, como agem de volta sobre o sistema que os influencia.

A hipótese de que há uma grande importância da inclusão de uma visão complexa, que se traduz na compreensão dos processos educacionais como práticas de transformação social de forma contextualizada e que gere sentido e significado para determinada localidade, é o motivo para a escolha de aprofundar o entendimento da experiência do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento, com foco nas ações realizadas na cidade de Araçuaí (MG). Acredita-se que, para a formação de comunidades sustentáveis, revertendo, portanto, o panorama atual – que por sua vez, está ainda arraigado no pensamento simplificador tradicional –, é necessária uma óptica da dimensão planetária que possibilite a estruturação de um modelo que sustente relações humanas saudáveis entre si, assim como com a natureza e as outras formas de vida.

O Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento (CPCD) é um exemplo, por sua vez, de estrutura integradora, focada nas relações, contexto e conexões, e que se compromete de forma responsável com a observação de si mesmo aliada à observação do mundo, com uma estrutura organizacional e uma metodologia pedagógica que contribuem com desenvolvimento local, dentro de uma dimensão planetária. Através de princípios que vão ao encontro da concepção epistemológica complexa, propulsiona, através da integração de projetos e programas, uma organização emergente da própria cultural local, onde todos aprendem, se envolvem e disseminam a aprendizagem, de forma a atuarem em prol da comunidade da vida.

## **2. TRAJETÓRIA COMO EDUCADORA E PESQUISADORA**

O meu interesse pela educação surgiu após ler “Conexões Ocultas”<sup>2</sup>, do físico austríaco Fritjof Capra, em 2005, que me despertou para uma necessidade latente de mudanças efetivas ao me deparar com desafios socioambientais que afetavam e afetam o mundo. Durante todo o período da faculdade de Gestão Ambiental, de 2006 a 2009, então, fiz estágios relacionados à educação ambiental, atuando como monitora de Parques Urbanos pela Secretaria do Verde e do Meio Ambiente (SVMA) de São Paulo e como responsável pelo acompanhamento de diversos cursos da Universidade do Meio Ambiente e da Cultura de Paz (UMAPAZ), hoje departamento de Educação Ambiental da SVMA.

O estudo aprofundado pela educação se deu na educação voltada para a primeira infância, acreditando que é nesta fase que o indivíduo é mais aberto e “permeável” para o mundo, criando seus hábitos principais de vida. Para mim, a educação do zero aos sete anos de idade, então, significava educar na base estrutural da mudança.

Estudei variadas metodologias educacionais que propunham um desenvolvimento saudável e que priorizavam a sustentabilidade e a aproximação

---

<sup>2</sup> CAPRA, Fritjof. **Conexões Ocultas**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. Ed: Cultrix. São Paulo, 2001.

com a natureza no processo de ensino-aprendizagem. Fiz, então, meu trabalho de conclusão de curso na faculdade, que se intitulava: “Alfabetização Ecológica aplicada à primeira infância: compreendendo a educação a partir das relações ecológicas”.

Assim que concluí a faculdade, em 2010, fiz um curso sobre o mesmo tema do meu trabalho de conclusão da graduação, chamado “*Ecoliteracy: a radical change*”, no Schumacher College (Inglaterra), uma faculdade que aborda a temática emergente da sustentabilidade, discorrido brevemente na segunda parte desse trabalho, como uma alternativa para a construção de uma nova educação.

No mesmo ano, assim que voltei para o Brasil, trabalhei como educadora num projeto chamado “A percepção da vida”, pelo Instituto Romã, voltado para o Ensino Fundamental I da EMEF Desembargador Amorim Lima, uma escola com uma proposta pedagógica democrática<sup>3</sup>. Nesse projeto, era trabalhada a manifestação da vida no corpo, na escola, no bairro e na comunidade, com a intenção de contemplar as diversas dimensões de sua totalidade, através de uma abordagem com jogos e diálogos para a ampliação das percepções.

No início de 2011, concluindo, após a tese final da graduação e as experiências até então, que educação não ocorre sem mudança da realidade, fiz um curso chamado “Guerreiros sem armas”, promovido pelo Instituto Elos, no qual pude aprender uma metodologia de desenvolvimento comunitário que estimulava o desenvolvimento da autonomia de comunidades de periferia a partir da consciência do poder de transformação que tinham. O curso teve duração de um mês de imersão com jovens do mundo todo e foi realizado em Santos, litoral sul de São Paulo.

---

<sup>3</sup> A proposta pedagógica democrática revela um processo educacional, em que o educando vai aprendendo à custa de sua prática curiosa, assim como de sua liberdade, estando sujeito a limites, mas em permanente exercício (FREIRE, 1996:85). A democracia exerce um papel construtivo na sociedade por estar vinculada à criação de valores, políticos e sociais, sendo um componente essencial para o processo de desenvolvimento do ser humano. A educação, portanto, é considerada uma ferramenta poderosa e necessária para a construção de uma cidadania criticamente consciente e ativa na constituição da sociedade democrática, como um objetivo em si. A prática democrática, então, deve ser vista como criadora de um conjunto de oportunidades, e estas devem ser aproveitadas positivamente para transformação a ser realizada.

Em seguida, de 2011 até o final de 2012, fui educadora do projeto “Trilhas Urbanas”, da Associação Cidade Escola Aprendiz, que aplicava uma metodologia chamada bairro-escola, uma proposta de aprendizagem a partir do desenvolvimento local. Era educadora de um grupo de jovens que realizava um mapeamento cultural de determinado bairro da cidade ao mesmo tempo em que experimentavam diversas linguagens artísticas, para posteriormente realizarem uma intervenção elaborada por si próprios, em diálogo com o que diagnosticavam em suas vivências em campo.

Ainda em 2012, fui ao Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento para conhecer a referência de desenvolvimento comunitário do Brasil através da educação que valoriza o saber popular. Para mim, Tião Rocha, assim como toda a idealização dos projetos da instituição, sempre foi a maior referência de impactos significativos numa realidade, com o diferencial de atuação através de um processo saudável e que valorize as pessoas, assim como seus lugares.

Em 2013, então, ajudei a desenvolver e a sistematizar uma metodologia de intervenção educativa em cooperativas de catadores de materiais recicláveis, pela Giral – Viveiro de Projetos, na qual foi aplicada, em um projeto piloto, a pedagogia da roda do CPCD, adaptada como Rodas de Diálogo para contemplar a realidade das cooperativas. A Giral, por sua vez, atuou em 2005 como parceira da concepção do Arassussa: plataforma de convergência de tecnologias sociais, em Araçuaí (MG), em um projeto com coordenação do próprio CPCD.

Ao mesmo tempo, tive a grande oportunidade de estar mais próxima de Tião Rocha a partir de um trabalho de pesquisa e elaboração sobre desenvolvimento territorial de longo prazo, feito pela Gestão Origami, consultoria de negócios sustentáveis, da qual fui colaboradora, baseado na experiência do CPCD na própria cidade de Araçuaí, onde o CPCD atuava há 15 anos, incluindo propostas de melhoria a partir dos desafios encontrados pela instituição no decorrer de sua atuação.

Após pesquisas de outras metodologias educacionais e de tais experiências, escolhi o CPCD como estudo de caso, com foco nas ações desenvolvidas em Araçuaí, por ser uma referência brasileira, exercendo sua prática no

enfrentamento de desafios extremos de desenvolvimento de comunidades em situações de vulnerabilidade, dentro de uma perspectiva de longo prazo e da valorização das pessoas para a sustentação e recriação contínua da vida humana. Uma experiência em que a fronteira entre vida e conhecimento é inexistente.

### **3. CENTRO POPULAR DE CULTURA E DESENVOLVIMENTO**

#### **3.1. O estudo**

Como estudo de caso, entende-se como um recurso metodológico que possibilita a produção do conhecimento através da ação. Isto é, a partir da busca da compreensão do objeto (ou caso) estudado e sua evolução, tem-se a intenção de aprofundar conhecimentos para a contribuição de um desenvolvimento teórico em determinada área do saber (PÁDUA, 2006).

Possibilitando a ampliação da visão sobre a realidade, os estudos de caso contribuem ao enfrentamento do desafio da construção de uma visão múltipla sobre o caso a ser estudado, através da prática do diálogo entre diferentes pontos de vista. Permite-se, então, a ampliação da compreensão do objeto e das relações entre as condições contextuais que o engloba; considerando que muitos elementos para a descrição do mesmo são intersubjetivos, uma vez que os envolvidos com o processo possuem diferentes conhecimentos, práticas e valores.

Adotando uma perspectiva transdisciplinar<sup>4</sup>, propõe-se, no processo de produção do conhecimento e aprimoramento de práticas profissionais, o trabalho com as incertezas, imprevistos e as limitações do próprio conhecimento em si. Caminha-se, assim, para a adoção e criação de estratégias que permitem a modificação da realidade encontrada, a partir das informações coletadas, das trocas de saberes e do comprometimento ético do pesquisador na transformação da realidade estudada.

---

<sup>4</sup> A transdisciplinaridade visa superar a fragmentação dos saberes, buscando uma unidade múltipla do conhecimento, levando em conta, ao mesmo tempo, conhecimentos além das áreas determinadas das ciências.

Em consonância com as ideias da complexidade de que o conhecimento só se torna pertinente se o objeto for situado em seu contexto e no sistema global do qual faz parte, cria-se possibilidades de comunicação entre as ciências. Assume-se que não há uma “fórmula única” de se compreender o real, assim como não é possível o sujeito observador lidar de uma forma imparcial com a multiplicidade que compõe a realidade, na qual ele próprio está incluso e sobre a qual intervém.

Assim, o contexto mais amplo torna-se parte do caso estudado e o conhecimento produzido, a partir da análise, abarca a natureza plural dos fatos e das áreas do conhecimento, assim como valores, significados de todo o seu desenvolvimento, juntamente com a visão de mundo daqueles que se propõem a conhecê-lo. Considera-se, desse modo, que o contexto é “poroso” aos elementos, que, ao interagirem com ele, podem interferir tanto no seu desenvolvimento, como no próprio estudo.

Admite-se, assim, que o próprio caso é delimitado e constituído no próprio processo de construção do conhecimento. Com a incorporação de diferentes procedimentos no decorrer da investigação, adequa-se o recolhimento de informações mais pertinentes em relação ao objetivo do trabalho.

Tal caráter de abertura permite ir além das fronteiras entre as áreas do conhecimento, fazendo com que a contribuição de cada um dê base para a construção cooperada e conjunta do conhecimento em si. A transdisciplinaridade capaz de contextualizar e globalizar, torna-se capaz, então, de reconhecer e distinguir ao mesmo tempo, e de forma complementar, o singular, as diferenças, contradições, divergências e conflitos.

### **3.2. O caso**

O CPCD tem como missão a implementação e a realização de projetos, programas e plataformas que sejam inovadores e integrados, visando a transformação social e o desenvolvimento sustentável, destinados preferencialmente a comunidades e cidades brasileiras com menos de 50 mil habitantes, onde vivem mais de 95% da população do país (CPCD, 2013).

Fundada em 1984 pelo educador e antropólogo Tião Rocha, em Belo Horizonte, Minas Gerais, a organização sem fins lucrativos tem como objetivo atuar nas áreas de Educação Popular e Desenvolvimento Comunitário Sustentável, tendo como eixo direcionador a cultura: instrumento de trabalho, pedagógico e institucional (CPCD, 2012). Além de Belo Horizonte, há sedes em diversas cidades em que o CPCD tem atuação, assim como em cidades onde projetos estão mais consolidados, como Curvelo e a própria cidade de Araçuaí, que será analisada neste trabalho.

A organização vem atuando de forma a abranger a ação educativo-comunitária e a pesquisa-ação educativo-cultural. Dá cooperação técnica e assessoria às instituições públicas e particulares de educação, cultura e desenvolvimento, utilizando-se de práticas educativas com a forte marca inovadora e criativa, resultando em aportes metodológicos, produtos materiais, reflexões conceituais e resultados pragmáticos, testados e sistematizados. Dessa forma, visa-se contribuir para criar novas alternativas para um desenvolvimento em harmonia e coerência com o meio sociocultural (CPCD, 2013).

Atualmente, todas essas ações integradas são realizadas em diversas partes do Brasil e do mundo, onde há sedes do CPCD, como Belo Horizonte, Curvelo, Araçuaí e Raposos (MG), São Luis (MA) e Vargem Grande (SP) e, internacionalmente, na cidade de Iquito, no Peru. O CPCD já concluiu projetos e programas nos estados do Rio de Janeiro, Bahia, Espírito Santo, Amapá e Pará e em países como Moçambique e Guiné-Bissau, entre outros, atuando em mais de 20 cidades (CPCD, 2013).

Pretendendo tornar-se uma referência tanto regional como nacional na construção de Cidades Educativas e Sustentáveis, a organização visa contribuir para a consolidação de princípios regidos pela ética, transparência, justiça e equidade social, valorizando a diversidade cultural brasileira (CPCD, 2013), operando a partir de quatro dimensões: Empoderamento Comunitário, Compromisso Ambiental, Satisfação Econômica e Valores Humanos e Culturais.

Tais princípios se relacionam diretamente com o objetivo deste trabalho, na medida em que a abordagem complexa é aplicada como fundamento prático da

instituição analisada, realizado pelos diversos projetos contidos nela, refletindo, portanto, uma proposta de desenvolvimento integrador e endógeno, ou seja, a partir da realidade da própria comunidade de Araçuaí, por uma óptica da inclusão da dimensão planetária, que impacta em sua reaplicação no desenvolvimento da cidade como um todo.

O município de Araçuaí, localizado na região do Vale do Jequitinhonha (bem no centro do Vale, região do Médio Jequitinhonha), nordeste de Minas Gerais, por sua vez, reflete diretamente a situação de muitas cidades brasileiras, no que se refere à precariedade de vida nas suas diversas dimensões. Conhecido como “vale da miséria”, há grandes períodos de seca e alto índice de pobreza, tanto nas comunidades rurais como urbanas, sendo que as atividades econômicas predominantes são agrícola, pecuária, artesanato e comércio informal, com a grande maioria da população ganhando em média um salário mínimo. A carência de saneamento básico e o lixo a céu aberto fazem proliferar doenças, como verminose e hepatite A e B. A maior parte dos jovens e homens tem como principal expectativa de renda o corte de cana no interior de São Paulo, ficando longe de suas casas e famílias, o que por sua vez, gera desajustes sociais significativos, além não terem o retorno financeiro almejado, trabalhando nas piores condições humanas (PROJETO CAMINHO DAS ÁGUAS, 2015).

Por conta desse cenário, o CPCD iniciou, há 17 anos, suas intervenções no município de Araçuaí, tendo como pioneiro o Projeto Ser Criança, voltado para o desenvolvimento integral de crianças de 7 a 14 anos no contraturno escolar. Iniciado em 1998, ele é, hoje, referência internacional em seus projetos inovadores, programas integrados e plataformas de transformação social e desenvolvimento sustentável, atuando através de valores como o comprometimento, o reconhecimento dos saberes locais e o envolvimento comunitário.

Com a intenção de contribuir para a criação de novas alternativas para um desenvolvimento em harmonia e coerente com seu meio sociocultural, o CPCD utiliza-se de práticas educativas criativas, resultando em aportes metodológicos, produtos materiais, reflexões conceituais e resultados pragmáticos, testados e sistematizados. Seu ineditismo é reconhecido pelas suas tecnologias e

pedagogias desenvolvidas, sistematizadas em 2005, como reconhecimento de toda experiência realizada, pelo Banco de Tecnologias Sociais da Fundação Banco do Brasil (CPCD, 2013).

Devido às experiências de êxito, tais pedagogias e tecnologias sociais sistematizadas são disseminadas e utilizadas em variadas práticas educativas ao redor do mundo, sendo consideradas como referências de experiências agregadoras ao desenvolvimento de indivíduos e de comunidades, visando a apropriação e a autonomia comunitária na gestão e condução do projeto. A sistematização desses recursos metodológicos torna-se, então, uma expertise do CPCD, não só como uma frente de ação, mas como princípio emergente que vem dos aprendizados com a própria comunidade. Em diálogo constante com os saberes locais, as tecnologias sociais e pedagogias não só aprimoraram a intervenção nas próprias comunidades, como também possibilitaram a criação de instrumentos de gestão de projetos utilizados pelas equipes de atuação nos projetos, estendidos também aos protagonistas (público-alvo) dos projetos em si, como processo de aprendizagem contínuo da instituição.

#### **4. PERCURSO DA PESQUISA**

Para se abordar a complexidade no estudo de caso escolhido, foi necessária a adoção de um método de pesquisa que busca compreender a mesma dos processos educacionais, desde as suas influências socioculturais, passando pela construção do conhecimento humano, até suas práticas necessárias para se atingir a reforma do pensamento. Acoplando visões que abarcam a diversidade e a complementariedade em seus conceitos e fundamentos, apresentam-se perspectivas tanto multi como transdisciplinares<sup>5</sup> na análise deste trabalho; ou seja, áreas do conhecimento que dialogam entre si, assim como a construção do conhecimento para além de fronteiras definidas do saber, principalmente ao se tratar da experiência do CPCD como estudo de caso.

---

<sup>5</sup> A perspectiva multidisciplinar é aquela que articula e integra conhecimentos das diferentes áreas do saber, enquanto a transdisciplinar vai além das fronteiras categóricas que definem o conhecimento por áreas, sendo transversal à observação e compreensão da realidade (LEFF, 2001).

O foco da análise, por sua vez, abrange três dimensões: a compreensão dos fundamentos do pensamento complexo e a prática educacional segundo essa abordagem; o modelo de atuação do CPCD, no que se refere à sua estrutura organizacional, verificando o alinhamento com os princípios da complexidade para se alcançar um desenvolvimento comunitário voltado para a sustentabilidade; e a proposta educacional dos projetos em andamento, verificando suas práticas de ensino-aprendizagem e o simultâneo desenvolvimento local, como reflexo do pensamento complexo. A articulação entre as análises destas três dimensões deverá fornecer o pano de fundo para responder à questão-chave que conduz esta pesquisa: a importância da construção de uma nova cultura do conhecimento para a construção de um caminho sustentável da humanidade.

Para isto, foram adotados os seguintes procedimentos:

- Levantamento bibliográfico sobre temas relevantes para o encadeamento da pesquisa, como conceitos do pensamento complexo, educação na perspectiva complexa, comunidades de aprendizagem e sistemas organizacionais vivos, verificando conceitos e argumentações que fornecem a base para análise do objeto em questão;
- Levantamento e pesquisas em livros, revistas, jornais de grande e pequena circulação, periódicos, filmes etc. referentes aos projetos desenvolvidos pelo CPCD;
- Preparação do plano de análise e elaboração dos roteiros de entrevista;
- Levantamento das informações gerais do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento, compreendendo: 1) histórico, estrutura organizacional, projetos, resultados, parceiros, participantes, missão, visão, objetivos, metodologias, entre outros dados, com a finalidade de contextualizar e compreender melhor seu funcionamento e dinâmica de organização;
- Pesquisa de campo no CPCD, em Araçuaí: 1) realização de entrevistas com membros do próprio CPCD, coordenadores e

educadores responsáveis pelo desenvolvimento dos projetos; 2) realização de “rodas de conversa”, isto é, uma conversa em grupo com jovens, crianças, e membros da comunidade, participantes e aqueles afetados diretamente pelos projetos realizados<sup>6</sup>; 3) acompanhamento da rotina institucional e dos projetos em andamento, com maior foco no projeto Ser Criança, que tem a educação para o desenvolvimento integral como um fim em si;

- Entrevistas com diretores na sede principal da instituição, localizada em Belo Horizonte;
- Seleção, organização e sistematização do material coletado, para a redação da dissertação, tendo como pano de fundo um diálogo entre a pesquisa teórica e os dados levantados em campo, verificando a existência e/ou a possibilidade da aplicação dos princípios da complexidade na prática educacional, a partir de seu modelo organizacional.

Os autores que embasam toda a análise defendem a religação dos saberes para a construção da compreensão da totalidade da vida, assim como do próprio conhecimento, articulando visões sobre um mesmo tema. Edgar Morin é o autor guia desse trabalho, por ser a grande referência atual ao se tratar do sistema de pensamento complexo. A partir de suas ideias e conceitos-chave, Humberto Maturana e Francisco Varela dialogam com os fundamentos do pensamento complexo trazidos por Morin, contribuindo de forma complementar com a teoria dos sistemas vivos, e como esta é aplicada aos processos de aprendizagem; Fritjof Capra alinha contribuições da compreensão dos sistemas vivos em contextos humanos; Tião Rocha, fundador do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento, conceitualiza toda a experiência da instituição a partir da própria prática, única e singular no campo da educação; entre outros autores coadjuvantes neste trabalho, mas não menos importantes, como: Humberto Mariotti, Norbert Elias, Paulo Freire, entre outros.

---

<sup>6</sup> Os nomes foram suprimidos neste trabalho para a garantia do anonimato.

Para além do referencial bibliográfico, e anteriormente ao estudo de campo feito em Araçuaí, em abril de 2015 (com duração de uma semana), vale ressaltar que esta foi a segunda visita à cidade de estudo, sendo a primeira feita em outubro de 2012, época do primeiro contato com a instituição. Dessa forma, foi possível observar mudanças das ações do município, quanto à própria instituição e aos resultados alcançados, enriquecendo a análise dos dados coletados.

Há variados estudos acadêmicos feitos sobre o CPCD, com temáticas diversas, mas que se concentram, principalmente nas áreas de pedagogia e cultura<sup>7</sup>. A relevância deste trabalho, como mais um estudo sobre as práticas da organização, contribui com um novo olhar ou uma nova abordagem a ser construída sobre o conhecimento e seus processos a partir de uma experiência que reflete a proposta da complexidade desenvolvida neste trabalho. Apontando para mudanças estruturais no presente e no futuro, a análise vai ao encontro da integração e articulação das ações do CPCD, assim como de ópticas da educação, da antropologia, da ecologia e do desenvolvimento social, para a criação de sociedades sustentáveis. Alinha-se, dessa forma, um estudo em consonância com a atualidade e as emergências da humanidade.

A partir de todo o caminho metodológico percorrido, constituiu-se o trabalho em duas diferentes partes:

- A **primeira parte** introduz o estudo de caso, com a descrição do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento, suas ações no município de Araçuaí, foco escolhido para o desenvolvimento do trabalho de pesquisa, assim como seu modelo organizacional, que, por sua vez, se vincula diretamente com a estrutura complexa. Com a intenção de compreender a dinâmica organizacional, valores, princípios, métodos e projetos, este capítulo torna-se fundamental para a análise mais aperfeiçoada da prática educacional em si.

---

<sup>7</sup> OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho de. **As novas geografias das culturas, conhecimento e aprendizagens: ampliando relações entre o território escolar, cidades e redes digitais de informação e comunicação**. Salvador: UFBA, 2011; ALMEIDA, Cíntia Pereira Dozono. **Profissionais de Educação de ONGs: uma nova categoria intelectual? Investigação sobre duas ONGs brasileiras**. Araraquara: UNESP, 2008; PARREIRA, Ludmila Cândido Antunes. **Interfaces entre gestão social e educação: estudo de caso no centro popular de cultura e desenvolvimento – CPCD**. São Paulo: PUC, 2014.

- A **segunda parte** irá focalizar, a partir da contextualização mais aprofundada do desafio do paradigma simplificador e seus impactos na configuração das sociedades atuais, o sistema de pensamento complexo, seus princípios, fundamentos e sua relação com a construção do novo conhecimento para a construção de estratégias e métodos que contemplem as mudanças necessárias em favor da vida. Em um segundo momento, são retratados ensinamentos primordiais para a construção de uma nova educação, que contemple a reforma do pensamento, baseada nos sete saberes da educação do futuro, propostos por Morin e trazidos à tona em breves exemplos de boas práticas na educação atual, tanto formais quanto não formais, que contribuem para a construção de uma nova cultura do conhecimento. Em um último momento, a prática educacional do CPCD será analisada a partir da concepção da complexidade.

É importante pontuar que a análise da proposta educacional do CPCD como todo torna-se possível, pois sua estrutura organizacional está configurada a partir dos princípios da própria complexidade, como dito antes. Isto é, os projetos em andamento possuem uma relação hologramática, dialógica e recursiva (princípios do pensamento complexo, que serão analisados mais adiante, na Parte II) com a organização como um todo, sendo que, dessa forma, a análise da proposta pedagógica reverberará como análise da totalidade. Em outras palavras, os projetos contêm toda a identidade da instituição, assim como a mesma circunscreve as emergências dos próprios projetos.

Por fim, serão feitas algumas considerações finais sobre o que foi discutido durante o trabalho como um todo, evidenciando contribuições reais a partir do estudo de caso, de alternativas educacionais na direção da construção de uma nova cultura do conhecimento, a partir do pensamento complexo e da reorganização do saber e das sociedades, visando um futuro sustentável.

## Parte I

### O Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento

*“E não há melhor resposta  
que o espetáculo da vida:  
vê-la desfiar seu fio,  
que também se chama vida,  
ver a fábrica que ela mesma,  
teimosamente, se fabrica,  
vê-la brotar como há pouco  
em nova vida explodida”*

João Cabral de Melo Neto

#### 1. EXPERIÊNCIA PARA MUDANÇA

O Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento (CPCD) é uma organização sem fins lucrativos e de utilidade pública, vinculada ao terceiro setor, Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), fundada há 31 anos pelo antropólogo e educador popular Tião Rocha, em Belo Horizonte (MG). Sua atuação se dá nas áreas da Educação Popular e no Desenvolvimento Comunitário Sustentável, tendo a cultura como eixo dinamizador para o desenvolvimento de todo o trabalho, abrangendo tanto a esfera da prática pedagógica em si, quanto os valores que regem a própria instituição.

A história de seu surgimento veio da indignação do padrão educacional instaurado na sociedade brasileira, suas insuficiências e insatisfações; juntamente com crenças e sonhos para a construção de novos modelos possíveis no qual educar poderia ser um ato prazeroso, saudável e ao mesmo tempo eficaz.

Para o CPCD, a educação atual ainda se pauta por uma lógica de mercado, na medida em que o foco está voltado para a inserção no mercado de trabalho, a partir de assimilação de conteúdos e na realização de tarefas, reduzindo-se à escolarização. Assim sendo, tendo a escola como o único espaço legitimado socioculturalmente do ato de aprender, a educação torna-se incapaz de cumprir funções sociais voltadas para a construção de cidadãos, a partir de uma

abordagem integral, em que as singularidades de cada sujeito aprendiz sejam consideradas no processo de aprendizagem, que deve ser, por sua vez, necessariamente diversificado (ROCHA, 2007).

Portanto, para a construção de uma nova forma de ensinar e aprender referente a esse cenário, os primeiros passos foram dados a partir do credo de que era possível criar um espaço onde crianças pudessem demonstrar e experimentar o seu maior potencial, através da sua própria linguagem: a brincadeira. Para a criança, o brincar é o fio condutor do “estar junto”, do organizar-se e do “ser feliz”<sup>8</sup>.

Acreditava-se também que tanto a história das pessoas, como os recursos advindos de determinado local fossem instrumentos próprios para se exercitar no aprendizado diário a integralidade do ser humano em desenvolvimento. Dessa forma, a única regra para essa “nova forma de educar” era a invenção e criatividade (CPCD, 2013).

Nas palavras de Tião:

Com a crença de que era possível criar um espaço para as crianças, de fato, serem crianças. Onde a tinta e a madeira, a história e o sonho, a palavra e a terra, o alimento e o jogo, o canto e o trabalho fossem um pretexto para o exercício do aprendizado diário. Brincar deveria ser sempre a atividade primordial. (CPCD, 2015)

Assim, motivados a buscarem respostas para perguntas ou problemas desafiadores, desde o início, permitiu-se o nascimento da organização em si, a partir da prática educativa, com o surgimento dos primeiros projetos. As perguntas eram: “É possível educação sem escola?”, ou “É possível uma escola debaixo do pé de manga?”. Em 1984, em Curvelo (MG), surgiu, então, o Projeto “Sementinha: a escola debaixo do pé de manga”.

---

<sup>8</sup> Como expressa Alessandra Giordano (2008), brincar significa criar vínculos. Criar vínculos nada mais é do que estabelecer relações firmes e laços afetivos com aquilo com que se interage, podendo ser o espaço assim como com quem se convive. Desta forma, cria-se sentimentos a favor daquilo que preza, como amor, carinho, cuidado, entre outros, permitindo que a criança aprenda a se relacionar em harmonia com o outro e com o ambiente, respeitando a diversidade em todos os âmbitos em que se insere. O brincar possibilita, em etapas da vida, a conquista da autonomia e a capacidade de expressar sentimentos e pensamentos, viabilizando a transformação de espaços, de maneira a garantir a liberdade. Por intermédio do brincar é que a criança exercita seu futuro papel na sociedade e expressa a sua relação com o mundo todo, desenvolvendo o seu organismo integralmente: o pensar, o sentir e o agir através da força criativa (AMARANTE, 2009).

Tal projeto consistia em um exercício de aprendizagem itinerante, no qual a partir das propostas dos temas pelas crianças – de 4 a 6 anos não atendidas inicialmente pela rede pública ou particular – os educadores pensavam em como aprender coletivamente.

Ou seja, através de passeios ou excursões, com o objetivo de melhor conhecer e engajá-los na cultura local, tinha-se os espaços da comunidade como o próprio ambiente de aprendizagem e convivência, em que os recursos culturais (tanto materiais como imateriais) passavam a ser a “sementinha” do conhecimento a ser apropriado pelas crianças participantes e suas famílias. Visava-se o desenvolvimento da autoestima, identidade, consciência corporal, além de cuidados como higiene e saúde, através de instrumentos que trabalhavam o respeito mútuo, a cooperação e a participação efetiva nas atividades cotidianas, cultivando em cada criança valores de cidadania (CPCD, 2015).

Com o Projeto Sementinha – um dos projetos que está presente como alternativa educacional em mais de 20 cidades do Brasil atualmente –, não só se respondeu afirmativamente às perguntas e desafios – é possível sim fazer educação sem escola e é possível se ter uma boa escola debaixo do pé de manga –, como também surgiram propostas de novos caminhos pedagógicos criativos e inovadores.

Então, em 1986, outras perguntas-desafio foram formuladas: “A escola pode ser um lugar alegre e prazeroso?”, “É possível ensinar brincando?”, ou “A escola tem que ser sempre carrancuda e de mal com a vida das crianças, brincantes por natureza?”, ou “Podemos ter uma escola tão boa que alunos e professores exijam aulas aos sábados, domingos e feriados?”. Tais questões possibilitaram o surgimento do projeto “Ser Criança: ou a educação pelo brincar”. Essa prática e todo o aprendizado a partir dela também ganharam, em primeiro lugar, por seu ineditismo e inovação, a 1ª edição do Prêmio Itaú-Unicef – Educação & Participação, em 1995, como “a melhor contribuição para a escola pública brasileira”, e está implantado como política pública em diversos estados e cidades do país.

Além dos significativos impactos para a esfera educacional, o Ser Criança – destinado a crianças e adolescentes de 7 a 14 anos, no contraturno escolar, onde se aprende através de jogos e brinquedos criados pelas próprias crianças –, assim como as outras experiências do CPCD, desmembraram-se em novas tecnologias educacionais, assim como na formulação de pedagogias desenvolvidas a partir das vontades e necessidades dos participantes.

Foi a partir da experiência dos projetos e suas tentativas de buscar respostas para seus questionamentos, criando estratégias e descobrindo soluções, que, nos seus 31 anos de existência, o CPCD foi elaborando novos projetos, evoluindo como organização e desenvolvendo práticas inovadoras, marcando, por sua vez, seu ineditismo.

Em 2005, foram sistematizadas, então, como reconhecimento de toda experiência realizada, todas as aprendizagens, tecnologias e pedagogias desenvolvidas durante 21 anos ao crivo do Banco de Tecnologias Sociais da Fundação Banco do Brasil.

Sobre tais práticas de inovação, Tião elucida:

Hoje essa usina de educação está em permanente ebulição. Incorporados ao projeto, parceiros fundamentais. Forjada em nós a mesma teimosia-vocação permanente para o espaço da utopia. Onde celebramos os rituais e as festas da memória. Onde, com os pés e as mãos, amassamos o barro e o pão, recriando o sonho e a vida. Onde cantamos e dançamos nossa identidade. Onde brincamos e ousamos acreditar num tempo claro e generoso para todos meninos. (CPCD, 2013).

Tais pedagogias e tecnologias sociais constituem a metodologia de atuação da instituição. Sistematizadas pelo CPCD, disseminadas e utilizadas em variadas práticas educativas ao redor do mundo, são consideradas referências de práticas agregadoras ao desenvolvimento de indivíduos e de comunidades, visando a apropriação e a autonomia comunitária na gestão e condução de projetos e de futuras iniciativas que possam vir a ser necessárias.

A sistematização desses recursos metodológicos torna-se, então, uma expertise do CPCD, não só como uma frente de ação, mas como princípio emergente que vem dos aprendizados com a própria comunidade.

Num caminho endógeno de desenvolvimento a partir da interação com os elementos da realidade, dos quais compartilham o cotidiano, os desafios e a vida, a organização vai se constituindo, por se reconhecer como um organismo vivo em constante reconfiguração, à medida que se auto-organiza e autorregula, numa direção para sua própria evolução, integrada à evolução de seu contexto e de suas relações.

Pelo reconhecimento de que Araçuaí é um projeto coletivo de processo permanente, acompanhando a contínua transformação do lugar, assume-se um compromisso com um sistema integrado de correlações sociais, padrões culturais e valores humanos, sobre os quais se sustenta o desenvolvimento. A cidade também como um organismo vivo que sente e se move é um ambiente e um contexto local e global de vida e de aprendizagem ininterrupto (CPCD, 2013).

## **1.1. Tecnologias Sociais**

As Tecnologias Sociais do CPCD são instrumentos que compõem a “caixa de ferramentas” pedagógicas e participativas para planejamento, monitoramento e avaliação das atividades das ações que realiza.

São utilizadas por todos os membros da organização, sejam práticas de equipes internas ou interprojetos, e também são aplicadas como atividades pedagógicas no dia a dia de cada frente de ação.

Esses meios são os Planos de Trabalho e Avaliação (PTAs), Indicadores de Qualidade de Projeto (IQP), instrumento para Monitoramento de Processos e Resultados de Aprendizagem (MPRA) e Maneiras Diferentes e Inovadoras (MDIs).

### **1.1.1. Planos de Trabalho e Avaliações – PTAs**

Os Planos de Trabalho e Avaliações (PTAs), instrumento de planejamento de avaliação de atividades, está configurado como um sistema lógico e concatenado de procedimentos, visando:

- 1) A tradução dos objetivos específicos-e-conceituais em objetos operacionais-e-concretos, dissecados em suas dimensões, clareando as metas a serem permanentemente atingidas;
- 2) A definição dos diversos públicos-alvo e protagonistas do projeto;
- 3) A organização das perguntas importantes em função das metas;
- 4) O planejamento das atividades e instrumentos de ação em função das perguntas;
- 5) A definição dos indicadores de processo, de impactos e de resultados mensuráveis ao final das ações;
- 6) A previsão de tempo, duração e responsabilidades.

Como uma via de mão dupla, o PTA trabalha e avalia o alcance do objetivo sem perda do foco ou desvio dos caminhos de um projeto social, como demonstra a imagem a seguir (Tecnologia Social certificada pela Fundação Banco do Brasil, 2005):



**FIGURA 1:** Plano de Trabalho e Plano de Avaliação. *Fonte: Cidades Sustentáveis, 2015.*

O PTA é feito a cada início de ano dos projetos e monitorado frequentemente, e tem o intuito de direcionar ações durante o decorrer do período de execução do projeto. Em seu processo são contempladas quatro dimensões norteadoras de todo o trabalho do CPCD (tratadas mais adiante, ainda na primeira parte deste trabalho) – Empoderamento Comunitário, Compromisso Ambiental, Satisfação Econômica e Valores Humanos e Culturais –, assim como são pensadas estratégias para envolver de forma integrada, em um processo de construção conjunta, tanto o público específico de cada projeto como a interconexão entre outros projetos e a comunidade em geral.

De forma flexível e monitorado constantemente, o PTA pode ser revisto e adaptado conforme o desenvolvimento do processo. Avaliações são realizadas todos os dias (ao final das atividades) ou semanalmente, quando são revistos os processos, verificadas as dificuldades e resolvidas as questões-chave entre as equipes.

Tal fato permite que se atenda diretamente às necessidades ou demandas de certo contexto, redirecionando energia naquilo que irá impulsionar e potencializar as ações e solucionar ou minimizar os impedimentos para que a ação transformadora possa fluir dinamicamente.

Isso ocorre porque, no processo de organização autônoma que se dá no planejamento e na avaliação, acontecem retroações que agem no mecanismo de redução dos desvios de um determinado sistema (retroações negativas), com a finalidade de manter o equilíbrio dinâmico da ação proposta, ou seja, sua estabilização periódica; ou na ruptura da regulação dessa mesma ação e a ampliação de determinada tendência ou desvio para uma nova situação incerta (retroações positivas) (CIURANA *et al.*, 2003:35).

Desenvolve-se, então, a capacidade de autorreflexão que abarca tanto as dimensões individuais relacionadas ao coletivo, quanto o projeto como um todo. A autocrítica e a dialógica de pontos de vista contribuem, por sua vez, para o progresso do conhecimento, fazendo com que os sujeitos edifiquem-se, à medida que se reconheçam a si próprios internamente.

Relativizando-se, é possível ultrapassar-se em seus próprios limites, possibilitando a ampliação da sua própria percepção. Quanto mais se pratica a reflexão sobre si e sobre processos do qual se responsabiliza, mais se eleva a complexidade da realidade da qual intrinsecamente se faz parte (MORIN, 2011:240).

Assim, novas ações são planejadas e readequadas para o constante desenvolvimento do projeto como um todo, contemplando o cumprimento de metas, englobando novas demandas e interesses e superando desafios pautados na realidade dada, junto às suas incertezas e riscos, e não num ideal intangível, incapaz de lidar pela sua inexistência.

O PTA pode ser uma ferramenta utilizada nos diferentes níveis da organização, como em equipes pequenas, responsáveis por cada projeto, assim como por equipes maiores que articulam estratégias e soluções entre as diversas ações.

#### 1.1.2. Indicadores de Qualidade de Projetos Sociais – IQPs

Os Indicadores de Qualidade de Projetos Sociais (IQPs)<sup>9</sup> foram construídos, inicialmente, para responder às necessidades internas da equipe do CPCD que queria aferir o grau de qualidade de seus projetos sociais. Este instrumento tornou-se uma tecnologia replicável, pois reúne índices de avaliação de qualidade para qualquer projeto social, capaz de qualificar e quantificar indicadores de qualidade de projetos (IQP) a partir dos 12 índices-componentes:

Apropriação: Equilíbrio entre o desejado e o alcançado.

Coerência: Relação teoria/prática.

Cooperação: Espírito de equipe, solidariedade.

---

<sup>9</sup> Os relatórios que contêm os IQPs podem ser encontrados no site institucional do CPCD: <[www.cpcd.org.br](http://www.cpcd.org.br)>.

Criatividade: Inovação, animação/recriação.

Dinamismo: Capacidade de autotransformação segundo as necessidades.

Eficiência: Identidade entre o fim e a necessidade.

Estética: Referência de beleza, gosto apurado.

Felicidade: Sentir-se bem com o que temos e somos.

Harmonia: Respeito mútuo.

Oportunidade: Possibilidade de opção.

Protagonismo: Participação nas decisões fundamentais.

Transformação: Passagem de um estado para outro melhor.

Medindo e aferindo o grau de “felicidade”, qualitativa e quantitativamente dos projetos, sendo uma Tecnologia Social certificada pela Fundação Banco do Brasil em 2005, o IQP é realizado a cada final de ano, com instrumentos variáveis de verificação. O que é comum a todos os projetos são relatórios fotográficos trimestrais que tentam captar imagens que representem os indicadores ao longo do tempo em relação tanto aos protagonistas de cada projeto quanto ao público indireto, como a participação das famílias e comunidades, por exemplo. Dessa forma, os indicadores passam a ser registrados em ações educacionais.

Trimestralmente, são feitos também relatórios, em que as informações descritas estarão presentes no IQP final, o qual, como dito, é composto anualmente. Compilação de depoimentos dos participantes dos projetos também é outra ferramenta de análise comparativa componente do IQP.

Encontrar indicadores que criem sentido entre a proposta e os objetivos a serem atingidos junto ao processo feito para que se atinja resultados esperados está vinculado com a prática emergente da própria organização. É a mesma que deverá verificar, a partir de seus princípios e propósitos, a mudança desejada, vindo de uma dinâmica singular do próprio sistema em consonância com sua

identidade e funcionamento; o que permite, desse modo, o seu desenvolvimento orgânico e significativo, gerando resultados duradouros.

Ao contrário da geração pontual de resultados que, coligados com organizações financiadoras e de interesse particular, não têm significância para uma localidade – como é o caso de muitas organizações do terceiro setor com apoio externo – indicadores que verificam transformações profundas caminham para a construção de uma sustentabilidade de longo prazo. Vista como capacidade de autonomia, a partir do desenvolvimento do indivíduo como cidadão, os sujeitos desenvolvem mecanismos para gerar seu próprio bem-estar, assim como aptidão ativa para transformações sociais que almejam para seu lugar, para suas vidas e para a humanidade.

Isto é, o que é avaliado e verificado a partir dos indicadores é o grau de articulação de todas essas habilidades e competências para o desenvolvimento da própria cidadania, da qual, pela ação consciente e autônoma, o sujeito torna-se ativo em relação à sua responsabilidade e aos seus direitos perante a sociedade.

Realizar a humanidade, como afirma Morin, significa aquilo que deve ser realizado por todos e por cada um (2011:101). Ou seja, cidadania implica uma ética de religação. A concepção de desenvolvimento mútuo é agir com ética. Cada ato ético, por sua vez, é o mesmo que o ato de religação: com o outro, com a comunidade, com a humanidade.

Paradoxalmente, quanto mais autônomos, mais o indivíduo deve assumir sua incerteza e inquietude. A partir disso, aumenta-se a necessidade de religação:

Quanto mais tomamos consciência de que estamos perdidos no universo e mergulhamos numa aventura desconhecida, mais temos necessidade de nos religarmos com os nossos irmãos e irmãs da humanidade. (MORIN, 2011:36).

Portanto, estar atento ao desenvolvimento da cidadania num processo de aprendizagem, é colaborar não só com a qualidade e o bem-estar individual, como também com uma construção conjunta e uma ética da civilidade.

### 1.1.3. Monitoramento de Processos e Resultados de Aprendizagem – MPRA

Para o melhor acompanhamento dos processos, surgiu o Monitoramento de Processos e Resultados de Aprendizagem (MPRA), na intenção de suprir a necessidade em acompanhar o desenvolvimento dos projetos que o CPCD realiza e que precisam ser monitorados permanentemente, visando a possibilidade de correções necessárias no decorrer do seu desenvolvimento. É possível, assim, mitigar e muitas vezes solucionar os processos e impactos negativos.

Foram formuladas, então, 10 perguntas que são feitas com frequência para todos os envolvidos no projeto:

- Quantos iniciaram a atividade e/ou o projeto? Quantos concluíram?
- Quanto tempo gastamos para realizar a atividade e/ou o módulo previsto? Foi suficiente?
- Quantos produtos e/ou materiais de apoio e/ou de aprendizagem foram criados? Eles atendem aos objetivos do projeto?
- O que foi feito que evidencie ou garanta que atingimos os objetivos propostos?
- Como as atividades foram realizadas: foram lúdicas? Foram inovadoras? Foram educativas?
- O que pode ser sistematizado? É possível construir uma “teoria do conhecimento”, já?
- O que necessita ser ainda praticado para alcançar os objetivos propostos?
- Se o projeto encerrasse hoje, ele estaria longe ou perto dos objetivos propostos?
- Há necessidade de “correções de rumo”: nas atividades? Na metodologia?

- O nosso prazer, alegria e vontade em relação ao projeto: aumentaram? Diminuíram? Por quê? (CPCD, 2014).

Tais perguntas são respondidas a cada 3 meses pelos educadores de cada projeto, como avaliação do próprio trabalho. Dessa forma, é possível que replanejem ações redirecionando os objetivos que surgem a cada dia. As respostas são compartilhadas entre as equipes e as mudanças para o novo plano de trabalho são feitas de forma coletiva, com cada membro contribuindo nas ações estratégicas tanto das tarefas individuais, quanto aquelas comuns a todos.

Outro instrumento de monitoramento também utilizado periodicamente é o relatório de registro de processo, onde estão objetivos, depoimentos, índices qualitativos e quantitativos.

Assim, com o defrontar-se de momentos corretos e momentos que devem ser corrigidos, acontece o desenvolvimento dos projetos, superando tanto desafios, como encontrando soluções que são compartilhadas e, portanto, apropriadas e potencializadas por todos, em que cada um se corresponsabiliza pela dinâmica do sistema e sua manutenção em prol de um objetivo comum. Tendo consciência dos processos que ocorrem, é possível que cada um infira positivamente para as devidas superações, evoluindo de forma conjunta.

#### 1.1.4. Maneiras Diferentes e Inovadoras – MDIs

As Maneiras Diferentes e Inovadoras de se pensar sobre alguma questão, as chamadas MDIs, estimulam a criatividade e inovação, configurando um jogo dinâmico e lúdico, em que a aprendizagem se dá de forma construtiva e coletivamente. Com a finalidade de planejar algo, ou resolver alguma questão em comum, ou mesmo ter ideias para criações, as MDIs têm como base a provocação, o pensar “fora da caixa”, transgredindo modelos de soluções pré-existentes, na tentativa de encontrar caminhos novos para permanentes desafios, pensando a partir de determinado contexto sociocultural (CPCD, 2013).

Elas são utilizadas a todos os momentos e por todos os projetos, inclusive integradas a outras tecnologias. Crianças as utilizam para criarem enredos, peças de teatros e para resolverem desafios coletivos, até mesmo conflitos. Equipes de projetos utilizam MDIs para encontrarem soluções para alguma dificuldade encontrada no meio do caminho ou mesmo para planejarem ações; e o CPCD como um todo se utiliza das MDIs para responderem as novas e constantes perguntas que surgem e que impulsionam seu próprio desenvolvimento.

Segundo experiências, educadores afirmam que surgem normalmente mais de 80 possibilidades de MDIs, porém nem todas elas estão vinculadas à cultura popular de resolução, que prioritariamente se utiliza de recursos variados próprios da localidade (CPCD, 2013). A flexibilidade e a abertura aí entram como princípios da prática educacional, possibilitando o agregar de ideias e soluções que ampliam a esfera popular cultural daquela comunidade. Vai depender, portanto, das circunstâncias, do contexto e do desafio em si, sendo absorvido aquilo que irá fazer sentido para a totalidade daquele coletivo.

Como uma membrana permeável de uma célula do organismo vivo, permite-se a emergência, no próprio coletivo, da construção conjunta do conhecimento, a partir da interação e do princípio de inclusão, regida pela democracia e horizontalidade das relações.

Isso acontece porque é a partir da abertura a diferentes contribuições que a organização de um determinado sistema ocorre, num fluxo dinâmico de equilíbrio e desequilíbrio, criando e recriando a si própria, com o foco no processo coletivo e não nas partes funcionais (CAPRA, 2006:49).

É importante destacar que as tecnologias sociais apresentadas são realizadas coletivamente e de forma frequente. Em visita a campo, pode-se observar a apropriação das equipes em relação a essas tecnologias, pela prática recorrente tanto de planejamento, monitoramento, como de avaliação, alinhados a um ciclo metodológico da ação-reflexão, fazendo com que a todo o momento a teoria seja complementar à prática, numa dinâmica relacional de retroalimentação.

A reflexão e a ação para a transformação são enxergadas como elementos de um mesmo processo, que recursivamente são ditadas por uma dinâmica autoprodutiva e auto-organizacional. Nesse circuito, a reflexão é um elemento que agrega o desenvolvimento da ação, assim como a mesma contribui para a regeneração da reflexão de forma cada vez mais complexa, possibilitando a ampliação da percepção.

Como parte do processo de reflexão, sínteses são feitas a partir de registros, com instrumentos variados, como já foi visto. Assim, sintetizar a reflexão contribui para a consolidação de uma experiência e o desenvolvimento de um saber, que a todo momento pode ser consultado e aprimorado.



**FIGURA 2:** Ciclo metodológico. *Fonte: Gabriela Silva.*

Ao longo do ano, cada um dos projetos realiza reuniões frequentes para planejar periodicamente suas ações, seja com a equipe interna de cada projeto, seja com coordenadores e eventualmente educadores de todos os projetos. Essas reuniões, apesar de práticas consolidadas na organização, são feitas de forma autônoma, conforme a organização específica de cada projeto, suas prioridades, metas e estrutura. Podem ser feitas anualmente, trimestralmente, mensalmente ou semanalmente. Irá depender da necessidade e da própria tecnologia em questão.

Em alguns projetos, os públicos-alvo são os próprios membros da equipe de execução. Dessa forma, a gestão compartilhada é realizada coletivamente em roda, em que todos os membros opinam e constroem juntos. Porém, suas

estruturas (com referências à tecnologia) são muitas vezes adaptadas à linguagem de cada perfil de equipe, fazendo com que todos possam ter mais acesso à ferramenta. Assim, o princípio em questão da tecnologia é feito, sendo aplicados seus conceitos e métodos, porém de forma diversa a partir da identidade de cada projeto.

Portanto, compreende-se que cada núcleo organizador se dá por uma dinâmica própria, alinhado com o princípio da emergência das próprias singularidades, reconhecendo potencialidades e limitações. Cada membro do sistema organizacional como todo evolui em seu ritmo próprio, integrado na evolução de um sistema maior, o CPCD como um todo.

## **1.2. Pedagogias Consolidadas**

As pedagogias, com seus princípios e valores, estão presentes na rotina de todos os projetos e suas relações com o próprio município de Araçuaí. Muitas delas acontecem de forma explícita e consciente, fazendo com que sejam mais enfáticas como prática diária de aprendizagem de organização de determinado projeto, por exemplo. Outras pedagogias já estão permeadas nas próprias relações, e acontecem não de forma pontual e clara, mas de forma orgânica, pois estão apropriadas como princípios relacionais da aprendizagem incessante dada pelas interações e trocas entre membros das equipes e suas relações com a comunidade.

Dessa forma, enxerga-se a aprendizagem como um processo contínuo que nunca cessa, na qual todos são aprendizes e educadores à medida que compartilham experiências e saberes, ampliando e estendendo a si perante a sua realidade e o mundo, permitindo a construção conjunta do conhecimento, através da dialogia relacional de todos os aspectos intrínsecos a ela.

Como Paulo Freire já dizia, “a educação tem caráter permanente. Não há seres educados e não educados, estamos todos nos educando. Existem graus de educação, mas esses não são absolutos” (FREIRE, 1983: 28).

A educação como conceito pautado em ações que se perpetuam e se transformam, constituindo-se permanentemente, faz com que sua prática contínua seja a base de uma constante busca pela melhoria da qualidade de desenvolvimento do sujeito. A ação educativa implica um conceito de homem e de mundo concomitantes, sendo que além de estar no mundo, é preciso ser aberto a ele, captando-o e compreendendo-o, a fim de transformá-lo, pela resposta aos estímulos e desafios que ele apresenta.

Para Morin, compreender o mundo significa aprender e reaprender incessantemente. Assim, através do processo constante educativo de ser e estar no mundo é que se torna possível construir uma ética da compreensão que vai além da ética humana, isto é, uma ética dita planetária (2011:89).

Ou seja, a consciência do destino comum de todos os homens é o entendimento de que todo desenvolvimento humano é o mesmo que o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana. Compreender o humano é compreender sua unidade na diversidade e vice-versa, reconhecendo-o como múltiplo.

A educação aí entra com a finalidade de contribuir com a reforma das mentalidades, já que para haver compreensão entre indivíduos, culturas e sociedades, por exemplo, é preciso passar pela metaestrutura, compreendendo assim as causas da incompreensão para que elas possam ser superadas.

Apenas tendo consciência do espírito propriamente humano, ou seja, a consciência individual além da individualidade – constituindo a consciência planetária – é que se configurará uma ética que deve ser realizada por todos e em cada um. Assim se dá o compromisso com a vida, emergente da ética humanitária.

A condição humana no mundo, assim como o mundo na condição humana, tornam-se as próprias condições da configuração da sociedade-mundo ou da era planetária. Constitui-se, portanto, a sabedoria do viver junto (MORIN, 2011:67).

O compromisso com a vida, pela construção da ética planetária, está presente como fundamento base de toda metodologia do CPCD, pautado na Carta da Terra<sup>10</sup>, documento mundial que aponta diretrizes de conservação ambiental e desenvolvimento sustentado perante a vida no planeta, assim como para gerações futuras (MMA, 2013). Propulsionando uma estrutura onde todos aprendem, se envolvem e disseminam a aprendizagem, com o eixo transversal, moldam-se ações de atuação em prol da comunidade da vida.

Através dos princípios e ações e através de códigos de ética, exprimidos no documento, composta pelos eixos: 1. Respeito à comunidade da vida; 2. Integridade ecológica; 3. Justiça econômica e social; e 4. Democracia, cultura de paz e não violência é que, de forma integrada, as pedagogias, emaranhadas nas condutas do CPCD, repercutem positivamente nas relações que se constroem no cotidiano, incidindo diretamente na cultura local e multiplicando práticas consonantes com suas diretrizes.

São traçadas diversas estratégias, então, alinhadas a essas diretrizes que dão conta do cotidiano do trabalho; assim como seus fundamentos e crenças; e das relações com a comunidade, com as famílias e outros públicos indiretos, extrapolando, portanto, o espaço de atuação de cada projeto.

Tais pedagogias tornam-se, portanto, modelo para outras experiências. Elas são expostas a seguir.

#### 1.2.1. A Pedagogia da Roda

A pedagogia da roda, surgida como experiência, privilegia o diálogo e a não exclusão/não seleção. Segundo o CPCD, a matéria-prima de todo o processo de aprendizagem são as pessoas – seus saberes, fazeres e querereres.

Na perspectiva da inclusão, hoje, tal pedagogia constitui-se como finalidade estratégica de combater a evasão das crianças ou jovens em alguns projetos

---

<sup>10</sup> Disponível no site do Ministério do Meio Ambiente: <<http://www.mma.gov.br>>.

direcionados para esse público, sendo um formato de como acontece o saber que os mantém interessados.

Tião Rocha explica que todo processo seletivo é um processo de exclusão, sendo que tudo que se exclui não é um ato educativo. Na medida em que uma escola seleciona, por exemplo, exclui alguns, não levando todos a terem a oportunidade de aprender em seu ritmo e de sua forma (CPCD, 2005).

A partir disso, Tião acredita que na roda “cada um é sujeito da aprendizagem com suas diferenças e experiências de vida, contribuindo com sua formação e a dos demais componentes da roda, em um espaço horizontal e igualitário” (CPCD, 2014).

Tal pedagogia permite o compartilhamento de olhares sobre o mundo, pelo exercício da alteridade, já que, ao aprender, agrega-se o olhar de cada um no coletivo, desenvolvendo as visões tanto individuais como conjuntas. Na roda, educadores e educandos são aprendizes permanentes, fortalecendo as identidades culturais locais, o que se converte em mais solidariedade e espírito comunitário pela reflexão coletiva e compartilhada sobre determinado assunto.

Rocha, então, coloca que “a roda é um lugar da ação e da reflexão, do ouvir e do aprender com o outro. Todos são educadores, porque estão preocupados com a aprendizagem. É uma construção coletiva” (CPCD, 2005).

A educação, assim, significada como um processo, envolve todos os participantes de forma natural pelas relações cotidianas de diálogo, estabelecendo um processo democrático e acessível para todos, incluindo interesses e demandas atingíveis num espaço-tempo de forma contextual.

Dessa forma, o indivíduo, além de relacionar-se consigo mesmo, relaciona-se também com o outro, como uma maneira constante de viver em sua totalidade e não só experimentar o mundo em uma perspectiva singular e individual, mas sim de modo a ser compartilhado e trocado conhecimento, se concretizando um processo de construção conjunta do mesmo (JR; NUNES, 2007:61). Esse processo se dá em uma relação constante entre os seres humanos:

A comunidade em evolução [...] é o estar um-com-o-outro; de uma multidão de pessoas que, embora movimentem-se juntas em direção a

um objetivo, experenciam em todo o lugar um dirigir-se um-ao-outro, um face a face dinâmico, um fluir do Eu para o Tu. (BUBER, 1982:66).

Viabiliza-se, assim, a construção de vínculos coletivos, pressupondo relações humanas profundas, face a face, e encontros inter-humanos, baseado no outro a partir de sua alteridade.

Na sua dinâmica, a democracia do ponto de vista pedagógico é dada pelo consenso. Ou seja, quando se trata de relações e laços próximos, face-a-face, se privilegia a perspectiva de que cada indivíduo é singular dentro de um coletivo, garantindo, assim, a incorporação de todas as visões e interesses, fazendo com que qualquer assunto levado para roda seja estudado e aprendido, sem exclusão e seleção, garantindo o desenvolvimento para uma participação qualitativa de todos que estão presentes, na qual são consideradas todas as contribuições.

Cria-se, então, um espaço igualitário em que as pessoas possam exprimir suas diferenças, a partir do momento em que compartilham suas experiências de vida. Assim, cada um torna-se essencial para a obtenção de um melhor resultado possível da própria aprendizagem, pela potencialização da contribuição de cada um, atuando como protagonista e sendo, ao mesmo tempo, responsável pelo todo; fazendo que a roda aconteça.

Durante a dinâmica de dialogia, o indivíduo tem a possibilidade de se reconhecer no outro, de forma que a sabedoria conjunta se realize de forma comprometida. A ênfase no diálogo tem a intenção de conectar, fortalecendo vínculos e estabelecendo novas ligações entre as pessoas. Segundo Tom Atlee, o diálogo é uma investigação conjunta na direção de mais compreensão, conexões e possibilidades (ESCOLA DE DIÁLOGO, 2015).

Designa-se, portanto, uma troca de conhecimento de forma que todos possam se olhar, se mantendo numa mesma posição, tendo, portanto, papéis iguais. A horizontalidade aí se faz presente, quando elos de relações se fortalecem através das relações constituídas pelo diálogo, representando a cultura da própria comunidade, como centro de significação do aprendizado.

Sobre a aprendizagem horizontal que é dada pela convivência, Maturana coloca: “Ensinar é desencadear mudanças estruturais mentais, causando perturbações,

através de uma cadeia de coordenação de ações, ou seja, como ele mesmo expressa: ‘vivendo juntos.’ (MATURANA *apud* VAZ, 1990).

Em uma conversa com crianças do projeto Ser Criança, elas expuseram que em outro momento da rotina diária, – o clubinho – a aprendizagem horizontal também ocorre. Este momento do dia é quando crianças mais velhas ajudam as mais novas a fazerem deveres de casa, requeridos pelas escolas, ou mesmo quando brincam livremente:

Aqui as crianças são mais maduras, que mais respeitam as regras. Agora tem os monitores (as próprias crianças) que alguns ficam na hora do dever para poder ensinar, outros ensinam a ler; ficam no clubinho para poder fazer mediação de leitura, fazer brincadeiras educativas. Então, tudo isso é uma forma de passar o que a gente sabe, o que a gente aprendeu com os educadores mais velhos para crianças que chegaram agora. (CPCD, 2015).

Ainda complementam que ao mesmo tempo aprendem:

E também a gente não sabe só compartilhar com os pequenos, é com os grandes também. É um passando para o outro. Até para os educadores mesmo. Eles ensinam para gente e a gente passa para as outras pessoas também. Até os pequenos ensinam brincadeiras novas que eles aprenderam na escola que até a gente mesmo não conhece. Então, eles ensinam e a gente fica compartilhando uns com os outros. Aqui no projeto a gente pode ensinar para as crianças o que a gente já aprendeu. Eu já fiquei 5 anos no projeto. Eu posso ensinar o que é certo e o que é errado sabe? Mas não castigando, essas coisas. É conversando mesmo. (CPCD, 2015).

Considerando que o processo de ensino-aprendizado significa trocar conhecimento em uma dinâmica de diálogo recíproco, através da criação de um espaço de convivência, este é viabilizado, pelo reconhecimento de que todos os participantes são responsáveis pela mudança e condução do processo, através de como se dão as relações que são estabelecidas, intervindo e percebendo-se nesse espaço. Estas vivências proporcionam aprendizados múltiplos, tornando o conhecimento íntegro nas diversas áreas que abrange. O aprendizado possibilita e respeita a diversidade das distintas interpretações sobre um mesmo assunto, enriquecendo e agregando valor a novas perspectivas de determinado tema.

A relação com os educadores, então, se dá na mesma perspectiva, como afirmam as crianças do Ser Criança:

Não muda nada sabe, igual, ela é minha amiga, não muda nada. A gente é tratado da mesma forma. Não é que nem na escola. É lógico que tem que respeitar o professor sabe? Mas aqui é como amigas grandes da gente. (CPCD, 2015).

A horizontalidade nesse processo é realizada enquanto priorizam-se as relações, pelos vínculos coletivos que serão formados, com a intenção de se erguer relações humanas mais profundas, baseadas na alteridade.

Outro aspecto da pedagogia da roda é a sua dinâmica dada pelo seu próprio símbolo. A roda, simbolicamente representada pela continuidade, faz com que a aprendizagem nunca cesse, mas sim seja aprofundada e aprimorada, de forma cíclica e fluida, conforme o desenrolar de sua prática. O ciclo, por sua vez, possibilita a renovação do conhecimento, podendo ser reconstruído conforme a necessidade e a organicidade do grupo, desconstruindo a ideia convencional de certo e errado, mas sim desenvolvendo um caminho idealmente consensual para tomada de decisões e visões complementares sobre determinado assunto a ser tratado.

Permite-se, portanto, o desenvolvimento das capacidades de agir e refletir sobre resultados alcançados ou sobre desafios existentes. A partir de valores centrais como solidariedade e afetividade, a roda gira e todos se olham e se expressam com liberdade (CPCD, 2005).

Reafirma Tião, então, que “numa roda as informações circulam de um lado para o outro e o que comanda é o conteúdo, são os desejos, os conhecimentos e os interesses de todos que estão na roda.” (ROCHA, 2007).

Configura-se, portanto, uma nova organização do saber, dada pela horizontalidade das relações. O sujeito do aprender passa a ter uma característica dual em que é aquele que ensina e aprende ao mesmo tempo, fundado pela interatividade. Interação esta que, incluindo antagonismos e ambiguidades, perspectivas tornam-se complementares, ampliando possibilidades de ópticas e o desenvolvimento de habilidades e competências perante a certa situação. Acrescentam-se, assim, estratégias e soluções, potenciais de criatividade e inventividade pelo princípio da inclusão, além da

criação da consciência participativa, que faz emergir um novo significado, coletivo e plural.

A roda ocorre pela construção de uma pauta; o estabelecimento de um processo no qual a pauta será conversada; uma avaliação do que foi dialogado e a realização do que se chama memória, praticando a síntese e absorção do conhecimento daquilo mais significativo para cada um. Resumidamente, a roda “pensa, age e volta” (CPCD, 2014). Nessa direção, a totalidade da roda está contida em todos os membros que a formam, assim como o que cada um contribui passa a compor a própria roda.

Seu formato é inclusivo, em uma dinâmica que pode ser aumentada ou diminuída, pela entrada e saída de membros. Isso faz com que se caracterize como um sistema aberto, pois mesmo com o fluxo de entrada e saída, seu foco continua sendo aquilo que está contido na roda, mantendo seu próprio formato, numa dinâmica auto-organizadora e autorreguladora de si mesma, sem necessitar de agentes externos para que possa ocorrer.

Como resultados, os participantes do projeto acabam se tornando pessoas mais participativas e seguras. Segundo Flávia Mota (2014), diretora administrativa do CPCD, as crianças passam a colocar suas ideias de forma frequente e adequadamente, estimulando as pessoas com as quais convivem para que possam conversar e resolver problemas de forma conjunta, intervindo, assim, de forma positiva em seus círculos sociais, conforme declara uma participante do Ser Criança: “porque quando a gente chega mesmo, a gente fica envergonhado. Mas depois a gente se solta. Antes mesmo eu era quietinha. Só que agora eu sou espoleta” (CPCD, 2015).

As crianças acabam disseminando tal pedagogia nas suas vidas e espaços de convivialidade, fazendo com que a roda se torne uma prática apropriada por grande parte da comunidade, propondo-as em suas famílias ou entre amigos da escola, por exemplo. Firma-se, assim, a possibilidade de a aprendizagem ocorrer em qualquer lugar, à medida que se multiplica a roda.

Marton Martins, educador da Fabriqueta de Software, exemplifica com sua própria experiência:

Eu conheci o CPCD, porque numa reunião de família, aconteceu algum problema na cozinha e uma das minhas tias, que trabalhava no CPCD, falou para a gente fazer uma roda para resolver. E depois eu comecei a entender isso. Eu descobri que a roda é o ponto chave de tudo: onde começou o CPCD, onde inicia o dia, onde termina. A gente tem que dar um jeito de fazer a roda. (MARTINS, 2015).

Uma criança do Ser Criança também expõe:

Se tiver algum problema em casa, a gente resolve também conversando, dialogando para ver o que está acontecendo. Minha família também adotou esse método. Antes a gente tinha assim certos conflitos, mas deixava passar. Hoje não, com as experiências que a gente aprende no projeto a gente leva para casa, aí eu adotei isso lá em casa. A gente faz rodas quando tem dificuldades. Quando meu irmão precisa de ajuda na escola, vamos para roda, vamos conversar, vamos ver o que precisa melhorar. Minha família também está sendo como o projeto. Isso eu acho que é muito legal. (CPCD, 2015).

Hoje a pedagogia da roda, além de expandida em Araçuaí, é aplicada nas cidades e estados em que o CPCD já passou e onde atua até hoje, além de ter sido disseminada internacionalmente, como em Moçambique e Portugal.

Atualmente, essa pedagogia é a mais comum e disseminada no CPCD como um todo. Em todos os projetos, a roda é a primeira atividade do dia. No projeto Ser Criança, por exemplo, as próprias crianças afirmam que a roda é o momento do dia mais importante, porque é na roda que:

Pode cantar, pode brincar, pode dançar, pode fazer mediação de leitura, pode fazer de tudo um pouco... É o nosso primeiro contato com todas as pessoas do projeto. A gente pode resolver os problemas que houver no projeto; dar opiniões; trazer experiências de coisas novas; notícias boas podem ir para a roda. (CPCD, 2015).



**FIGURA 3:** Roda no projeto Ser Criança, 2012. *Fonte: Gabriela Silva.*

Sendo o primeiro contato do dia das pessoas nos projetos, a roda torna-se um ritual de encontro. É na roda que tudo acontece: onde começam as atividades, onde são colocadas as pautas, resolvidas questões, realizadas decisões, feitas as avaliações, solucionados conflitos, entre outras coisas.

A roda acaba sendo o formato do diálogo, da conversa e da prática da participação cidadã; do ser escutado e de poder se expor. Normalmente a última atividade também é feita em roda, quando se faz avaliações. A roda é mesmo utilizada em qualquer momento, quando os membros do projeto a convocam.

É interessante expor que à medida que essa prática vai sendo apreendida, membros do CPCD e participantes do projeto (ou qualquer indivíduo que se aproprie da prática da roda) exercitam a roda de forma involuntária quando resolvem um conflito, por exemplo. A roda acaba sendo sinônimo de diálogo, seja qual for a finalidade dele. Essa conversa, por sua vez, pode ser feita entre duas pessoas, por exemplo, de forma orgânica, quando acontece algum desentendimento ou mesmo quando querem compartilhar sentimentos, fatos, questões. Torna-se, na verdade, uma postura que viabiliza uma dinâmica entre fala e escuta entre as pessoas envolvidas em determinadas situações.

### 1.2.2. A Pedagogia do Brinquedo

A Pedagogia do Brinquedo surgiu como resposta à seguinte pergunta: “Será que as pessoas – crianças e adultos – podem aprender tudo o que precisam aprender, no seu tempo e no seu ritmo, alegremente?” (CPCD, 2014). A partir da experiência de trazer o brinquedo como instrumento constituinte da ação do aprender e ensinar surgiu uma riqueza de possibilidades de relacionamento e companheirismo; socialização e troca de experiências; conhecimento do outro e respeito às diferenças; desejos e visões de mundo. O CPCD explica que todos esses aspectos são elementos essenciais para construção de uma relação plural entre educadores-educandos, condição básica para existência de uma prática educativa de qualidade e para a descoberta e apropriação da própria cultura

local, através “dos saberes, dos fazeres e dos querereres” de cada um, expressos de diversas maneiras, através do brinquedo.



**FIGURA 4:** Cartelas para criação de uma história coletiva, 2015. *Fonte: Gabriela Silva.*

O brinquedo, além de ser usado para tornar o aprendizado prazeroso, é feito com os recursos disponíveis locais. Ou seja, atribui-se dessa forma, uma dupla função a determinada matéria-prima, fazendo com que se desenvolva a questão da reutilização de materiais, dialogando com a Pedagogia do Sabão (citada abaixo) e com o compromisso em relação a sustentabilidade.

Faz parte como atividade das crianças trazerem materiais (tanto de casa, como recolhidos pela comunidade) para a reutilização e a concepção dos brinquedos no projeto Ser Criança, por exemplo. Além disso, campanhas comunitárias feitas pelo CPCD também recolhem materiais das famílias e outros membros da comunidade, que voluntariamente deixam materiais recicláveis na sede. Tais recursos são disponibilizados para vários projetos da instituição com diferentes fins, mas com o mesmo propósito de reutilização. Vê-se, aí, um exemplo de ações integradas que permeiam toda a filosofia valorativa que direciona as

atuações cotidianas da organização. Desde a construção de um brinquedo, como a mobilização comunitária por uma causa comum.

A pedagogia surgiu no projeto Ser Criança pela necessidade de criar brinquedos para viabilizar as próprias brincadeiras, depois de um questionamento de uma criança, e uma resposta em aposta de Tião: “No dia em que a gente não conseguir inventar nossos próprios brinquedos, eu começo a comprar”. Esta aposta até hoje é feita com as crianças atendidas pelos projetos do CPCD (QUANDO sinto que já sei, 2014).

Num processo educacional, a criatividade tem o importante papel de permitir a manifestação do aprendizado e do desenvolvimento do sujeito ao longo da vida. Sua evolução, assim como sua capacidade de adaptação e de transgressão, dependem da capacidade criativa do ser. Princípios flexíveis que permitem a espontaneidade, sem estruturas rígidas, permitem o aparecimento de novas estruturas e novas formas de comportamento, em que a criatividade é estimulada em todo o processo de construção do conhecimento e da reestruturação de sua aplicabilidade (CAPRA, 2000:34 e 35).

Assim, foram sistematizados todos os jogos e brincadeiras criados até hoje pelas crianças, aptos para o ensino e o aprendizado de conteúdos curriculares das escolas.

No projeto Ser Criança, uma das crianças aponta que tal fato ocorre no cotidiano das atividades:

Aqui a gente faz brincadeiras educativas, brincadeiras que ajudam a Língua Portuguesa. Tem os grupos aqui também que ajudam na Língua Portuguesa, em Matemática. Para ensinar Matemática às vezes é ensinando brincando. Pega as pedrinhas, ajuda lá, fica contando, pega nos dedos, ensina. É muitas coisas em forma de brincadeira. Então, é muito bom aqui para essas pessoas. Então eu gosto muito daqui. (CPCD, 2015).

Outra participante complementa que o aprendizado é diferente da escola e enfatiza a importância e o prazer de aprender brincando:

E aqui é um lugar maravilhoso, não é igual escola. Não tem nada a ver com escola. Aqui tem combinados, não é bem regras sabe? São combinados que a gente faz para melhoria para quando a gente crescer. Aqui tudo é educativo. Não tem nada que não seja. Tudo é

educativo que a gente aprende, leva para os nossos pais. A gente aprende coisas educadoras. Aqui tudo é brincando. (CPCD, 2015).

Foi feito, então, o Bornal de Jogos, que sem perder a criatividade e o prazer, pode-se desenvolver a aprendizagem movida a alegria. Desde 1996, já se produziram mais de 2.500 jogos, que foram testados e avaliados e que receberam o carimbo de alta qualidade, tornando-se referência e modelo de tecnologia de ensino-aprendizagem, certificada como Tecnologia Social pela Fundação Banco do Brasil em 2001 e 2005 (CPCD, 2013).



**FIGURA 5:** Bolsa que contém jogos feitos pelas crianças. *Fonte: CPCD, 2015.*

Na produção, avaliação e sistematização destes jogos participaram 762 escolas públicas em Minas Gerais, atendendo diretamente mais de 76.000 alunos. Hoje, na Cooperativa Dedo de Gente, vinculada ao CPCD, há 3 bornais sistematizados e comercializados: Bornal de Jogos de Aprendizagem – 80 Jogos, faixa etária 7 a 14 anos –, Bornal de Jogos da Paz –, 70 Jogos, faixa etária 4 a 14 anos – e Bornalzinho de Jogos – 54 Jogos, faixa etária 4 a 6 anos (CPCD, 2013).

Nos projetos nos quais são utilizados, no caso de Araçuaí, principalmente no projeto Ser Criança, esses jogos são reconstruídos a todo o momento. Ou seja, construí-los faz parte do processo de aprendizagem e de apropriação do jogo como ferramenta de aprendizagem e de estímulo à criatividade do começo ao fim.

Hoje em dia, os cooperados da Fabriqueta de Software, projeto originado pela necessidade de geração de renda de jovens ao saírem do projeto Ser Criança, estão digitalizando os jogos do Bernal, com o intuito de ampliar as ferramentas de utilização de tais brinquedos, em diálogo com instrumentos atuais, como o uso da tecnologia. Inserir esta nos projetos do CPCD é uma necessidade reconhecida pela própria instituição, e é considerada um instrumento de potencialização da aprendizagem, se utilizada com propósito.

### 1.2.3. A Pedagogia do Sabão

A Pedagogia do Sabão é resultante do “aprender fazendo”, recuperando práticas tradicionais e incorporando novos valores. Essa pedagogia busca a sustentabilidade, o desenvolvimento integral e a formação solidária das pessoas envolvidas, com a utilização de saberes e fazeres culturais dos participantes como matéria-prima de ações pedagógicas, e, assim, trabalhando com soluções e alternativas que integram satisfação econômica, valores humanos e culturais, compromisso ambiental e empoderamento comunitário. A lógica da pedagogia do sabão nada mais é do que a apropriação e adaptação de tecnologias de baixo custo ou de custo zero, que podem ser replicadas em qualquer comunidade (CPCD, 2014).



**FIGURA 6:** Oficina de sabão a partir do óleo de cozinha, 2012. *Fonte: Gabriela Silva.*



**FIGURA 7:** Saberes locais, 2012. *Fonte: Gabriela Silva.*



**FIGURA 8:** Sabão pronto, 2015. *Fonte: Gabriela Silva.*

Dessa forma, a partir dos recursos locais e dos saberes tradicionais culturais cria-se uma socialização de uma técnica em que além de se trocarem conhecimentos comunitários e se expandir o desenvolvimento de habilidades sobre determinados afazeres, oportuniza-se um espaço de convívio em que aprendizagem ocorre.

A educação dentro da cultura resgata e valoriza aspectos da cultural imaterial de um povo e sua relação com o passado, presente e futuro, fazendo com que a construção do aprendizado aliado ao desenvolvimento sustentável da comunidade seja endógeno e, por isso, crie sentido para quem aprende e apreende.

Ao se utilizarem as condições socioculturais e ambientais como fio condutor comum entre todos envolvidos com a aprendizagem, integra-se o que se aprende nas diversas áreas do conhecimento, passando a oferecer uma estrutura natural para a instrução educacional, usando os próprios recursos ofertados de um ambiente como conceito integrador.

Isso porque, conforme aponta Morin, o conhecimento sucede naturalmente da ecologia, ou seja, considera-se o ponto de vista de suas condições socioculturais e históricas da formação do indivíduo relacionado às suas ideias em interação

constante com a realidade na qual se insere e tudo aquilo que faz parte dela – a organização de suas ideias, juntamente com suas próprias condições (2011:11). Isto é, o conhecimento cotidiano, mistura singular entre percepções sensoriais e construções ideoculturais, emerge incessantemente do mundo da vida, da vida cultural comum. Suas condições socioculturais complementares às condições biocerebrais estão ligadas: as sociedades e suas culturas só existem pois se desenvolvem através das interações entre suas próprias condições de naturezas diferentes entre os indivíduos.

O papel da cultura, portanto, é de fornecer condições para a formação, concepção e conceitualização do conhecimento, modelando os conhecimentos individuais. Ela é capaz de impulsionar o pensamento global a partir do pensamento local, dispondo de modelos mentais que ajudam os seres humanos a apreender novas formas de complexidade (QUÉAU, 2013:461). Em uma relação hologramática e recursiva, a cultura está contida nos indivíduos, assim como os mesmos estão na cultura, sendo interdependentes de seus desenvolvimentos e regenerações mútuas. A cultura ganha vida a partir das introrretroações cognitivas entre indivíduos.

Portanto, utilizar-se dos recursos locais faz com que estes virem instrumentos pedagógicos que se relacionam com a vivência daquele que aprende a partir de uma experiência concreta. Para Flávia Mota, o saber contextualizado na cultura local é o ponto de partida para se ampliar a percepção de mundo agregando outras dimensões do conhecimento. É dessa forma que se desenvolve a capacidade de interesse, pois o sentido da construção do conhecimento estará relacionado com outras vivências do aprendiz, gerando o significado daquilo que se conhece (2014). Tião complementa que tudo aquilo que é ligado à herança cultural daquele que aprende, assim como de sua comunidade, faz com que se aproxime o sujeito “aprendente” do próprio mundo (ROCHA, 2007).

Torna-se possível, assim, um pensamento cuja estrutura é voltada para o contexto ou o ambiente, transformando o pensamento analítico, que, por sua vez, é focado nas partes, já que estas podem ser compreendidas apenas quando consideradas parte de um contexto, de uma totalidade.

Explica-se, dessa forma, os elementos de um sistema sociocultural segundo os ambientes que os circundam e as interações que ali são estabelecidas, devido às condições locais que criam a própria cultura ou identidade de um determinado sistema. Assim, se valoriza aquilo que não pode ser mensurável, considerando-se aquilo que se está presente, mantendo e transformando a realidade por meio dos padrões processuais daquela singularidade.

Enxerga-se o mundo e o universo como um todo interconectado, um padrão energético orgânico não fragmentado, presente em todas as partes. Segundo Schnitman, todas as coisas estão ligadas entre si por um laço que conecta umas a outras, inclusive as mais distanciadas, ou seja, nada está realmente isolado no universo, tudo está em relação. Em outras palavras, tudo está em tudo reciprocamente e ao mesmo tempo (1996: 274-275).

O foco nas relações conjuga uma noção de interconexão, sendo a realidade vista, portanto, como um processo vivo, no qual seu padrão comportamental se materializa por instâncias complementares, interagindo criativamente e gerando diversidade da própria matéria.

Assim, como um todo interconectado, Morin expõe que a cultura mantém a identidade humana naquilo que tem de específico, enquanto as culturas mantêm identidades sociais naquilo que também têm de específico. Aparentemente, as culturas são fechadas em si mesmas com o intuito de salvaguardar sua identidade singular, porém possuem um caráter de abertura que permite que sejam integradas a outros saberes e técnicas, por exemplo, fazendo com que sua assimilação seja extremamente enriquecedora (2011:51).

Bauman complementa: “Nada menos do que uma revolução cultural pode funcionar. A revolução cultural é a transformação do nosso modo de sentir o mundo” (BAUMAN, 2013).

A revolução cultural citada por Bauman traz o sentido da apropriação da própria cultura, fazendo, portanto, com que membros da comunidade local compartilhem conhecimentos, estimulando, assim, o empoderamento individual e coletivo. Empoderar-se nada mais é do que o reconhecer da própria autonomia, ou seja, a capacidade individual e coletiva de transformação da realidade como potencial

de alavancagem para intervir em determinado contexto, a partir da apropriação do poder de decidir e escolher.

O sujeito, assim, passa a ser apto a realizar mudanças e conquistar projetos e anseios por si mesmo, de maneira que possibilita a própria evolução e o fortalecer-se. À medida que toma consciência da organização e da ocorrência do próprio conhecimento, o sujeito domina instrumentos do processo de construção do mesmo, podendo direcionar para a transformação almejada.

Dessa forma, ter consciência do próprio conhecimento faz com que o indivíduo esteja apto a enfrentar riscos e desafios permanentes do erro e da ilusão, das incertezas dos processos e das ocorrências da vida. A mente estando atenta faz com que seja possível modificar tanto o curso do indivíduo, quanto da sociedade da qual faz parte (MORIN, 2011:17).

A Pedagogia do Sabão é utilizada no cotidiano dos projetos, principalmente nas suas ações diretamente com a comunidade. Um exemplo é quando famílias das crianças atendidas pelos projetos participam compartilhando saberes, como uma receita, uma música, uma dança, ou mesmo contando uma história. É uma forma de potencializar saberes do local e otimizar seus recursos existentes. Outra ação é o recolhimento de caixas de leite pelos projetos do CPCD, que são utilizadas para plantio de mudas no viveiro do Sítio Maravilha, Centro de Permacultura do Vale do Jequitinhonha, administrado pela instituição. É uma pedagogia incorporada ao cotidiano do CPCD, que compõe não só ações pontuais, como também uma postura que conduz à transformação.

Adota-se uma perspectiva transdisciplinar, portanto, na qual o saber será constituído a partir do vínculo com o próprio lugar e com a cultura que lhe é particular. À medida que se entra em contato com os elementos de um contexto, junto aos saberes que o constituem, abre-se um espaço comum a todos, no qual é possível conviver e trocar experiências. O aprendizado torna-se maior do que apenas estar no mundo real; usufrui-se desse ambiente a fim de potencializá-lo em suas diversas utilidades, relacionando-o aos interesses daqueles que o apropriam, fazendo com que as partes do mesmo local ativem o fluxo energético

da reconstituição contínua, aprendendo a cuidar e valorizar aquilo que é interdependente na vida de cada um.

#### 1.2.4. A Pedagogia do Abraço

A pedagogia do abraço desenvolve o espírito solidário e afetivo nos grupos sociais, rompendo com a ideologia do autodesprezo que contamina e subjuga, principalmente, crianças e idosos discriminados e miserabilizados.

A Pedagogia do Abraço tem como premissa o investimento na afetividade por meio de palavras, atitudes, afetos e “cafunés pedagógicos”, fazendo das gentilezas a riqueza das relações. A sua aplicação dentro dos projetos educacionais e comunitários possibilita a melhoria da comunicação e a inclusão social, estimula a participação, a formação da identidade, o fortalecimento da autoestima, reduz as diversas formas de violência, favorece a integração da equipe, a idealização de espaço solidário, a relação de iguais entre pessoas diferentes. Facilita a organização do trabalho e todo o processo de aprendizagem (CPCD, 2014).

A afetividade, como afirma Morin, é parte compositora da inteligibilidade, na medida em que se considera que a capacidade de sentir emoções seja indispensável ao estabelecimento de comportamentos racionais (2011:20). É através do eixo intelecto-afeto, sem que emoção ou razão sejam estágios superiores de sobreposição de um ao outro, que o conhecimento irá comportar a interpretação – uma das manifestações da racionalidade.

O afeto está diretamente atrelado ao processo de compreensão humana. Quando a afetividade é exercida, o outro não é apenas percebido objetivamente, mas sim como um sujeito semelhante, a partir do qual é possível a identificação consigo mesmo. Assim, compreender inclui necessariamente um processo de empatia<sup>11</sup>, de identificação e de projeção. Por ser intersubjetiva, a compreensão requer abertura e generosidade.

---

<sup>11</sup> Empatia é movida pela capacidade de conexão entre as pessoas. Requer entendimento de perspectiva, com a habilidade de compreender a posição do próximo, como também uma verdade; não julgar e

Compreender de modo desinteressado e incluindo perspectivas distintas é um caminho para se construir uma ética da compreensão. Ou seja, requiere-se um esforço para a compreensão da incompreensão, fazendo com que se aja com argumentação e refutação, ao invés de agir com julgamento e condenação.

A natureza da compreensão não acusa e nem desculpa, apenas pratica a alteridade, olhando de forma conjunta para apreender tanto o contexto objetivo, como a própria subjetividade humana.

Onésima Mourthe, educadora do CPCD, diz que à medida que se acolhe acontece o encanto de ambas as partes, de quem acolheu e de quem foi acolhido. Para a educadora, o acolhimento é uma pré-condição para acontecer a aprendizagem, que se dá, por sua vez, através da troca (QUANDO sinto que já sei, 2014).

A capacidade de acolhimento é algo que é estimulado pelo CPCD em seus projetos, não só na prática educativa de seus educadores, mas também como princípio entre os projetos. O desenvolvimento do acolhimento torna-se um elemento que será avaliado posteriormente pelos indicadores internos de aprendizagem.

Sobre isso, Tião coloca que:

“Quanto mais produzir afetos, generosidade, mais as pessoas vêm. Eu não conheço nenhuma criança que possa ter aprendido e se desenvolvido plenamente na base do castigo. Agora, eu conheço centenas de milhares que aprenderam e cresceram cidadãos plenos à base do afeto.” (ROCHA, 2007).

Em visita a campo, foi possível observar que o acolhimento e o afeto são premissas das relações que se constroem na rotina. Tanto educadores como crianças, por exemplo, estão atentos ao cuidado com o outro.

Cleia da Silva, educadora do projeto Ser Criança e coordenadora do Coral Meninos de Araçuaí, afirma em depoimento que um dos papéis dela como educadora é observar as crianças e identificar como estão. Quando percebe que

---

reconhecer emoções nas outras pessoas e comunicar isso. Empatia é sentir junto com as pessoas, compartilhar sentimentos e emoções não como algo externo a elas, mas sim num processo de fusão de perspectivas (THERSA, 2015).

há uma criança triste, por exemplo, investiga o seu estado e, a partir daí, cria não só estratégias de diálogo, como também elabora maneiras de como ajudá-la no cotidiano. Assim, desenrolam-se as atividades, e também se torna possível envolver outras crianças e a própria família para ajudar no processo. Essas atitudes extrapolam o espaço e o tempo em que ocorre o projeto, sendo o ato de acolher um ato permanente de relação.

A ausência de fronteira entre a profissão de educador e o compromisso com aquela criança é que permite que o acolhimento aconteça permanentemente e de forma efetiva. O cuidado com o outro passa ser outro valor que possibilita a construção do laço significativo com o próximo.

Nas palavras de Cleia, “com amor, com carinho, com dedicação, você consegue tê-los com você; consegue tê-los próximos. Você tem que pegar pelo coração, se você pegar pelo coração, você tem a criança com você sempre” (SILVA, C., 2015).

Ela ainda conta que as outras crianças do projeto percebem caso um colega precise de ajuda. Segundo a educadora, as crianças cuidam uma da outra, tomando isso como comprometimento com o próximo, de uma forma muito natural:

Tem um menino que tem um problema mental e que na roda, duas meninas se prontificaram para serem o anjo da guarda dele. Você vai ver, para cima e para baixo as meninas ficam com ele. Elas fazem isso com tanta maestria, que você só vê cuidado nelas. Ele se sente muito mais calmo, muito mais confiante; se sente com muito mais carinho, não só pelo educador, mas pelos próprios meninos. A apropriação deles em relação a isso é muito forte, um cuidado excepcional. (SILVA, C., 2015).

Já as crianças do projeto Ser Criança também apontam como a afetividade está inserida no processo de aprendizagem e nas interações, não só com as pessoas, mas demonstrando também o senso de cuidado com o espaço compartilhado:

Como nossa casa. A gente aqui também a gente faz a limpeza do nosso espaço, a gente cuida do nosso próprio espaço que a gente usa. Então é igual nossa casa, que a gente tem um monte de irmãos, né? Vamos dizer assim, um monte de irmãos que nos ajudam, que nos dá conselhos, sempre nos momentos difíceis e que a gente precisa. (CPCD, 2015).

Para mim os educadores são meus irmãos. Se eu tiver um conflito para resolver, eles vão me ajudar e eu vou ajudar a eles. Aí tipo assim, uma

brincadeira nova, se eu não sei essa brincadeira, eu aprendi assim, vou pedir para que eles possam me ajudar. Se eles não puderem eu vou esperar o tempo que for para eles me ensinarem. (CPCD, 2015).

A alteridade e a compreensão do outro, assim, se tornam o fim e o meio para transformações profundas tanto nos próprios indivíduos, na sua condição de ser humano, como no próprio lugar.

### 1.2.5. A Pedagogia do Copo Cheio

O CPCD optou por trabalhar com o IPDH, Índice de Potencial de Desenvolvimento Humano, como um medidor de potenciais formado pela capacidade de acolhimento, convivência, aprendizagem e oportunidade de uma comunidade em contraposição ao referencial IDH, Índice de Desenvolvimento Humano, o qual, segundo o CPCD, mede as carências, o lado vazio do copo. As iniciais destas palavras – Acolhimento, Convivência, Aprendizagem e Oportunidade – formam a palavra ACAO, expressão e palavra-síntese do trabalho a ser desenvolvido. A partir do IPDH da comunidade, base territorial da plataforma, da qual é estruturada a dinâmica organizacional do CPCD, que inclui todos seus projetos e programas de ação educacional e comunitária, é que se constroem as estratégias de ACAO, essência do trabalho dos times de agentes de desenvolvimento local – formados e capacitados para apreender o potencial, sistematizar as competências e desenvolver as ações necessárias, público e protagonistas dos projetos.



**FIGURA 9:** IPDH. Fonte: CPCD, 2013.

Para Tião, quando se olha para o lado vazio do copo, a solução passa a ser encher o copo; porém, acredita o idealizador do CPCD que tal solução não é de fato transformadora. Já quando se olha para o lado cheio do copo, o exercício do olhar torna-se outro: o de enxergar fortalezas e de potencializá-las. Complementa a educadora Onésima que, ao se potencializar o ponto luminoso de cada educando, ele é valorizado como pessoa, o que faz com que ele caiba no mundo, naquilo que sabe fazer de melhor (QUANDO sinto que já sei, 2014).

Essa pedagogia, como todas as outras, também passa a ser utilizada como uma visão comum transversal às ações do projeto. Trabalha-se, portanto, com o foco nas soluções, ao invés da ênfase nas ações sobre os problemas. Como já visto, várias estratégias são traçadas, portanto, para se criar soluções, como as MDIs. Planejamento, execução, monitoramento e avaliação são pautados nos potenciais da ACAO. Dessa forma, também são construídos instrumentos de trabalho, assim como abordagens de intervenção e como se configuram as relações entre indivíduos, comunidade e o próprio lugar.

Olhar para os recursos socioculturais disponíveis de um contexto, sejam eles materiais ou imateriais, significa se voltar para emergências dos efeitos organizacionais, produzidas, por sua vez, pela disposição das partes no seio de uma unidade organizacional (CIURANA *et al.*, 2003:35).

Isto é, conforme dito anteriormente, a autonomia de um sistema faz com que ele se autorregule e se autorreproduza de forma singular, numa dinâmica endógena de desenvolvimento. É assim que o sistema se legitima, especificando-se a si mesmo.

Portanto, direcionar o foco do olhar para abundância acaba sendo uma ação legitimadora das condições de si próprio – do indivíduo, do coletivo, da organização. À medida que se potencializa uma determinada qualidade, estimula-se tanto a autoestima no que se trata da dimensão individual, como o empoderamento numa perspectiva mais coletiva. O querer do indivíduo passa a ser um recurso-chave para o desenvolvimento do local, assim como o desenvolvimento de si próprio.

Dessa forma, o próprio indivíduo torna-se capaz de exibir a racionalidade da dimensão de si mesmo, em um funcionamento de conjunto, num domínio de autoconsciência, aumentando sua capacidade de automanifestação (QUÉAU, 2013:504). Isto é, em consonância com o que propõe a complexidade, quando se cria consciência da relação de interdependência do indivíduo em diálogo com aquilo que o compõe continuamente, desenvolve-se a capacidade de dominar suas próprias habilidades para construir aquilo que se acredita ser a mudança necessária, rompendo e indo na contramão de muitos padrões ainda instaurados socioculturalmente. Ter consciência de poder transformar é de fato tornar-se empoderado.

O olhar para as potencialidades significa construir um novo paradigma. O investimento na ACAO constitui uma nova estratégia. Tal base irá convergir em um propósito maior que engloba e interconecta todos os projetos, no esforço de edificar uma forma de se viver sustentável, em benefício da educação acessível e de qualidade para todos.

Portanto, compreende-se que todas as pedagogias podem ser aplicadas de forma interventiva em algum projeto, ao mesmo tempo em que são base de todo o trabalho realizado, que em convergência possibilita a ampliação de suas ações, aprofundando os impactos desejados na realidade.

Todas as pedagogias traduzem uma visão de mundo e um jeito particular de agir, que permeia toda a organização. Desde seus projetos e programas, como sua estrutura interna e sua maneira de construir – elaborar, executar, avaliar e intervir – a ação, seja ela pedagógica ou organizacional.

### **1.3. Gestão organizacional**

A partir dos fundamentos de base que se traduzem na convicção de que a educação é algo que ocorre a partir das interações e que o desenvolvimento gera oportunidades é que se concretizaram os valores da organização, vistos anteriormente, e a formulação das metodologias e tecnologias inovadoras.

A razão de êxitos do CPCD ao longo de 31 anos de experiência se dá por um trinômio composto por: Formação de Educadores, Participação Comunitária e sua Metodologia Inovadora.

### 1.3.1. Formação de Educadores

A formação de educadores comprometidos com a ética e a técnica do processo de ensinar e aprender, garantindo a aprendizagem contínua pela geração de oportunidades locais, com a utilização dos recursos culturais (saberes, querer e fazeres) como matéria-prima das ações pedagógicas é considerada uma condição essencial para o cumprimento de objetivos, metas e missão desenhadas. Com investimento permanentemente na formação desses profissionais, o CPCD enxerga-os como “aprendizes permanentes, provocadores de mudanças, criadores de oportunidades, construtores de comunidades educativas e cidades sustentáveis, promotores de generosidade e cidadania” (CPCD, 2013).

Tião diz que o educador, à medida que toma a postura de um aprendiz permanente e um bom ouvinte, aprende a transformar saberes, fazeres e querer da comunidade em instrumentos de aprendizagem para todos. A informação é, dessa forma, transformada em conhecimento. Ainda na visão do antropólogo, o educador deve ser um construtor de pedagogias próprias (e não ficar citando autores, como um repetidor de ideias), que se disponha a aprender junto e que curiosamente pesquise todos os dias (ROCHA, 2007).

Ou seja, dessa forma, o bom educador não irá se posicionar como detentor de toda a sabedoria, mas sim será capaz de compreender que todo mundo tem algo a ensinar: “o bom educador é aquele que se propõe a ser um aprendiz; tem que aprender o outro, percebendo sua potencialidade e dando as oportunidades para crescer” (ROCHA, 2007).

A relação entre educador e educando, assim, deve ser de igualdade, compreendendo e reconhecendo as experiências e as personalidades distintas de cada um que irá estabelecer a relação de aprendizagem.

As próprias crianças participantes do projeto Ser Criança reconhecem a relação de equilíbrio entre educador e educando, afirmando que “Não é igual à escola... É lógico que tem que respeitar o professor, mas aqui ele [o educador] é como um amigo grande da gente. Eles ajudam a gente, a gente também ajuda eles, tem todo um balanceado” (BATISTA *et al.*, 2015).

É na aprendizagem com o outro que é possível compreendê-lo e trocar coisas importantes que agregam valor à visão de mundo do indivíduo, tornando-o cada vez melhor. É o reconhecimento múltiplo do próprio ser humano – sua natureza biossocioantropológica – que faz com que o ser humano se reconheça e, portanto, se compreenda (MORIN, 2011:115).

Em sua prática pedagógica, o educador cria condições para as pessoas aprenderem tudo e a todo o tempo, possibilitando que as pessoas se realizem plenamente em todo o potencial humano, sendo a educação, dessa maneira, um fim em si mesmo.

Nessa perspectiva, para Tião, o educador é um provocador de ações, no sentido de gerar processos cada vez melhores e mais efetivos de aprendizado (CPCD, 2014).

Yuri Miranda, educador do Ser Criança, complementa que educador não é aquele que diz: “Vai, voa. Mas fala: Vamos voar junto? A gente não manda as crianças irem brincar; a gente brinca junto com elas. Não é descer no nível da criança; é subir no nível da criança” (MIRANDA, 2015).

Assim, o educador toma uma postura de aprendiz, fazendo parte do processo de aprendizagem da criança e dele mesmo como pessoa e como próprio educador, a fim de aprimorar sua prática. Dessa forma, torna-se uma referência coerente com aquilo que se tem como proposta pedagógica, sustentadas pelas próprias pedagogias.

A formação dos educadores ocorre anualmente, com o intuito de alinhar a metodologia para novos educadores, se for o caso, e de reciclar conhecimentos sobre a teoria e prática educacional.

Segundo Ana Paula Silva, coordenadora do projeto Ser Criança, as formações são como uma convocação da instituição para mudar, para aprender, para criar

e para inovar juntos, lidando com as mudanças dinâmicas e contínuas do mundo, assim como as crianças das novas gerações (SILVA, A.P., 2015). Dessa forma, é possível que a evolução tanto dos educadores, como das crianças possa acontecer conjuntamente.

Já Edilúcia Borges, coordenadora da Cooperativa Dedo de Gente, afirma que nessa formação, que dura quatro semanas, é abordada a metodologia do CPCD (Pedagogias e Tecnologias), constituída de algumas etapas, como: dinâmicas de autoconhecimento e de percepção da identidade; formação de equipe; atitude perante aos desafios, ao seu papel e à realidade em questão; a busca de solução; o planejamento; utilização dos instrumentos do próprio CPCD, entre alguns outros temas. Cada dia de formação possui um objetivo e, caso haja alguma questão ou dificuldade mais latente do grupo, são elaboradas estratégias para trabalhar tal dificuldade, seja, por exemplo, de organização ou relacionamento, entre outras questões que surgirem.

Num processo que convida à autorreflexão e à percepção de si no espaço de onde se vem, a construção do conhecimento no processo de aprendizagem durante a formação vai ao encontro da própria proposta pedagógica aplicada do CPCD: de dentro para fora. Assim, se traduz uma maneira de aprender sem formas ou modelos, mas um aprendizado que se desenvolve nos encontros. Encontros estes que se darão no nível íntimo do indivíduo, assim como nos encontros com quem interage e naqueles com os espaços dos quais convive.

O educador, dessa forma, introduz-se no processo ativação de si como sujeito do próprio conhecimento, correlacionando suas experiências, juntamente com a criatividade, curiosidade e superação de desafios para, num processo de transcendência, incluindo aquilo que lhe precede como parte de si mesmo e simultaneamente atingindo um novo estágio evolutivo (MORAES, 2009:114).

Atualmente, em Araçuaí, toda equipe que compõe os projetos é original do próprio município e cada um já passou por diversas funções, assim como diversos cargos no CPCD. Flávia Mota diz que é uma prática recorrente os educadores serem locais e, em muitos casos, ex-participantes dos projetos do próprio CPCD.

A rotatividade de funções e de projetos faz parte da cultura da instituição, em que todos se apropriam das ações realizadas e que estão em diálogo a todo o momento e em convergência para uma causa comum, em prol de uma comunidade melhor, com pessoas melhores e lugares melhores. Acredita-se que, à medida que se experimentam novos desafios e novas perspectivas segundo a tônica de cada projeto, desenvolvem-se habilidades e capacidades diversificadas, aprofundando o aprendizado individual de cada um, como também se aumentam as possibilidades de lidar com um determinado desafio e, por consequência, a possibilidade de solucioná-lo.

Regina Poluceno, coordenadora do Sítio Maravilha, afirma, por exemplo, que em seu trabalho cotidiano, apesar de ter suas funções específicas perante a equipe, faz aquilo que precisa ser feito: desde cuidar de uma horta a ajudar a preparar o almoço. Onde se precisa de ajuda, Regina está disponível, fazendo com que o trabalho em equipe aconteça (POLUCENO, 2015).

Assim como coloca Ana Paula Silva, coordenadora do Ser Criança:

Eu sou coordenadora mas eu faço tudo. Eu participo de tudo. Desde uma coisa mais burocrática, que é um banheiro que estragou, até uma roda com o prefeito sobre essa questão do projeto, como a gente fez esse ano. Então assim, a gente faz de tudo. (SILVA, A.P., 2015).

O trabalho em equipe, nas relações que se estabelecem horizontalmente, é um outro elemento-chave para se ser um bom educador. Indo além da construção de estratégias de ação e empoderamento comunitário para a transformação social, as relações dadas pelas trocas são as responsáveis diferencialmente pelas mudanças efetivas e significativas.

Na maioria dos depoimentos, pode-se observar a importância que tanto o público atendido como a própria equipe interna dão para as efetivas mudanças a serem realizadas naquilo que é proposto em cada projeto. Na organização, por mais que haja cargos e funções, todos se autodenominam como educadores, aptos a aprender e ensinar à medida que interagem (CPCD, 2015).

Edilúcia, coordenadora, explica:

Não há hierarquia. Estou à frente de um projeto, mas não sou chefe de ninguém. Estar à frente de um trabalho facilita as relações, pois é alguém que se pode direcionar algo; a gente é que vai nos outros

espaços, articula, chama, senta. É essa coisa do construir junto. Eu não sei tudo, eu sou imperfeita, então cada dia eu tenho que aprender mais, cada dia eu tenho que buscar maneiras de solucionar as minhas dificuldades. (BORGES, 2015).

O que Edilúcia explicita em sua fala é que, nas relações cotidianas de trabalho e de socialização, as pessoas têm a mesma postura de aprender e ensinar igualmente. Isto se torna uma prática comportamental inerente a todos os membros do CPCD. É uma postura adotada como ser humano, que vai além do comportamento profissional.

Borges diz que o “construir junto” é o grande diferencial metodológico do CPCD em comparação a outros projetos educacionais, por exemplo. Ela ainda coloca que, na instituição, o indivíduo não se acomoda em uma única coisa, ou seja, está cada vez em um espaço diferente, num trabalho e num projeto diferente, que não se tem especialidade. Isto faz com que haja sempre desafios pela rotatividade de trabalho nos diferentes projetos, assim como das funções. Todos estão igualmente nas mesmas condições: de buscar lidar com novas situações e aprender continuamente com a superação dos desafios e de si mesmo.

A coordenadora complementa que no CPCD não há exigência curricular para fazer parte da equipe da instituição. Ela explica que as condições são a vontade de contribuir, de aprender e de fazer parte de uma transformação maior. Nas palavras dela, a exigência é da “experiência da vida”, transformando os saberes e quererem em potenciais, como “mudar a vida das pessoas, mudar a vida dos jovens, influenciar a vida dos meninos...” (BORGES, 2015).

O compromisso com a vida, em qualquer dimensão que ela ocorra (individual, humana ou ambiental), é evidenciado no cotidiano profissional, já que o que se prioriza é a transformação humana, seja quanto tempo tiver que durar para que ela possa ocorrer, com ações e medidas adotadas para resultados de longo prazo.

Isto é reforçado pela coordenadora do Ser Criança, para quem “trabalhar no CPCD é mais que uma causa própria. Não é uma causa de trabalho. A gente vê como uma causa própria, mas que vai construir uma comunidade melhor sabe? Crianças melhores, pessoas melhores” (SILVA, A.P., 2015).

O comprometimento é realizado em diversos níveis, como entre projetos, entre equipes, entre indivíduos. Nas palavras de Regina:

Todo mundo está contribuindo. Eu posso contribuir nas Fabriquetas, na Cooperativa.... Elas [coordenadoras] podem vir aqui [no Sítio] contribuir. Outros educadores também podem estar. Se precisar a gente está nos lugares [projetos]. Todo mundo está junto (POLUCENO, 2015).

Em outra fala sobre o seu trabalho cotidiano no Sítio: “Eu não estou aqui só para coordenar... Se precisar produzir mudas, vamos fazer um mutirão para produção de mudas. Eu estou em tudo, sempre dando suporte.” (POLUCENO, 2015).

Edilúcia ainda fala sobre a transformação que o CPCD fez na vida das pessoas que passam pela organização, e elucida que o compromisso e a responsabilidade da transformação necessária vai além dos projetos e da rotina profissional: “as pessoas que saem do CPCD, saem com esse sentimento: se eu tenho alguma coisa para oferecer, o outro também tem algo que possa me oferecer” (BORGES, 2015).

Para ela, seu trabalho assume um outro significado:

O bacana é que é um trabalho, mas que ao mesmo tempo acaba sendo um trabalho misturado com um ideal: a gente costuma falar e fazer o que a gente quer para os nossos filhos; qual é a cidade que vamos querer construir? Então se tornou uma causa. Uma causa não só de trabalho, mas uma causa nossa. De querer contribuir como pessoa que essa cidade seja uma cidade melhor e que todo mundo possa viver aqui. Ter uma vida bacana, fazer suas trajetórias. (BORGES, 2015).

Institucionalmente, há uma hierarquia necessária de cargos para fins de organização, na qual cada um tem papéis, funções e responsabilidades distintas (e complementares). Porém, tais diferenciações entre cargos, na prática, não irão limitar ou diferenciar as relações de igualdade, autonomia e ajuda mútua entre os membros, principalmente no que se refere aos objetivos comuns aos projetos, alinhados aos valores transversais da organização. A ideia das diferentes funções é organizar o desenvolvimento do trabalho, através de dinâmicas e fluxos de atividades e de comunicação.

Segundo Flávia, a gestão financeira do CPCD, feita em Curvelo sob a responsabilidade da diretora financeira Doralice Mota, junto a uma equipe de mais 3 funcionários (2015), juntamente com o departamento de recursos

humanos, é feita a gestão e organização da remuneração das equipes do CPCD, a qual é oriunda, por sua vez, dos financiamentos de projetos e das prestações de serviço da própria instituição (como palestras e oficinas, por exemplo).

Os salários são diferenciados por cargos e também há um adicional de quinquênio, que valoriza o tempo de serviço de cada funcionário prestado na instituição. Não há diferenciação de salário para níveis diferentes de escolaridade. Para todos os funcionários do CPCD há benefícios trabalhistas, independentemente dos cargos que tenham, e todos são contratados em regime da Consolidação das Leis de Trabalho (CLT).

Há poucas categorias de cargos, em que os funcionários são: cooperados, educadores, coordenadores e/ou diretores. Mesmo com suas especificações, muitos deles, sem definição prévia, fazem serviços gerais, como manutenção dos lugares ocupados pelo CPCD, almoço, limpeza, entre outras atividades de base – mesmo havendo alguns funcionários (contratados pelo próprio CPCD) com funções específicas de serviços, como as cozinheiras do Ser Criança, responsáveis pela alimentação das crianças participantes do projeto, e os agricultores do Sítio Maravilha, lugar onde são produzidos os alimentos que irão abastecer o próprio Ser Criança. A ideia de rotatividade de cargos, então, contribui para a ampliação de habilidades entre os membros da organização, tornando-os aptos a realizarem uma diversidade de atividades necessárias, diferentemente do que ocorre na restrição de funções.

Os cooperados recebem seus salários através da Cooperativa Dedo de Gente – uma organização gerida por jovens participantes das Fabriquetas, um dos projetos ainda em andamento em Araçuaí e na cidade de Curvelo, (que ainda conta com apoio do CPCD para manter sua atividade em funcionamento, no que diz respeito a cobertura de custos gerais, como contas de água e luz, por exemplo). Porém, a remuneração irá depender do trabalho excedente dos próprios jovens membros da cooperativa.

As pessoas com o cargo de educador, diferentemente dos outros cargos, atuam na educação como fim em sua rotina, planejando atividades, avaliando e sendo facilitador de estratégias de aprendizagens nos projetos do CPCD.

Os coordenadores, por sua vez, possuem um olhar mais abrangente em relação aos projetos, e assim realizam gestão de equipes, articulam e planejam ações integradas entre projetos, gerem parcerias locais e se responsabilizam por funções que se comunicam mais com a totalidade de cada projeto. Estão também em diálogo constante e mais aproximado com os diretores.

Já a direção está em maior contato direto com os parceiros externos, ao mesmo tempo em que faz a gestão geral dos projetos nas áreas administrativa, financeira e pedagógica, e é responsável por representar a instituição externamente.

Não há voluntários no CPCD. Todos são contratados e remunerados, numa gestão realizada pela diretoria. Pessoas e/ou instituições que contribuem com o CPCD são consideradas como parceiros, e a relação é estabelecida para o benefício de objetivos comuns. Dessa forma, as ações executadas em parceria serão realizadas de forma conjunta, desde sua concepção até sua execução, numa relação ganha-ganha, em que as duas partes adquirem vantagens.

### 1.3.2. Participação Comunitária

Outro fator que garante o modo de agir inovador do CPCD é o incentivo à participação comunitária. Por isso, o trabalho com a autoestima e com o empoderamento comunitário é outro forte eixo de atuação.

A partir da valorização dos saberes, fazeres e querereres de uma localidade, com a participação constante e efetiva nas comunidades urbanas e rurais com as quais o CPCD se envolve, acredita-se no empoderamento comunitário como alicerce fundamental para atingir a sustentabilidade das ações propostas. Nessa perspectiva, o público-alvo não é enxergado como beneficiário, mas sim como proponente das etapas das ações, participando de todo o processo de apreensão, consolidação e devolução (*feedback*) de um determinado projeto, por exemplo.

Dessa maneira, crianças, adolescentes e adultos participantes passam a ser sujeitos ativos e parceiros para a realização de todas as etapas do projeto,

apropriando-se de novos conhecimentos, gerando novas tecnologias e formulando indicadores de qualidade (CPCD, 2013).

A participação comunitária ativa é incluída como parte do sistema que irá gerar a transformação local. Para sua efetividade e significância, é preciso que cada parte do sistema seja transformada concomitantemente com o todo, já que cada um se contém de forma retroativa (MORIN, 2011:35).

Isso porque se considera o sujeito não como um reflexo da realidade, mas sim um construtor da mesma. Por isso, a extrema importância de reintroduzi-lo como cognoscente em todo o conhecimento. O conhecimento passa a ser sua própria organização, reconhecendo que a experiência também é uma fonte da construção do saber (CIURANA *et al.*, 2003:37).

Portanto, tanto as partes como o todo são elementos de um mesmo processo organizacional, que vão além da retroatividade e se relacionam recursivamente, em produções e autorreproduções. Na sua dinâmica evolutiva, as transformações irão contemplar todos os elementos que fazem parte do mesmo processo, do mesmo sistema. Permite-se, dessa forma, apropriação e desenvolvimento de autonomia e de habilidades para lidar com a própria realidade.

Além de atuação através dos projetos, a relação cotidiana com a comunidade se dá através de redes locais que atuam em prol do desenvolvimento da cidade, das quais o CPCD participa, como conselhos participativos, reuniões comunitárias, eventos, entre outros.

Em entrevista, a chefe de gabinete da prefeitura de Araçuaí, Maria Ivanete Oliveira, salientou que a atuação do CPCD na cidade e todos os benefícios que eles trazem em seus projetos para os públicos com os quais trabalha, na visão do poder público local, foram reconhecidos e aprovados. Ivanete assumiu em sua fala que a prefeitura deveria ampliar a parceria com a OSCIP para que os resultados de impacto positivo no município pudessem ser ampliados.

Já em conversas informais na comunidade, a grande maioria da população conhece projetos realizados pelo CPCD, como o Ser Criança, as Fabriquetas e

o Cinema, principalmente. Porém, não o reconhecem como instituição. Muitos nunca ouviram em falar do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento como uma entidade que abarca todos esses projetos. Conseguem, em alguns casos, correlacionar alguns projetos com outros.

Em relação a esse fato, a coordenadora da Cooperativa Dedo de Gente afirma que não é uma estratégia e uma preocupação divulgar a organização para a própria comunidade. Mas que eles se fazem conhecidos e reconhecidos à medida que tecem parcerias sólidas no cotidiano da própria instituição.

### 1.3.3. Metodologia Inovadora

Construídas ao longo do tempo a partir de práticas empíricas, as ações metodológicas que sustentam a atuação do CPCD são vistas como fruto de um processo permanente de aprender-fazendo, a partir de um ciclo que se chama de “ação-reflexão-ação”<sup>12</sup>.

O CPCD acredita que refletir sobre a prática faz com que se traga para consciência de forma crítica aquilo que se aprendeu e aquilo que se pode melhorar a partir das ações realizadas. Assim, a próxima ação planejada será valorizada pela sua avaliação. Essa metodologia se dá nas atividades de gestão de projetos, mas também é uma ação pedagógica praticada cotidianamente, sendo inserida no processo educacional e na forma que o ensino e aprendizagem acontecem.

As pedagogias já apresentadas, junto a suas tecnologias sociais, resultam da busca sistemática de formas e jeitos novos de produção de aprendizagens e geração de oportunidades; da utilização dos “saberes, fazeres culturais e querereres” das comunidades-alvo, como matéria-prima das ações pedagógicas; e do diálogo como princípio de pluralidade e gerador de novas práticas educativas e de desenvolvimento (CPCD, 2013).

---

<sup>12</sup> O ciclo faz referência ao que foi explicitado anteriormente, incluindo o processo de síntese no processo de aprendizagem; porém é popularmente chamado como “ação-reflexão-ação” pelos membros do CPCD, fazendo menção entre a união da teoria e prática, como vieses pedagógicos que compõem a proposta em si.

Como define Tião, a educação só ocorre no plural, ou seja, no exercício que se dá pela interação, pela troca e pela convivência, fazendo com que todos aprendam de forma conjunta. Ele ainda complementa que “educação não é aquilo que eu ou o outro sabemos, mas o que nós conseguimos trocar e aprender juntos, é na soma ( $1 + 1 = 3$ ) que se aprende junto com o outro e se produz o milagre da educação” (ROCHA, 2007).

Isto corrobora a afirmação de Morin em relação à construção do conhecimento como produto de todos os processos envolvidos, e não como a soma de conhecimentos individuais (2011:137).

Com o fundamento nessa ideia, acredita-se que o importante de trabalhar o potencial da aprendizagem conjunta é disponibilizá-la como possibilidade concreta para criar uma vida melhor para todos que compartilham um mesmo espaço, uma determinada localidade. Permite-se, assim, a construção de uma cidade que seja sempre educativa, onde todos aprendem, ensinam e se desenvolvem continuamente para um bem comum.

Ao mesmo tempo, é importante destacar o caráter de abertura que possibilita o diálogo com sistemas externos, porém interdependentes, agregando novas experiências e em diálogo constante com o mundo atual. Dessa forma, as medidas são pautadas em diversas dimensões contextuais.

Ou seja, ressalta-se o fato de que “a cultura existe apenas por meio das culturas” (MORIN, 2011:51). A cultura local, portanto, também está em dialogia com outros sistemas e se compõe mutuamente.

A construção conjunta do conhecimento é algo muito claro para todos do CPCD, que se funde entre aqueles que fazem parte dos projetos: crianças, educadores, jovens, mulheres da roça, funcionários, famílias, membros da comunidade em geral. Em visita a campo, é muito comum ouvir que o diferencial do CPCD, comparado a outras práticas educativas como a escola ou outros projetos de educação informal, é que tanto resultados atingidos como os processos – desde a aprendizagem, como a transformação social a ser feita – ocorrem de forma coletiva, a partir da solidariedade, da ajuda mútua e da troca.

“O fazer junto”, como já visto, é uma premissa para a transformação necessária, tanto nas escalas individuais como comunitárias e espaciais, não se delimitando às práticas das relações profissionais. Acredita-se que é através do trabalho em equipe que se pode realizar mudanças verdadeiramente significativas para o desenvolvimento de pessoas melhores e de lugares melhores para se viver.

Atuando no presente, mas com visão de futuro, permite-se a concretização de mudanças verdadeiras que agregam relações em escalas individual, comunitária e espacial (ambiental), com respeito às condicionantes observadas naquilo que compõe a realidade, junto ao seu reconhecimento dinâmico de transformação constante. Assim, a partir da descoberta contínua pela liberdade de experimentar é que se dá o desenvolvimento local e o processo de aprendizagem permanente.

Em entrevista realizada com Yuri Miranda, o educador discorre justamente sobre sua crença de que a educação ocorre a partir do lugar, porém ditada pela utopia possível, ou seja, pela busca da realização dos sonhos de cada um.

A base de sustentação dessa concepção de educação e de intervenção para o desenvolvimento comunitário é regida por valores intrínsecos e que dialogam com a estrutura de organização do CPCD, fazendo com que a coerência entre a prática e suas propostas também faça parte de seus processos gerenciais e operacionais. A transparência em suas ações, então, passa a ser um grande valor para o CPCD. Todas as informações financeiras da organização, por projeto concebido e executado, evidenciando os investimentos alocados, estão disponíveis de forma contínua ao acesso do público. Os balanços e auditorias, realizados desde 2006, ficam disponíveis periódica e permanentemente no site institucional<sup>13</sup> (CPCD, 2015).

De forma articulada, tais valores e princípios possibilitam um encadeamento de projetos de forma contínua, estruturados a partir da cultura local, que repercutem positivamente nas relações entre os atores envolvidos e, ao mesmo tempo, permeiam a finalidade em convergência de todas as ações: a transformação social.

---

<sup>13</sup> <[www.cpcd.org.br](http://www.cpcd.org.br)>

#### **1.4. Financiamento e Sustentabilidade**

O CPCD possui algumas diferentes origens de viabilização de seus projetos, como editais, prêmios, contratações por consultorias e geração de recursos próprios.

A Petrobrás é a principal financiadora da entidade, desde 2004, investindo em projetos nas cidades de Araçuaí e Curvelo, atualmente. Pelo reconhecimento da excelência das ações através dos projetos da instituição, juntamente com seus resultados e impactos de grande significância, a empresa renova seu contrato há 11 anos com o CPCD. A diretora administrativa do CPCD afirma que é uma prática anual da empresa convidar projetos de êxito para a renovação do financiamento, o que já ocorreu diversas vezes entre a relação de parceria.

Alguns outros projetos são financiados pela FEC, Fundação Estadual de Cultura, que financia o Cinema de Araçuaí, e pelo FIES, Fundo do Itaú Social, que dá suporte para a Cooperativa Dedo de Gente.

O mesmo ocorre em outros estados e localidades. No Maranhão, por exemplo, a Vale do Rio Doce financia os projetos do CPCD, que ocorrem em 8 dos seus municípios, em áreas de atuação da própria empresa, enquanto em Raposos (MG) quem apoia os projetos do CPCD é a Anglo Gold. Já em São Paulo, em Vargem Grande, especificamente, o Instituto Viva a Vida, braço socioambiental da Natura, está presente na viabilização da ação do CPCD.

A realização de palestras e cursos, por exemplo, também é cobrada em muitos casos, fazendo com que tais recursos retornem à instituição para manutenção de seus projetos. Esses recursos são muitas vezes usados em caso de projetos terem seus financiamentos cessados por parceria externa, permitindo que a organização invista e dê continuidade àquilo que verifica ser interessante a partir de sua proposta.

Mesmo assim, a sustentabilidade financeira dos projetos é um grande desafio para o CPCD. Embora a instituição gere recursos próprios com a Cooperativa Dedo de Gente e com os serviços prestados, tenha projetos de geração de renda

local como as Fabriquetas e gere sustentabilidade local a partir dos recursos existentes como as ações na zona rural e o Sítio Maravilha, ainda há uma dependência significativa para os projetos acontecerem nas cidades em que atuam.

O CPCD enxerga a sustentabilidade como sinônimo de autonomia e competência para assumir a condução dos próprios projetos e destinos. Assim sendo, à medida que a organização está ativa na atuação de determinado projeto, todo esforço feito visa a apropriação e autonomia comunitária na gestão e condução do mesmo, fazendo com que, desse modo, a médio e longo prazo, as ações desencadeadas se tornem políticas comunitárias (CPCD, 2013).

Ou seja, quanto mais se equipar e preparar as comunidades-alvo, mais cedo a organização poderá se retirar institucionalmente. Sua premissa é: “Se há sempre motivos para se iniciar um projeto social em qualquer comunidade o que justifica a nossa entrada, quando – na hora e momento – vamos sair porque a comunidade se apropriou do projeto?” (CPCD, 2013).

Dessa forma, para alcançar a autonomia almejada, são trabalhados quatro diferentes âmbitos de sustentação, que devem se relacionar de forma integrada: conceituais, técnicos, financeiros e comunitários (ROCHA, 2007).

A sustentabilidade financeira deve ser uma derivação lógica da qualidade das tecnologias implementadas, que, por sua vez, são de baixo custo e de alto impacto social.

Para a sustentabilidade conceitual e técnica, o uso tanto das pedagogias, como das tecnologias de sucesso consolidadas pelo CPCD contribuem para a sustentação de projetos e propósitos, já que atuam na direção ética e das transformações individuais e comunitárias de forma positiva. A coordenadora do Ser Criança exemplifica:

A sustentabilidade do Ser Criança começa a partir do momento que nós estamos inseridos na rua dos meninos [das crianças do Ser Criança]. A gente vai para mobilizar essa comunidade. Mobilizar as crianças e mobilizar a família. Então, a sustentabilidade vem disso. A partir da prática que a alimentação dos meninos é toda alternativa, a partir da prática que a gente tem que economizar água, captar água da chuva. É a partir de pequenas práticas do dia a dia que a gente insere, ensina e aprende junto com os meninos e que fazem é que vai surtir

esse efeito e vai acontecer essa sustentabilidade pensando em pequena escala, mas que vai produzir uma grande transformação depois no futuro. (SILVA, A.P., 2015).

Outro fator relevante é a capacidade de gerar recursos próprios, alavancando recursos já existentes e constituindo parcerias, frutos das próprias implementações de projetos realizados no desenvolvimento de comunidades nas áreas de educação, cultura e sustentabilidade (ROCHA, 2007).

A autonomia dos projetos em relação à intervenção do CPCD é algo em pauta permanente para a organização, mesmo que ela já tenha sido atingida em diversas localidades em que a organização já esteve presente, e é encarada com um grande desafio. Muitos dos projetos em que o CPCD não intervém de forma mais direta continuam a caminhar de forma autônoma, pelo trabalho de empoderamento e desenvolvimento de habilidades e competências para que seus membros possam dar continuidade às suas ações, ou mesmo pela sustentabilidade viabilizada por recursos locais. Muitos deles são reconfigurados conforme a própria evolução do trabalho e adaptados às novas necessidades e desafios.

Mesmo assim, os projetos hoje ainda interligados ao CPCD discutem frequentemente como fazer para se tornarem sustentáveis, abarcando tanto a dimensão financeira, quanto as dimensões de permanência e durabilidade de ações em prol das necessárias mudanças comunitárias. Novamente, são pautas que envolvem todos os atores vinculados a instituições, como se estende em muitos casos um assunto importante para a comunidade como um todo.

Em cada Fabriqueta, por exemplo – de software, o cinema, serralheria, tinta de terra e sucata de ferro –, assim como em toda a Cooperativa Dedo de Gente (composta por tais Fabriquetas), há uma permanente discussão sobre estratégias para a sustentabilidade da organização e seu desvinculamento financeiro do CPCD. Isso porque, atualmente, a Cooperativa não consegue se sustentar sem o apoio da OSCIP, que capta recursos para manter o projeto existente.

Já Ana Paula Silva (2015), do Ser Criança, afirma que é um desafio para ela própria, junto com outros coordenadores e educadores, buscar constantemente

parcerias externas, assim como outros meios de patrocínio – como concorrer a editais –, de forma desvinculada ao CPCD, como instituição proponente.

Já as ações atuais na zona rural em Araçuaí e arredores, apoiadas pelo CPCD, constituem exemplos de ação em que não há subsídio externo, mas sim custeamento pela organização. Suas medidas são baseadas nos resultados em evolução do antigo projeto chamado Caminho das Águas, que tinha como objetivo contribuir para a transformação social da região de Araçuaí através de ações que garantissem a segurança hídrica e promovessem a recuperação dos ambientes da bacia do rio Araçuaí e o uso racional dos recursos disponível na região (CPCD, 2013). Para isso, formaram-se agentes locais, sendo estes os próprios proponentes das ações transformadoras, reaplicando tecnologias sociais sustentáveis para o desenvolvimento de uma vida de forma mais saudável e em consonância com a natureza, como a recuperação de nascentes da região.

Hoje as ações se configuram tendo como foco a geração de renda das mulheres agentes de desenvolvimento local. A tentativa é a de construir conjuntamente estratégias para o escoamento de produtos orgânicos advindos de seus próprios quintais (construídos por elas mesmas durante o período do projeto), nas feiras da cidade.

Percebe-se, nesse caso, que muitas das ações propostas pelo Caminho das Águas foram consolidadas e que hoje surgiram novas necessidades, resultados consequentes do próprio projeto. Com uma visão de futuro, entende-se que é de grande importância transformar e adaptar-se para lidar com as novas reconfigurações da realidade e do presente, agindo de forma a superar os desafios atuais e ao mesmo tempo construindo autonomia que suporte novas ações, visando sempre a sustentabilidade.

A coordenadora do Ser Criança explica:

Porque quando o CPCD escreve um projeto ele tem que ter início e tem que ter fim. O patrocínio acaba, mas continua. O Caminho das Águas, o projeto acabou. Mas hoje o trabalho continua. As nascentes, o cercamento, o cuidado das nascentes continua. (SILVA, A.P., 2015).

## **1.5. Parcerias**

O CPCD, como uma organização de caráter aberto, como ela própria se denomina, busca de forma constante parcerias locais, assim como parcerias externas, sejam elas no formato de financiadoras ou mesmo colaboradoras. Há um fluxo bem dinâmico de entrada e saída desses parceiros, que se dão de diversas maneiras, contribuindo direta ou indiretamente com os projetos e de forma pontual ou contínua.

Flávia (2015) afirma que há um fluxo contínuo de encaminhamento de projetos para editais e possíveis parceiros. Já os parceiros de apoio local estão sempre aumentando, sendo incluídos na plataforma à medida que se propõem a agregar ideias e propostas para o desenvolvimento da comunidade local.

A lista de parceiros é longa, sendo que os atuais e principais, que atuam de forma mais direta, são:

### **Parceiros de aporte financeiro:**

1. AngloGold Ashanti
2. Petrobrás
3. Fundação VALE
4. Instituto Viva a Vida

### **Parcerias de apoio, divulgação e/ou assessoria técnica:**

1. Ação Social Santo Antônio – Araçuaí
2. Área de Preservação Ambiental da Chapada do Lagoão (APA) – Araçuaí
3. Apel Gestão de Projetos
4. Associação Comunitária e Infantil de Araçuaí (Associar)
5. Banco de Êxitos S.A, – Solidariedade e Autonomia
6. Biohabitate
7. Cáritas Diocesana – Araçuaí
8. Conselho Municipal da Criança e do Adolescente (CMDCA) – Curvelo
9. Colégio Nazareth – Araçuaí

10. Congregação Redentorista – Araçuaí
11. Cooperativa Dedo de Gente
12. Escola Família Agrícola (EFA) – Araçuaí
13. Fundação Banco do Brasil
14. Fundação Schwab
15. Grupo Ponto de Partida
16. Hospital São Vicente de Paulo – Araçuaí
17. Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG)
18. Sindicato dos Trabalhadores Rurais – Araçuaí

### **1.6. Prêmios e Destaques**

O CPCD, desde seus anos iniciais de atuação, tem reconhecimento tanto de parceiros como de apoiadores de seus projetos, programas e plataformas, assim como de instituições admiradoras de sua inovação, fazendo com que ganhasse prêmios significativos na área de educação, desenvolvimento comunitário e sustentabilidade, tendo um grande potencial de disseminação, com possibilidade de reaplicação de pedagogias e tecnologias consolidadas em outras organizações e localidades.

Segundo o educador Yuri, é a partir da realidade de cada comunidade que a prática educativa irá surgir. Ou seja, ele defende que é muito particular a forma como se faz educação, dependendo de um conjunto de elementos, como, por exemplo, a cultura, as necessidades e os recursos de cada localidade:

Talvez a melhor escola de Belo Horizonte não sirva para Araçuaí. E a melhor de Araçuaí pode não servir para São Paulo. Tem que ser de acordo com a cultura local, com as pessoas que vivem ali, e elas fazem essa escola. (MIRANDA, 2015).

Dessa forma, compreende-se que a educação emerge da própria comunidade e de tudo aquilo que a constitui, criando um espaço de diálogo dilatado para a troca e interação e, assim, usufruindo daquilo que faz sentido para a compreensão do indivíduo, a partir do próprio lugar.

É justamente essa concepção de flexibilidade que permite que haja um grande potencial de disseminação do projeto. Edilúcia Borges (2015) aponta que não há receita pronta, mas sim descobertas contínuas e variadas de fazer a mesma

coisa. Exercitar diversificar as maneiras de pensar e de lidar com uma determinada questão estimula a criatividade e a inovação. Afinal, é uma propriedade da auto-organização se criar e recriar constantemente.

Ou seja, as pedagogias, tecnologias e a metodologia em geral do CPCD, flexível e aberta a novas estruturas e configurações, permitem a readequação a diferentes realidades e comunidades, as quais, por sua vez, vão encontrar de forma endógena qual ou quais são as melhores formas de construir a prática educativa.

Yuri (2015) discorre em um momento que a metodologia que o CPCD hoje utiliza surgiu da descoberta a partir da experiência: da tentativa e do erro, da busca de respostas, de coletivamente pensar em soluções para desafios. Assim, foram se desenvolvendo as melhores maneiras de lidar com os diferentes aspectos da realidade e de construir um jeito específico para a evolução do próprio trabalho.

A lista de prêmios e seu histórico vai abaixo e pode ser encontrada no site da organização:

**1987** – Projeto Sementinha – **Exemplo de Modelo Educacional** para os países de terceiro mundo – Organização Mundial de Educação Pré-escolar (OMEP).

**1989** – (abril) – **Medalha Insígnia da Inconfidência** – 200 Anos da Inconfidência Mineira, Ouro Preto/MG.

**1989** – (outubro) – **1º lugar** no “**Concurso para Uma Universidade na Ceilândia/DF**” com o projeto “Universidade Comunitária da Ceilândia”. Universidade de Brasília/UnB.

**1994** – (fevereiro) – **Tião Rocha** é personagem do programa “**Gente que Faz**” da TV Globo, patrocinado pelo Bamerindus.

**1995** – **Prêmio Criança** – Área de Educação – Fundação Abrinq Pelos Direitos da Criança.

**1995** – (novembro) – **Prêmio Fundação Odebrecht / UNICEF** – “O Adolescente por uma escola melhor”: Projeto Ser Criança.

**1995** – (novembro) – **1º lugar no 1º Prêmio Itaú-Unicef** “Educação e Participação”, entre 406 concorrentes de todo o Brasil.

**1996** – (agosto) – **Medalha da Ordem do Mérito** Legislativo Municipal de Curvelo.

**1998** – (novembro) – **Homenagem concedida ao CPCD** pela Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança.

**2001** – **Tião Rocha** é eleito membro da **Ashoka Society**.

**2001** – (julho) – **Tião Rocha** é eleito um dos 20 **Líderes Sociais do Brasil**, integrando, em caráter permanente, a Plenária do Fórum de Líderes Sociais do Brasil. Iniciativa pioneira e resultado da parceria entre Ashoka Empreendedores Sociais, Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social e o Fórum de Líderes Empresariais Gazeta Mercantil.

**2001** – (agosto) – **Prêmio Nacional de Criatividade Aplicada** – COPAJOG: Projeto “Bornal de Jogos: brincando também se ensina”.

**2001** – (novembro) – O Projeto Bornal de Jogos – Brincando Também se Ensina recebe a certificação pela **Fundação Banco do Brasil de Tecnologia Social**, em sua primeira edição.

**2001** – (dezembro) – **Prêmio SIFE Brasil** – “Dia de Fazer a Diferença” – Categoria ONG: Projeto Agentes Comunitários de Educação.

**2002** – **Tião Rocha** é eleito **Líder Avina**.

**2003** – (novembro) – **Diploma da Medalha do Mérito Municipal** “Dia da Cidade” na categoria institucional ao CPCD.

**2005** – (junho) – **4º Prêmio Marketing Best de Responsabilidade Social** para projeto “Araçuaí: De UTI Educacional a Cidade Educativa” / Petrobrás

**2005** – (novembro) – **Prêmio Fundação Banco do Brasil** de Tecnologia Social / **Tecnologias Finalistas**: Empório Solidário e Pedagogia da Roda // **Tecnologias Certificadas**: Banco de Solidariedade, Banco do Livro, Bornal de Jogos, Indicadores de Qualidade de Projetos Sociais/IQPs e Plano de Trabalho e Avaliação/PTA.

**2006** – (setembro) – Projeto “Araçuaí: Cidade Educativa” escolhido entre 250 cidades candidatas do mundo, como um dos 4 **projetos exemplares apresentados no 9º Congresso Internacional de Cidades Educadoras**, em Lyon, França.

**2006** – (abril) – **Tião Rocha** é personagem do Programa “**Grandes Mineiros**” da TV Globo, com patrocínio da Vale.

**2007** – (abril) – **Tião Rocha** recebe a **Medalha de Honra da Inconfidência**.

**2007** – (novembro) – **Tião Rocha** recebe o **Prêmio Empreendedor Social Brasileiro de 2007**, 3ª edição, pela Fundação Schwab (Suíça) e Jornal Folha de São Paulo.

**2007** – (dezembro) – Educare – **Prêmio Nacional de Excelência na Educação** – Premiação Especial ao Projeto “Araçuaí: de UTI Educacional a Cidade Educativa”.

**2008** – (junho) – Reconhecimento internacional do Projeto Arassussa pelo Programa **Ulysses, da Price Waterhouse Coopers**.

**2009** – (julho) – **Manifestação de Aplauso pelos 25 anos da fundação do CPCD** e pelo louvável trabalho desenvolvido em prol da cidadania – Assembleia Legislativa de Minas Gerais.

**2009** – (novembro) – Prêmio **Destaque no Marketing 2009** – Projeto “Arassussa – Araçuaí Sustentável” / Petrobrás Categoria Responsabilidade Social.

**2009** – (dezembro) – Cinema Meninos de Araçuaí conquista o **1º e 2º lugares no Concurso Cultural “Histórias que mudam o Mundo”**, promovido pelo Museu da Pessoa, respectivamente com os vídeos “Aquele Vontade” e “Ausência”.

**2009** – (dezembro) – Programa Globo Rural Retrospectiva 2009 – **Tião Rocha** é eleito como **personagem mais marcante do ano de 2009**.

**2011** – (março) – Prêmio **“Globe Award”** – Categoria Cidades Sustentáveis – Finalista, Projeto Araçuaí Sustentável.

**2012** – (fevereiro) – Prêmio **BH Cidade Educadora**, pelo projeto Bornal de Jogos / Mercantil do Brasil Educacional.

**2012** – (maio) – **Member of European Network of Living Labs (ENoLL** – Bélgica), Projeto Cuidando do Futuro.

**2012** – (agosto) – **4º Prêmio ODM**, Objetivos de Desenvolvimento do Milênio Brasil, Finalista, Projeto Cuidando do Futuro.

**2013** – (novembro) – Prêmio **Itaú/Unicef “Educação & Participação”** – Categoria Regional Sudeste, Projeto Ser Criança.

**2014** – (agosto) – Prêmio Nacional de **“Projetos com Participação Infantil”** – Menção Honrosa, Projeto Ser Criança.

## 2. ARAÇUAÍ

Araçuaí está na região do Vale do Jequitinhonha (bem no centro do Vale, região do Médio Jequitinhonha), nordeste de Minas Gerais, como demonstrado no mapa a seguir:



FIGURA 10: Mapa do Estado de Minas Gerais. Fonte: MINAS GERAIS, 2015.

Fundada entre os anos 1830 e 1840, a cidade está localizada mais precisamente na confluência do Ribeirão do Calhau junto ao Rio que leva o nome da cidade, se configurando numa longa planície situada entre duas altas chapadas: a do Piauí ao leste e a do Candonga a oeste, com altitude de 314m (PREFEITURA DE ARAÇUAÍ, 2014).

Segundo dados da prefeitura, o Rio Araçuaí tem 130m de largura e transborda nas épocas de chuva, podendo causar enchentes, enquanto o Ribeirão do Calhau corre somente algumas vezes no ano. Localizados na Bacia do Jequitinhonha, os ribeirões Calhauzinho, Piauí, Gravatá e Setúbal também cortam o município.

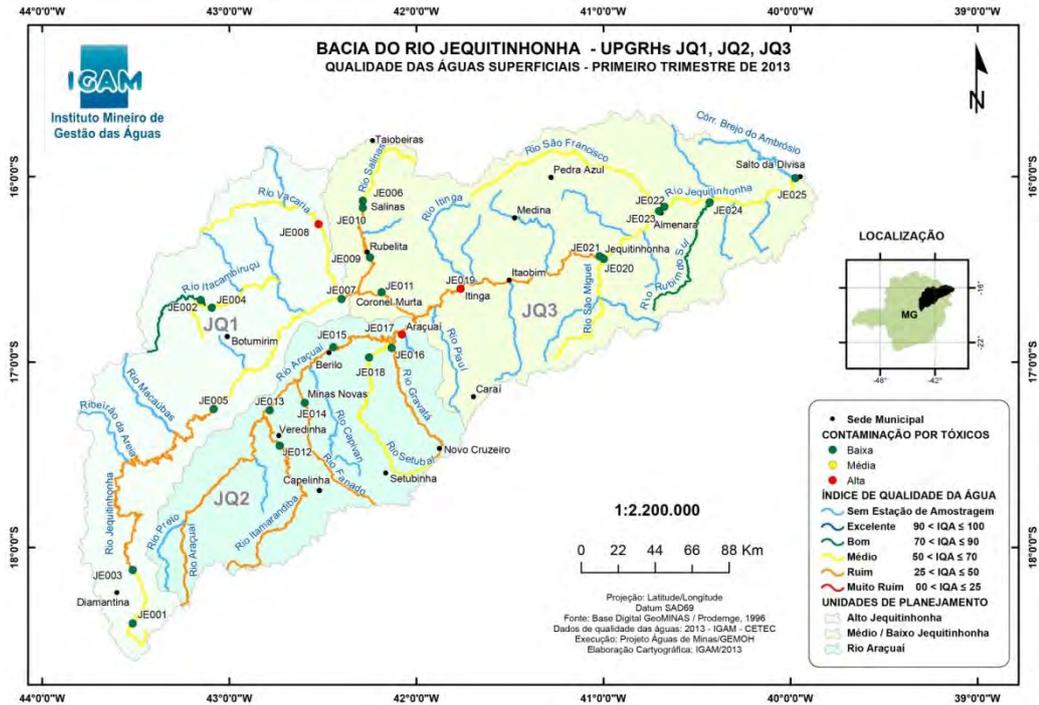


FIGURA 11: Rio Araçuaí. Fonte: INSTITUTO MINEIRO DE GESTÃO DAS ÁGUAS, 2015.

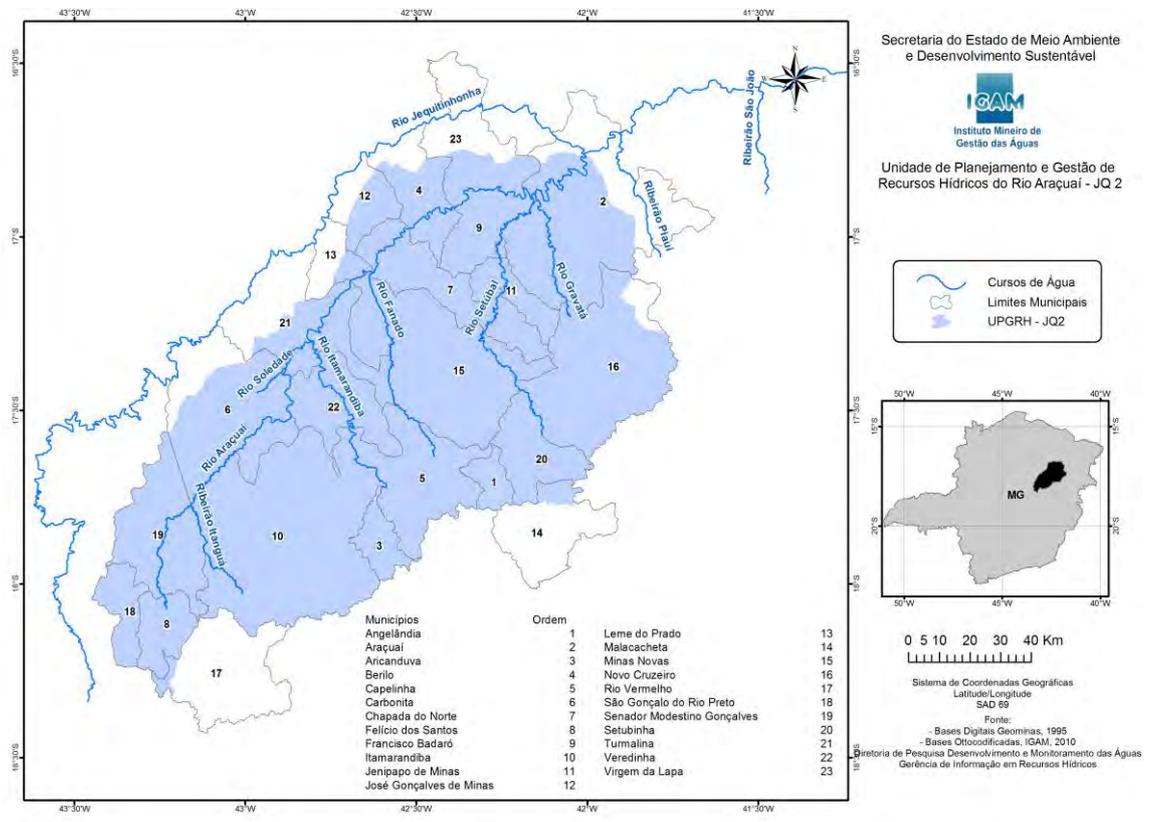


FIGURA 12: Bacia do Jequitinhonha. Fonte: INSTITUTO MINEIRO DE GESTÃO DAS ÁGUAS, 2015.

Dados históricos demonstram que, em 1871, quando foi elevada à categoria de cidade, Araçuaí progrediu em população e comércio dentro de poucos anos, chegando ao seu auge com a navegação do Jequitinhonha e sendo, por isso, reconhecida como a capital de todo o Nordeste de Minas Gerais, até 1911. Com 23.298 km<sup>2</sup>, segundo dados estatísticos de 1890, era o quinto maior município do estado após Januária, Paracatu, Teófilo Otoni e Montes Claros. Estatisticamente, ocupava o quarto lugar no número de comerciantes nos municípios mineiros, possuindo 261 comerciantes (PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAÇUAÍ, 2015).

Porém, há mais ou menos 30 anos, pela abertura da rodovia Rio-Bahia, apenas a 75 km da cidade de Araçuaí, o velho centro do Norte de Minas perdeu muito sua importância econômica no estado.

Atualmente a economia da região, segundo estudos da área realizados pelo CPCD (2013), tem como a maior expectativa de renda o corte de cana no interior de São Paulo para a maior parte dos jovens e homens. Cerca de 5 mil homens saem de Araçuaí anualmente para esta atividade e permanecem de abril a novembro longe de casa, dos filhos, da esposa e da família. Do Vale do Jequitinhonha saem mais de 80 mil homens/ano para o corte de cana, segundo estimativa da Pastoral do Migrante. A maioria trabalha nas piores condições humanas.

Outras atividades econômicas existentes em Araçuaí são a agrícola de subsistência e a pecuária extensiva, porém com comércio limitado, sendo de baixa contribuição para a geração de renda local, mesmo considerado um vetor de desenvolvimento econômico regional. O artesanato feito na região também é pouco valorizado. Segundo dados da prefeitura, há também a exploração mineral, que, por sua vez, ocorre de forma artesanal e informal, sem valor agregado à matéria-prima e com a extração de forma insustentável, com grandes prejuízos ao meio ambiente. Mesmo na informalidade, esta economia é responsável pela metade da riqueza que circula na região (PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAÇUAÍ, 2015).

Devido a isso, o índice de pobreza da população tanto rural quanto urbana não se alterou muito nos últimos anos, já a procura por qualquer tipo de trabalho é sempre muito maior que a oferta, além de que a geração de emprego e renda está praticamente inalterada. O comércio informal foi o único que proliferou, fazendo com que seja a fonte de renda de muitas famílias, com a produção de produtos caseiros e serviços esporádicos. A grande maioria da população possui renda familiar em torno de um salário mínimo (CPCD, 2013).

Por conta desse panorama, a região do Vale do Jequitinhonha, conhecido como o “vale da miséria” aos olhares externos, protagoniza estatísticas nacionais e internacionais em relação às categorias de empobrecimento, miserabilidade e carências humanas variadas, já sendo citado como um dos cinco maiores bolsões de pobreza do mundo. Isso porque, além da sua situação econômica, o problema da seca do semiárido deixa a população vulnerável socialmente e muito fragilizada em relação às questões de desenvolvimento.

Hoje, o município constitui-se de uma área de 2.326 km<sup>2</sup>, com quase 34% da população vivendo na zona rural, composta por 66 comunidades, a maioria situada em lugares de difícil acesso, devido à precariedade das estradas e caminhos. Araçuaí possuía 36.041 habitantes segundo o censo do IBGE de 2010, e estima-se que atualmente a população se aproxima de 40 mil habitantes. Indicadores sociais evidenciam o IDH local 0,687 e a taxa de analfabetismo sendo 35,3%. Mais da metade da população (cerca de 51%) possui renda familiar de ½ a 1 salário mínimo, enquanto 1/5 das famílias possui renda inferior a ½ salário; 25% das casas possui rede pública de esgoto, a maioria utiliza fossa rudimentar (45%), 10% utilizam fossas sépticas e 15% do esgoto fica a céu aberto; assim como lixo, que se “limpa” nas enxurradas de chuva; e 30% dos lares são constituídos apenas por mãe e filhos (CPCD, 2013). Pode-se observar que Araçuaí reflete explicitamente a situação de muitas cidades brasileiras, através dos dados que evidenciam a precariedade de vida nos seus diversos âmbitos.

A configuração climática e geográfica também acaba sendo outro fator agravante socioambiental para a região. Isso porque o clima de Araçuaí, quente e seco, com pequeno período de chuvas que vai de outubro a março, porém com maior

concentração pluviométrica entre dezembro e fevereiro (50% das chuvas no total do período), possui um período longo de estiagem, com predominância de uma baixa umidade relativa do ar. As precipitações anuais não chegam a 1.000 mm, com déficit hídrico em torno de 600-700 mm, fazendo com que o solo seja pouco fértil (PROJETO CAMINHO DAS ÁGUAS, 2015).

No semiárido, a predominância do cerrado, porém com a presença de alguns trechos de savana arborizada, florestas de galeria e áreas de caatinga, junto a sua composição geográfica, com planícies de pasto estendidas, faz com que haja estágios avançados de desertificação, sendo a caatinga o bioma mais ameaçado de colapso ecológico atualmente (GIRAL, 2014).

Apesar de Araçuaí estar localizada na Bacia do Jequitinhonha, a maioria dos rios está poluída, assim como há um crescente desmatamento para fins de atividades agropastoril, mineração e garimpagem, impactando o solo, que se torna seco e compactado (IBGE, 2014).

Demonstra-se, portanto, que a água é uma forte questão para a população, sendo que há muitos casos de total esgotamento destes recursos. Com nascentes e ribeirões secos, a população já foi obrigada a usar caminhões-pipa, e as famílias já tiveram que fazer rodízio de coleta de água. Consequentemente, núcleos rurais abandonaram seus sistemas produtivos, assim como houve a necessidade de controle de consumo humano (PROJETO CAMINHOS DAS ÁGUAS, 2015).

Há 17 anos, tais características chamaram grande atenção dos fundadores e da equipe do CPCD na época, já que evidenciavam um cenário de miserabilidade. Sinteticamente, havia baixa produção agrária por conta da alta infertilidade da terra, pouca disponibilidade de água, alto índice populacional em comunidades rurais, êxodo populacional significativo em busca de melhores condições de vida por condições precárias trabalhistas e famílias se desintegrando. Tal panorama exprimia uma grande desapropriação do lugar pela sua inatividade, dadas pelas raras condições favoráveis à sobrevivência e ao desenvolvimento da qualidade de vida local.

Foi assim que o CPCD decidiu intervir em Araçuaí iniciando, em 1998, o projeto Ser Criança, o qual é hoje, especificamente na cidade de Araçuaí, referência internacional.

Por um convite da Natura diretamente a Tião Rocha, após verem uma reportagem sobre o Vale do Jequitinhonha, a ideia era contribuir com projetos na região. Tião, por conhecer a realidade de Araçuaí, propôs à organização parceira que o município fosse o foco da intervenção. Assim, iniciou-se o atendimento a 100 crianças no bairro da Pipoca, o qual foi financiado pela Natura por 2 anos consecutivos.

Após esse período, o CPCD avaliou a importância de dar continuidade ao trabalho na região, onde permanece até hoje.

### **3. CPCD EM ARAÇUAÍ**

Em 1998, o CPCD, após atuar em Curvelo e outras cidades principalmente do Estado de Minas Gerais, iniciou suas intervenções educativas em Araçuaí, se deparando com a terrível situação em que se encontrava o ensino público na cidade, em que 75% das crianças que cursavam a quarta série do ensino fundamental tiveram avaliação insuficiente ou crítica, enquanto na oitava série apenas 3,3% alcançam o nível de suficiência no exame, segundo dados do Governo do Estado de Minas em 2003 (GIRAL, 2015).

Para o CPCD, se deparar com tais números é uma demonstração da falência do sistema de educacional, pois eles revelam que mais de 96% não aprenderam, não possibilitando às crianças se desenvolverem plenamente e nem se inserirem no mercado de trabalho.

Com o intuito de reverter tal situação, foi criada o que se chamou de UTI Educacional, para que as crianças não tivessem “morte cívica”, nas palavras de Tião (GIRAL, 2015). Com uma abordagem que desvia o olhar do fatalismo que condena o sertanejo à miséria e ao êxodo, focou-se nas potencialidades do povo local, elucidando seus símbolos de força e resistência (CPCD, 2013).

Em continuidade a suas ações, outras atividades tomaram forma, envolvendo mais de 100 pessoas na comunidade, as quais, por sua vez, tomavam o papel de “mães cuidadoras” e de jovens agentes comunitários – aqueles que ajudavam a ensinar as crianças a ler, escrever e fazer as quatro operações, entre outras coisas, com a finalidade de reverter o quadro estatístico educacional. Desde o início, a intervenção do CPCD foi realizada a partir da valorização da cultura local, através dos recursos humanos e dos materiais disponíveis.

Assim, pelas experiências com as crianças, foram criados jogos educativos que circularam pela cidade; o Banco do Livro, que surgiu para ser um espaço democrático onde todos poderiam trocar um livro por outro, revitalizando a biblioteca municipal; e a Folia do Livro, em que, aproveitando as práticas religiosas da região (como a manifestação de Folia de Reis, por exemplo), promovia-se o incentivo à leitura (GIRAL, 2015). Ocorreram outras ações em que a comunidade participava ativamente de forma interativa e solidária, abordando questões de educação, saúde e estética.

Atualmente, após anos investindo na área de educação popular integrada ao desenvolvimento comunitário, Araçuaí é o grande município referência do CPCD, pelo sucesso dos projetos, programas e plataformas implementados ao longo desse período, com uma base humana e comunitária de participação estabelecida, que, por sua vez, permite criar um território com condições favoráveis à sua evolução contínua.

Com resultados muito significativos na vida da comunidade, o desenvolvimento da mesma em tessitura com o apoio da OSCIP tem alavancado um grande incremento tanto para a qualidade de vida local, como para o próprio desenvolvimento da organização e seus conceitos, pesquisas e transformações que realiza a partir de sua proposta.

### **3.1. Arasempre: Araçuaí Sustentável – Plataforma Estrutural Articuladora**

Depois de inúmeras configurações, hoje Araçuaí tem como estrutura de base uma plataforma que abarca todos seus programas e projetos, chamada Arasempre.

Arasempre é um nome em evolução do antigo projeto chamado Arassussa: Araçuaí Sustentável, que consistia na articulação de tecnologias sociais de toda região de Araçuaí, contemplando zona urbana e zona rural, potencializando o trabalho da educação popular que já estava em andamento e implementando novas ações visando a sustentabilidade, sempre orientado pelo desenvolvimento local, abarcando as dimensões social, ambiental e econômica. Tinha-se como finalidade a construção de cidades sustentáveis (CPCD, 2015).

Surgido em 2005, o projeto é originalmente um resultado de esforços entre 13 organizações brasileiras do segundo e terceiros setores, vinculadas à Fundação AVINA (detalhada abaixo) e tendo o CPCD como instituição-coordenadora, que tinha como objetivo contribuir para a transformação social do Vale do Jequitinhonha através de um trabalho estruturante, no qual Araçuaí seria a cidade-espelho de sustentabilidade da região. Dessa forma, ela seria capaz de refletir em todo o Vale os processos implementados, provocar impactos regionais significativos e irradiar resultados obtidos a partir dos indicadores de êxito da iniciativa pioneira. “A Transformação Social como Causa – Um Brasil Sustentável como Meta” tornou-se, então, o lema do projeto.

As organizações que conceberam tal projeto, por sua vez, possuem experiências de êxito que foram e ainda são realizadas em diversas regiões do Brasil, sendo reconhecidas nacional e internacionalmente. Além do CPCD, com sua expertise fundamental na construção de Cidades Educativas, a plataforma inicialmente foi composta pelas instituições:

- **IPEC** ([www.ecocentro.org](http://www.ecocentro.org)): O Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado (IPEC) é um centro de referência internacional em permacultura, localizado em Pirenópolis/GO, no cerrado brasileiro. Com diversas tecnologias sociais, apresenta soluções sustentáveis nas áreas de habitação, água, alimentação e energia.

- **IPEP** ([www.permacultura.org.br/ipep](http://www.permacultura.org.br/ipep)): O Instituto de Permacultura e Ecovilas do Pampa (IPEP) também é um centro de referência em permacultura, localizado em Bagé/RS. Além das tecnologias permaculturais, o instituto desenvolve um amplo trabalho junto às comunidades quilombolas e assentamentos rurais no Rio Grande do Sul.
- **IPA** ([www.permacultura.org.br](http://www.permacultura.org.br)): O Instituto de Permacultura da Amazônia (IPA), que tinha sede em Manaus (AM), desenvolvia diversas tecnologias sociais para ecossistemas tropicais, focando suas iniciativas para formação das novas gerações de jovens lideranças para o desenvolvimento sustentável.
- **EXPEDIÇÃO VAGA-LUME** ([www.expedicaovagalume.org.br](http://www.expedicaovagalume.org.br)): A Associação VAGA-LUME é uma OSCIP com atuação na Amazônia, que promove a leitura através da estruturação de bibliotecas comunitárias, formação de mediadores de leitura, além do desenvolvimento de outras ações referenciais na área.
- **RECICLAR T-3** ([www.reciclart-3.org.br](http://www.reciclart-3.org.br)): O Instituto de Pesquisa, Criação e Capacitação para o Design Ambiental – RECICLAR T-3 é uma organização da sociedade civil de interesse público que desenvolve atividades de pesquisa, produção e qualificação, através da reutilização e reciclagem de resíduos sólidos industriais e domésticos. Promove o desenvolvimento sustentável através da transformação do lixo em matéria-prima e levando tecnologia e projetos sociais para as comunidades carentes vulneráveis socialmente. Por meio dos trabalhos realizados, as pessoas envolvidas passam a valorizar o lixo e são estimuladas em sua criatividade.
- **IMAZON** ([www.imazon.org.br](http://www.imazon.org.br)): O Instituto Homem e Meio Ambiente da Amazônia (IMAZON) é um instituto paraense que desenvolve pesquisas aplicadas sobre o uso dos recursos naturais na Amazônia. O instituto desenvolve excelência em pesquisa aplicada sobre problemas de uso dos recursos naturais, apoio na formulação de políticas públicas, disseminação ampla dos estudos e formação científica e técnica de estudantes e profissionais.
- **RÁDIO MARGARIDA** ([www.radiomargarida.org.br](http://www.radiomargarida.org.br)): A Rádio Margarida atua há 14 anos na área de educação popular por meio de linguagens artísticas e meios

de comunicação social, e é voltada prioritariamente às crianças da região metropolitana de Belém e interior do Pará.

- **IMCA**: O Instituto Morro da Cotia de Agroecologia (IMCA) é uma organização originária do Vale do Caí (RS), que desenvolve atividades como: usina comunitária de compostagem, agroecologia, sistemas agroflorestais, agricultura biodinâmica e cooperativismo.

- **BAMCRUS** ([www.bamcrus.com.br](http://www.bamcrus.com.br)): A Bambuzeria Cruzeiro do Sul (BAMCRUS), com sede em Belo Horizonte (MG), é voltada para o desenvolvimento técnico e científico da cultura do bambu e sua aplicação em programas sociais de geração de trabalho e renda.

- **GIRAL** ([www.giral.com.br/](http://www.giral.com.br/)): A Gestão de Projetos e Soluções para a Transformação Social (GIRAL) promove o desenvolvimento sustentável no trabalho com os processos de gestão dos investimentos, ampliando os impactos dos projetos tanto em qualidade como em abrangência e escala, com a articulação – promoção de espaços e meios de diálogo – entre os diversos atores da sociedade (comunidades, Organizações Não Governamentais, empresas, governos) em um processo permanente de ação e reflexão que possibilite superar os atuais paradigmas e construir soluções verdadeiramente inovadoras.

- **APEL** ([www.apelconsult.com.br](http://www.apelconsult.com.br)): A Gestão de Projetos e Consultoria – APEL é uma consultoria de gestão de projetos de São Paulo. Desenvolve projetos voltados tanto para organizações do primeiro e segundo setor, como para as organizações do terceiro setor.

- **FUNDAÇÃO AVINA** ([www.avina.net](http://www.avina.net)): A AVINA é uma fundação internacional que concentra suas ações na América Latina e que tem por missão associar-se a líderes da sociedade civil e do empresariado, em suas iniciativas para o desenvolvimento sustentável na região. Para isso, facilita vínculos entre pessoas comprometidas com o desenvolvimento sustentável, promovendo a formação de comunidades cada vez mais construtivas e colaborativas. Conjuntamente com os parceiros, busca identificar oportunidades e articular agendas de transformação social, buscando exercer uma cidadania responsável e ampliando o capital social para contribuir à construção de sociedades mais sustentáveis.

### 3.1.1. O modelo de plataforma

Pela convergência das experiências das organizações envolvidas, o Arassussa acabou se estruturando no formato de uma plataforma. Indo além da estrutura em rede, a plataforma permite o alcance dos objetivos-desafio.

Isso porque a rede, sendo uma junção de pontos, faz com que atores se unam ao redor de temas sem haver um centro estabelecido, diferente da ideia do modelo de ação em plataforma, que assume que há uma coordenação, porém que não é central, mas sim contextual, norteando a própria causa. A integração entre atores, assim, vai além, possibilitando convergências e transformações recíprocas entre eles, ampliando as possibilidades de troca e de interação, fazendo com que evoluam conjuntamente e criando maiores sinergias de propósitos (ROCHA, 2007).

Uma plataforma se materializa, portanto, para atuar de forma integrada e convergente num determinado território, em que há pontos espaciais onde a ação se desenvolve. Sua eficiência se dá pelo uso inteligente dos recursos e sua efetividade ocorre sendo a base para orientação das ações. Tal formato organizacional deve permitir, portanto, a interpolação de tecnologias e de experiências, sendo um campo pleno de multiplicações (CPCD, 2013).

Para as instituições idealizadoras do projeto, o Arassussa, comparado aos modelos vigentes, representa uma proposta que rompe com paradigmas, pois tem o intuito de criar de um novo modelo de interação entre os diversos setores sociais, provocando a potencialização dos ativos econômicos, culturais, sociais e ambientais. O desenvolvimento sustentável e a necessidade de equilíbrio e harmonia das diferentes dimensões, por sua vez, trazem em si muitos desafios, pois implicam uma mudança principalmente cultural, na construção de um novo olhar e de novas atitudes frente a construção de novos paradigmas. No Arasempre, a sustentabilidade é vista como um processo em construção permanente, em que a vida dinâmica se renova a todo instante.

Segundo Diogo Valim, consultor da Giral – Viveiro de Projetos envolvido no Arassussa:

Essa conversa realmente fértil é a combinação de tecnologias sociais de comprovado sucesso com a expertise em gestão. Esse exercício de pensar a ação social gera uma infinidade de ideias realmente inovadoras. A cada encontro, o debate sobre os aprendizados cria novas soluções. Para que essas ideias não se percam, é fundamental que exista uma equipe de gestão focada na sistematização do conhecimento, capaz de transformar as propostas do grupo em planejamentos pragmáticos (GIRAL, 2015).

Além da convergência de expertises, o Arassussa inicialmente estabeleceu focos de atuação que contemplassem amplamente as dimensões que necessariamente deveriam ser desenvolvidas para a construção de cidades sustentáveis. Partindo do princípio de que tais focos possuíam múltiplas funções e impactos, na medida em que interagem entre si, os diversos membros da plataforma conectaram-se de forma funcional, articulada e comprometida com os objetivos e programas que foram propostos, que por sua vez também possuíam princípios e objetivos baseados na multiplicidade (BANCO DE ÊXITOS, 2015).

Isto remete aos operadores da complexidade, segundo os quais “macroconceitos distintos associados, que naturalmente se excluem e contradizem, produzem uma realidade lógica mais interessante e compreensiva do que quando se encontram separados” (CIURANA *et al.*, 2003:58).

Pela convergência e pela ruptura da barreira entre conceitos, estimula-se, dessa forma, a criatividade e, por sua vez, a compreensão. Reconhece-se, criticamente, aquilo que se perde na visão unidimensional, porém, aumentam-se as possibilidades de colaboração que visam lidar com os desafios da realidade (CIURANA *et al.*, 2003:59).

Assim, a articulação entre os focos temáticos fez com que se direcionasse aquilo que engloba uma ação de desenvolvimento. Pensando a partir de conexões, portanto, multiplicam-se as funções de cada ação, gerando um planejamento positivo e inovador, que parte das potencialidades observadas (GIRAL, 2015). Estabelece-se aí a conectividade da interdependência e mútua transformação e constituição das partes e do todo.

Para os envolvidos num processo de construção permanente de planejamento, que incorpora aprendizados no seu desenrolar, junto à diversidade de pontos de vista, a premissa do diálogo entre parceiros, tecnologias e focos tornou-se chave para a construção de toda a proposta do projeto, trazendo uma lógica positiva e inovadora sob o olhar de investimento social.

Valim ainda complementa que, “quando os elementos de um sistema estão racionalmente conectados, os recursos são muito melhor utilizados. O problema de um lado se torna a solução do outro” (GIRAL, 2015).

Já Carolina Rolim, consultora da Giral, discorre:

Sabe aquela frase famosa do Einstein – “a mente que se abre a uma ideia jamais voltará a seu tamanho original”? Foi o que nos aconteceu a partir dessa experiência. Nosso processo de elaboração de projetos mudou definitivamente. O exercício da visão complexa torna os planejamentos muito mais ricos, criativos. Tivemos a oportunidade de perceber o impacto da diversidade de pontos de vista, e incorporar isso no planejamento. Criamos ferramentas e processos para envolver diversos atores interessados no “construimento” de um projeto. (GIRAL, 2015).

Desde sua elaboração como projeto, a plataforma Arassussa se desenvolveu no decorrer dos anos e hoje passou a ser um legado para gerações futuras do município. Mais do que um projeto, em aprimoramento, tornou-se a estrutura de toda a organização do CPCD, com o objetivo de se comprometer com a construção de cidades educadoras e sustentáveis, viáveis para todos e “para sempre”. Por isso, de Arassusa passou a ser Arasempre.

Essa estruturação, atualmente, ocorre de forma contínua, sendo constantemente reelaborada conforme as condições dos projetos em andamento, o contexto das realidades comunitárias e a modulação das ações presentes que impactem significativamente o futuro do lugar.

Hoje, em cada município em que o CPCD atua há uma plataforma local de ação, que converge com a causa comum comprometida pela instituição. Cada localidade, portanto, tem sua plataforma singular, que se dá pela emergência de cada realidade e tudo aquilo que a envolve. Porém, mesmo pelas características de identidade unitária em determinada região de atuação, as plataformas

possuem elementos comuns de configuração da dinâmica organizacional, fazendo com que seja possível sua reaplicação.

É a partir da abertura ao ecossistema, que alimenta e transforma a plataforma pela sua relação dialógica, que se mantém a autonomia de cada modelo organizacional. Pois a autonomia é vista como interdependente de outros elementos dos sistemas na qual está circunscrita. Assim, a organização autônoma é constituída de múltiplas dependências (CIURANA *et al.*, 2003:36).

Dessa forma, como caráter organizacional que permita a convergência de tecnologias sociais (soluções e estratégias), de parceiros e de dimensões, assume-se a abertura da plataforma. Visando contribuições externas que agreguem experiências, buscam-se constantemente aliados que tragam potencialidades à organização do sistema, com diversidade de soluções e estratégias para lidar com a complexidade desafiadora da realidade do país, e que estejam alinhados à ética, aos princípios, aos objetivos e à própria causa. A ideia é que, à medida que se integram mais expertises através das instituições participantes, garante-se combustível para a realização da transformação social necessária, com ideia de disseminar o laboratório dos municípios, principalmente do pioneiro Araçuaí, para outros lugares.

A permanente abertura para a troca entre diferentes setores, com o desafio de utilizar-se uma mesma linguagem em prol de um objetivo comum, torna-se um grande desafio no projeto, ao mesmo tempo em que leva trocas de conhecimento em busca, diversificando olhares e articulando diferentes soluções.

Dessa forma, as tecnologias passam a ser vistas como “pontos luminosos”, que à medida que interagem e se convergem formam, metaforicamente, “feixes de luz”, que, por sua vez, formam focos de energias e de transformação (BANCO DE ÊXITOS, 2015).

### 3.1.2. De Arassussa a Arasempre: inovação organizacional

Compreendendo melhor a estrutura da plataforma, de como foi configurada como projeto Arassussa e como se dá hoje como plataforma Arasempre, é

importante compreender a sua concepção desde a origem, que, por sua vez, reflete conceitualmente como se dá a dinâmica atual da instituição.

Desde sua primeira configuração, as interações constantes entre os focos do projeto (quando Arassussa) e entre as dimensões que os abrangiam fizeram gerar dinâmicas necessárias para que suas eficiências e efetividades de ação resultassem em dois programas, que estão contidos na plataforma: “Meu Lugar é Aqui” e “Cuidando dos Tataranetos”. Esses programas também fazem, hoje, parte das plataformas dos outros municípios, alinhados com a causa da organização.

Tais programas são mais que agrupamentos de projetos e tecnologias: eles determinam uma maneira de pensar, estabelecendo diretrizes que vão configurar as atividades para as crianças e jovens de hoje e para os que virão. Fundam-se, portanto, numa visão de longo prazo para o desenvolvimento do local e a construção efetiva de uma cidade sustentável, com conceitos de permanência, garantindo lugares mais saudáveis e acessíveis, tanto para gerações presentes, como para as futuras.

A fim de responder às perguntas “Como promover a efetiva transformação social de Araçuaí?” e “Como transformá-la na primeira cidade sustentável do Brasil?”, nasceu o desafio de olhar e concentrar a atenção nas possíveis conexões entre os focos estabelecidos, ao invés de enxergá-los de forma dissociada. Assim, surgiram mais questões: “Como cada proposta de ação pode endereçar todos esses temas?”, “Como pode-se conectar atividades?” (GIRAL, 2015).

Já os focos de trabalho, direcionados pelos programas, surgiram a partir da óptica de que o indivíduo é um todo, ou seja, que exprime necessidades tanto educacionais como de serviços de saúde, por exemplo, assim como o lugar é ao mesmo tempo geográfico e cultural. A lógica de ação se configurou, portanto, a fim de integrar em um mesmo planejamento ações em oito diferentes focos: água, habitação, energia, alimento, trabalho, saúde, cultura e educação (GIRAL, 2015).

<b>Tabela 1: Tecnologias utilizadas pelo Arassussa</b>	
<p><b>Habitação:</b>            Bioconstrução            Super adobe            Design de Ecovilas            Casa Popular Sustentável</p>	<p><b>Energia:</b>            Conversão de motores a biodiesel            Usina de beneficiamento de oleaginosas            Chuveiro termossifão            Biodigestor            Pedagogia do Sabão</p>
<p><b>Água:</b>            Construção de cisternas de ferrocimento            Sistema de captação de água de chuva            Sistema de reuso da água e saneamento            Sistema de irrigação e banheiro seco</p>	<p><b>Educação:</b>            Ser Criança            UTI Educacional            Cidade Criança            Habitats – Sua escola sustentável            Mediadores de leitura            Pedagogia da Roda            Mães Cuidadoras            Pedagogia do Brinquedo            Bernal de jogos</p>
<p><b>Alimento:</b>            Floresta de Alimento            Banco de Sementes            Hortas ecológicas            Húmus Sapiens            Tecnologia de ração            Fitoterápicos            Plantação hidropônica            Plano de Aquisição e Doação de Alimentos            Horta de Vitaminas            Empório Solidário</p>	<p><b>Cultura:</b>            Educomunicação            Folia do livro            Algibeiras de leitura            Rádio novela educativa            Ponto de Cultura            Bernal de livros            Coral dos meninos de Araçuaí            Cinema itinerante            Cinema Meninos de Araçuaí</p>
<p><b>Trabalho:</b>            Banco da Solidariedade            Fabriquetas de Ecodesign            Fabriquetas de bambu            Fabriquetas de sucata de ferro, cerâmica, tinta de terra e arte em madeira            Viveiro de mudas de bambu            Cooperativa Dedo da Gente            Moda Jequitinhonha            Fábrica de Software</p>	

Fonte: CPCD, 2015

A abordagem inovadora de gestão do Arassusa, portanto, foi sistematizada numa mandala. Segundo Aerton Paiva, membro da Apel, “a mandala, como todo símbolo circular, não tem começo nem fim, é um processo” (GIRAL, 2015).

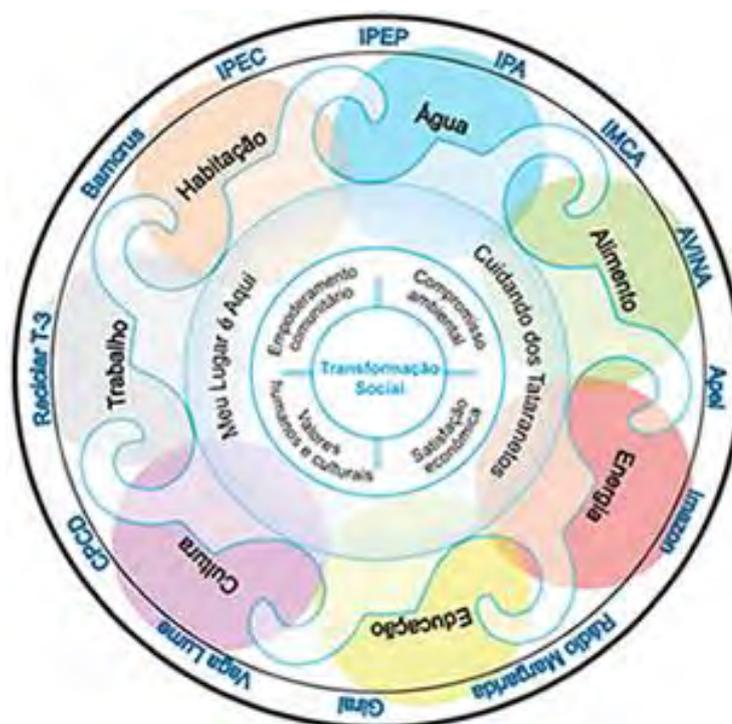


FIGURA 13: Mandala Arassussa. Fonte: CPCD, 2005.

A mandala exprime uma maneira de pensar, sendo enxergada como um organismo feito de muitas células que gera um grande código, que permite o trabalho conjunto por uma causa comum. Ao girar em todos os sentidos, compete os atores e programas a olharem todas as dimensões, conectando, portanto, estratégias, visões e recursos. Tem-se a mandala, dessa forma, como instrumento de exercício de abertura, de enriquecimento do trabalho e das tecnologias sociais em questão.

Surgida como esforço de dar conta de explicar a complexidade da proposta do Arassusa, a mandala representa um símbolo circular, sem começo e sem fim, mas sim um processo. Sua essência é a de aplicar uma diversidade de soluções de forma integrada. À medida que integra elementos num determinado sistema,

faz com que necessidades de um foco, por exemplo, possa ser o produto de outro (CPCD, 2005).

Isso porque o olhar para a totalidade faz com que se integrem processos que, postos em movimento, se desenvolvem de forma rotativa, em espiral. Ou seja, numa direção de duplo sentido entre as partes e o todo, o sujeito e o objeto (CIURANA *et al.*, 2003:57).

Representando a Transformação Social como o âmago da proposta, foram estabelecidas quatro dimensões para atingi-la: Empoderamento Comunitário (apropriação de tecnologias e processos propiciado novos “saberes” e “fazeres” úteis ao desenvolvimento local sustentável), Compromisso Ambiental (ética que permeia todas as atividades propostas, que se baseia no cuidado e no respeito ao planeta e às novas gerações), Satisfação Econômica (lógica econômica como promoção da produção e do consumo local, de forma justa e solidária, na qual as atividades visam satisfazer as particularidades dos diferentes núcleos comunitários) e Valores Éticos, Humanos e Culturais (promoção da cultural local, da ética e dos valores universais, como princípio básico das atividades). Tais dimensões, localizadas em um segundo plano central da mandala, passam a ser critérios para o próprio planejamento (GIRAL, 2015).

Assim, será feito o trabalho com os focos. Cada foco, como demonstrado no desenho, tem uma intersecção com os demais. Ou seja, apesar de cada um possuir uma prioridade de ação, a congruência entre focos é uma maneira de ir compondo o foco prioritário com outros focos para a criação de soluções.

Entre o encontro dos focos e das dimensões estabelecidas estão os programas, que são as diretrizes que irão fundamentar o plano de ação, referente aos próprios focos, como já visto. É essa a parte dinâmica da mandala, pois é onde a ação acontece (CPCD, 2005).

E, por fim, a articulação entre organizações dos diversos setores está simbolizada na roda externa da mandala, atuando como corresponsáveis e zeladores dos processos concomitantes e articulados pelos focos. Aerton explica:

Todos esses atores acreditam na transformação social, mas cada um com crenças muito específicas. Um passo importante, mais do que

integrar as técnicas de como cada organização trabalhava, foi integrar as pessoas que faziam parte disso. A mandala gira em todos os sentidos, portanto compete a todos os atores pensarem em tudo. (GIRAL, 2015).

Acredita-se que a mandala é a estrutura capaz de criar um modelo de trabalho que prova as possibilidades de transformação social, pautada numa concretude que reconhece limites, revela incertezas, imprecisões, ambiguidades e incompletudes.

### 3.1.3. Tríade Estratégica

Construir uma plataforma de desenvolvimento sustentável direcionado a um determinado contexto significa ir além dos projetos isolados ou das redes de ação. Uma plataforma exige alianças estratégicas e metodologias inovadoras para a realização de uma causa e o alcance do objetivo proposto (CPCD, 2007).

Alianças interinstitucionais, tecnologias conectadas e o território como o próprio ponto de partida para o desenvolvimento do projeto, a partir de seus focos, dimensões, diretrizes e objetivos, formam a tríade estratégica que embasa desde a concepção até a avaliação do projeto.

Adotar o território como ponto de partida é lidar com a própria realidade local, onde questões sociais, culturais, ambientais, econômicas e políticas ocorrem a todo o momento de forma simultânea e numa dinâmica dialógica, em que processos se desenrolam de modo integrativo e antagônico, respeitando o próprio concreto (CIURANA *et al.*, 2003:57). O lugar deixa de ser mera causalidade de atuação externa e passa-se a assumir aspectos de compreensão da construção contínua do real, tornando possível desenvolver uma lógica integrada de intervenção local, articulando ações de longo prazo, que englobam o tempo e o lugar. Assim, trata-se a totalidade do real, em que aspectos componentes da mesma sejam intercomunicantes e complementares entre si, potencializando a eficiência do processo de mudança.

Portanto, o lugar torna-se palco onde as ações acontecem, na medida em que se articula aquilo que o meio oferece, adotando uma perspectiva da abundância e da produtividade. Lugar e indivíduo passam a ser sinônimos, se distinguindo apenas em dimensões espaciais.

Ou seja, o indivíduo, impregnado de um determinado espaço ou de um lugar específico, é capaz de se reconhecer como substrato visível da sua própria realidade. Isso porque há uma relação entre a psique e a forma particular do espaço, isto é, a estrutura do terreno é o modelo de padrões da cognição. O conhecimento ou a apropriação de um lugar faz reconhecer a própria origem individual, sua identidade e sua personalidade, assim como a devastação de um lugar diz também o contrário: a devastação psicológica do indivíduo (BARLOW *et al.*, 2005:122).

A apropriação do lugar significa compreendê-lo pela vivência da realidade e a partir da interação que se tem com ele. Apenas entendendo a complexidade real do local que se torna possível transformá-lo. À medida que se habita um lugar, passa-se a vivê-lo, estabelecendo-se uma relação íntima, orgânica e reciprocamente nutritiva, de forma dialógica. Isso só ocorre quando se conhece detalhadamente o lugar, em uma relação de cuidado e de preservação.

Ainda na visão de Barlow, fatos esses se dão pela reciprocidade entre pensamento e ação, permitidos pela ação do ambiente em que se convive, já que lugares são laboratórios de diversidade e complexidade, misturando funções sociais e processos naturais. Isso permite a promoção da diversidade do pensamento e um entendimento mais amplo de suas inter-relações, através do equilíbrio no exercício de ação-reflexão-ação (2005:121).

Usufruir do ambiente com a finalidade de potencializá-lo faz com que as partes de um sistema (os membros daquele lugar) ativem o fluxo de reconstrução contínua do lugar numa relação de interdependência. Ter senso do seu próprio espaço faz com que os indivíduos se tornem conscientes de que fazem parte de uma totalidade, reconhecendo-se como inseridos num sistema social e cultural próprios (CAPRA, 2000:28).

Dessa forma, restaura-se o contexto da vida de cada um e da vida global, sendo o espaço um recurso de experimentação do próprio pensamento complexo.

Para a transformação de fato ocorrer, a estratégia de firmar alianças interinstitucionais faz com que diferentes setores da sociedade interajam, ampliando suas percepções sobre a ação ao compartilharem experiências e coevoluindo. A causa comum entre membros aliados torna-se, então, razão e justificativa para as mudanças sociais necessárias.

Com a visão de que conectados e alinhados em seus propósitos, ampliando o prisma do desenvolvimento e enriquecendo os focos de ação em todos os planos, as atividades para as mudanças devem buscar o eixo comum do desenvolvimento sustentável, com a apropriação de conhecimentos e experiências, fortalecendo-os, ao mesmo tempo em que fortalecem a própria realidade para o seu desenvolvimento e complexificação.

#### 3.1.4. Arasempre: Araçuaí viável para todos e para sempre

Em 2013, o Arassussa, pela sua lógica de funcionamento, começou a ser a própria estrutura dos projetos do CPCD em todas as cidades onde atua, sendo que cada município tem a sua mandala, mantendo o propósito da sustentabilidade. Em Araçuaí, a plataforma Arassussa se transformou, então, na plataforma Arasempre, abraçando os projetos existentes na cidade. Nessa perspectiva, a ideia era que os projetos não se acabassem, mas sim se transformassem, gerando novas ações aprimoradas a partir das experiências dos projetos já implementados ou em andamento.

A coordenadora do Ser Criança expõe que o Arasempre veio da união de ações para promoção da transformação que almejavam, já que mesmo com o fim dos projetos financiados por organizações externas, as ações locais tinham continuidade:

Foi por isso que pintou o Arasempre. Porque a gente percebeu que as ações continuavam. Os projetos acabavam em si, mas as ações continuavam. A comunidade apropriou. Então, aí veio o questionamento: "Mas gente, se todo mundo está no seu lugar, o Ser

Criança está ali, a Cooperativa está ali, o Caminho das Águas, por que não unir tudo pra promover transformação? Por que a gente não faz isso de um jeito que todo mundo compreenda o que é o Arasempre?”. Então o Arasempre é isso, é tudo que já foi, que faz... Ele não para. (SILVA, A.P., 2015).

Visando o desenvolvimento da autonomia comunitária, se reconhece a reconfiguração contínua da realidade, que por sua vez deve ser superada, revelando a sua própria evolução.

Além dos focos conectados e das tecnologias sociais, passou-se a conectar os projetos em si com seus diversificados focos, fortalecendo os laços de convergência da construção de Araçuaí como cidade educadora e como cidade sustentável.

Segundo Eliane Oliveira, diretora pedagógica do CPCD, a experiência da plataforma Arassussa fez com que o olhar para a comunidade se tornasse ponto estratégico das ações de mudanças, que se davam a partir de ações pequenas locais traduzidas nas relações cotidianas. Além disso, o envolvimento de todos os projetos na mesma causa da sustentabilidade fez com que tanto a questão conceitual quanto as atividades dos projetos avançassem muito dentro da instituição, assim como na eficiência da transformação local (OLIVEIRA, E., 2013).

A diretora ainda complementa que o Arassussa atuava de forma mais pontual, mesmo com as parcerias externas estabelecidas. Atualmente, a mandala é representada por pessoas físicas e organizações locais (OLIVEIRA, E., 2013).

Contar muito mais com parceiros locais do que externos é um indicador de progresso na questão da sustentação dos próprios projetos, na atual configuração do Arasempre.

Já a coordenadora da Cooperativa Dedo de Gente, Edilúcia, diz que a grande diferença entre as concepções do Arassussa e do Arasempre é o esforço com ênfase na emancipação das ações do CPCD, com a intenção de criar mais autonomia e sustentabilidade.

Conceitualmente, estabeleceu-se um caminho comum a todos os projetos, que, discutidos junto à comunidade, atuam na integração de objetivos comuns em

prol da transformação social, com ações no presente que necessariamente geram impactos no futuro, porém cada qual com a sua tônica de atuação, a partir das quatro dimensões estabelecidas.

Estruturalmente, atividades educacionais e de desenvolvimento comunitário sustentado continuam numa base interconectada de projetos, alcançando maior sinergia entre as ações e propósitos. Projetos são autônomos, mas articulados entre si, já que fazem parte do mesmo contexto.

Tal fato se dá de forma cotidiana nas relações entre projetos, em intercâmbios de atividades, assim como no planejamento estratégico da instituição, tanto para o objetivo maior de desenvolvimento de uma Araçuaí Sustentável, como num processo de aprendizagem interna, em que todos os projetos se ajudam a partir de trocas de experiências frequentes.

O Arasempre passou a ser um legado para a cidade e para as gerações futuras, e por isso passou a ser o centro da mandala, ampliando a noção da transformação social, como era na mandala do Arassussa. Na atual mandala, é possível visualizar maior quantidade de parceiros locais junto a parceiros externos, assim como a inclusão de um novo foco, a cultura, fazendo com que a mandala passe a ter oito focos, ao invés de sete, como anteriormente.

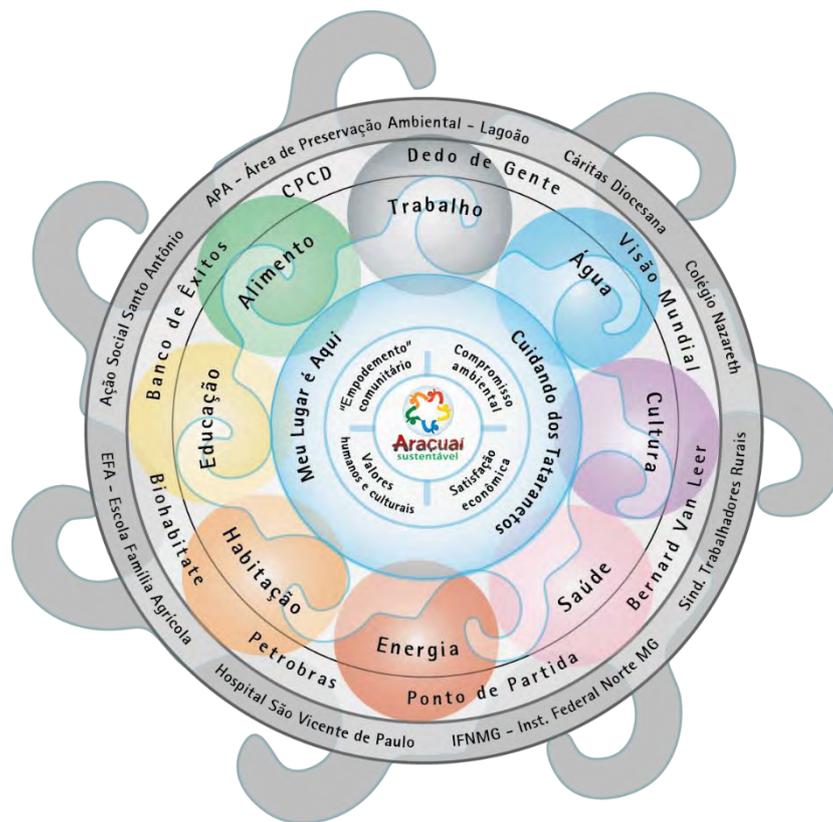


FIGURA 14: Mandala Arasempre. Fonte: CPCD, 2015.

Em abril de 2015 foi enviada uma nova proposta do Arasempre para financiadores, que engloba ações-chave de cada projeto, vinculadas às quatro dimensões, relacionadas aos novos desafios da realidade atual referente aos públicos atendidos e às demandas da realidade.

#### 4. PROJETOS EM ANDAMENTO

##### 4.1. Cinema Meninos de Araçuaí

O Cinema Meninos de Araçuaí foi construído em 2008, após realizada uma roda para decidirem o que iriam fazer com a remuneração de um trabalho dos Coral Meninos de Araçuaí. Coletivamente, decidiram utilizar a verba para a construção de uma sala de cinema na cidade.

Assim, com a gestão realizada pelos próprios meninos, a única sala no município, localizada no centro velho de Araçuaí, possui uma programação contínua de filmes voltada para a comunidade, com a realização de cineclubes

e sessões comentadas. Há também uma programação itinerante que leva o cinema para zona rural e para comunidades distantes, contribuindo para formação cultural e integral da população rural do município.



**FIGURA 15:** Centro velho de Araçuaí, 2015. *Fonte: Gabriela Silva.*



**FIGURA 16:** Cinema Meninos de Araçuaí, 2015. *Fonte: Gabriela Silva.*

Os jovens também são responsáveis pela produção audiovisual do cinema (vinculados à Cooperativa Dedo de Gente), fazendo com que muitos artistas da região sejam os protagonistas das histórias dos filmes, com uma produção de linguagem própria, jovem e local (CPCD, 2014).

Dessa forma, o cinema possibilita o encontro dos mais diversos públicos, sendo um dos locais de difusão cultural mais importantes da cidade, com grandes resultados significativos:



**FIGURA 17:** Cooperados do Cinema Meninos de Araçuaí, 2015. *Fonte: Gabriela Silva.*

- Oportunidade de frequentar um cinema 35 mm, o único do Vale;
- Jovens ampliando a visão de mundo a partir de suas discussões;
- Conhecimento;
- Participação e trabalho em equipe;
- Resgate e valorização de cultura;
- Oportunidade de 1º emprego para os jovens;
- Integração com as escolas;
- Aprendizado em áreas específicas de áudio e vídeo;
- Lazer e divertimento.

#### 4.2. Coral Meninos de Araçuaí

Meninos de Araçuaí é o nome do grupo de Coral formado por crianças e jovens de 7 a 16 anos, que, em sua maioria, fazem parte do projeto Ser Criança. Criado em 1998, junto com o Grupo de Teatro Ponto de Partida, parceiro desde essa data do CPCD e responsável pela formação técnica do coro, o Coral tem oficinas periódicas de interpretação, dança, musicalização e instrumentos musicais (CPCD, 2014).

Têm-se como objetivos o aprimoramento e preparação em linguagens artísticas que contemplam um processo de formação de cidadania, socialização, sensibilização e estética, com o desenvolvimento da autoestima. No processo de pesquisa musical, inclui-se o próprio Vale do Jequitinhonha, em que famílias e comunidades, crianças, jovens e educadores são também participantes.

Desenvolvem-se: aprimoramento técnico vocal-interpretativo do coro, pesquisa musical, criação e construção de instrumentos musicais a partir de materiais recicláveis, musicalização infanto-juvenil (que propicia habilidades vinculadas a iniciação, percepção e aprendizado prático-musical), ensino de técnicas de dança e preparação corporal.

Como resultado, além da formação do coral, seis CDs e dois DVDs já foram gravados, com a participação de Milton Nascimento em um dos CDs, e diversos espetáculos foram feitos em diferentes cidades brasileiras e uma vez em Paris, na França (CPCD, 214).



**FIGURA 18:** Coral Meninos de Araçuaí. *Fonte: Natura Musical, 2015.*

### 4.3. Fabriquetas

Núcleos de produção de tecnologias populares, com características e funções comunitárias, as fabriquetas visam o fortalecimento da renda familiar. Atualmente, são autossuficientes e encontram-se no estágio de expansão de produção e comercialização regionalizada. Gradativamente, rumam para autonomia administrativo-financeira, o que gera renda e trabalho regular para os seus participantes (CPCD, 2014).

O projeto, surgido por sugestão dos educadores do Ser Criança como continuidade do trabalho com os jovens, para que pudessem ter uma oportunidade de geração de renda vinculada à sua própria cultura e ao desenvolvimento de novas habilidades, acumulou mais de 2.000 tecnologias populares de baixo custo, apropriadas e adaptadas, como sabão, doces, arte em ferro, madeira e cerâmica, e estão distribuídas nas cidades de Curvelo, Raposos e em Araçuaí, todas no estado de Minas Gerais.



**FIGURA 19:** Artesanato de ferro, 2015. *Fonte: Gabriela Silva.*



**FIGURA 20:** Marcenaria. *Fonte: CPCD, 2015.*

Em Araçuaí estão localizadas as fabriquetas “Serralheria”, “Arte em sucata de ferro”, “Tinta de terra”, o próprio “Cinema Meninos de Araçuaí” e a mais nova, Fabriqueta de “Softwares”, existente desde 2008.

A implementação de unidades de produção e criação de tais produtos fez com que os saberes, fazeres e quererem locais se tornassem soluções e alternativas comunitárias, criando-se núcleos de economia solidária e geração de renda para jovens (CPCD, 2014).

#### **4.4. Fabriqueta de Softwares**

Já a Fabriqueta de Softwares focaliza a criação e o desenvolvimento de sistemas informatizados, constituindo um espaço de aprendizado de todas as linguagens digitais.

Jovens responsáveis por essa fabriqueta constroem softwares, banco de dados, programas, jogos, websites, logomarcas, identidades visuais, entre outros produtos. Tais serviços são oferecidos para toda a região do entorno da cidade de Araçuaí.

Dessa forma, tem-se o objetivo de contribuir para a criação de oportunidades de trabalho digno, perto de suas famílias e que tragam, ao mesmo tempo, desenvolvimento para a cidade.

Para os participantes do projeto, é claro que os softwares e a internet são apenas ferramentas de trabalho. Eles trabalham para que seu uso seja de grande valia e utilidade para a transformação de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) em Tecnologias de Aprendizagem e Convivência (TACs), segundo nomenclaturas de Tião, apropriadas na filosofia do próprio CPCD em suas ações (CPCD, 2014).



**FIGURA 21:** Cooperados da Fabriqueta de Softwares. *Fonte: CPCD, 2015.*

#### **4.5. Cooperativa Dedo de Gente**

A Cooperativa “Dedo de Gente” agrega todos os grupos das Fabriquetas e é dirigida por jovens, que se desenvolvem coletivamente.

Criada em 1996, a Cooperativa tem sede em Curvelo (porém com unidades de produção espalhadas pelo norte de Minas) e estimula a valorização sociocultural a partir do resgate da cultura popular (utilizam-se materiais alternativos e presentes nos locais de produção), da prática do trabalho comunitário e da coletivização dos processos de produção (CPCD, 2014).

Na cidade de Araçuaí, além das sedes de produção daquilo que é confeccionado e os serviços que são oferecidos pelas Fabriquetas, há também o escritório do CPCD e o estabelecimento comercial da Dedo de Gente, que disponibiliza para comércio tanto os produtos fabricados no local, como produtos das outras cidades da cooperativa, Curvelo e Raposos. Nessas duas cidades, também são comercializados produtos de Araçuaí, porém cada polo de produção tem sua própria gestão.



**FIGURA 22:** Cooperativa Dedo de Gente em Araçuaí, 2015. *Fonte: Gabriela Silva.*

#### **4.6. Sítio Maravilha**

O Sítio Maravilha surgiu como resultado do projeto Araçuaí Sustentável, sendo construído em 2006, tornando-se um centro referência em práticas de permacultura no Vale do Jequitinhonha.

O Sítio, que pertence à Ação Social Santo Antônio (organização local parceira), foi cedido ao CPCD para a implantação da proposta do centro de permacultura. Assim, o Sítio Maravilha tornou-se um laboratório de tecnologias alternativas e uma referência para práticas permaculturais da região (CPCD, 2014), se constituindo a partir da orientação dos Institutos de Permacultura do Cerrado, da Amazônia e da Pampa.

Localizado às margens do Rio Jequitinhonha, aproximadamente a 25 km do centro de Araçuaí, o Sítio, com 12 hectares de áreas cultivadas em sistemas ecológicos, possui atividades aplicadas, desenvolvidas e compartilhadas, sendo um modelo de desenvolvimento integrado, harmônico e sustentável, tanto para a região do Vale do Jequitinhonha como para o semiárido brasileiro (CPCD, 2013).

Até 2011, o Sítio produziu mais de 48 toneladas de alimentos, que, por sua vez, abasteceu projetos sociais em Araçuaí, beneficiando diariamente mais de 300 crianças com alimentação orgânica e manejada de forma socioambientalmente responsável. Ao mesmo tempo, de 2006 a 2011 foram produzidas mais de 3.800 mudas. Outro significativo resultado foi a melhoria significativa das condições do solo e da biodiversidade – segundo relatório do engenheiro agrônomo Carlos Pereira, realizado em 2012 –, que se deu pelo plantio de variadas espécies, irrigação e incremento de matéria orgânica, abandono do uso do fogo e do pisoteio do gado, entre outras técnicas (CPCD, 2014).

Aplicando alternativas de bioconstrução, manejo racional das águas, saneamento ecológico, sistemas agroflorestais, sistemas de aquicultura, criação de pequenos animais, além da produção abundante e variada de alimentos e temperos, pela criação de um microclima fértil, o objetivo do Sítio é demonstrar possibilidades de produção em harmonia com a natureza, tanto para agricultores da região como para estudantes (CPCD, 2014), recebendo a cada ano cerca de 200 pessoas, seja no formato de cursos, oficinas ou visitas guiadas.

O conceito de permacultura, por sua vez, se alinha diretamente com a proposta do projeto que deu origem ao sítio, o Arassusa, pois age como um modelo metodológico de intervenção que traz em si um jeito de pensar, agir, trabalhar e produzir regido pelos princípios do cuidado com a terra, do cuidado com as pessoas e do compartilhamento do excedente. Ou seja, tudo na permacultura preza pela relação de troca, cuidado e respeito, fazendo com que os recursos tenham duas ou mais funções, o que torna os problemas em oportunidades e soluções (CPCD, 2013). A ideia é que tudo esteja em conexão, potencializando espaços, práticas humanas e otimizando as fontes de energia.

Por isso, no sítio são realizadas oficinas com objetivo de disseminação de tais tecnologias, como hortas em mandala, espiral de ervas, banheiro seco, cisternas de captação de água da chuva, produção de composto orgânico, entre muitas outras.



**FIGURA 23:** Agricultor no espiral de ervas, 2015. *Fonte: Gabriela Silva.*

A partir das oficinas, tais experiências foram disseminadas pela região, formando Quintais Maravilha e Casas Maravilha (também como resultado do Arasussa), todas baseadas nas práticas permaculturais para a construção de uma vida saudável, a partir da referência do Sítio em aplicação de tecnologia socioambiental (CPCD, 2013).

Atualmente, em parceria com a Escola Família Agrícola (EFA) de Araçuaí, os jovens aprendizes passam 15 dias fazendo estágio prático no Sítio e 15 dias disseminando o que aprenderam em suas próprias comunidades, sendo outra frente de atuação para a multiplicação de tecnologias sustentáveis na região (CPCD, 2015).

#### 4.7. Ser Criança (ou educação pelo brinquedo)

O Ser Criança surgiu como projeto voltado para crianças de 7 a 14 anos, em horários complementares à escola formal e realizado em espaços comunitários, os quais, por sua vez, são legitimados como espaços de aprendizagem ou centros de cultura comunitária, em que todos os envolvidos (pais, educandos e a própria comunidade) exercem o papel de educadores e aprendizes.

O projeto, que consiste em implementação de ações educativas e de formação humana, inferindo positivamente na vida dos participantes, tem como finalidade o desenvolvimento integral dos meninos e meninas.

É através da brincadeira e de práticas de convivência no dia a dia que ocorre a aprendizagem: além de serem tratados conteúdos educacionais em consonância com o currículo escolar, é através do diálogo constante que se constrói o respeito às diferenças e singularidades individuais, reconhecendo que cada indivíduo tem um ritmo e um jeito de aprender.

O projeto tornou-se uma tecnologia educacional ao ser implantado através da Lei Municipal de Educação nos municípios de São Francisco (MG) e na própria cidade de Araçuaí (CPCD, 2014). Além disso, foi vencedor do Prêmio Itaú Unicef: Educação e Participação, em 1995, e foi reconhecido como experiência criativa e inovadora na área de educação fundamental, multiplicando-se em escalas local, regional e nacional.



**FIGURA 24:** Atividade no Ser Criança, 2015. *Fonte: Gabriela Silva.*

Tem como principais objetivos (CPCD, 2015):

- Através de atividades complementares à escola, promover ações afirmativas no cotidiano de crianças de 7 a 14 anos, atuando contra o fracasso escolar e pessoal.
- Por meio da implementação de cada atividade, proporcionar aos alunos o senso de responsabilidade consigo próprios, com os colegas e com os diversos ambientes em que transitam em seu cotidiano.
- Auxiliar crianças e adolescentes, em sua vida cotidiana, dentro e fora do contexto escolar, na busca de experiências produtivas, da apropriação dos elementos de seu mundo no próprio crescimento pessoal.
- Desenvolver atividades que valorizem e aprimorem os saberes populares específicos de cada comunidade.
- Promover amplo diagnóstico que permita uma intervenção positiva dos educadores e das próprias atividades do projeto na vida das crianças por meio de ações integradas e de mão-dupla entre o projeto e a família, entre o projeto e a escola e entre o projeto e a comunidade, numa cadeia de ações afirmativas.

O projeto hoje atende em torno de 160 crianças, diariamente.

#### **4.8. Ações na zona rural**

As ações na zona rural realizadas pelo CPCD em Araçuaí são decorrentes de projetos já realizados durante o período de execução do Arassusa, principalmente de 2005 a 2013.

Durante esse período, além da construção do Sítio Maravilha, outras iniciativas voltadas à zona rural ocorreram, como o projeto Caminho das Águas, com o intuito de contribuir para a transformação social do município, com o foco em ações que garantissem a segurança hídrica e promovessem a recuperação de ambientes da bacia do rio Araçuaí e o uso racional de recursos disponíveis na

região; e também a construção de Casa Saudáveis, que agregavam as tecnologias sociais da permacultura.



**FIGURA 25:** Quintal Maravilha, 2015. *Fonte: Gabriela Silva.*

Com ações organizadas em três diferentes frentes, como a Formação de Times, a Criação de Espaços e a Incorporação de Práticas, foi possível atingir resultados significativos de transformação, inicialmente em 4 principais comunidades rurais de Araçuaí – Alfredo Graça, Olinto Ramalho, Cruzinhas e Chapada do Lagoão –, no que diz respeito a alcances quantitativos, assim como no que se trata de valores e atitudes concretas da população local em relação ao cuidado com o meio ambiente (PROJETO CAMINHO DAS ÁGUAS, 2015).

A formação continuada de agentes comunitários (Mães Cuidadoras e Jovens Guardiões das Águas) e atividades de mobilização de famílias foram os primeiros pilares da transformação. Realizavam-se atividades diversas nos núcleos comunitários de atuação, atingindo cerca de 500 famílias no total (PROJETO CAMINHOS DAS ÁGUAS, 2015).

Além da ação voltada para a recuperação e preservação de nascentes da região (totalizando 65 nascentes cercadas e protegidas, junto ao plantio de mudas nas margens dos rios), eram realizadas, diariamente um trabalho com famílias em seus quintais e casas, disseminando práticas de permacultura, construção de estruturas, experimentação de receitas, grupos de produção e eventos, estimulando a reflexão permanente. Através da cultura local e aprendizagem contínua, os agentes comunitários atuavam como educadores, provocadores das mudanças necessárias. Foram feitos 20 eventos de mobilização voltados para a prática educativa: roda de viola, clube do vídeo, teatro com as crianças, roda de beleza, folia da água (PROJETO CAMINHO DAS ÁGUAS, 2015).

Assim, foram realizados os chamados Quintais Maravilha e Casas Maravilha, com a implementação de 200 estruturas como hortas em mandala, espirais de ervas, jardins suspensos, banheiro seco, cisternas de captação de água da chuva, canais de infiltração, entre outras diversas ações (PROJETO CAMINHO DAS ÁGUAS, 2015).



**FIGURA 26:** Cisterna de captação da água da chuva, 2015. *Fonte: Gabriela Silva.*

Os Quintais, dessa forma, passaram a ser espaços de transformação e locais de formação, exemplos concretos das possibilidades de aplicação das técnicas ecológicas. Planejados para reter mais água no terreno, suprimindo as necessidades de água potável das famílias no período de seca, constatou-se que os quintais se tornaram, ao mesmo tempo, uma estratégia educativa,

inspirando novas e contínuas tentativas de se criarem e experimentarem soluções no desafio de cuidar das águas, das terras e das pessoas.

Eram estabelecidas condições para que fossem feitos Quintais Maravilhas, para os quais se determinavam algumas moedas de troca:

<b>Tabela 2: Moedas de troca</b>
<b>Lixo Zero:</b> redução e aproveitamento dos resíduos, lixeiras feitas com fibra da bananeira, cipó e taquara.
<b>Queimada Zero:</b> não queimar lixo nem matéria orgânica.
<b>Proteção do solo:</b> cobertura vegetal, adubação verde, cerca viva, leiras.
<b>Manejo das águas:</b> canais de infiltração em nível, açudes, captação de água das chuvas, irrigação por gotejamento.
<b>Adubação:</b> pilhas de composto, minhocários, biofertilizantes.
<b>Saneamento:</b> círculo de bananeiras, banheiro seco.
<b>Manejo de pragas:</b> uso de inseticidas naturais, plantio de nim.
<b>Plantio inteligente:</b> hortas em mandala, espirais, consórcios aproveitando melhor o espaço e a água.
<b>Produção de alimentos:</b> "miniviveiros", "minicasas de sementes" e agroflorestas.
<b>Kit Café:</b> 13 árvores plantadas: 3 para autoconsumo e 10 visando geração de excedente.
<b>Água e saúde:</b> filtros para cisterna e monitoramento da qualidade da água.
<b>Estética e valores culturais:</b> pintura com tinta de terra.
<b>Autonomia e cooperação:</b> produção e troca de receitas naturais de produtos de higiene e limpeza; participação nos mutirões; realização de oficinas e atividades em quintais de outros moradores.
<b>Cuidados com as crianças:</b> garantir frequência na escola e vacinação.

Fonte: CPCD, 2015

Transformando-se em polo de ativação de uma cultura de sustentabilidade, além de espaços educativos, os quintais tornaram-se cada vez mais produtivos, gerando alimentos para subsistência familiar e excedentes para serem comercializados.

É por isso que hoje as ações na zona rural, com o apoio do CPCD, não têm financiamento externo; a busca se dá na criação de estratégias e soluções para a comercialização dos produtos, como forma de geração e aumento de renda familiar.

Mulheres agentes comunitárias hoje se organizam para comercializarem seus produtos nas feiras da cidade. Seus produtos, orgânicos e de manejo familiar, são diferenciados, com benefícios diretos para a saúde humana e da terra. Em 2014, comercializavam cestas orgânicas através da mediação do CPCD e da Cooperativa Dedo de Gente. Já em 2015, passaram a vender seus produtos semanalmente na própria sede do CPCD, na cidade, expondo seus produtos sazonais.



**FIGURA 27:** Produtoras de alimentos orgânicos na feira, 2015. *Fonte: Gabriela Silva.*

Dessa forma, além de complementarem suas rendas, desenvolvem a autonomia de se auto-organizarem, fazendo a gestão do próprio escoamento, assim como

da produção e transporte. A ideia é, ainda para o ano de 2015, criar mais estratégias que dizem respeito à visibilidade de tais produtos, assim como agregar ações de valorização da cultura local com a comercialização (CPCD, 2015)

## **5. COMPLEXIDADE EDUCACIONAL**

O CPCD, a partir da sua experiência, traz grandes contribuições para a reforma de um pensamento em diálogo com uma proposta complexa para a educação. A partir da prática de repensar o saber, integra-o à própria vida, de modo a explicar a própria conduta do conhecimento em si, favorecendo a renovação dos indivíduos e da cultura, pelo desenvolvimento da aptidão para abertura aos grandes e surpreendentes desafios.

A instituição atua em todos os eixos que contemplam o conhecimento da complexidade humana: a consciência de como se dá a construção do conhecimento, da realidade e o reconhecimento do papel do indivíduo situado nessa perspectiva, que, por sua vez, faz parte da sua própria condição como ser humano, que dará pela convivência da pluralidade de situações complexas.

É através da sua estrutura organizacional, que contempla práticas de sua proposta pedagógica e de intervenção comunitária, portanto, que se elucida a sua contribuição na reconstrução tanto do sujeito, como da sociedade, visando o enfrentamento dos desafios do século XXI e toda a complexidade de acontecimentos atuais. Pela concepção do elo que vincula sujeito e sociedade, com noções antagônicas e complementares, como seus caracteres de autonomia e dependência mútuas, integram-se os princípios da complexidade, possibilitando conceber o sujeito como aquele que irá dar unidade e invariância a uma pluralidade de potencialidades sociais (MORIN, 2011:128).

## Parte II

### A complexidade como caminho para reorganização do conhecimento: a construção do bem pensar

*“A maior riqueza do homem  
é a sua incompletude.  
Nesse ponto sou abastado.  
Palavras que me aceitam como sou – eu não aceito.*

*Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas,  
que puxa válvulas, que olha o relógio,  
que compra pão às 6 horas da tarde,  
que vai lá fora, que aponta lápis,  
que vê a uva etc. etc.*

*Perdoai  
Mas eu preciso ser Outros.  
Eu penso renovar o homem usando borboletas.”*

Manoel de Barros

#### 1. A CRISE DO CONHECIMENTO, A CRISE DA VIDA

Desde o século XIX, o progresso sociocultural passa a se vincular com a organização da sociedade industrial, mecanoprodutivista, na qual o progresso científico se relaciona diretamente com o progresso técnico, que se tornam sinônimos de desenvolvimento econômico (MORIN, 2010:125).

A organização social, ao mesmo tempo em que teve grandes avanços a partir da técnica no seu progresso científico, passa a considerar esta como centro de desenvolvimento, fazendo com que o ser humano submeta-se a ela. Tal submissão faz com que o pensamento se configure como essencialmente tecnocrático a partir de uma racionalização unidimensional:

Ao longo da história ocidental e através do desenvolvimento múltiplo e ligados a técnica, ao capitalismo, a indústria, a burocracia, vida urbana, alguma coisa paradigmaticamente comum se estabeleceu entre os princípios de organização da ciência, da economia, da sociedade, do Estado-nação. (MORIN, 2011:27)

Esse padrão de organização, que se repercute tanto nas sociedades como na estrutura do pensamento, é incapaz de compreender a dinâmica viva e humana das sociedades – que considera o contexto e o global –, se tornando insuficiente

para lidar com desafios complexos atuais. Ou seja, a racionalização abstrata – que se reduz a tudo aquilo que é calculável e quantificável, passível de formalização, condenando, assim, todo o conceito que não seja traduzido por uma medida (MORIN, 2010:88) – acaba extraindo o objeto de seu contexto e de seu conjunto, rejeitando laços de comunicação com o meio em que está inserido e fragmentando a multidimensionalidade das realidades e as relações da parte com o todo.

Isso se demonstra nos dias atuais com o triunfante avanço na comunicação, por exemplo: apesar de variados instrumentos de comunicação se desenvolverem rapidamente, com o veloz crescimento tecnológico, parece que a incompreensão da complexidade da vida avançou proporcionalmente, evidenciando que nenhuma técnica comunicacional traz por si mesma a compreensão de uma realidade que abriga a complexidade em sua organização.

Isso ocorre por conta do princípio redutivo obedecer a um postulado determinista, ocultando tudo aquilo que é imprevisto e novo, diminuindo as possibilidades de reflexão e de compreensão do elemento humano do próprio ser humano: o subjetivo, o afetivo, o livre e o criador (MORIN, 2011:40). Isto é, entre tais condições, as mentes perdem suas aptidões naturais de contextualizar seus saberes e integrá-los em seu conjunto.

Consequentemente, a incompreensão de si referente ao conjunto do qual se faz parte reflete diretamente na configuração das relações do indivíduo com seus próximos, repercutindo não só em uma inconsciência de suas próprias condições como ser humano, mas em uma forte incompreensão do outro, desqualificando-o ou rejeitando-o.

De acordo com Clément Rosset, “a desqualificação por motivos de ordem moral permite evitar qualquer esforço de inteligência do objeto desqualificado de maneira que um juízo moral traduz sempre a recusa de analisar e mesmo a recusa de pensar” (ROSSET *apud* MORIN, 2011:99).

Atrofia-se, assim, a capacidade de reflexividade do ser humano, por conta das estruturas do modo de pensar dominante, reducionistas e disjuntivas, arraigadas

no indivíduo, e que cria, por isso, obstáculos à compreensão complexa (MORIN, 2011:86).

Dessa forma, à medida que a sociedade se complexifica, junto a seus desafios, que se tornam cada vez mais de natureza multidimensionais, cresce a incapacidade individual e social de lidar com os problemas atuais. Ou seja, quanto mais complexos são os desafios da atualidade, maior a dificuldade e incapacidade de enfrentá-los.

Este enfoque do pensamento analítico, desenvolvido pela redução e disjunção do homem em relação a sua posição perante ao mundo em que vive, faz, em uma dimensão coletiva, com que a sociedade se organize em diversas camadas, em que as tarefas são especializadas e precisas, sendo necessário que a hierarquia de controle seja bem definida, juntamente com a ênfase na responsabilidade pela coordenação, fazendo com que a visão de conjunto seja pertencente exclusivamente a um pequeno grupo de pessoas, dominantes e imponentes de toda uma cultura, fazendo com que, assim, o indivíduo perca o direito ao próprio conhecimento. Com a especialização, o especialista acaba por perder a habilidade de conceber o global e o fundamental, reafirmando o progresso técnico-científico e ao mesmo tempo tornando-o como uma limitação a democracia cognitiva (MORIN, 2010:19).

O desempenho tecnológico do ocidente europeu, por exemplo, fez com que este acreditasse por muito tempo ser o proprietário da racionalidade, apontando apenas erros ou atrasos em culturas diferentes da sua, julgando-as sob a medida de sua fundamentação tecnocrática de desenvolvimento.

Tal hiperespecialização do saber impede não só a percepção global, fragmentada em parcelas, como também aquilo que é essencial, por sua vez dissolvido na especialização, fazendo com que os grandes problemas dos seres humanos desapareçam em benefício dos problemas técnicos particulares. Em vista disso, Morin complementa que “a incapacidade de organizar o saber disperso e compartimentado conduz a atrofia da disposição mental natural de contextualizar e de globalizar” (MORIN, 2011:39).

Ou seja, o enfraquecimento da percepção global conduz ao enfraquecimento da responsabilidade de cada um perante os desafios do mundo, fragilizando também a solidariedade entre os seus próximos; pois, ao mesmo tempo em que cada um se preocupa apenas com sua tarefa especializada, não há mais sentimento de vínculos verdadeiros entre os concidadãos, que compartilham o mesmo espaço e tempo de vida.

Segundo Morin (2011:15), tal insuficiência do pensamento vigente se traduz numa patologia das sociedades contemporâneas repercutidas pelas crises no mundo, que, por sua vez, estão fundadas no próprio pensamento.

O problema do pensamento vigente reflete o padrão de construção cognitiva que prevalece nas sociedades atuais, se estendendo para um desafio de igual importância antropológica, política, social, histórica e ambiental.

Reconhece-se, assim, que o modo de organização do saber humano ameaça a humanidade, já que está ligado ao progresso cego e incontrolado do conhecimento. Isso faz com que o desenvolvimento da própria ciência esteja relacionado ao uso desgastado da lógica racional, desfigurando o próprio real (MORIN, 2011:9).

Isso se dá no panorama de múltiplas crises com as quais a humanidade se depara em tempo atuais, expressas num cenário contrastante e conflitante: ao mesmo tempo em que há grandes avanços nas áreas tecnológica, da medicina e da informação, exprime-se uma desigualdade (ainda) crescente, assim como a fragmentação social e a grave deterioração de ecossistemas.

Cada vez mais, pesquisas apontam dados de alertas sobre ecossistemas ameaçados, escassez de água, alterações climáticas, secas prolongadas, derretimento de calotas polares, crescentes índices de desmatamento na Amazônia, enchentes, aumento da camada de ozônio, efeito estufa, entre outros fenômenos que, catalisados pela ação humana, afetam diretamente a saúde do planeta Terra, com grandes consequências e impactos na vida do homem.

Ou seja, “a incapacidade de conceber a complexidade da realidade antropossocial, em sua microdimensão (o ser individual) e em sua

macrodimensão (o conjunto da humanidade planetária), conduz as infinitas tragédias” (MORIN, 2000:13).

Ameaças da humanidade estão diretamente relacionadas ao modo de organização do saber, revelando uma falsa percepção em relação às teorias e ideologias da ciência. A crise, vinculada ao progresso cego e incontrolado do conhecimento (como o uso de armas termonucleares, uso irracional de recursos naturais, relações de desenvolvimento que priorizam o acúmulo de riquezas ao invés das qualidades das relações humanas etc.), evidencia uma ignorância latente em relação a ser e estar no mundo, ligada ao desenvolvimento da própria ciência e ao uso deteriorado da razão.

A educação do paradigma atual, que exprime uma lógica da simplificação do real e de sua disjunção, por sua vez, segue cega:

Fragmenta o complexo do mundo em pedaços separados, fraciona os problemas, unidimensionaliza o multidimensional. Atrofia as possibilidades de compreensão e de reflexão, eliminando oportunidades de julgamento corretivo ou visão de longo prazo. (MORIN, 2010:14).

Porém, ainda são muito recentes discussões no campo das ciências que abram brechas para a integração e união das diferentes concepções do ser humano e para a necessária ampliação da percepção da compreensão do homem, a partir de epistemologia da complexidade. Desenvolver uma unidade da ciência que permita o entendimento da complexidade humana, revelando a totalidade biológica e cultural simultânea do ser humano, é essencial para lidar com a contínua reconstrução da realidade e a transformação do mundo, realocando a consciência do homem em sua condição, qual seja um ser natural integrado à natureza, ao mesmo tempo distinto de seu próprio meio.

### **1.1. O paradigma simplificador**

A separação entre homem e natureza tem sua explicação fundamentada por um enraizamento paradigmático que rege valores, pensamentos, comportamentos

e atitudes nas dimensões individuais e coletivas, configurando características das dinâmicas sociais atuais.

O paradigma simplificador, essencial no ocidente – como designado por Edgar Morin (2011:11) –, foi consolidado pelo matemático e filósofo francês René Descartes, transmitindo a ideia de fragmentação (ou disjunção), ao separar o sujeito pensante e o objeto entendido; influenciando todo o pensamento científico do século XX, à medida que compreendia o universo como uma máquina, em que os seres vivos eram regidos por leis mecânicas.

Formulado esse paradigma desde o século XVII<sup>14</sup>, separava-se a ciência e a filosofia: enquanto o conhecimento científico prezava pela busca obsessiva pela objetividade, implicando a eliminação do indivíduo e da subjetividade – que ainda se encontra como fonte do desenvolvimento e do progresso da ciência ocidental (MORIN, 2011:279) –, a filosofia tratava da subjetividade do sujeito pela reflexão sobre os fenômenos do mundo.

Nas ciências, a partir da introdução da medida, da precisão, da observação sistemática e da experimentação é que se inicia a separação entre o observador e sua observação, ou seja, entre humanos e os objetos de conhecimento. Assim é que se dava o valor da certeza absoluta sobre o conhecimento, considerando o sujeito como uma interferência no processo de investigação. Afastava-se, então, todo o juízo de valor dos juízos de fato e das teorias.

Nessa concepção, conhecer tinha o significado de separar: “Em face de um problema complicado, dizia Descartes, é preciso dividi-lo em pequenos fragmentos e trabalhá-los um após o outro” (MORIN, 1998:1).

A busca era conceber o Universo como uma “máquina determinista perfeita” (MORIN, 2011:58). Para o conhecimento, era necessário controlar e dominar o real, a partir da ordem, da certeza e da precisão dos fenômenos. Porém, na pureza da ordem, não há a possibilidade de criação; ela se reduz a uma lei ou a um princípio. Dessa forma, punham-se de lado outros elementos constituintes

---

<sup>14</sup> Paradigma triunfará na física, ciência primeira que reina até o início do século XX (MORIN, 2011:279).

das realidades observáveis, como os princípios da incerteza e da desordem, por exemplo, acarretando na desintegração da complexidade do real.

Essa desintegração traz à luz outro princípio do paradigma simplificador: a redução do complexo ao simples. Isso porque se faz crer que o recorte do real é o próprio real, destruindo aquilo que é conjunto e complementar, ou seja, negando-se as totalidades, a partir do isolamento dos objetos do seu próprio contexto. Ao ignorar as condições sociais, culturais e históricas, a ciência passa a eliminar toda a reflexividade sobre si, tornando-se mais fechada e, por isso, impedindo a tomada de consciência da noção do próprio paradigma.

Sendo assim, o pensamento simplificador torna-se incapaz de perceber a conjunção daquilo que é uno e daquilo que é múltiplo; unifica anulando a diversidade ou sobrepõe a diversidade sem considerar a unidade (MORIN, 2011:12). A ação simplificadora é a redução do diverso à unidade e a disjunção daquilo que está ligado entre si. Não é possível, então, enxergar a coexistência de ambos, pois os princípios que governam a visão das coisas e do mundo, na estrutura de organização do pensamento, são velados.

Em vista disso, é no decorrer do desenvolvimento da ciência, entre o fim do século XIX e o início do século XX, que esta passa a eliminar aquilo que é individual e singular, retendo a realidade a partir de leis gerais e identidades simples e fechadas (MORIN, 2011:57), passando a excluir a contradição, o erro e a confusão sobre determinado conhecimento. Simplificou-se a realidade, a partir da lógica reduzida à racionalização dos fenômenos, que passava a configurar a inteligibilidade.

A inteligibilidade cartesiana, mencionada por Morin, é reduzida a uma ordem lógica, na qual a verdade científica é a mesma que a verdade matemática, com banimento do não mensurável; ou seja, são expulsos as desordens e os acasos (2011:279). Tal concepção de mundo é vinculada à inteligibilidade lógico-matemática e às estruturas da realidade objetiva, sendo esta a razão suficiente, que dá tudo a própria razão de existir.

Tal razão, no entanto, consiste em querer reter a realidade em um sistema lógico perfeito dos fenômenos, fundamentado na dedução e na indução<sup>15</sup>, fazendo com que tudo aquilo que contradisser a visão coerente seja afastado da realidade estudada. Dessa forma, a racionalização nega a contestação argumentativa e a verificação empírica, sendo fechada em si mesma e fazendo com que a compreensão da realidade, desse modo, seja reduzida a uma explicação simplista.

A concepção de inteligibilidade, ligada à racionalização, acaba por ignorar a subjetividade, a afetividade e o irracional como elementos da racionalidade. Ou seja, são selecionadas operações lógicas que, ao mesmo tempo em que são evidentes e pertinentes, acabam excluindo, negando e fragmentando, por privilegiar certas operações em detrimento de outras. Controla, dessa forma, as necessidades e verdades do próprio conhecimento, fundando o axioma e expressando-se nele próprio (MORIN, 2011:24).

Assim sendo, o paradigma faz a seleção e a determinação de operações lógicas, operando o controle do emprego da própria inteligibilidade, designando as categorias sobre as quais se fundamenta.

É assim que se consolida, portanto, um paradigma regido por princípios da disjunção, redução e da lógica, que “obriga a desintegrar as entidades globais e suas organizações complexas em benefício das unidades elementares que as constituem e que se tornam fonte e fundamento da própria inteligibilidade” (MORIN, 2011:280).

Inteligibilidade esta que vai refletir por séculos na configuração estrutural implícita da organização das sociedades ocidentais, sendo um reflexo da estrutura que compõe o pensamento, autoconfirmando o paradigma através da própria lógica e da epistemologia, que controla a visão de mundo.

---

<sup>15</sup> A indução tinha como base um número importante e variado de observações, a partir das quais se elaboravam leis gerais. Já a dedução era um meio implacável de conduzir à verdade; eliminava-se toda confusão, equívoco e contradição (MORIN, 1998).

## **1.2. Noção de paradigma: organização e cognição**

Por estar contido dentro do núcleo das organizações das sociedades, o paradigma abarca todo o campo cognitivo de uma cultura, fundamentando os esquemas de pensamento, pressupostos ou crenças e, por isso, desempenhando um papel central de dominador das teorias. Os campos cognitivo e cultural são onde as teorias nascem (MORIN, 2011:263).

O sistema de ideias passa a ser organizado baseado no paradigma vigente, controlando a organização dos raciocínios individuais. Em uma maior escala, o controle vai do raciocínio e da lógica à epistemologia, que, por sua vez, controla a própria teoria e a prática decorrente desta. É no sistema de ideias, de onde emerge o conhecimento dado pela sua organização, que o paradigma estabelece seus conceitos intrínsecos, fornecendo-lhes articulação lógica, determinando sua relação com o mundo exterior ao sistema e legitimando regras de inferência que garantem a demonstração de uma proposição (verdade), constituindo seus axiomas.

Dessa forma, criam-se determinados tipos de percepção, definindo uma “paisagem mental”, como Morin afirma, fazendo referência à expressão de Maruyama (2011:264).

É a partir da “paisagem mental” que os indivíduos irão expressar a sua inteligibilidade, através do conhecer, do pensar e do agir. O processo de seleção ou de rejeição de determinadas ideias está implícito nas operações lógicas, conceituais e categóricas dos princípios paradigmáticos. Essas práticas tornam-se endógenas ao discurso, ocultas e dominantes em toda a teoria.

A partir dessa compreensão é que se pode evidenciar a correlação clara entre a organização do conhecimento e a organização das sociedades, permeada por um princípio de coerência entre o núcleo paradigmático que os envolve. A regeneração do próprio paradigma é feita em uma dinâmica autorreprodutora e autorreguladora, mantendo seu padrão dinâmico de “funcionamento”, num círculo ativo de retroalimentação entre a noologia (ciência dos sistemas das ideias) e a organização sociocultural – inicialmente fundamentada no paradigma (MORIN, 2011:274). É um processo cogenerativo, no qual o princípio de geração

irá depender da realidade que o gera e, ao mesmo tempo, necessitar desta para ser regenerado. Nesse cenário, o paradigma está inscrito na organização de uma sociedade, determinando-a e sendo determinado por ela.

Verifica-se, então, o eixo comum no âmbito organizacional do conhecimento e da sociedade, ocorrendo em um diálogo constante. Para Morin (2011:286), o paradigma vai ser o modelador e gerador da organização do cognitivo, do noológico e do sociocultural. Ele também vai estabelecer e manter as interações que dão unidade aos núcleos (do conhecimento e da sociedade), organizando o processo de construção do conhecimento, que, por sua vez, organiza as diferentes camadas do indivíduo e, portanto, passa a influir diretamente na dinâmica das diversas dimensões das organizações da sociedade. É, portanto, no e através do paradigma que haverá uma profundidade da compreensão das sociedades e de suas relações, na dimensão noológica.

Em suma, o paradigma instaura relações essenciais que constituem axiomas, determinam conceitos e conduzem discursos teóricos, gerando sua regeneração e organizando sua organização.

### **1.3. Cegueiras paradigmáticas: *imprinting* e possessão noológica**

A condução das tragédias e das crises que configuram o panorama atual da humanidade se dá pela incapacidade de conceber a complexidade da realidade antropossocial, tanto no nível individual, sociocultural, como no conjunto planetário em que o homem está inserido.

Como já visto, o grande equívoco está no modo de organização do saber, ligado a um processo descontrolado e cego do desenvolvimento do conhecimento.

Mais do que uma falsa percepção da realidade e do mundo, o pensamento simplificador possui carências e limitações que conduzem a ações destruidoras

do conhecimento, que desfiguram a realidade, se configurando como uma patologia contemporânea do pensamento vigente<sup>16</sup> (MORIN, 2011:15).

A razão como sinônimo de racionalização, que encerra, portanto, o real num sistema de ideias coerentes, porém parciais e unilaterais, ignora parte irracionalizável da realidade, que tem como missão dialogar com o próprio real.

O surgimento de um novo paradigma, portanto, ataca enormes evidências, interesses e instiga resistências, pois ameaça conceitos, ideias, teorias, status e prestígio de indivíduos habituados ao paradigma predominante. Além disso, desperta a instância problemática, assim como a reinterpretação do mundo e, conseqüentemente, desenvolve novas técnicas de observação, propulsando o processo de mudança.

Porém, há uma grande acomodação no paradigma, que se dá por diversas variáveis que se consolidam em uma cultura através da sua dinâmica autorreprodutora e autorreguladora. Uma das variáveis se dá no nível cognitivo, o que se chama de *imprinting* cultural, como designado por Konrad Lorenz<sup>17</sup>, pai da etnologia. Morin afirma que o *imprinting* inscreve o conformismo cognitivo e sua normalização, eliminando a possibilidade de contestar a si próprio (2011:26).

Marcando o ser humano desde o seu nascimento, com a faceta da cultura instaurada nas diferentes instâncias sociais das quais o indivíduo faz parte (família, escola, outros círculos sociais nos quais a criança está circunscrita) através das suas primeiras experiências, o *imprinting* cultural vai fazer com que a seleção sociológica e cultural das ideias obedeça às próprias condições nas

---

<sup>16</sup> Há, segundo Morin (2011:276), uma dupla práxis ocidental, baseada ao mesmo tempo na autoadoração do sujeito individual, o individualismo, e no humano, antropocentrismo. Essa dicotomia está presente tanto na dimensão social, a partir de sua organização, como na vida individual de cada um. São ações que se excluem mutuamente, sendo categorizadas em boas ou más, verdades ou mentiras. Faz-se na cultura ocidental, assim, com que cada um tenha pelo menos uma “dupla vida”, por viver num conflito constante pela dicotomia presente no seu núcleo organizacional. Conseqüentemente, na concretização do paradigma ocidental, fundido com o paradigma simplificador da ciência clássica, atualmente, há enormes rachaduras nas totalidades sólidas que geram mecanismo de posse e controle de forças, de corpos e de energias. As condições de origem das sociedades ocidentais configuraram uma disjunção vinculada à grande cisão radical do ser humano perante a comunidade planetária e as múltiplas cisões internas que agem sobre o próprio indivíduo: “A ciência tornou-se cada vez mais produtora/produto de uma dinâmica técnico-científica, sendo ela própria cada vez mais produtora/produto da dinâmica sócio-histórica” (MORIN, 2011:73).

<sup>17</sup> Zoólogo e etnologista austríaco (1903-1989).

quais o indivíduo está prescrito, que, por sua vez, é diferente daquilo que é a verdade.

Morin complementa que o *imprinting* “inscreve-se no cérebro desde a primeira infância, pela estabilização seletiva de sinapses, inscrições primeiras que marcarão irreversivelmente a mente individual em seu modo de conhecer e agir” (MORIN *apud* MARIOTTI, 2007).

Inicialmente o *imprinting* é reforçado pela aprendizagem de forma padronizada e instaurado social e culturalmente, na lógica que preza a racionalização, excluindo todos os demais métodos, conhecimento, modos de pensar e agir, afirmando que as ideias e crenças não são apenas produções da mente, mas possuem autonomia e vida própria, influenciando diretamente a construção do conhecimento humano.

Na sua normalização, o *imprinting* irá reprimir tudo aquilo que vai contra as verdades, regras e certezas de determinada sociedade. Dentro disso, é importante colocar que, apesar de ser uma tendência do ser humano se fixar em certos referenciais que conduzem sua forma de pensar e agir numa realidade, inclinando-se a buscar sempre a repetição e o conhecido e recusando a diferença, fixando, assim, uma padronização, tal mecanismo, ao mesmo tempo, irá impedir a evolução da própria cultura, do conhecimento e de si mesmo.

A interdição está no acesso a outras experiências, fazendo com que o sujeito se prive de enxergar novas maneiras de construir o mundo.

Porém, a mente torna-se ao mesmo tempo o centro da submissão e da liberdade. Submissão por conta do *imprinting* configurado pela herança cultural que o sujeito recebe ao vir ao mundo; e liberdade pela capacidade de questionamentos dos elementos que levam ao mesmo *imprinting*, possibilitando formas de mudança.

Acredita-se, portanto, que apenas com a tomada de consciência da natureza e das consequências do paradigma é que se podem abrir possibilidades para que outras formas de pensamento possam vir a surgir.

Para a transformação do modo de pensar, influenciando na visão de mundo e no mundo do pensamento (sistema de ideias), é necessária uma reorganização geral de suas estruturas organizadoras, a qual, por sua vez, vai possibilitar novas formas de configurações dos sistemas, sejam eles noológicos ou socioculturais.

A tomada de consciência sobre o paradigma irá interferir na lógica, no discurso, em conceitos e no raciocínio do paradigma em questão. Dessa forma é que se poderá perceber a ligação de todas as instâncias cerebrais, espirituais, psíquicas, noológicas, culturais e sociais.

A mudança, por sua vez, pode ser acompanhada de crises profundas e invisíveis, que conseguem ser percebidas e admitidas apenas mais tarde. O paradigma, com duração de longo prazo (se consolida e perpetua secularmente), transforma, assim, as estruturas organizacionais, alterando o núcleo gerativo e transformando regras da própria conduta de existência.

Mais do que isso, ter a consciência do paradigma simplificador é o primeiro passo para se abdicar da visão clássica tradicional, desobedecendo seus princípios predominantes de redução, disjunção e lógica, e sabendo ao mesmo tempo inferir e distinguir.

Afinal, a mudança necessária fertiliza o terreno da complexidade no que se trata do modo de organização das ideias, e não da oposição entre aquilo que é verdadeiro ou falso, ou bom e ruim, como exprimido no paradigma simplificador.

O avanço da consciência comporta o reconhecimento da existência, da realidade e do poder do paradigma. Porém, para que essa alternância de paradigmas ocorra, é preciso mudar condições socioculturais para poder modificar a consciência, ao mesmo tempo em que é necessário mudar a consciência para modificar as condições socioculturais (MORIN, 2011:293).

O sistema de ideias entra aí como mediador do conhecimento humano, em um grande paradoxo: apenas as ideias permitem conceber os prestígios e os perigos de si próprias. Ir contra ideias do velho paradigma só é possível a partir da ajuda delas mesmas.

Para que a ruptura de um paradigma ocorra, deve haver uma contestação radical capaz de resultar na queda de verdades até então reinantes. Os desvios, sejam eles no formato de erros, de conflitos ou crises, de determinado pensamento vigente podem tornar-se produtos principais para a emergência de uma nova ordem cultural.

Para que essa relação de dialogia possa ocorrer de forma positiva, visando a impactos assertivos no processo de transformação, Morin exprime que é com o desenvolvimento de uma epistemologia da complexidade que se pode convir ao conhecimento do homem, possibilitando, assim, civilizar o conhecimento da humanidade (2011:17) – pela consciência do próprio paradigma.

#### **1.4. A emergência da reforma do pensamento: compreendendo a transformação**

As transformações, por sua vez, só podem ser concebidas quando saem do contexto sócio-histórico que as condiciona, expondo que a complexidade da cultura apresenta, em sua natureza, uma desigualdade na qualidade de seus determinismos.

No processo do surgimento de perturbações culturais, originadas por crises, conflitos, equívocos ou mesmo brechas de emergência de novos conceitos, a reorganização da relação entre os indivíduos que constituem e perpetuam a cultura e ela mesma ocorre de forma profunda e centralizada. Ou seja, a dialógica entre a autonomia relativa de cada indivíduo – junto a suas particularidades em suas vidas singulares – unida às injunções da cultura introduz, no decorrer de sua evolução, a pluralidade, separações, oposições, retroatividades e desordem social, coexistindo com a regeneração constante da padronização da organização sociocultural (MORIN, 2011:43).

Aprofundando a questão, a perspectiva complexa de construção do conhecimento compreende que o fator o aleatório<sup>18</sup> surge, então, e perturba o

---

<sup>18</sup> Aleatório é interação entre inúmeros componentes da realidade. Fenômenos oscilam sempre entre regularidade e irregularidade absolutas. Provocam desenvolvimentos inesperados e incontrolláveis (MORIN, 2011:392).

funcionamento da dinâmica organizacional sociocultural solidificada, fazendo com que a cultura e seus indivíduos constituintes possam enfraquecer a ordem ou modificá-la local e parcialmente (à medida que vai se autorreorganizando constantemente). A desconexão relativa quanto ao *imprinting* abre possibilidades de invenção e criação, surgindo novas visões/ideias sobre a cultura, a sociedade, o real e o mundo.

É assim que aparecem as brechas no sistema de reprodução e de manutenção da invariância, colocando em cheque as falhas da normalização. Dessa forma, amplia-se a autonomia dos indivíduos e a cultura passa a se complexificar.

Uma nova situação se forma, com uma reorganização profunda, que muda todas as formas de relação dos indivíduos perante a cultura e a dinâmica social – reconfigurando toda a subordinação – que, por sua vez, usam seus potenciais de autonomia, exercendo crenças, valores e ideias que reinam na esfera singular.

Dessa forma, “a revolução mental começa quando certos indivíduos deixam de submeter-se às ordens, mitos e crenças que emanam de uma cultura padronizada regente, tornando-se, assim, sujeitos do conhecimento” (MORIN, 2011:44).

Permite-se, então, considerar, refletir, pensar os problemas de diversas naturezas, aos quais se não tinha acesso. Cria-se a possibilidade de dúvidas e críticas, de negação, de problematização e de ampliação das escolhas. Uma nova situação se funda, permitindo uma nova organização na esfera do conhecimento e do pensamento, concedendo aos indivíduos inicialmente beneficiados pelas mudanças, advindas da dialógica cultural, exercendo sua autonomia do pensar, exprimidas nas novas condições.

Assim, se originam novas correntes do conhecimento científico, que ao mesmo tempo fortalecem o espírito, a partir do intercâmbio dialógico, o qual amplia ideias e conhecimentos, fazendo com que surjam novas descobertas e organizações do pensamento, além das condições que o permitem emergir.

## 2. A TRANSIÇÃO: DO PARADIGMA SIMPLIFICADOR A UM SISTEMA DE PENSAMENTO COMPLEXO

### 2.1. Emergência de um novo pensamento

O surgimento do pensamento complexo se dá a partir da óptica científica, no século XIX, nos campos da micro e macrofísica, porém ainda suprimidas na margem dos estudos. No caso da microfísica, se introduz a complexidade na relação entre o observador e o observado. Já na macrofísica complexificava-se a relação entre tempo e espaço, que até então eram consideradas como instâncias independentes daquilo que se observava (MORIN, 2011:34).

Porém, a ciência reduzia a complexidade dos fenômenos à ordem simples e às unidades elementares, consolidando a visão e a prática científica ocidental do século XVII ao final do século XIX, como já citado anteriormente, sem grandes e significativas mudanças que se voltavam para a construção da visão complexa de mundo.

No final do século XIX e início do XX, portanto, inclui-se a noção de interação e interferência nas estatísticas, sendo este mais um passo para a inclusão de novos olhares. Mais para frente tenta-se aprofundar o trabalho estatístico com o aspecto da multivariância, mas ainda num nível em que persiste a visão redutora e que ignora a realidade abstrata, que tem a necessidade de consideração de diversos outros elementos (MORIN, 2011:34), fazendo com que ainda fosse insuficiente o olhar complexo no campo da ciência.

Apenas no final dos anos 1960, através da teoria da cibernética<sup>19</sup>, que a complexidade penetra verdadeiramente nas ciências, aparecendo na relação com os fenômenos de auto-organização, com a possibilidade de se estudar os resultados do funcionamento dos sistemas, relacionando aquilo que entra e aquilo que sai dos mesmos (alimentadores e produtos/*inputs* e *outputs*) (MORIN, 2011:35).

---

<sup>19</sup> A cibernética é voltada para autorregulação, pelo mecanismo de retroalimentação, no qual o sinal de saída é o mesmo modelo da entrada. Ou seja, há interdependência entre *inputs* e *outputs*. Foi criada em 1943 por Norbert Wiener, como ciência interdisciplinar para relacionar todas as ciências (MERISON, 2015).

A teoria da informação<sup>20</sup> é outra vertente constituinte da complexidade, que contribui com a ideia das variáveis da incerteza, do inesperado e da ambiguidade, em que a informação que chega até um indivíduo pode causar ordem e/ou desordem em sua pré-estrutura de conhecimento. Ligada com a teoria da cibernética, a teoria da informação assume uma função organizadora da dinâmica autorreguladora dos sistemas e de seus elementos (MORIN, 2011:24-26).

Junto às duas teorias, a teoria dos sistemas introduz e traz grandes avanços para a formulação de uma óptica da complexidade a partir de uma reflexão sobre a biologia, que já se desenhava desde os anos 1950 por von Bertalanffy, biólogo austríaco, que deu origem a teoria dos sistemas. Os sistemas têm elementos fecundos na cibernética, no qual a unidade tem caráter complexo, ou seja, determinada totalidade não se reduz à soma das partes que a constitui (MORIN, 2011:20).

Os sistemas, por sua vez, são considerados complexos organizacionais que se autorregulam (CAPRA, 2006:50), pela dialética da ordem e da desordem, por um conjunto de elementos interdependentes que interagem para atingir um objetivo, formando um todo unitário, ou uma totalidade, fazendo com que os próprios elementos determinem como o sistema trabalha. Podem ser categorizados diferentemente entre si (podendo ser abertos ou fechados, físicos ou abstratos, estáveis ou dinâmicos etc.), dependendo das características que os determinam, não excluindo a sua complementaridade (WWF, 2003:17).

Essa conceituação teve origem na construção baseada na compreensão comportamental dos sistemas vivos, cuja existência e estrutura dependem da alimentação (energética e organizacional) com ambiente externo a ele, ou seja, se constituem como um sistema aberto, no qual, para manter seu equilíbrio dinâmico, deve manter uma troca constante com o próprio externo (MORIN, 2011:22). O sistema vivo irá organizar seu fechamento na e pela sua natureza

---

<sup>20</sup> A teoria da informação utilizada na concepção da complexidade, no fim da década de 1960, veio de ideias do engenheiro estadunidense Warren Weaver (1894-1978) e do físico francês Léon Nicolas Brillouin (1889-1969) (JR., 2015:13).

de abertura, a fim de manter suas estruturas, que mantêm, conseqüentemente, sua integração.

## **2.2. Pensamento Complexo: princípios, fundamentos e concepções**

Em conjunto com correntes teóricas que contribuíram para a concepção do pensamento complexo, a percepção organizacional dos sistemas vivos deu a base mais aprofundada para o seu desenvolvimento e configuração. Quando se passa a ampliar a percepção da dinâmica viva e todas as dimensões e instâncias que ela abrange, pode-se voltar o olhar para o reconhecimento do mistério dos fenômenos da natureza e da compreensão do homem nesse universo, como fibra do tecido da vida, incluindo-se como parte da dinâmica orgânica.

Assim, se estabelecem alguns fundamentos e princípios que vão reger o pensamento complexo a fim de incitar a construção de um novo paradigma<sup>21</sup>.

Para Morin, conceber a complexidade do real significa, justamente, ter um pensamento que comporte o uso de contradições e o reconhecimento das incertezas. É tarefa do pensamento complexo questionar e salvaguardar tais contradições (2011:245).

A contradição, por sua vez, surge quando se resiste à lógica que se prende à racionalização (dedutiva e indutiva), reconhecendo que os antagonismos que surgem no pensamento são complementares e não excludentes.

Dentro do paradigma simplificador, ainda instaurado e regente na cultura atual, os antagonismos que estão presentes no mundo são traduzidos pelo

---

<sup>21</sup> Para tal compreensão, fundamentar um conceito mais amplo de sistema vivo faz-se necessário. Segundo Maturana e Varela, seres vivos são: “redes de reações moleculares, devido a diversidade e plasticidade das moléculas orgânicas, que produzem os mesmos tipos de moléculas que as integram e, também, limitam o entorno espacial no qual se realizam. Essas redes de interações moleculares, produzem a si mesmas e especificam seus próprios limites” (MATURANA; VARELA, 2007:46). É a partir do entendimento de como se organiza um ser vivo que irá se conceber a noção de vida e como ela se dá, transferindo a mesma ideia para outras esferas vivas, como os sistemas referidos aqui. Segundo os autores, organização se dá partir das relações que devem ocorrer entre os componentes do sistema, permitindo seu reconhecimento. Já a estrutura se dá pelos componentes e suas relações que constituem concretamente uma unidade particular, e, por isso, configuram tal organização (2007:54). Ou seja, a organização dá a identidade ao sistema, enquanto sua estrutura é aquilo que a configura como unidade sólida.

pensamento em contradições, pois, quando atingem uma camada profunda da realidade, não encontram tradução na lógica, por esta estar limitada na racionalização.

À medida que se compreende que contradição é, na verdade, complementaridade ou completude, enxerga-se que as dimensões da realidade são ligadas umas às outras, identificando-se, assim, a complexidade.

A integração complementar das diversas instâncias que compõem a realidade, então, faz referência ao caráter multidimensional, reconhecendo um saber não fragmentado, não compartimentado e não redutor, evidenciando, assim, o que é inacabado e incompleto.

Dessa forma, jamais se terá um saber total, já que o pensamento está continuamente se integrando à complementaridade de variadas dimensões. O senso de complexidade é o senso da multidimensionalidade e da solidariedade entre os âmbitos que (re)constituem a realidade.

A complexidade do pensamento passa a ser, portanto, a incompletude lógica que o saber se comunica com o universo:

O pensamento comporta realidades organizacionais vivas, encontrando no real as suas próprias complexidades entrando num circuito de geração mútua entre o pensamento e o real. Assim sendo, a complexidade que o pensamento pode descobrir no mundo já está inserido nele mesmo, se configurando como produto do próprio ser humano: ele mesmo como resultado de um processo local de complexificação particular em um mundo complexo (MORIN, 2011:244).

A complexidade é, assim, encontrada onde não se pode superar uma contradição, pois “integrar o contraditório não significa superá-lo” (MORIN, 2011:241). Ou seja, a ambiguidade aparece como outra característica fundamental desse pensamento, na qual a complementaridade dos seus elementos antagônicos configura a sua forma de organização.

Sua natureza organizacional, que representa essa ambivalência, passa pela dinâmica da ordem e da desordem. Tais elementos em contraste cooperam de certa maneira no sistema. A ordem nasce a partir de um processo que produz desordem. Assim, como no universo, e como visto nos sistemas vivos, a degradação e desordem também concernem a vida (MORIN, 2011:61). De

natureza semialeatória, esses aspectos em contraste se relacionam permanente e transversalmente ao paradigma, aparecendo como princípio a partir do entendimento de que o cosmos é um processo em vias de desintegração e de organização concomitantes. O sistema, ao se desintegrar, se reorganiza de forma autorreguladora.

Permite-se a definição do primeiro princípio do pensamento complexo: o **dialógico**. Tal princípio associa duas lógicas complementares e antagônicas, como a ordem e desordem, por exemplo, não permitindo a dualidade no seio da unidade.

Sendo que uma unidade pode ser considerada como o próprio ecossistema da qual faz parte. Ecossistema este que expressa condições sociais e culturais. Na construção do pensamento complexo, a auto-organização aqui revela, então, que a realidade constituída emerge da trindade formada pela cultura, sociedade e pelos próprios indivíduos, que, por sua vez, comportam pluralismos (MORIN, 2011:107).

O seu desenvolvimento é endógeno e auto-organizador, e se dá pelas trocas externas, a partir de sua característica aberta, dando condições favoráveis para a superação das condições locais. Ou seja, o caráter autônomo do sistema, dado pela auto-organização, faz com que o sistema se reconfigure continuamente, superando o próprio sistema e fazendo com que se torne cada vez mais complexo em sua organização, revelando a sua própria evolução.

O método dialógico torna-se o próprio modo de utilizar-se da lógica, em virtude do paradigma que reafirma a complexidade. Considerando as contradições insuperáveis e essenciais, a dialogia enfrenta-as e integra-as ao pensamento, comprovando que a vida obedece à complexidade da realidade viva, orientando o próprio pensar (que se utiliza da lógica, porém, sem se deixar subjugar por ela).

Por definição, a dialógica é o terceiro incluído, como denomina Edgar Morin: mesmo se opondo, duas proposições estão ligadas entre si, e cada uma é concomitantemente verdadeira e falsa em sua parcialidade: “Enquanto tentam se excluir reciprocamente, as duas tornam-se verdadeiras na sua

complementaridade. São fonte de verdade num contexto simples, mas tornam-se fonte de erros num contexto complexo” (MORIN, 2011:250).

A prática é dialógica, dessa forma, ocorrendo com aquilo que é incerto e desconhecido da realidade, na busca pela verdade. As possibilidades de enfrentamento dos erros e da problematização da verdade estão ligadas, assim, com a própria abertura do sistema. Nada fecha a abertura para o desconhecido. Essa é a ideia complexa do progresso do conhecimento. Assim, o nível de complexidade vai depender do desenvolvimento da auto-organização: no caso do pensamento, a sua relação com a ação autônoma, individual, das riquezas de relações com o meio ambiente, das atitudes para aprendizagem, da inventividade e da criatividade.

Incompletude, incerteza, ambiguidade, antagonismo, indeterminação, contradição e aleatoriedade passam a ser os fundamentos compreendidos do pensamento complexo, coexistindo em interação. O paradigma em ação pratica a dialogia e a translogia (indo além da lógica como compreensão da razão), prezando pela distinção ao invés da disjunção, e pela associação ao invés da redução.

Nessa concomitância de elementos característicos, irá brotar o segundo princípio do pensamento complexo: o **recursivo**, no qual produtores e produtos são atuantes do mesmo processo. O pensamento está ativo na autoprodução permanente da realidade social, que por sua vez é decorrente das interações entre indivíduos. O pensamento, no fim, dispõe de potencialidades geradoras--organizacionais (MORIN, 2011:103).

Tratando da formação da sociedade, uma vez produzida pela interação de indivíduos, a mesma retroage sobre os indivíduos que a produz, num ciclo autoconstrutivo, auto-organizador e autorreprodutor.

Portanto, a sociedade e os indivíduos existem simultaneamente, possuem atos recíprocos e formam uma totalidade de relações mútuas. Este princípio se fundamenta como o terceiro do pensamento complexo: o **hologramático**. Ele exprime exatamente que a parte não está somente no todo, mas o próprio todo está de certa maneira presente nas partes que se encontram nele. Sociedade e

cultura passam a ser considerados o todo em relação ao pensamento e aos indivíduos (MORIN, 2011:103).

Em outras palavras, a sociedade é vista, portanto, como um macrossistema contendo em si subsistemas, mas ao mesmo tempo se configura como um ecossistema coorganizador dos sistemas contidos nele, que comportam, hologramaticamente, a presença do macrossistema que os engloba (MORIN, 2011:46).

Tudo o que não existe sem organização volta-se sobre as partes, num contexto de complexidade, ou seja, toda qualidade emergente do todo se encontra nas partes que o constitui. Por conta disso, pode-se enriquecer as partes pelo todo e o todo pelas partes num mesmo movimento produtor do saber complexo.

Os três princípios – **dialógico**, **recursivo** e **hologramático** – estão articulados e se manifestam simultaneamente no pensamento complexo. Apesar de definidos e conceituados como fundamentos que se diferem, há uma intersecção entre eles, que está fundada numa conjunção complexa, em que a unidade do sistema, junto a seu desdobramento, passa a ser profunda e múltipla.

O exercício do pensamento complexo, diferentemente do paradigma simplificador, torna capaz de lidar com o real de forma a dialogar e a negociar com o mesmo, pois integra os modos de pensar simplificadores, porém sem deixar de levar em conta suas limitações: problemas, contradições e formalismos enrijecidos. Por isso, agrega, mas desconsidera “as consequências mutiladoras, redutoras, unidimensionais e ofuscantes de uma simplificação que se considera o reflexo do que há de real na realidade” (MORIN, 2011:6), indo na contramão, portanto, da desintegração da complexidade do real.

Ainda segundo Morin (2011:13), a complexidade, que significa um tecido de elementos heterogêneos inseparavelmente associados, exprime um paradoxo da coexistência do uno e do múltiplo. São acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações e acasos emaranhados que constituem o mundo fenomênico.

Em sua teoria, a partir da compreensão dos seus fundamentos numa óptica de mundo exercida, é possível situar diferentes níveis de complexidade, fazendo-se entender o nível mais alto do próprio fenômeno antropológico. Revela-se a relação entre universos das variadas áreas do conhecimento, assegurando a comunicação entre todas as partes que constituem a realidade.

Com cunho de abertura em que traz em sua composição, tal teoria permite a emergência, em seu próprio campo, da construção concomitante do mundo e do sujeito, a partir da concepção relacional dialógica entre ambos. O mundo passa a ser um horizonte de uma realidade mais ampla, pela noção de meio ambiente contida na sua base teórica.

### **3. EPISTEMOLOGIA E COMPLEXIDADE**

#### **3.1. Conhecer o conhecimento**

Reformar o pensamento, como propõe Morin, para instaurar um novo paradigma que dê conta de lidar com os desafios contemporâneos do século XXI está vinculado diretamente com os padrões de aprendizagem e, conseqüentemente, com a prática educacional.

Como já foi visto, a formação do pensamento humano, a partir da perspectiva complexa, se dá através de um processo dialógico, recursivo e hologramático em sua relação com a realidade (e tudo aquilo que ela envolve). Estes mesmos princípios, portanto, serão aplicados para repensar e constituir uma nova educação, que contribua para a criação de padrões cognitivos que irão convergir na complexidade para a reforma necessária do pensamento.

No âmbito educacional, para se construir uma nova forma de desenvolver o conhecimento é necessário, portanto, ter consciência de como ele se dá, a partir da compreensão das propriedades e sua ocorrência. Conhecer o conhecimento é uma convocação para adentrar o núcleo reflexivo do ser humano, e um passo para sua própria compreensão no mundo, já que as limitações do ser humano batem de frente com as limitações do próprio conhecimento (LORIERI; QUEIROZ, 2009:70).

A concepção complexa, na busca de elucidar qualquer compreensão do fenômeno humano, irá se dar pelo meio da autocrítica, em que as ideias que até então eram verdades absolutas passam a serem constatadas como vivas. A vivacidade explica além de sua dinâmica organizacional, a sua inerência à morte e à biodegradabilidade (MORIN, 2011:48).

Na sua construção, em sua vivacidade latente, priorizam-se elementos emergentes e interferentes dos sistemas interligados que formam o conhecimento, unidos aos fenômenos constitutivos do próprio objeto. Tal processo é regido por uma perspectiva multidimensional, não totalitária, que reconhece que o inacabamento do conhecimento é uma das suas propriedades, e é aberta sempre à incerteza e à superação.

Na prática do CPCD isso se evidencia a partir de suas tecnologias de planejamento, monitoramento e avaliação dos projetos – PTAs, MPRA, IQPs e MDIs –, nas quais a aprendizagem é um processo inerente. A partir da periodicidade frequente dessas ações, feitas de forma coletiva, por sua vez, estratégias são elaboradas constantemente em diálogo em relação a uma situação presente, fazendo com que se possa redirecionar atividades para cumprimento de objetivos, por exemplo.

Nesses momentos, as questões, ao serem compartilhadas, fazem com que se tornem pertencentes e de responsabilidade de todos. A diversidade de visões e opiniões irá legitimar a própria multiplicidade e complexidade da questão colocada, contribuindo com soluções de mesma natureza, contemplando, assim, todas as variáveis expostas, componentes do próprio conhecimento.

Ao mesmo tempo, a prática da construção conjunta do conhecer se dá nas parcerias feitas, como parte da cultura do CPCD, expressas no jeito de trabalhar. Assim, abre-se espaço para a ampliação da pluralidade de contribuições em relação às diferentes situações da realidade que são trabalhadas.

Ana Paula, coordenadora do projeto Ser Criança, coloca em sua fala que lidar com a incerteza e com a propriedade inacabada do conhecimento é algo instigado pela própria instituição, buscando a evolução do indivíduo, assim como da própria causa:

A instituição convoca a gente a mudar, a aprender, a criar, a inovar junto com as crianças... Mas o jeito que a gente aprendeu a fazer, a criar junto com elas, a desenvolver esse novo jeito de lidar, de ensinar e de aprender tudo ao mesmo tempo foi fazendo com que a gente fosse evoluindo junto com as crianças, né? Eu aprendi aos poucos, aprendi fazendo, aprendi me descobrindo. A descobrir. Aprendi a experimentar. Não achei nada imposto, ninguém ditou nada para gente. A gente é instigado a fazer esse tipo de coisa. (SILVA, A.P., 2015).

É comportando a integração entre o conhecedor e o conhecimento em si que se desenvolve a capacidade do indivíduo de exercer seu metaponto de vista, permitindo, por sua vez, a reflexividade da integração entre sujeito e objeto, observador e observado. Essa indissociabilidade se dá pela existência de ambos, que, no entanto, se encontra na existência de cada um. O objeto em relação ao sujeito, que observa, isola, define, pensa; e o sujeito em relação a um meio ambiente objetivo, que permite reconhecer-se, definir-se, pensar-se e existir.

Por isso que a educação contextualizada permite o enfrentamento daquilo que compõe determinada realidade. Reabitar lugares de forma significativa, a partir de uma relação de mútua nutrição, faz com que se restaurem as vidas individuais e a vida global em espaços comuns, compartilhados. Afinal, o contexto onde se vive é a experiência do próprio olhar do indivíduo. No caso no CPCD, o lugar torna-se a própria causa da transformação necessária, como um projeto coletivo e em ampliação para além da própria instituição.

Leff afirma:

O saber ambiental emerge de uma razão crítica, configurando-se em contextos ecológicos, sociais e culturais específicos, e problematizando paradigmas legitimados e institucionalizados. Esse saber não é homogêneo nem unitário. É um saber que vai sendo constituído em relação com o objeto e o campo temático de cada ciência. (LEFF, 2001:230).

Para se manter, o conhecimento “metaboliza o real para viver” (MORIN, 2011:163), se retroalimentando a partir de suas trocas com o mundo, vinculado a regras plurais das condições proporcionadas pelo meio. Assim, a partir do diálogo com o contexto mental e cultural do sujeito, instaura-se o convívio com as próprias ideias.

Essa interação entre mundo e sujeito se dá pelo fato de que as aptidões organizadoras do cérebro necessitam de tais condições para se atualizarem a

todo momento. O mesmo ocorre com as condições socioculturais, que, por sua vez, necessitam das aptidões dos indivíduos para se organizarem (MORIN, 2011:23). As trocas ininterruptas com os outros sistemas irão permitir o desencadeamento da evolução pela superação do próprio sistema. O conhecimento, assim, passa a ser de característica transgressora, indo além da própria lógica, sendo movido por criatividade, invenção e complexidade.

Criatividade e invenção eram, inicialmente, as “únicas regras” do CPCD para aprendizagem através da brincadeira e do brinquedo, a partir dos projetos Sementinha e Ser Criança.

Criar, por sua vez, está diretamente vinculado à manutenção da vida, que se recria e reproduz em seus ciclos constantes de renovação em sua rede interdependente de relações. A criatividade, portanto, faz com que o indivíduo transforme o mundo a partir da interação estabelecida em determinado espaço e tempo, ao atuar com uma finalidade. A dinâmica transformadora, na busca de um equilíbrio (que acontece numa relação de estabilidade e instabilidade), é, portanto, um princípio de organização da própria vida.

Já as trocas se dão pelas aberturas constituintes da organização do saber, consideradas vias de passagem de informações, fatos, acontecimentos. As informações passam a ser, então, parcelas do saber, ou melhor, matérias-primas que a totalidade do conhecimento deve dominar e integrar (MORIN, 2010:16). Na medida em que novas informações são integradas ao sistema cognitivo, o pensamento deve revistar e revisar o conhecimento, atualizando-o de forma permanente<sup>22</sup>.

Dessa forma, para uma ampliação da visão que se tem sobre a realidade e o mundo, designado pela evolução do sistema, o conhecimento, considerado uma unidade complexa, irá ligar tanto o pensamento analítico (do paradigma simplificador) quanto o pensamento global, demonstrando sua

---

<sup>22</sup> O sistema, dependendo de energia para manter sua autonomia em relação à dependência do meio em que interage, retirando energia, informação e organização do mesmo, desenvolve a interdependência do meio, em que seus processos reguladores são baseados nas múltiplas retroações que reduzem um possível desvio e estabilizam temporária e dinamicamente o sistema (MORIN, 2010:93).

complementaridade e seu caráter múltiplo, em termos de relações e possibilidades.

A educação, desse modo, no dever de conduzir o sujeito para a lucidez, permite a abertura da percepção para a convicção de que não existe uma única forma de relação, fazendo com que as diversas realidades sejam constituídas por jogos de interação e de (re)construção contínua e permanente, a partir da integração do meio ambiente junto ao sujeito e o reconhecimento de seu caráter dialógico e sua dinâmica auto-organizadora: “não se reproduzem somente conhecimentos, como estruturas e modos que determinam a invariância dos conhecimentos. O conhecimento evolui, transforma-se, progride e regride” (MORIN, 2011: 32).

Constrói-se, assim, uma nova aliança entre sujeito, meio ambiente e reorganização dos modos de pensar, viver e lidar com a realidade.

Maturana e Varela (2007:11) afirmam que os indivíduos constroem o mundo ao mesmo tempo em que são constituídos por ele, numa construção necessariamente compartilhada dentro de um processo incessante e interativo. Isto é, o mundo está no interior da mente humana, que por sua vez está no interior do mundo, fazendo com que aprender seja mudar junto com a mudança do próprio mundo.

A partir de uma realidade presente, então, novas descobertas vão sendo feitas, ações vão sendo aprimoradas e ocorre a propulsão do desenvolvimento. No caso do CPCD, os antigos projetos com ações em adaptação às necessidades e mudanças atuais se renovam, buscando a continuidade do desenvolvimento local, pelas aprendizagens em prática e pelos despertares da autonomia e de comunidades empoderadas, fazendo com que indivíduos enxerguem, assim, a responsabilidade perante aos seus próprios lugares.

A continuidade e adaptação das ações caminham, dessa maneira, junto com o fluxo da vida, em constante transformação e desenvolvimento.

Evidencia-se, aí, uma relação intrínseca entre ação e conhecimento, vida e consciência, em que as próprias ações são fontes de energias necessárias para

a renovação do organismo. Para a manutenção da vida, “resolver os problemas do viver, é sobreviver” (LORIERI; QUEIROZ, 2009:71).

Sobre isso, Maturana e Varela ainda colocam: “o processo incessante que é o conhecer a partir da consideração de que a própria vida é um processo de conhecimento, construído a partir da interação, no qual se aprende vivendo e se vive aprendendo” (2007:12).

Portanto, conhecer o conhecimento requer uma reforma dos princípios organizadores dele mesmo, que, de forma recursiva, precisa da concepção de sua noção.

### **3.2. Convergindo para uma nova cultura do conhecimento**

Um pensamento capaz de legitimar ações transformadoras significa mobilizar o conhecedor para que este saiba sobre o conhecimento do mundo, conduzindo-o, assim, para a pertinência do próprio conhecimento, o qual, por sua vez, é conhecer o mundo como o próprio mundo, revelando sua necessidade intelectual e vital concomitantes (PETRAGLIA, 2009:10).

Como essência cognitiva, a inserção de determinado conhecimento em seu contexto, situando-o em seu conjunto, faz com que dimensionar os contextos nos quais o conhecimento está inserido se torne indispensável na educação.

Por isso, segundo Morin (2010:102-103), é missão do ensinar fornecer uma cultura que permita compreender a condição humana sobre as diversas situações em que a realidade se coloca, assim como no mundo, numa perspectiva mais ampliada. É necessário construir um conhecimento que estabeleça um diálogo entre a cultura das humanidades e a cultura científica, de modo que seja possível apreender a multidimensionalidade das realidades humanas. Tais fins devem estar ligados entre si, se nutrindo mutuamente e despertando uma única cultura dada pela conexão entre as duas culturas, de forma complementar.

Para isso, é preciso uma cultura do conhecimento que distinga, contextualize e ao mesmo tempo globalize os desafios multidimensionais, na qual indivíduos

estejam mentalmente aptos a lidar com a crescente complexidade do conhecimento e da realidade, que é, a todo o momento, incerta.

Tal religação contribui para o desenvolvimento de uma ciência que concebe a humanidade em sua unidade antropológica, como nas suas diversidades individuais e culturais.

Pierre Léna (2013:55-56) complementa ainda que o conhecimento contemporâneo deve advir de contribuições universais, enriquecido pelas diversas culturas e tradições plurais e complementares entre si. Isso faz com que se multiplique possibilidade de escolhas, fazendo com que a adaptação às novas circunstâncias (locais e globais), a partir da constante transformação da realidade, seja mais livre e diversa.

Para além da abordagem unificadora do conhecimento entre suas áreas do saber, assim como a realocação do homem em seu meio e a integralidade dessas relações, há uma grande importância em disseminar experiências de êxito, como as que vêm sendo redesenhadas continuamente e aplicadas pelo CPCD, para assim inspirarem novas transformações.

Outras fontes para além de um contexto local delimitado a partir de suas características e identidade ajudam a ampliar a percepção da condição humana em escalas de espaço. Ou seja, aliar saberes locais e globais faz com que se siga o caminho da compreensão da multiplicidade do próprio ser humano, que possui singularidades específicas, assim como pertence a uma espécie comum à toda humanidade.

Encontrar pontos em comum ao mesmo tempo em que se respeitam diferenças vai ao encontro da criação dessa nova cultura do conhecimento proposta e necessária.

Tião Rocha, dentro da instituição, além de fundador e presidente, tem justamente o papel de contar para o mundo as histórias, as aprendizagens e o desenvolvimento de Araçuaí e de outros lugares em que o CPCD atua. Por isso, tem uma rotina anual de dar palestras, formações, reuniões, entre outros eventos, dissipando práticas consolidadas da organização e, simultaneamente,

se atualizando sobre um cenário global da educação no Brasil e no mundo (CPCD, 2015).

Assim, periodicamente, Tião Rocha visita Araçuaí e cidades que abrigam projetos da instituição, agindo como provocador de mudanças e desenvolvimento ao realizar reuniões com equipes e acompanhar os projetos em andamento. O CPCD, dessa forma, a todo momento agrega experiências e visões que fazem sentido para a própria realidade e para sua práxis.

Porém, em visita a campo e a partir das entrevistas realizadas, foi observado que não há a mesma conduta do CPCD em relação à comunicação de suas atividades voltadas para Araçuaí. Conforme já apontado na primeira parte, esta não é de fato uma preocupação da instituição, de acordo com Edilúcia, da Cooperativa Dedo de Gente. Para ela, o CPCD se faz conhecido à medida que estabelece parcerias locais, articulando ações conjuntas, com a intenção de realização de transformações profundas e significativas (2015). Ou seja, o movimento com propósito em ação é que irá estabelecer as conexões, agregando forças e experiências para a mudança.

Há um tempo atrás, a gente não se preocupava com isso, não. A gente realmente executava o trabalho, não era o objetivo que tivesse uma divulgação. Assim, as pessoas que fossem chegando, fossem sendo nossas parceiras...ia fortalecer. A gente fica se perguntando isso, por que umas pessoas ainda não conhecem? Mas a gente já fez tanta coisa, já fez tanta folia nessa rua, a gente já andou com tanta algibeira com os meninos pela rua, a gente participa de todos os movimentos, os conselhos que tem, movimentos sociais, onde as escolas estão. Mas a gente ainda fica nos perguntando por que isso ainda acontece. Dependendo da pessoa, do ponto da cidade, que parar e perguntar: “Onde está o CPCD?”, ninguém vai saber como dar uma informação. Mas eu não sei se é por desinteresse de alguns ou se é por falta nossa de divulgação, ou se é os dois também.... As pessoas que se interessam, elas conhecem, elas sabem. Tem a cooperativa, tem tantos projetos, todos os movimentos, as passeatas, todos os eventos, o CPCD, os jovens, as crianças estão participando, a comunidade. (BORGES, 2015).

De fato, ao se perguntar informalmente para pessoas na rua sobre o CPCD e o Tião Rocha, muitas pessoas não conheciam ou não sabiam do que se tratava. Mas era muito comum que, ao se perguntar sobre projetos isolados, muitas das pessoas não apenas soubessem do que se tratava, como também dessem informações e expusessem opiniões em alguns casos. Os projetos mais

conhecidos e reconhecidos são: a Cooperativa Dedo de Gente, o Ser Criança, o Cinema Meninos de Araçuaí e o Coral Meninos de Araçuaí.

Pode-se observar que, dentre os apontamentos, o Coral dá grande visibilidade para cidade, já que é reconhecido internacionalmente. O Cinema, conseqüentemente, feito pelos participantes do Coral, também evidencia uma grande conquista para o município, vinculado aos méritos dos próprios Meninos de Araçuaí. Já os comentários em relação ao Ser Criança e à Cooperativa são o notável reconhecimento do desenvolvimento de crianças no contraturno escolar, pelo espaço educativo e saudável que é o projeto Ser Criança, e da boa oportunidade de geração de renda para a juventude da cidade, quando se faz referência à Dedo de Gente.

Em pergunta para Ivanete, chefe de gabinete da Prefeitura de Araçuaí, sobre a aceitação da comunidade em relação ao CPCD, ela expõe:

Aceita. No início não. Quando o CPCD chegou houve um bloqueio. Porque o pessoal é de fora, de Curvelo. Essa história toda. Mas aí as relações foram se mostrando. E o Coral Menino de Araçuaí que ficou conhecido internacionalmente, então, isso também valorizou muito. (OLIVEIRA, I., 2015).

Fazer com que o CPCD seja reconhecido como instituição que integra todos esses projetos e vai muito além deles pelas intervenções, articulações, mobilizações e propostas para a cidade de Araçuaí, é de relevante valia para o fortalecimento comunitário, na direção da união de propósitos a partir de um exercício democrático, como preza o próprio Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento. Assim, expandir sua comunicação, despertando interesse, curiosidade e sensibilizando para o envolvimento com a cidade como projeto coletivo seria um passo interessante para a instituição já consolidada na região e de importância reconhecida pela comunidade e pelo poder público, como expressa a chefe de gabinete:

Tudo que trabalha na área social para gente é de bem, de muito valor. A nossa região é muito carente. Então é um programa que visa desenvolvimento mesmo, a conscientização e diminuir o risco social dos adolescentes e as crianças. Então, na visão do município do nosso governo, o CPCD tem desenvolvido muitas ações (OLIVEIRA, I., 2015).

Traçar estratégias de comunicação, nesse caso, direcionadas para as mudanças a serem realizadas, pode potencializar o trabalho, como o desenvolvimento do

próprio CPCD, legitimando e reconhecendo-o como organização. É possível, assim, firmar laços de relação com a própria comunidade, se tornando, provavelmente, um eixo de valorização para o município em si.

### **3.3. Condição humana: situar o ser humano no contexto planetário**

Compreender, então, circuitos constitutivos da condição humana faz com que seu desenvolvimento se volte ao pensamento complexo, que reconhece fenômenos multidimensionais, em realidades concomitantemente solidárias e conflituosas, nas quais se respeita a diferença enquanto se reconhece a unidade.

A identidade humana contém uma natureza social, que imprime uma cultural à medida que o indivíduo integra uma sociedade. Ao mesmo tempo, o sujeito faz parte de uma espécie, que depende do próprio homem para se reproduzir e se manter viva. Dessa forma, o relacionamento entre indivíduo-sociedade-espécie concebe a realidade humana em um formato trinitário, em que cada componente gera e se encontra no outro, sendo cada uma dessas instâncias meio e fim.

Ao mesmo tempo em que o ser humano é plural, ele possui uma estrutura mental comum, no que se trata da sua estruturação fisiológica, isto é, a unidade do gênero coexiste na formação do indivíduo com a diversidade cultural (MORIN, 2000:5). Elementos genéticos da diversidade humana se articulam com os elementos culturais da diversidade social, sendo essas duas, então, verdades articuladas sobre o humano.

Por isso a importância de ensinar a unidade dentro da sua diversidade de destinos, dando um sentido vivo ao ensino-aprendizagem, o qual exige de cada um clareza, compreensão e mobilização das aptidões humanas, vinculadas a suas condicionantes, convergindo os saberes para ampliar a noção de ser humano. Ou seja, compreender o caráter unificador diversificado retroalimentar numa unidade do conhecimento faz com que o pensamento possa se abrir para o contexto no qual está inserido, em suas dimensões e amplitudes, seja ele local ou planetário.

No CPCD, a escolha de trabalhar com as quatro dimensões, que contemplam aspectos econômicos, sociais, ambientais e culturais, é justamente pensada com a finalidade de contemplar a multiplicidade do ser humano em sua unidade. Traçar objetivos, metas, estratégias e atividades que abarquem todas essas dimensões, sem que sejam explicitamente demarcadas e categorizadas no cotidiano das atividades, faz com que se trabalhe temas e assuntos a partir da diversidade de ópticas.

O conceito da permacultura, advindo da experiência do projeto Arassusa e aplicado no Sítio Maravilha, traz também a ideia cíclica da vida, em que tudo é transformado para a geração e criação de mais vida, a partir do consórcio e do manejo de práticas interconectadas. Assim, todos os elementos envolvidos, como princípio, terão no mínimo duas funções naquele sistema, representando a diversidade no seio da unidade. O sistema como unidade, por sua vez, se mantém apenas por sustentar e proliferar a própria diversidade.

Ensinar para o direcionamento da condição humana, portanto, explicita sua dupla face: a natural e a metanatural, situando e assumindo a posição do homem na humanidade e no mundo. Ou seja, a condição natural (bioantropossocial) do homem, distinguindo-o do universo e fazendo com que este se reconheça nele concomitantemente, assim como distinguir e integrar o destino humano no universo (MORIN, 2010:38). O homem pertence ao mesmo tempo à natureza e à cultura.

O caráter metanatural seria sobre a capacidade de autocrítica e reflexividade sobre si mesmo. Aprender a auto-observar-se faz parte do desenvolvimento da capacidade de considerar-se a si mesmo nas esferas dimensionais na qual se está inserido (MORIN, 2010:53).

É assim que irá se configurar a inteligência, sendo considerada como a capacidade de, por sua vez, comportar uma dimensionalidade de contextos singulares, se constituindo uma unidade diversa.

Examinando melhor esse entendimento, pode-se dizer que a construção do conhecimento pode ser legitimada a partir da sua concepção como um produto de interações bioantropossociais: ao mesmo tempo em que a esfera

sociocultural introduz-se no ser humano antes de seu nascimento, configurando-se como condições socioculturais prévias, o cérebro cria sinapses cerebrais, que geram caminhos e circuitos cognitivos. Dessa forma, as condições socioculturais instauradas no meio ambiente em que o indivíduo está inserido agem e retroagem sobre o indivíduo (cérebro), modelando toda a estrutura cognitiva, sendo ativamente coprodutoras no processo de construção do conhecimento (MORIN, 2011:25).

Este, por sua vez, ocorrendo de forma contínua, faz com que, no decorrer do tempo, a trajetória de vida do indivíduo construa o seu conhecimento de mundo, enquanto o mundo, simultaneamente, também irá construir seu próprio conhecimento a respeito de cada indivíduo.

Portanto, o conhecimento passa a ser o produto e o produtor de uma realidade sociocultural que comporta uma dimensão cognitiva. Em outras palavras, é no circuito cérebro-mente-cultura (entre as esferas<sup>23</sup> das ideias, da mente e do social) que cada elemento é produto e produtor ao mesmo tempo de si mesmos, onde são necessários para a regeneração um do outro (MORIN, 2011:152).

É assim, então, que o conhecimento se define concomitantemente e em diálogo com o seu conjunto organizador – mente, cultura e noologia – fazendo com que haja uma interdependência da cadeia dos sentidos.

A dinâmica que determina o conhecimento circunscrito numa dialógica endoexógena<sup>24</sup>, ou seja, entre as dinâmicas relacionais das dinâmicas sócio-histórica e cognitiva (MORIN, 2011:51), ao mesmo tempo emaranhada e retroalimentar, demonstra que cada instância necessita uma da outra para conhecer-se e legitimar-se. Tal coexistência, junto às suas condições plurais, faz com que a sociedade se configure de forma complexa e aberta, em que a troca entre as diversas instâncias induz e nutre a dialógica cognitiva.

É seu caráter auto-organizador que assegura sua integridade e identidade, seu aspecto autônomo e sua perpetuação, permitindo-lhe assimilar e transformar sua

---

<sup>23</sup> Esfera é como um meio interposto entre o ser humano e o mundo exterior para acontecer a comunicação. É meio condutor do conhecimento humano (MORIN, 2011:142).

<sup>24</sup> Aquilo entre o ambiente interno e o ambiente externo, tanto na direção do interior para o exterior, como do exterior para o interior.

própria competência a partir de suas experiências. Isto é, é ao mesmo tempo gerador e fenomenal no sistema. Gerador, pois dispõe no seu núcleo de princípios geradores e regeneradores, se alimentando de confirmações empíricas do mundo exterior; e fenomenal, porque possui dispositivos de absorção e assimilação, e dispositivos defensivos em relação ao meio ambiente em que se circunscreve e com o qual interage, evitando sua própria degradação, advindas das agressões externas (MORIN, 2011:160). Assim sendo, o sistema cognitivo em si reproduz-se através dos indivíduos, podendo ter consistência e tendo o poder de retroagir sobre os humanos.

Nessa relação entre conhecimento e indivíduo, é de extrema importância compreender que razão, afeto e pulsão são instâncias que se relacionam de forma integrada e retroalimentar e que compõem igualmente o indivíduo no seu processo de construção. Ou seja, não há supremacia de uma instância em relação à outra na composição da inteligibilidade humana.

O desenvolvimento integral como prática educacional significa considerar aspectos de natureza intelectual, física, psicológica e social, contemplando suas camadas constituintes e respeitando a diversidade de singularidades de cada indivíduo. Amplia-se, dessa forma, a possibilidade de acesso ao sujeito, conectando-o, assim, com a aprendizagem efetiva.

No CPCD, além do olhar voltado para diferentes estratégias de atividades, que contemplem não só o desenvolvimento cognitivo, mas também corporal, emocional e social, através da proposta lúdica de ensino-aprendizagem, há o papel das pedagogias quando integradas na prática educacional, que, por sua vez, dão conta da diversidade de cada indivíduo, respeitando não só a maneira de cada um aprender, assim como o tempo e o ritmo da aprendizagem.

Uma participante do Ser Criança, ao comparar a escola com o projeto do CPCD, esclarece:

Eu acho que a escola é um lugar de castigo, sabe? Se você fizer alguma coisa errada você vai ficar de castigo. Lá é difícil aprender. Porque é aprender é assim (de determinada maneira) e não tem outro jeito de aprender. Aqui no projeto não, tem vários jeitos. É brincando, é cantando, é lendo um livro, é aprender. Tudo que a gente aprende aqui

a gente leva para escola, para que a escola fique melhor sabe? (CPCD, 2015).

Outra criança complementa:

Aí eu acho assim, a escola é o lugar onde a gente aprende a Matemática e o Português. E no projeto não, a gente aprende brincando, divertindo com as crianças e ensinando os que precisam da gente. Só que na escola é diferente. Na escola não tem roda, aqui já tem roda. Músicas educativas, brincadeiras, sem brigas, e resolve assim, tudo assim, com uma simples roda. Lá na escola já não. (CPCD, 2015).

O fato de disseminarem os aprendizados em outros espaços de convívio, como a escola, por exemplo, evidencia a responsabilidade distribuída e compartilhada para a construção do conhecimento entre todos os envolvidos nos projetos: “O projeto é um lugar... que não tem a exclusão de certas pessoas, todos nós somos acolhidos com todo o carinho possível. E quando há, assim, algum conflito, a gente pode ajudar, pode contribuir com isso” (CPCD, 2015).

Os valores humanos trabalhados como um viés dimensional (fazendo parte das quatro dimensões do Arasempre), junto aos fundamentos das pedagogias aplicadas, fazem com que as crianças apreendam princípios humanos que edificam suas próprias relações entre si, como também com o mundo, tomando uma postura comportamental nos diferenciados espaços dos quais fazem parte.

Ainda em comparação entre o projeto e a escola, uma criança afirma: “Eu acho que as crianças se sentem mais acolhidas aqui do que na escola. Chega lá eles já sabem como é que funciona a escola, né? Com professor pegando no nosso pé, toda hora briga com a gente” (CPCD, 2015).

Ana Paula, coordenadora, complementa que “a roda tem muito esse poder de valorizar o que a gente tem. Sempre valorizando o potencial das pessoas” (SILVA, A.P., 2015).

Assim, a prática do cuidado, da valorização do outro, do compartilhamento de pontos de vista nas rodas realizadas e a corresponsabilidade do aprendizado em si fazem com que o conhecimento seja coletivo e a todo momento regenerado.

A cíclica dessa inter-retorrelação constitui o metaponto de vista sobre o próprio indivíduo em si, a partir de um conjunto complexo e rotativo de pontos de vista sobre determinado conhecimento, evidenciando seu caráter metanatural.

Com a finalidade de superação do próprio sistema, através da curiosidade e da busca incessante do próprio “sobreviver”, o conhecimento progride e se realiza na progressão do indivíduo consciente e reflexivo, numa dinâmica ambígua, antagônica e complementar de integração e superação, afirmação e negação. O aspecto metanatural do sujeito, através do ponto de vista crítico, permite evidenciar sua organização interna, em que o metaponto de vista complexo passa a objetivar o conhecimento, tornando o sistema o próprio objeto. Dessa forma, a reflexividade se dá num circuito de objetivação e subjetivação (MORIN, 2011: 252).

A capacidade de reflexão do indivíduo é uma das formas do progresso do conhecimento. Ela não reside na substância de uma ideia, mas sim na dialógica das ideias circulantes numa sociedade.

A dialógica dos pontos de vista diversos inseridos numa sociedade permite a troca entre articulação das diversas maneiras de constituir o conhecimento em si, o que possibilita mais subsídios para o desenvolvimento do próprio metaponto de vista.

Isso porque “todo sistema cognitivo necessita referir-se a um metassistema que, englobando-o e ultrapassando-o, tem a oportunidade de se examinar, legitimar e explicar a si mesmo” (MORIN, 2011:117).

Assim, como as tecnologias de gestão do CPCD, que realiza o metaponto de vista de forma compartilhada entre as equipes para a superação de desafios e aprimoramentos de suas práticas, a pedagogia da roda é outro traço claro do exercício da autocrítica, em que decisões são feitas de forma consensual num determinado grupo; ao mesmo tempo em que se torna um espaço de reflexão conjunta sobre as ações realizadas.

Uma participante do Ser Criança demonstra em sua fala:

Eu acho bacana também que no projeto a gente tem a oportunidade de mostrar nosso ponto de vista, mostrar para roda, levar coisa

inovadora. Sempre multiplicar. Sempre tem uma coisa: “Você está com problema? Eu posso te ajudar”. (CPCD, 2015).

Para a coordenadora do Ser Criança, a superação se associa com a aprendizagem, sendo esta uma característica de fundamento do trabalho do CPCD. Em sua fala, afirma que a instituição adquiriu toda a experiência que possui hoje em uma estrutura de aprendizagem, na qual a vivência e seus desafios é que movem suas ações de transformação (SILVA, A.P., 2015). Em depoimento, Ana Paula coloca: “ninguém dá resposta pronta, ninguém tem resposta pronta, mas a gente começa a descobrir”.

Sobre as avaliações realizadas nos projetos, mesmo com resultados que necessitam ser demonstrados para financiadores no formato de relatórios (o IQP serve como relatório geral de cada projeto, e muitas vezes se torna o próprio relatório requerido por determinada organização financiadora), é preciso voltar o olhar atento para as dificuldades. Sobre isso, a coordenadora diz:

Então a gente não pode fechar os olhos e falar que está tudo bonitinho, não. Porque se a gente fizer isso a gente vai achar que a gente é lindo e perfeito e vai tampar; ficar iludido, e não é isso. É a gente avaliar e ver as dificuldades para gente tentar. Porque a gente aprendeu a ficar incomodado. No CPCD todo mundo fica incomodado. Quando você fica incomodado, você não fica quieto. Então, você tem necessidade de fazer o tempo inteiro. Mas fazer dentro de uma linha, dentro de um foco para poder fazer essas transformações. (SILVA, A.P., 2015).

Para ela, a aprendizagem se relaciona com a experiência da busca contínua da superação de desafios pela prática da autocrítica:

Aprendizagem? Ah, para mim... se dá toda hora de todas as formas, construindo e fazendo. Se a gente não experimentar e não fazer aqui, a gente não aprende. Se a gente ficar parado, não fica no CPCD. Pessoa parada que não tem essa perspectiva de motivação de perceber, de experimentar, fazer, avaliar, e aí o que é? Do simples até o mais complexo. Então, para mim, a aprendizagem dentro do CPCD são pequenas coisas, pequenos nada que se transformam em pequenos “tudos”.

Pela aptidão de refletir-se e relativizar-se, o indivíduo, ao praticar o metaponto de vista, ultrapassa o ponto de vista inicial de sua inserção no mundo, edificando-se como observatório de suas próprias visões, reconhecendo-se internamente; desenvolvendo uma capacidade, então, de acionar uma dialógica entre o particular e o global.

A atividade crítica e autocrítica irá se desenrolar pela racionalidade, que, por sua vez, é o próprio processo que garante a tal dialógica entre as construções coerentes do indivíduo e o mundo empírico. A prática racional contempla, utiliza e supera a lógica do paradigma simplificador (dedutiva e indutiva) à medida que troca com o real, tendo natureza aberta e inacabada, assim como a lógica da qual necessita. Dessa forma, a lógica, que não seja fechada em si mesmo, limitando-se a ser apenas um instrumento analítico de pensamento, é aquela que direciona a construção do conhecimento na formação do pensamento complexo, capaz de ultrapassar os limites do real (MORIN, 2011:261), por isso, fazendo com que o sujeito possa ampliar sua percepção.

Portanto, quanto mais se utiliza das potencialidades complexas do pensamento racional, mais se eleva o nível complexo do real numa relação recursiva, em que o funcionamento se dá na conjunção de realidade, a partir da esfera do sujeito pensante, inserida na própria realidade.

A inteligibilidade, aí, se dá pela racionalidade em si mesma, projetada numa exterioridade – meio capaz de exibí-la, capaz de reconhecê-la num funcionamento subjetivo, dando liberdade para sua autoconsciência e automanifestação (LADRIÉRE, 2013:504). Racionalidade esta considerada como um processo de construção<sup>25</sup> e autoconstrução, numa dinâmica auto-organizadora, sendo uma propriedade não só do pensante, mas também da realidade na qual ele está imerso: seus elementos constituintes, acontecimentos que a afetam e o próprio mundo como totalidade (LADRIÉRE, 2013:503), incluindo aspectos irracionais, afetivos e subjetivos da realidade.

Fato este presente na proposta do CPCD, na medida em que se trabalha com a cultura local – os quereres, fazeres e saberes de uma comunidade. A dinâmica auto-organizadora só é possível à medida que se utiliza de características e elementos apropriados pela própria realidade local, assimilada pela comunidade.

---

<sup>25</sup> Construção é uma reunião das partes visando certos efeitos globais segundo uma visão prévia de um tipo de funcionamento a ser realizado (LADRIÉRE, 2013:506).

Endogenamente, valorizando o potencial comunitário, desenvolve-se o local gerando sentido e significado, num processo relacional com o real, com suas relevâncias e suas limitações, a serem superadas, por sua vez.

Dessa forma, o uso da lógica passa a ser necessário para a concepção de uma nova inteligência, que irá buscar continuamente a verificação e a verdade, subordinada ao pensamento se que lança na incerteza (MORIN, 2011:257).

### **3.4. Incerteza como propriedade do conhecimento**

Enfrentar a incerteza da realidade, do conhecimento e do destino humano faz parte da consciência para a construção da nova cultura do conhecimento, reconhecendo a abertura e a imprevisibilidade do futuro.

Considerando que a realidade é passível de interpretação, compreender sua incerteza significa reconhecer seus aspectos invisíveis (MORIN, 2011:74): “o conhecimento é ao mesmo tempo percepções, traduções e reconstruções cerebrais com base em estímulos ou sinais captados pelos sentidos” (MORIN, 2011:20).

Num processo circular de análise e síntese, a percepção humana passa a ser sempre uma reconstrução daquilo que se traduz da realidade, e não um espelho do mundo externo.

A incerteza do conhecimento, por sua vez, comporta naturalmente o risco do erro e da ilusão, visto que a prática da superação do próprio conhecimento, a partir da reflexão e autocrítica, acontece pela perda da certeza. Numa perspectiva biológica, não há dispositivo no cérebro que permita distinguir percepção de alucinação, ou mesmo o real do imaginário; portanto, não há igualmente certeza sobre aquilo que se é apreendido no mundo exterior (MORIN, 2011:45).

A incerteza, inscrita nos padrões de organização do conhecimento, é aquilo, portanto, que dá vazão ao metassistema, correspondendo com sua natureza de abertura que faz parte de todo o sistema cognitivo. Afinal, como coloca Morin, conhecer e pensar é dialogar com a própria incerteza, e não chegar a uma verdade absoluta (2010:59). Ele mesmo diz que “toda ação iniciada entra num

jogo de interações e retroações no meio em que é efetuada, que podem desviá-la se seus fins e até levar a um resultado contrário ao esperado.” (MORIN, 2010:61).

Dialogar com a incerteza requer uma postura preparatória e corajosa para o enfrentamento de riscos e possíveis erros, levando o sujeito a estabelecer estratégias para lidar com a imprevisibilidade de determinada ação. Amplia-se, assim, o leque de possibilidades de ação sobre os efeitos da própria ação realizada.

As MDIs, no CPCD, especificamente, são uma prática que contribuem para a diversidade das possibilidades variadas de encaminhamentos.

Novamente, as tecnologias de gestão organizacional se tornam veementes como práticas que demonstram uma abordagem complexa. Com a finalidade de superar desafios e consolidar conhecimentos a partir da experiência e da busca constante de respostas a contínuas indagações, a imprevisibilidade e a incerteza são enxergadas, dessa forma, intrinsecamente, como partes naturais da dinâmica do conhecer. A frequência de monitoramento, replanejamentos e avaliações, assim como as variadas mudanças e adequações realizadas durante o processo, são indicadores de um pensamento que enfrenta riscos e erros.

Dessa forma, o conhecimento passa a ser o próprio lugar da incerteza, a partir da dialógica, que a todo momento é confrontada. Enfrentá-la, portanto, significa realizar a ampliação complexificadora do conhecimento.

### **3.5. Ética da compreensão: solidariedade e responsabilidade como fundamentos da cidadania planetária**

Ao situar o conhecimento numa perspectiva ecossistêmica, possibilita-se a tomada de consciência das determinações e condicionamentos do meio em que o sujeito está inserido. A partir dessa noção, o sujeito se distancia de si mesmo, permitindo-se o reconhecimento da própria subjetividade<sup>26</sup> (MORIN, 2011:45).

---

<sup>26</sup> Subjetividade significa que o ser humano é um sujeito no mundo em seu mundo (VINCENT, 2013:180).

A relação aberta e integrada entre sujeito e objeto, portanto, na qual o objeto é concebido em seu ecossistema, faz com que o “eu” subjetivo e o “eu” objetivo tornem-se inseparáveis.

Morin (2011:65) explica que ser sujeito é colocar-se no centro de seu próprio mundo, ocupando o lugar do “eu”, emergindo dos seus caracteres existenciais (o que configura a sua individualidade), e evidencia tanto a sua suficiência, como sua insuficiência, a partir de uma dinâmica de distinção, diferenciação e reunificação. Ou seja, é ao mesmo tempo autônomo e dependente; fechado em si mesmo, enquanto é aberto para o mundo, comprovando sua natureza social.

Segundo Elias (1994), é da natureza humana ser social, e, portanto, uma condição para o crescimento e sobrevivência do indivíduo. Em outras palavras, a formação individual depende do padrão da estrutura das relações humanas, na qual se desloca para além de si mesma, sentido a uma integração mais abrangente. Ou seja, na perspectiva social, as interações entre os indivíduos irão produzir uma sociedade que, por sua vez, retroage sobre os indivíduos como seu produto social, dotados de uma cultura.

Dessa forma, o caráter intersubjetivo das interações no meio da sociedade, em que esta configura-se como um mecanismo de confronto e cooperação entre os sujeitos e entre o “nós” e o “eu”, torna-se fundamental, pela tessitura da própria vida.

Elias também expõe que a marca individual do indivíduo é adquirida a partir da história dessas relações, dessas dependências e de toda história da rede humana em que cresce e vive. É a partir dela que o indivíduo exhibe comportamentos e desejos que se adaptam a todo o momento em virtude das novas situações (ELIAS, 1994).

O “eu”, além de relacionar-se consigo mesmo, relaciona-se também com o outro, como uma maneira constante de viver em sua totalidade e não só de experimentar o mundo em uma perspectiva singular e individual, mas sim de modo a ser compartilhado e trocado, se concretizando um processo de construção conjunta do conhecimento (JR.; NUNES, 2007:61).

A convivência dialógica com o próximo irá gerar propostas de transformação em ações em função do comprometimento das pessoas entre si e com a realidade na qual estão inseridas. A educação, assim, torna-se um processo permanente que envolve os indivíduos de forma natural pelas relações cotidianas de diálogo, possibilitando-se viver experiências de autoaprendizado e aprendizado conjunto.

É uma necessidade mútua, portanto, a compreensão entre humanos, já que esta é o próprio meio e fim da comunicação humana. A compreensão, assim, passa a ser uma garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade (MORIN, 2011:91).

O indivíduo, então, passa a ser responsável em relação ao destino do sujeito que compartilha do gênero humano, devendo se responsabilizar também, portanto, com o destino das ações que enseja.

Por isso, Araçuaí é tomada como um projeto conjunto e futuro no CPCD, estruturado numa plataforma que irá convergir aspectos da diversidade componente da realidade local, que por sua vez é a unidade comum a todos.

A plataforma Arasempre, que executa ações no presente visando a sustentabilidade futura, busca promover uma “transformação saudável, de acolhimento e de convivência”, segundo a coordenadora do Ser Criança. Ela complementa, situando o projeto na plataforma:

O Ser Criança é o Arasempre, porque as crianças que estão aqui são as crianças que vão ser daqui dez anos, quinze anos. O Ser Criança está contribuindo para que Araçuaí seja um lugar mais feliz, um lugar mais sustentável, um lugar onde as famílias aprendam a produzir seu próprio alimento, aprendam conceitos sobre ética. Que aprendam sobre ética, que aprendam tudo que é possível aprender junto. (SILVA, A.P., 2015).

Segundo crianças do projeto Ser Criança, o projeto é:

Um lugar que prepara todos nós, não somente eu, para o nosso futuro. Eu acho o projeto um lugar muito bom de viver e ficar, se eu não tivesse que sair daqui eu não sairia. Ficaria aqui muito tempo. Mas como o tempo passa, a gente tem que sair e deixar outras crianças entrarem... (CPCD, 2015).

A visão de futuro das ações apropriadas pelas crianças, expressa nos depoimentos e executada na rotina das práticas educacionais, faz com que os

envolvidos nos projetos do CPCD pensem no futuro como responsáveis pela sua construção, gerando uma consciência cidadã perante a um coletivo.

A consciência voltada para integração perceptiva múltipla da humanidade, seja do próprio indivíduo, como do conhecimento ou da própria realidade, faz com que se construa um sentido da espécie humana que seja completo apenas com a correlação entre a Terra, a vida e a humanidade. Tal relação exprime a noção hologramática entre essas três instâncias, indo além da construção de um saber, edificando também uma ética.

Nessa perspectiva, tem-se a Terra como “uma totalidade complexa física-biológica-antropológica, onde a vida é uma emergência da sua história e o homem uma emergência da história da vida terrestre” (MORIN, 2010:40).

Ética da compreensão se vincula com a construção de uma ética planetária, à medida que se “mundializa” a compreensão entre culturas e sociedades, seja ela de natureza intelectual, da apreensão conjunta (multiplicidade do conhecimento), seja de natureza humana, exprimindo a relação intersubjetiva dos indivíduos (MORIN, 2011:89).

Assim, a noção de cidadania, uma das finalidades da educação, que por sua vez é definida como a solidariedade e responsabilidade em relação à sociedade na qual se convive, deve estender-se para a dimensão terrena, fazendo com que se correlacione a consciência de humanidade ao espaço comum habitado por toda a espécie humana, em um sentimento de ligação, pertencimento, solidariedade e responsabilidade. Só assim é que se coloca o ser humano no lugar da trindade correlacional e condicional do mesmo, como indivíduo, espécie e cultura.

A missão do humano, dessa maneira, se transforma em civilizar o planeta em que se vive (MORIN, 2000:5), reconhecendo o equilíbrio dos sistemas complexos que regem a dinâmica organizacional da vida e permitindo, dessa maneira, uma melhor apreensão dos fenômenos bioantropossociais.

Construir uma ética da consciência planetária significa, portanto, a emergência de uma consciência do individual para além da individualidade. Assumir a

condição humana é alcançar a humanidade em cada um em relação ao destino comum humano.

Dessa forma, a nova cultura do conhecimento induz a construção de uma ética a caminho da civilidade, fazendo com que se estimule o desenvolvimento de um pensamento capaz de não se fechar ao particular apenas, mas sim de conceber conjuntos de lugares em diferentes escalas, favorecendo a criação de um senso de cidadania e ampliando os efeitos do conhecimento na perspectiva complexa, que além de existencial.

#### **4. O DESPERTAR DA NOVA EDUCAÇÃO**

Há inúmeros exemplos atualmente que dialogam com a proposta da complexidade como abordagem educacional. As alternativas à escolarização, ou até mesmo novas concepções metodológicas incluídas na educação formal para a construção de um novo conhecimento voltado para o ensino do viver, se inclinam para a transformação do ser mental, contribuindo, assim, para o desenvolvimento de uma sabedoria incorporada à vida.

A complexidade, responsável pela tessitura comum que integra e permeia as diferentes dimensões que constitui e comporta a realidade, faz necessário que a prática educacional seja transdisciplinar, propondo o diálogo entre os saberes a partir de uma educação contextualizada e que ao mesmo tempo amplie horizontes para uma visão planetária (CHIQUIERI *et al.*, 2009:96).

Ou seja, construir cenários educacionais que colaboram para o desenvolvimento da educação integral do indivíduo abre oportunidades para o desenvolvimento de conceitos, habilidades e competências necessárias e espontâneas do sujeito, o qual é respeitado pelo seu tempo singular de aprendizagem.

Coletivamente, relacionar o que acontece no próprio contexto educacional, junto à comunidade e aos acontecimentos locais e globais contribui para a construção da nova consciência planetária.

Portanto, adotar estratégias de ensino e aprendizagem através de ambientes que atuam em prol do pleno desenvolvimento das inteligências individuais e

coletivas para a evolução do pensamento traduz o aprendizado com espaços para reflexão e autoconhecimento, de forma amorosa, libertadora, colaborativa, e que facilite experiências cognitivas, emocionais e sociais ricas (MORAES, 2009:116-119).

#### **4.1. Aprendizagem por projetos**

Na estrutura pedagógica de uma aprendizagem democrática, idealizada por José Pacheco de Portugal e difundida pelo Brasil (QUANDO sinto que já sei, 2014), aprender por projetos significa entregar instrumentos na mão do educando para o exercício da democracia. Com o processo de ensino-aprendizagem multidisciplinar, os projetos são capazes de democratizar o conhecimento através da formação de grupos de estudos de interesse sobre um mesmo assunto e de diferentes idades. Dessa forma, a democracia supõe e nutre a diversidade de interesses e de ideias, estimulando a construção do respeito à diversidade, às diferenças e antagonismos, ao mesmo tempo em que se expressa liberdade de opinião, conferindo produtividade e vitalidade de ideias e conhecimento constituído coletivamente (MORIN, 2011:95).

O aprendizado autogerido e contextualizado a partir da referência pessoal, pela paixão do ato de conhecer, permite o compartilhamento dado pelo ciclo de investigação, compreensão e avaliação, a qual é feita pela apresentação livre dos projetos realizados pelos grupos. A democratização do conhecimento é explicada pelo ato de solidariedade em que se constrói e administra uma comunidade de aprendizagem. Envolvendo colaboração, negociação, intensidade e envolvimento emocional, pelo estímulo à imaginação e à experiência, priorizam-se valores e princípios como a coletividade, a confiança, a agregação, o acesso e a satisfação pessoal (JUSTO; SINGER, 2008).

Englobando todos esses fundamentos, a aprendizagem por projetos se caracteriza como uma tendência para a transdisciplinaridade, perpassando todas as áreas do conhecimento e transcendendo os limites de cada uma, tornando-a um instrumento poderoso de efetivação. Assim, tal metodologia transforma o foco centrado no ensino para o processo de aprendizagem,

propiciando a criação de novas posturas de todos os envolvidos e responsáveis pela educação.

Tais experiências brasileiras ocorrem na capital paulista, nas escolas públicas EMEF Desembargador Amorim Lima, localizada no Butantã, e na EMEF Campos Salles, em Heliópolis, além do no Projeto Âncora, de ensino não formal, em Cotia, na grande São Paulo (QUANDO sinto que já sei, 2014).

Tais instituições trazem em sua proposta pedagógica a eliminação das fronteiras espaciais para a prática educacional, fazendo com que o espaço educativo se amplie a partir das relações com a própria comunidade. Isso ocorre na medida em que a comunidade eventualmente integra o espaço das instituições, e as mesmas utilizam-se do entorno para o processo de ensino-aprendizagem.

Os espaços educadores, em abrangência de possibilidades, priorizam o desenvolvimento do conhecimento a partir da própria escolha dos educandos.

Rogers, especialista em sistema de aprendizagem por projetos, discorre sobre tal método: “a aprendizagem baseada em projetos é uma estratégia de ensino que permite aos educandos assumir maior responsabilidade por seu aprendizado ao tomar decisões e criar soluções para problemas que lhes interessam” (ROGERS, 2000:7).

Como metodologia pedagógica, o aprendizado por projetos possibilita um processo educacional que trabalhe com o real, adquirindo significados do objeto a ser estudado. A partir daquilo que se é vivenciado, os projetos permitem aos educandos irem além dos muros escolares, no caso da educação formal, explorando a comunidade e incluindo-a em sua perspectiva interna. Estimulados pela criatividade e pelas escolhas baseadas em desafios embutidos em uma realidade contextual, o envolvimento dos participantes aumenta, assim como a qualidade dos resultados.

Ter o próprio ambiente como objeto de estudo é uma forma de poder conhecê-lo, compreendê-lo e transformá-lo. Além de proporcionar meios de investigação, como a observação, o ambiente proporciona um contato direto com o

investigador, fazendo com que este vivencie uma momentânea realidade a partir de seus sentidos e outros instrumentos que possibilitam tal experiência.

Entendendo a complexidade do mundo real através do próprio contato, os envolvidos são capazes de desenvolver e aplicar habilidades e conhecimentos antigos, assim como adquirir novos, dependendo da proposta de intervenção oferecida ou da necessidade de transformação local. Assim, se beneficiam não apenas os indivíduos, como também a comunidade toda com as ações realizadas em prol dela mesma (REDE NCRC, 2000:18).

Envolvido no mundo real, o método desenhado possibilita o desenvolvimento de um senso histórico e cultural, que fundamenta a relação dialógica entre a aprendizagem e a organização sociocultural. Compreende-se, assim, a interdependência do local e suas interconexões. Estabelecer um planejamento pedagógico que se relaciona com questões da vida real ajuda o educando a entender o que está aprendendo e por que. A partir de temáticas escolhidas referentes aos interesses do indivíduo, descobre-se que há um valor real além de uma aprendizagem que privilegie o conteúdo.

Os projetos também possuem a natureza de serem realizados em equipes, fazendo com que pessoas com diferentes pontos de vista contribuam para a resolução dos desafios com possibilidades variadas de intervenções. Outro benefício é que, além do desenvolvimento do conteúdo trabalhado e da elaboração do projeto em si, aprende-se em todas as etapas do processo pelas relações de convivência e interação dos participantes, respeitando diferenças e fortalecendo vínculos.

Com isso, se otimiza tempo, pelo compartilhamento de interesses e divisão de forças-tarefa, entregando-se responsabilidades adequadas à capacidade de cada um, que pode desenvolver e conhecer as próprias habilidades. Exercitando a pró-atividade, os educandos passam a valorizar seu trabalho, sentindo-se pertencentes àquela situação e tornando-se agentes de transformação para servir ao próximo. Exerce-se, assim, a solidariedade.

Os educandos viram aprendizes ativos, fazendo com que o conhecimento seja devidamente aplicado e não apenas armazenado em suas mentes. Isso é evidenciado pela apresentação dos projetos realizados, na escola e na comunidade, e pela participação dos educandos na própria avaliação (QUANDO sinto que já sei, 2014). Já os educadores possuem o papel de facilitadores individuais, e colaboram com os educandos e membros da comunidade, incentivando os riscos intelectuais.

O estímulo do viés da complexidade é a mobilização de todas as habilidades dos educandos, criando, dessa forma, altas expectativas do que se pode alcançar tanto individual como coletivamente. Além de se utilizar habilidades anteriores de cada um, novos conhecimentos e habilidades necessárias são desenvolvidos (REDE NCRC, 2000:17).

Filipe Freitas e José Henrique Silveira reúnem repercussões desses princípios em algumas palavras:

A aprendizagem por projetos se demonstra como uma proposta de aprendizagem criada para promover a interação de todos os elementos, propiciando maior autonomia do aprendiz e a integração de conhecimentos de distintas áreas, por meio da busca de informações significativas para a compreensão, representação e evolução de um determinado contexto. (2005:59).

#### **4.2. Liberdade e criatividade como caminho do conhecimento**

Em consonância com a ideia de o aprendizado ser pautado pelos próprios interesses, a North Star, um centro de aprendizagem autodirecionada em Massachusetts, nos EUA, acredita que a autonomia só se desenvolve a partir do sentido que se dá à vida (COLETIVO EDUC-AÇÃO, 2013:128).

A proposta do centro é voltada para adolescentes de 12 a 18 anos que optam por aprender fora do ensino formal, buscando experiências enriquecedoras e encontros com o propósito de expandir o repertório de vida, a partir de um estilo mais livre.

Com a finalidade de ajudar os adolescentes a descobrirem seu caminho de vida, os mesmos podem escolher livremente as atividades de seu interesse. A

liberdade faz com que os membros reflitam sobre seus papéis, descondicinando suas rotinas e tendo maior envolvimento com a aprendizagem em si. Eles devem ser responsáveis pela própria agenda de atividades, assim como pela sua própria jornada de aprendizagem (COLETIVO EDUC-AÇÃO, 2013:137).

A autonomia é estimulada para que o educando a conquiste, de forma que domine o espaço e o tempo, se libertando da concepção que sua individualidade não é dependente da sua desintegração social. Quanto mais amplo e diverso o espaço para seu exercício, maiores são as possibilidades e caminhos singulares que cada um possui para alcançar a autonomia, curiosidade e criatividade, construindo a sua própria identidade.

As portas do centro educacional ficam abertas, possibilitando a entrada e saída de qualquer membro, assim como de membros da família de cada jovem, à hora que quiserem. Alinha-se uma nova cultura de aprendizagem, em que a autonomia se dá através da pergunta sobre qual caminho cada um deseja seguir, ao mesmo tempo em que constroem colaborativamente novos aprendizados pelo compartilhamento de experiências como prática cotidiana educacional (COLETIVO EDUC-AÇÃO, 2013:140).

Não controlar a maneira como cada pessoa irá se desenvolver faz com que o desenvolvimento e o aprendizado se manifestem no desdobramento criativo da vida ao longo da evolução, que se designa pela capacidade de adaptação e criatividade do ser. A criatividade, inerente a todos os níveis de vida, permite que, no dia a dia do processo de aprendizagem – com programações diárias flexíveis – a cada momento aconteça uma mudança, fazendo com que o ambiente de aprendizagem seja sempre recriado. Aproveitando tais oportunidades surgidas, a experiência de aprendizagem de todos os integrantes é enriquecida, fazendo com que o espaço e o tempo sejam sempre reinventados, de forma a satisfazerem as necessidades que surgirem constantemente (FREITAS; SILVEIRA, 2005:52).

Dessa forma, a transdisciplinaridade exercida pelo desenvolvimento da autonomia se relaciona com as escolhas da própria vida do indivíduo feitas a todo o momento:

A cognição é a ação corporificada que emerge também a partir de histórias vividas. Portanto, corporeidade e mundo emergem juntos e todo conhecimento está enraizado em nossa corporeidade e é influenciado por diferentes dimensões constitutivas da multidimensionalidade humana. (MORAES, 2009:110).

### **4.3. Comunidades de aprendizagem: a Terra como espaço comum**

No Schumacher College, em Totnes, no sul da Inglaterra, a educação acontece tanto através do diálogo sobre temas contemporâneos e emergentes, que tratam principalmente de estudos da sustentabilidade, quanto no cotidiano de trabalho na própria faculdade.

Fundada em 1991 pelo monge indiano Satish Kumar e pelo escritor e educador britânico John Lane, a faculdade conta com cursos curtos, cursos vocacionais e pós-graduações. A proposta, para quem faz algum desses cursos, é permanecer nos dormitórios da faculdade e, assim, participar do trabalho comunitário que ela exige.

Ou seja, diariamente há uma rotatividade de atividades que são feitas, como limpeza dos quartos, dos banheiros, cuidado com a horta, preparação do jantar, entre outras. Todos os estudantes, assim como todo o corpo docente e funcionários, passam por alguma dessas funções durante o dia.

Além das aulas, que podem ocorrer tanto dentro de uma sala de aula como numa caminhada, num espaço ao ar livre ou em qualquer outro formato, há espaços de tempo de convívio, em que pessoas podem tomar chá na sala, ter refeições juntas, conviver na biblioteca, como em outros espaços dentro ou fora do Schumacher. As tarefas, sendo coletivas, fazem com que o conhecimento aconteça através da informalidade e do convívio.

A conexão entre os campos do conhecimento estudados nos cursos, dessa forma, é feita com a prática do dia a dia, revelando que a “visão ambiental é fio que pulsa sob todas as outras visões” (COLETIVO EDUC-AÇÃO, 2013:189). Ou

seja, o contexto e todos os acontecimentos intrínsecos a ele fazem parte de um processo de ensino-aprendizagem ao mesmo tempo em que ocorre a vida.

Para o fundador indiano:

Aprender é viver com as ambiguidades e incertezas. Se você tem certeza de tudo, o pensamento intuitivo não emerge. Aproveite e celebre o não planejado. Hoje é um dia novo, a cada momento novas situações acontecem. (COLETIVO EDUC-AÇÃO, 2013:190).

Tal afirmação traduz que a complexidade da própria realidade enquanto experiência faz parte da vertente complementar do mesmo processo de aprendizagem, no qual teorias e análises sobre o mundo são consideradas apenas um viés da aprendizagem em si

Kumar ainda coloca que: “uma parte do conteúdo não é mensurável. Devemos honrar aquilo também que não conseguimos medir” (COLETIVO EDUC-AÇÃO, 2013:190).

A partir dessas duas práticas, com a intenção de criar uma harmonia entre o lado pessoal e profissional, acredita-se no caminho do conhecimento através do autoconhecimento. As aulas partem de questionamentos que repercutem no entendimento da condição humana no planeta Terra e no mistério da vida, com a finalidade de lançar novos olhares para assuntos contemporâneos.

Assim, acredita-se que o olhar para si mesmo expande-se não só em discussões e análises, mas também nas tarefas em comunidade, já que prezam pelo cuidado com o espaço e pela corresponsabilidade daqueles que compartilham o cotidiano.

Satish Kumar aponta:

Quem conhece a si mesmo passa a conhecer o universo. Conhecer o universo por meio de si próprio é a melhor maneira de conhecer o universo. A jornada interior é relacionada como uma travessia central para o tema da sustentabilidade. A jornada da busca do conhecimento é individual, é o ato de confrontar algo individualmente. (COLETIVO EDUC-AÇÃO, 2013:191).

Assim, tem-se a ideia de que levar o indivíduo para si mesmo é levá-lo para a compreensão da própria vida e da sociedade da qual faz parte.

A relação dialógica entre sujeito e meio está dada pelas interações constantes que são nutridas pelo senso de lugar. Isto é, a relação de cuidado com o meio irá se dar pela retroalimentação recíproca entre o espaço e o indivíduo, fazendo com que este se aproprie de determinado lugar como extensão de si mesmo.

Religa-se saberes através da coerência entre teoria e prática, fazendo com que o ato de conhecer seja assumir que é a partir das interações que se constrói o conhecimento.

Dessa forma, a sustentabilidade será praticada de forma permanente, como um processo que continuamente deve ser alimentado pelo conhecimento da complexidade da própria realidade e da inserção do humano na mesma. A consciência da condição humana em relação aos fenômenos planetários influi, assim, nas práticas para uma vida que se direcione para sua manutenção futura.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“O mundo não foi feito em alfabeto. Senão que primeiro em água e luz. Depois árvore.”*

Manoel de Barros

Construir condições para a emergência de uma sociedade-mundo em que se manifeste uma consciência de destino terrestre comum de toda humanidade é de extrema importância para um impulso rumo a um desenvolvimento possível, que preza pela constituição de uma ética planetária no caminho da sustentabilidade da vida.

A importância da disseminação e da sistematização da experiência do CPCD na área educacional e no desenvolvimento de comunidades torna-se, portanto, de grande valia, por representar um espaço de difusão de novas estruturas que vão ao encontro da necessária reconfiguração da sociedade.

Através de sua compreensão e relação com a realidade e as localidades onde atua, o CPCD reflete uma prática que contribui diretamente para as reformas nas formas de pensar e, conseqüentemente, de ser e estar no mundo.

Mesmo com desafios, limitações e necessidades de contínuas melhorias em suas ações, o CPCD, ao englobar suas ocasionais insuficiências, toma uma postura de reconhecê-las e enfrentá-las. Abrindo-se para a complexidade da realidade, seus antagonismos, contradições e paradoxos, e tendo clareza das situações de crises da humanidade atual, escolhe um olhar voltado para as oportunidades de tais reformas e tomadas de consciência. Isto é, desenvolve potenciais da realidade como meio da própria transformação a ser feita.

Sua prática educacional – a partir de suas pedagogias, tecnologias e princípios de atuação –, assim, permite a construção de uma ética planetária, em que o ser humano, consciente da sua condição e espaço perante a um contexto planetário, expresso pelo circuito indivíduo-sociedade-espécie, age a partir de princípios e valores de solidariedade e responsabilidade com aquilo com que se relaciona – com o meio em que está inserido, em suas diferentes dimensões, e com o próximo, aquele com o qual convive.

É a partir do questionamento da vida, da pró-atividade, da participação ativa nos círculos sociais e da consciência do poder de transformar realidades que os indivíduos estabelecem um compromisso com a vida, com os sistemas dos quais ela faz parte e nos quais está intrínseca a história de cada um. Dessa forma, a transformação profunda e duradoura do indivíduo é pautada no próprio reconhecimento como humano, individual ou coletivo, inserido numa realidade ampliada que é o mundo.

Na busca de agir a partir de uma realidade dada, ao mesmo tempo em que reconhece a sua dinâmica permanente de auto-organização e transformação incessante, com o horizonte da autonomia, e da construção de uma cultura que se sustente e que sustente a vida, as ações do CPCD, ações, feitas no presente, apontam para o futuro.

A sustentabilidade está, desse modo, na maneira em como se dão as relações, na maneira como se conectam ideias, forças e ideais para a transformação necessária que se deseja ver e viver, a partir do que se é possível realizar hoje, em uma evolução conjunta que se mantenha no futuro e para quem vir com ele.

Propagar experiências educacionais, assim como criar novas alternativas à educação – que se tem demonstrado insuficiente para o enfrentamento de desafios da complexidade das sociedades contemporâneas –, torna-se, então, essencial para a construção de uma mentalidade que religue saberes e considere a natureza humana como múltipla, existente no antro de uma unidade do planeta. Desenvolve-se, assim, a compreensão de desafios planetários e habilidades necessárias para seus enfrentamentos, tomando consciência das necessidades de mudanças e de suas condições.

Edifica-se uma educação civilizadora como ação fundamental para a reforma do pensamento vigente e a incorporação da complexidade da realidade. Um pensamento, por sua vez, que irá repercutir nas transformações emergentes das sociedades para a sustentação da vida humana na Terra, em que todos se sintam pertencentes a uma unidade comum, tornando-se, portanto, responsáveis pela criação de um futuro sustentável.

Assim, como diz Tião Rocha, para processos transformadores de conhecimento, a perspectiva complexa irá se encontrar na simplicidade das ideias e dos acontecimentos, à medida em que são articulados e integrados: “Não precisamos de sala, precisamos de gente. Não precisamos de prédio, precisamos de espaços de aprendizado. Não precisamos de livros, precisamos ter todos os instrumentos possíveis que levem o menino a aprender.” (ROCHA, 2013).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Livros, artigos, sites e filmes

ALMEIDA, Cleide; PETRAGLIA, Izabel. **Estudos de complexidade 3**. São Paulo: Xamã, 2009.

ANDRADE, Aurélio; SELEME, Acyr; RODRIGUES, Luís H.; SOUTO, Rodrigo. **Pensamento Sistêmico: caderno de campo – o desafio da mudança sustentada nas organizações e na sociedade**. Porto Alegre: Ed. Bookman, 2006.

AUGUSTI, Alexandre Rossato. A cultura do individualismo na sociedade contemporânea e a formação das identidades. **F@ro: revista teórica del Departamento de Ciencias de la Comunicación**, Valparaíso, Nº. 1-2, 2005, pp. 439-454, 2005.

BANCO DE ÊXITOS. **Arassussa: Araçuaí Sustentável**. Disponível em: <<http://www.bancodeexitos.org.br/>>. Acessado em 07 de abril de 2014.

BATISTA, Aluisio Nogueira; NOGUEIRA, Naronete Pinheiro. O Pensamento Sistêmico na Organização: Uma exigência do contexto atual. **Norte Científico**, Boa Vista, v. 1, n. 1, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Sobre educação e juventude**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar: Ética do humano – compaixão pela terra**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_ **Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres**. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2004.

BUBER, Martin. **Do diálogo e do Dialógico**. Tradução de Marta Ekstein de Souza Queiroz e Regina Weinberg. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1982.

CAPRA, Fritjof *et al.* **Alfabetização Ecológica – A educação das crianças para um mundo sustentável**. Michael K. Stone e Zenobia Barlow (Org.). Tradução de Carmen Fischer. São Paulo: Ed. Cultrix, 2006.

\_\_\_\_\_; LUISI, Pier Luigi. **A visão sistêmica da vida**. Tradução de Newton Roberval Eicheberg e Mayra Teruya Eicheberg. São Paulo: Ed: Cultrix, 2014.

\_\_\_\_\_. **Conexões Ocultas**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Ed: Cultrix, 2001.

\_\_\_\_\_ **Critérios de concepção de sistemas. Ecoalfabetização: preparando o terreno**. Learning in the real world. Berkley: Center of Ecoliteracy, 2000.

\_\_\_\_\_ **A teia da vida**. Tradução de Newton Roberval Eicheberg. São Paulo: Ed. Cultrix, 1996.

\_\_\_\_\_ **O Ponto de Mutação**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Ed. Cultrix, 1982.

CARVALHO, Edgard de Assis. Complexidade e ética planetária. In: VEGA, Alfredo Pena; NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do (Org.). **O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999, p. 107-118.

CENTRO POPULAR DE CULTURA E DESENVOLVIMENTO. Disponível em: <<http://www.cpcd.org.br/>>. Acessado em 05 de março de 2012 a 2015.

\_\_\_\_\_ **Mandala Arassussa.** Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=mnCscJkoaTQ>>. Acessado em 09 de maio de 2015.

\_\_\_\_\_ **Projeto Casa Saudável.** Belo Horizonte: CPCD, 2005.

\_\_\_\_\_ **Tecnologias do Sítio Maravilha.** Belo Horizonte: CPCD, 2013.

CHIQUIERI, Ana Maria; SANTOS, Ana Cristina dos; SANTOS, Akiko. A dialógica de Edgar Morin e o terceiro incluído de Basarab Nicolescu: uma nova maneira de olhar e interagir com o mundo. In: ALMEIDA, Cleide; PETRAGLIA, Izabel (Org.). **Estudos de complexidade 3.** São Paulo: Ed. Xamã, 2009.

CIDADES SUSTENTÁVEIS. Disponível em:  
<<http://www.cidadessustentaveis.org.br/downloads/apresentacoes/BP-Aracuai.pdf>>. Acessado em: 04 de junho de 2015.

CIURANA, Emilio-Roger; MORIN, Edgar; MOTTA, Raúl Domingo. **Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana.** Brasília: Ed. Cortez, 2003.

COLETIVO EDUC-AÇÃO. **Volta ao mundo em 13 escolas: sinais do futuro no presente.** São Paulo: Fundação Telefônica, 2013.

**CONTINUECURIOSO & ANA THOMAZ / MINIDOC.** Direção: Juliana Mendonça e Cristiane Schmidt, 2014. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=KADNFzuV37o>>. Acessado em: 19 de maio de 2015.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Ed. ZAHAR, 1994.

ESCOLA DE DIÁLOGO. **Sobre o diálogo.** Disponível em:  
<<http://escoladedialogo.com.br/escoladedialogo/index.php/sobre-o-dialogo/>>.  
Acessado em 04 de maio de 2015.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança.** Rio de Janeiro: Ed. Paz e terra, 1983.  
\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Filipe; SILVEIRA, José Henrique. **Alfabetização Ecológica – Manual do Educador.** Nova Lima: Minerações Brasileiras Reunidas, 2005.

FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL. Disponível em:  
<<http://www.fbb.org.br/home.htm>>. Acessado em 16 de outubro de 2013.

GIRAL – VIVEIRO DE PROJETOS. Disponível em:  
<<http://giral.com.br/cases/arassussa-aracuai-cidade-sustentavel/>>. Acessado em 07 de abril de 2015.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação.** Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006

HAWKEN, Paul; LOVINS, Amory; LOVINS, L. Hunter. **Capitalismo Natural: Criando a próxima revolução industrial.** Tradução de Luiz A. de Araújo e Maria Luiza Felizardo. São Paulo: Ed. Cultrix, 2007.

IBGE. **Araçuaí – MG.** Disponível em:  
<<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=310340&search=minas-gerais|aracuai>>. Acessado em 16 de outubro de 2013.

\_\_\_\_\_. **Diagnóstico Ambiental da Bacia do Rio Jequitinhonha.**  
Disponível em:

<[http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/recursosnaturais/diagnosticos\\_levantamentos/jequitinhonha/jeq.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/recursosnaturais/diagnosticos_levantamentos/jequitinhonha/jeq.pdf)>. Acessado em 14 de novembro de 2014.

ILLICH, Ivan. **Sociedades sem escolas**. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Rio de Janeiro: Petrópolis, 8ª Edição, 1988.

INSTITUTO MINEIRO DE GESTÃO DAS ÁGUAS. **Bacia do Jequitinhonha**. Disponível em: <<http://www.igam.mg.gov.br>>. Acessado em 07 de maio de 2015.

\_\_\_\_\_ **Rio Araçuaí**. Disponível em: <<http://www.igam.mg.gov.br>>. Acessado em 07 de maio de 2015.

JR., Osvaldo Pessoa. **Auto-Organização e Complexidade: Uma Introdução Histórica e Crítica**. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/df/opessoa/AO&C-tex.pdf>>. Acessado em 08 de junho de 2015.

JR., Severino Joseh Santos; NUNES, Alba Maria. **Comunidades Educadoras**. Volume II - Encontros e Caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2007.

JUSTO, Marcelo; SINGER, Helena. Palestra realizada na aula de Educação Ambiental do Bacharelado em Administração com linha de formação específica em Gestão Ambiental, na turma do 5º semestre de 2008 sobre o tema: **Educação Democrática**. São Paulo: Senac, 04 de abril de 2008.

LABEYRIE, Jacques. Introdução ao estado atual do mundo. In: MORIN, Edgar (Org.). **A Religação dos Saberes; o desafio do século XXI**. Tradução de Juremir Machado da Silva. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

LABEYRIE, Vicent. As consequências ecológicas das atividades tecnointerindustriais. In: MORIN, Edgar (Org.). **A Religação dos Saberes; o desafio do século XXI**. Tradução de Juremir Machado da Silva. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

LADRIÈRE, Jean. O racional e o razoável. In: MORIN, Edgar (Org.). **A Religação dos Saberes; o desafio do século XXI**. Tradução de Juremir Machado da Silva. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental – Sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2001.

LÉNA, Pierre. Nossa visão de mundo: algumas reflexões para educação. In: MORIN, Edgar (Org.). **A Religação dos Saberes; o desafio do século XXI**. Tradução de Juremir Machado da Silva. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

LIMA, Licínio. **A escola como organização educativa**. São Paulo: Ed. Cortez, 2001.

LORIERI, Marcos Antônio; QUEIROZ, José J. Educação, conhecimento e pensamento complexo. In: ALMEIDA, Cleide; PETRAGLIA, Izabel (Org.). **Estudos da complexidade 3**. São Paulo: Ed. Xamã, 2009.

MAPAS DE MINAS GERAIS. Disponível em: <<http://www.minas-gerais.info/mapas/mapa-mg.htm>>. Acessado em 22 de outubro de 2014.

MARIOTTI, Humberto. **Autopoiese, Cultura e Sociedade**. Disponível em: <<http://www.teoriadacomplexidade.com.br/textos/autopoiese/AutopoieseCulturaSociedade.pdf>>. Acessado em: 15 de abril de 2015.

\_\_\_\_\_ **O *imprinting* e a linguagem**. Disponível em: <<http://www.teoriadacomplexidade.com.br/textos/teoriadacomplexidade/O-imprinting-e-a-linguagem.pdf>>. Acessado em: 15 de abril de 2015.

MATURANA, Humberto. **O que é Ensinar? O que é um Professor?** Nelson Vaz, FOLHA DE SÃO PAULO, 1990.

\_\_\_\_\_; VARELA, Francisco. **A Árvore do Conhecimento: As bases Biológicas da Compreensão Humana**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Ed. Palas Athena, 2001.

\_\_\_\_\_ **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Tradução e organização de Cristina Magro, Víctor Paredes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

\_\_\_\_\_; VARELA, Francisco J. **Autopoiesis and cognition; the organization of the living**. Boston: Reidel, 1980.

MAXIMIANO, Antonio C.A. **Teoria Geral da Administração: da revolução urbana à revolução digital**. v. 4. São Paulo: Ed. Atlas, 2004.

MERISON, Matheus. **Cibernética: Tecnologia e Administração**. Disponível em: <[http://www.slideshare.net/matheusmerison/ciberntica-tecnologia-e-administrao?next\\_slideshow=1](http://www.slideshare.net/matheusmerison/ciberntica-tecnologia-e-administrao?next_slideshow=1)>. Acessado em: 07 de abril de 2015.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Carta da Terra**. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/responsabilidade-socioambiental/agenda-21/carta-da-terra>>. Acessado em 22 de abril de 2013.

MORAES, Maria Cândida. Perspectivas do pensamento ecossistêmico e suas implicações nos ambientes de ensino e aprendizagem. In: ALMEIDA, Cleide;

PETRAGLIA, Izabel (Org.). **Estudos da complexidade 3**. São Paulo: Ed. Xamã, 2009.

MORIN, Edgar. Complexidade e Liberdade. In: **Thot**, São Paulo, Associação Palas Athena, nº. 67, pp. 12-19, 1998.

\_\_\_\_\_ **A Cabeça bem-feita**. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand, 2010.

\_\_\_\_\_ **A Religação dos Saberes: o desafio do século XXI**. Tradução de Juremir Machado da Silva. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

\_\_\_\_\_ **Complexidade e Transdisciplinaridade: a reforma da universidade e do ensino fundamental**. Tradução de Edgard de Assis Carvalho. Natal: EDUFRN, 1999.

\_\_\_\_\_ **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução de Eliane Lisboa. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2011.

\_\_\_\_\_ **O método 4: As ideias. Habitat, vida, costumes, organização**. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2011.

\_\_\_\_\_ **O método 6: Ética**. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2011.

\_\_\_\_\_ **O paradigma perdido: a natureza humana**. Tradução de Hermano Neves. Mem Martins: Ed. Europa-América, 2000.

\_\_\_\_\_ **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2011.

PÁDUA, Elisabete M. M. de. **Metodologia da Pesquisa: abordagem teórico-prática**. 12 ed. Rev. e Atual. Campinas: Papirus, 2006.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAÇUAÍ. Disponível em: <<http://aracuai.mg.gov.br/site/>>. Acessado em 07 de abril de 2015.

PROGRAMA AÇÃO. **Cooperativa Dedo de Gente**. Rede Globo, maio de 2008. Disponível em: <[http://www.cpcd.org.br/videos/cooperativa-dedo-de-gente-programa-acao-1%C2%AA-parte-2008-video\\_3a9b78cd7.html](http://www.cpcd.org.br/videos/cooperativa-dedo-de-gente-programa-acao-1%C2%AA-parte-2008-video_3a9b78cd7.html)>. Acessado em 7 de abril de 2015.

PROJETO CAMINHO DAS ÁGUAS. Disponível em: <<http://projetocaminhodasaguas.org.br/>>. Acessado em 28 de abril de 2015.

QUANDO sinto que já sei. Direção: Antonio Sagrado, Raul Perez e Anderson Lima. Despertar filmes, 2014.

QUÉAU, Philippe. Cibercultura e infoética. In: MORIN, Edgar (Org.). **A Religação dos Saberes; o desafio do século XXI**. Tradução de Juremir Machado da Silva. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

RIBEIRO, Maurício Andrés. **Ecologizar. Volume I – Princípios para ação**. Brasília: Ed. Universa, 2009.

ROCHA, Tião. “**É possível fazer educação de qualidade sem escola**”. Entrevista ao portal Inclusive: inclusão e cidadania, março de 2013. Disponível em: <<http://www.inclusive.org.br/?p=24298>>. Acessado em 15 de junho de 2015.

ROCHA, Tião. **Educador é aquele que aprende: entrevista com Tião Rocha**. Entrevistador: Marcelo Iha. Dezembro de 2007. Disponível em:

<<http://www.promenino.org.br/servicos/biblioteca/educador-e-aquele-que-aprende---entrevista-com-o-educador-tiao-rocha>>. Acessado em: 19 de maio de 2015.

ROGERS, Laurette. Rede NCRC. **Ecoalfabetização: A história em andamento do Condado de Mendocino**. Berkley: Center for Ecoliteracy, 2000. Disponível em: <<http://www.biodiversidade.rs.gov.br/arquivos/Ecoalfabetizacao.pdf>>. Acessado em 20 de junho de 2015.

ROSNAY, Jöel de. **O Homem Simbiótico – Perspectiva para o novo milênio**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1997.

SCHNITMAN, Dora Friedman (Org). **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1996.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SENGE, Peter. **A Quinta Disciplina**. Tradução de Gabriel Zide Neto. São Paulo: Ed. Best Seller, 2002.

SUZANA HERCULANO HOUZEL. Disponível em: <<http://www.suzanaherculanohouzel.com/>>. Acessado em 20 de maio de 2015.

THERSA. **O Poder da Empatia**. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=VRXmsVF\\_QFY](https://www.youtube.com/watch?v=VRXmsVF_QFY)>. Acessado em 30 de Abril de 2015.

VALOURA, Leila. **Paulo Freire, educador brasileiro autor do termo Empoderamento, em seu sentido transformador**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

VINCENT, Jean-Didier. As paixões e o humano. In: MORIN, Edgar (Org.). **A Religação dos Saberes; o desafio do século XXI**. Tradução de Juremir Machado da Silva. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

VOZES do Brasil com Meninos de Araçuaí. *Natura Musical*, dezembro de 2013. Disponível em: <<http://www.naturamusical.com.br/vozes-do-brasil-com-meninos-de-aracauai>>. Acessado em: 11 de junho de 2015.

WWF Brasil. **Redes: Uma introdução às dinâmicas da conectividade e da auto-organização**. Ed.1. Brasília, 2003.

### **Entrevistas**

*Nota:* Todas as entrevistas, com exceção da entrevista com Marton Martins, constam no Apêndice III.

BORGES, Edilúcia. Entrevista concedida a Gabriela Silva. Araçuaí, 15 de abril de 2015.

CPCD. Entrevista com crianças do Projeto Ser Criança concedida a Gabriela Silva. Araçuaí, 16 de abril de 2015.

MARTINS, Marton. Entrevista concedida a Gabriela Silva. Araçuaí, 14 de abril de 2015.

MIRANDA, Yuri. Entrevista concedida a Gabriela Silva. Araçuaí, 16 de abril de 2015.

MOTA, Flávia. Entrevista concedida a Gabriela Silva por Skype. 27 de outubro de 2014.

OLIVEIRA, Elaine. Entrevista concedida a Gabriela Silva por Skype. 25 de julho de 2013.

OLIVEIRA, Ivanete. Entrevista concedida a Gabriela Silva. 15 de abril de 2015.

POLUCENO, Regina. Entrevista concedida a Gabriela Silva. 14 de abril de 2015.

SILVA, Ana Paula. Entrevista concedida a Gabriela Silva. 15 de abril de 2015.

SILVA, Cleia. Entrevista concedida a Gabriela Silva. 15 de abril de 2015.

## **APÊNDICE I – Roteiro – Visita ao CPCD, Araçuaí (MG)**

1) Recolhimento de dados gerais sobre o município e a região (CPCD e Prefeitura);

2) Conhecer a estrutura geral, os projetos e fluxos que compõem a plataforma do CPCD em Araçuaí: visitar todos os projetos;

3) Aprofundamento no Projeto Ser Criança:

- Histórico;

- Observação da rotina do projeto;

- Acompanhar uma roda de crianças;

- Acompanhar uma reunião de planejamento ou avaliação dos educadores;

- Realizar entrevistas.

4) Realizar entrevistas com coordenadores de cada projeto de Araçuaí, assim como coordenadores gerais.

### **Público-Alvo das entrevistas:**

As entrevistas serão aplicadas para educadores do Projeto Ser Criança, assim como os coordenadores gerais dos projetos em andamento em Araçuaí e coordenadores gerais do CPCD.

Eventualmente: grupo de 3 a 4 crianças do Ser Criança/1 membro da comunidade que não esteja contemplado no projeto/1 membro da prefeitura/Pais do Ser Criança

### **Eixos de análise:**

Serão observados aspectos para análise, como:

- A diferença entre a prática educativa do CPCD em comparação com as práticas de educação tradicional;

- Os princípios da proposta, que configura a dinâmica dos projetos em Araçuaí;

- A sustentabilidade local como impacto positivo de transformação social no município.

Para isso, serão observados os seguintes pontos:

- Ação educativa e o processo de aprendizagem;
- Articulação da educação com a construção da ética;
- Relação dos projetos com a própria comunidade, os impactos locais, que visam a transformação do lugar; impactos na vida de cada um, sustentabilidade local

### **Roteiro - Educadores**

Nome:

Idade:

Sexo:

Escolaridade:

Cidade de Origem:

Atuação/Projeto:

Desde quando no CPCD:

- 1) Como você se tornou educador?
- 2) O que você faz no projeto? Como é sua rotina no CPCD?
- 3) E no projeto, como se dá a rotina?
- 4) Em se tratando do processo de aprendizagem, como você enxerga o que este ocorre no CPCD/projeto?
- 5) Qual são as diferenças entre o projeto e a escola? E de outros projetos educacionais da região? Quais as características do CPCD que você acha que atrai mais gente (para ingressar nos projetos)?

- 6) No seu papel de educador, como você aplica os princípios no projeto onde atua?
- 7) Como você acha que a educação abarca as outras dimensões (ou se relaciona/articula) com desenvolvimento de Araçuaí?
- 8) Na prática, como os projetos se articulam e contribuem na rotina do Ser Criança, especificamente?
- 9) Ao seu ver, qual é o papel do educador?
- 10) Considerando uma forte premissa para se praticar uma boa educação ter bons educadores, segundo os próprios princípios do CPCD, como é formado esse educador?
- 11) Quais os resultados que você acha que alcança?
- 12) Quais são as habilidades e características que as crianças desenvolvem para lidar com os desafios, conflitos, resolução de problemas?
- 13) Como você vê o seu próprio processo de aprendizagem para educar?
- 14) Como se dá a relação do educador com as famílias? Como os pais enxergam seus filhos antes e depois de terem entrado no projeto?
- 15) Como se dá a relação do educador e das crianças com a comunidade?
- 16) Quais são os resultados já consolidados?
- 17) Quais as dificuldades e desafios que você encontra no projeto e no CPCD?
- 18) Para você, qual o cenário hoje da educação brasileira? Quais os desafios da educação atual?
- 19) Para você, qual o papel do CPCD em Araçuaí?
- 20) Qual a diferença que o CPCD fez na cidade de Araçuaí? E na sua vida, qual o impacto do CPCD?
- 21) Qual são suas expectativas em relação ao seu futuro do ponto de vista educacional, profissional e a permanência em Araçuaí?

### **Roteiro – Coordenação**

Nome:

Idade:

Sexo:

Escolaridade:

Cidade de Origem:

Atuação/Projeto:

Desde quando no CPCD:

- 1) Quanto tempo o CPCD atua em Araçuaí?
- 2) Atualmente, como se dá o fluxo diário de trabalho dos projetos?
- 3) Como os projetos se articulam e interagem na prática? Qual o conceito que está por trás? E a tônica das pedagogias utilizadas?
- 4) Para você, como a aprendizagem se dá no CPCD?
- 5) Como é o cotidiano do CPCD?
- 6) Para você, qual a diferença do CPCD e a prática educacionais de outros projetos da região e de outros projetos educacionais em geral?
- 7) Como se dá o planejamento e avaliação da plataforma como um todo?
- 8) Como se dá a sustentabilidade dos projetos (financeira e local)? E a autonomia dos projetos em relação ao CPCD?
- 9) Algum projeto já findou depois que o CPCD saiu da atuação?
- 10) Quem são os parceiros? Como eles atuam/contribuem?
- 11) Qual o papel do CPCD em Araçuaí? Para você, além dos impactos na aprendizagem, quais os outros impactos locais?
- 12) Quais são os resultados consolidados?
- 13) Quais são os principais desafios?
- 14) Quais são os próximos passos do CPCD?
- 15) Para você, qual o cenário hoje da educação brasileira? Quais os desafios da educação atual?
- 16) Qual a diferença que o CPCD fez na cidade de Araçuaí? E na sua vida, qual o impacto do CPCD?

## APÊNDICE II – PTA Ser Criança, 2013

<p><b>Objetivo: Geral:</b> Promover a transformação Social  <b>Objetivo Específico:</b> Promover educação através do brinqueado e do brincar  <b>Objeto:</b> Transformação Social Promovida</p>					
Dimensão	Perguntas Importantes	Atividades, Técnicas e Instrumentos	Indicadores e Evidências	Público Alvo	Tempo e Responsável
1. Compromisso Ambiental	1.1 - Como aproveitar melhor os recursos naturais existentes e o lixo?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Cozinha experimental</li> <li>- Receitas alternativas</li> <li>- Composto orgânico</li> <li>- Espiral de ervas</li> <li>- Pintura com tinta de terra</li> <li>- Brinquedoteca</li> <li>- Confecção de roupas para teatro e desfile</li> <li>- Confecção de instrumentos musicais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mudanças de postura e hábitos alimentares</li> <li>- Valorização Bem-estar</li> <li>- Diminuição do lixo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Crianças</li> <li>- Adolescentes</li> <li>- Pais</li> </ul>	<p>As atividades acontecem semanalmente, com o sistema de rodízio, de forma que todas as crianças passem pelas atividades propostas pelo projeto</p> <p>Coordenação geral Educadores Crianças Adolescentes</p>
	1.2 - De que forma podemos despertar o compromisso com o meio ambiente?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Cuidado com o jardim</li> <li>- Oficinas de permacultura</li> <li>- Coleta seletiva</li> <li>- Passeio ecológico</li> <li>- Pesquisas</li> <li>- Palestra</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Consciência ecológica</li> <li>- Saúde</li> <li>- Bem-estar</li> <li>- Higiene</li> <li>- Preservação ambiental</li> <li>- Hábitos saudáveis</li> <li>- Informação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Crianças</li> <li>- Adolescentes</li> <li>- Pais</li> <li>- Comunidade</li> </ul>	

Dimensão	Perguntas Importantes	Atividades, Técnicas e Instrumentos	Indicadores e Evidências	Público Alvo	Tempo e Responsável
1. Compromisso Ambiental	1.3 - Como despertar a necessidade de arborizar o bairro?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Plantio de mudas frutíferas nos bairros</li> <li>- Produção de documentários</li> <li>- Vídeos</li> <li>- Fotos</li> <li>- Gotejamento nas plantas</li> <li>- Arrecadação de sucata</li> <li>- Criação de história em quadrinho</li> <li>- Trabalho com livros ambientais</li> <li>- Quintal Maravilha</li> <li>- Intercâmbio com entidades locais e escolas</li> <li>- Adoção de uma rua</li> <li>- Bingo sustentável</li> <li>- Confecção de placas com mensagens ambientais</li> <li>- confecção de recipientes para coleta seletiva</li> <li>- Desfile alternativo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Bairro arborizado</li> <li>- Beleza</li> <li>- Consciência ecológica</li> <li>- Bem-estar</li> <li>- Meio ambiente saudável e transformado</li> <li>- Economia de água</li> <li>- Criatividade</li> <li>- Conhecimento</li> <li>- Participação das famílias</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Crianças</li> <li>- Adolescentes</li> <li>- Pais</li> <li>- Comunidade</li> </ul>	
	1.4 - Que tecnologias usar para melhorar a qualidade de vida e o meio ambiente?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Rodas</li> <li>- Receitas alternativas</li> <li>- Cozinha Experimental</li> <li>- Jogos ambientais</li> <li>- Princípios da permacultura</li> <li>- Confecção de produtos higiênicos e medicinais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Bem-estar</li> <li>- Preservação ambiental</li> <li>- Valorização</li> <li>- Saúde</li> <li>- Transformação</li> <li>- Utilização dos produtos higiênicos e medicinais no projeto e na comunidade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Crianças</li> <li>- Adolescentes</li> <li>- Pais</li> <li>- Comunidade</li> </ul>	

Dimensão	Perguntas Importantes	Atividades, Técnicas e Instrumentos	Indicadores e Evidências	Público Alvo	Tempo e Responsável
1. Compromisso Ambiental	1.5 - Como despertar nas pessoas a importância de valorizar e utilizar a água da chuva nas atividades diárias?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Captação da água (em pequena escala)</li> <li>- Atividade de limpeza</li> <li>- Rodas de conversa</li> <li>- Pesquisas sobre o tema sustentabilidade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apropriação</li> <li>- Economia</li> <li>- Consciência ecológica</li> <li>- Preservação ambiental</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Crianças</li> <li>- Adolescentes</li> <li>- Pais</li> <li>- Comunidade</li> </ul>	
	1.6 - Como utilizar as técnicas e habilidades do coral para a promoção do compromisso ambiental?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Danças</li> <li>- Vídeos</li> <li>- Teatros</li> <li>- Pesquisa das letras de músicas</li> <li>- Produções Composição de músicas</li> <li>- Utilização das músicas do CD Pra Nhá Terra, nas rodas e atividades em geral</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Comunicação</li> <li>- Criatividade</li> <li>- Criticidade</li> <li>- Aprendizagem</li> <li>- Consciência ecológica</li> <li>- Prazer</li> <li>- Autoestima</li> <li>- Envolvimento</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Crianças</li> <li>- Adolescentes</li> <li>- Comunidade</li> <li>- Pais</li> </ul>	
	1.7 - Como envolver as escolas nas atividades voltadas ao compromisso ambiental?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Gincanas</li> <li>- Teatros</li> <li>- Jogos</li> <li>- Oficinas (brinquedos e permacultura)</li> <li>- Cortejo do Boi Menino</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Compromisso</li> <li>- Envolvimento</li> <li>- Participação</li> <li>- Preservação ambiental</li> <li>- Valorização</li> <li>- Aprendizagem</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Crianças</li> <li>- Adolescentes</li> <li>- Pais</li> <li>- Comunidade</li> </ul>	

<p><b>Objetivo Geral:</b> Promover a transformação Social  <b>Objetivo Específico:</b> Promover educação através do brincar e do brincar  <b>Objeto:</b> Transformação Social Promovida</p>					
Dimensão	Perguntas Importantes	Atividades, Técnicas e Instrumentos	Indicadores e Evidências	Público Alvo	Tempo e Responsável
1. Empoderamento Comunitário	1.1 - Como fazer da música um instrumento de trabalho que proporcione oportunidades, gerando empoderamento comunitário?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Oficinas de músicas para os pais e comunidade</li> <li>- Performance</li> <li>- Repasse do aprendizado no coro para as outras crianças</li> <li>- Projeto</li> <li>- Oficinas com os meninos da Casa de Arte e Ofício, em Barbacena</li> <li>- Criação de música</li> <li>- Rodas de batuca</li> <li>- Cantorias</li> <li>- Construção de instrumentos</li> <li>- Resgate de cantigas</li> <li>- Pesquisas</li> <li>- Oficinas de flauta doce e flautim</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Satisfação</li> <li>- Conhecimento</li> <li>- Apropriação</li> <li>- Valorização</li> <li>- Mudanças de postura e pensamento</li> <li>- Compromisso</li> <li>- Protagonismo</li> <li>- Expressividade</li> <li>- Número de criação de música</li> <li>- Número de rodas de batuca</li> <li>- Valorização da nossa cultura</li> <li>- Número de instrumentos</li> <li>- Criatividade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Crianças</li> <li>- Adolescentes</li> <li>- Educadores</li> <li>- Comunidade</li> <li>- Pais</li> </ul>	

Dimensão	Perguntas Importantes	Atividades, Técnicas e Instrumentos	Indicadores e Evidências	Público Alvo	Tempo e Responsável
1. Empoderamento Comunitário	1.2 - Como envolver a comunidade junto ao projeto para a promoção do empoderamento comunitário?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Oficinas de cerâmica, boneca, reciclagem, sucata</li> <li>- Roda de viola</li> <li>- Intercâmbio</li> <li>- Receitas alternativas</li> <li>- Rua de Lazer</li> <li>- Folias</li> <li>- Teatros</li> <li>- Cine AMA</li> <li>- Roda de conversa e dinâmicas c/ pais e adolescentes sobre o ECA</li> <li>- Bingo Sustentável entre os pais</li> <li>- Gincana ecológica</li> <li>- Produção de vídeos</li> <li>- Oficinas sustentáveis sabão/detergente/xampu contra piolho</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Criatividade</li> <li>- Participação</li> <li>- Envolvimento</li> <li>- Número de rodas de viola</li> <li>- Felicidade</li> <li>- Descontração</li> <li>- Motivação</li> <li>- Conhecimento</li> <li>- Valorização</li> <li>- Transformação</li> <li>- Informação</li> <li>- Número de folias</li> <li>- Troca de experiência e conhecimento</li> <li>- Valorização do alternativo</li> <li>- Novas atitudes</li> <li>- Registro e divulgação</li> <li>- Economia</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Crianças</li> <li>- Adolescentes</li> <li>- Educadores</li> <li>- Comunidade</li> <li>- Pais</li> </ul>	

Dimensão	Perguntas Importantes	Atividades, Técnicas e Instrumentos	Indicadores e Evidências	Público Alvo	Tempo e Responsável
	1.3 - De que maneira os participantes do coral podem ser multiplicadores de seus aprendizados, proporcionando empoderamento comunitário?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Oficinas de Dança</li> <li>- Relatos de experiências vividas</li> <li>- Oficinas de interpretação</li> <li>- Apresentações</li> <li>- Percussão</li> <li>- Performance</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Aprendizagem</li> <li>- Protagonismo</li> <li>- Prazer</li> <li>- Autoestima</li> <li>- Criatividade</li> <li>- Motivação</li> <li>- Alegria</li> <li>- Cooperação</li> <li>- Autonomia</li> <li>- Apropriação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Crianças</li> <li>- Adolescentes</li> <li>- Educadores</li> <li>- Pais</li> </ul>	
1. Empoderamento Comunitário	1.4 - Como levar a leitura à comunidade, a fim de promover conhecimento e empoderamento comunitário?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Leitura em praças, bairros, casa das crianças</li> <li>- Aligeiras de livros nas casas das crianças</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Número de livros lidos</li> <li>- Troca de livros</li> <li>- Gosto pela leitura</li> <li>- Conhecimento</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Crianças</li> <li>- Adolescentes</li> <li>- Educadores</li> <li>- Comunidade</li> <li>- Pais</li> </ul>	

Dimensão	Perguntas Importantes	Atividades, Técnicas e Instrumentos	Indicadores e Evidências	Público Alvo	Tempo e Responsável
1. Empoderamento Comunitário	1.5 - Como o projeto e a comunidade podem desenvolver ações que promovam empoderamento comunitário?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Oficina de beleza</li> <li>- Cozinha Experimental</li> <li>- Confeção de remédios caseiros</li> <li>- Rodas de viola</li> <li>- Rodas de conversas</li> <li>- Contação de histórias</li> <li>- Leituras</li> <li>- Biblioteca virtual para pesquisas</li> <li>- Cinema Itinerante</li> <li>- Visitas domiciliares</li> <li>- Oficinas de saúde com profissionais da área</li> <li>- Passeios nas comunidades rurais e urbana</li> <li>- Cortejo e brincadeiras do Boi Menino</li> <li>- Parceria com entidades Pastoral da crianças/Assíciar/Ação social</li> <li>- Eventos comunitários</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Autoestima</li> <li>- Valorização</li> <li>- Número de oficinas</li> <li>- Participação</li> <li>- Envolvimento</li> <li>- Bem-estar</li> <li>- Número de remédios caseiros fabricados</li> <li>- Alegria</li> <li>- Prazer</li> <li>- Motivação</li> <li>- Resgate cultural</li> <li>- Críticidade</li> <li>- Aprendizagem</li> <li>- Desinibição</li> <li>- Protagonismo</li> <li>- Concentração</li> <li>- Reflexão</li> <li>- Conhecimento</li> <li>- Descontração</li> <li>- Leitura e escrita</li> <li>- Troca de experiência</li> <li>- Envolvimento</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Crianças</li> <li>- Adolescentes</li> <li>- Educadores</li> <li>- Pais</li> <li>- Comunidade</li> </ul>	
	1.6 - Como o projeto e a comunidade podem desenvolver ações que promovam empoderamento comunitário?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Eventos municipais</li> <li>- Parceria através de atividades junto às escolas</li> <li>- Oficina de flauta doce e flautim</li> <li>- Musicalização</li> </ul>			

<p><b>Objetivo Geral:</b> Promover a transformação Social  <b>Objetivo Específico:</b> Promover educação através do brinquedo e do brincar  <b>Objeto:</b> Transformação Social Promovida</p>					
Dimensão	Perguntas Importantes	Atividades, Técnicas e Instrumentos	Indicadores e Evidências	Público Alvo	Tempo e Responsável
1. Valores humanos e culturais	1.1 - Como promover uma participação efetiva dos pais e comunidade no projeto para a valorização humana e cultural?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Cantoria</li> <li>- Roda de conversa</li> <li>- Cinema Itinerante</li> <li>- Contação de história</li> <li>- Oficina de permacultura/ Cozinha Experimental/Brinquedoteca</li> <li>- Oficina de boneca</li> <li>- Oficina de jogos do Bormal</li> <li>- Mini Prefeitura dentro do projeto com as crianças</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Alegria</li> <li>- Comunicação</li> <li>- Diálogo</li> <li>- Participação</li> <li>- Interação</li> <li>- Cidadania</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Crianças</li> <li>- Adolescentes</li> <li>- Pais</li> <li>- Comunidade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Educadores</li> <li>- Coordenação Geral</li> </ul>
	1.2 - Como trabalhar a afetividade e a sexualidade, respeitando os valores humanos?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Amigo carinhoso</li> <li>- Bate-papo</li> <li>- Jogos</li> <li>- Filmes</li> <li>- Rodas</li> <li>- Oficinas de cafuné</li> <li>- Troca de bilhetes</li> <li>- Brincadeiras</li> <li>- Dinâmicas</li> <li>- Teatro</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Valorização</li> <li>- Harmonia</li> <li>- Respeito</li> <li>- Informação</li> <li>- Socialização</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Crianças</li> <li>- Adolescentes</li> <li>- Pais</li> <li>- Comunidade</li> </ul>	

Dimensão	Perguntas Importantes	Atividades, Técnicas e Instrumentos	Indicadores e Evidências	Público Alvo	Tempo e Responsável
1. Valores humanos e culturais	1.3 - Como as crianças do coral podem ser multiplicadoras de tudo o que vivenciam no coro, valorizando suas habilidades e cultura?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentação</li> <li>- Danças</li> <li>- Teatro</li> <li>- Produções com as letras das músicas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Felicidade</li> <li>- Aprendizado</li> <li>- Participação</li> <li>- Críticidade</li> <li>- Motivação</li> <li>- Socialização</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Crianças</li> <li>- Adolescentes</li> <li>- Pais</li> <li>- Comunidade</li> </ul>	
	1.4 - Como resgatar as cantigas e brincadeiras, promovendo uma valorização humana e cultural?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Pesquisas</li> <li>- Brincadeiras</li> <li>- Roda de viola</li> <li>- Contação de história</li> <li>- Grupo de pais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Valorização</li> <li>- Oportunidade</li> <li>- Apropriação</li> <li>- Resgate</li> <li>- Socialização</li> <li>- Aprendizado</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Crianças</li> <li>- Adolescentes</li> <li>- Pais</li> <li>- Comunidade</li> </ul>	
	1.5 - Como podemos usar a fotografia para descobrir as habilidades e recursos humanos e culturais?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Oficina de fotografias</li> <li>- Produções de documentários</li> <li>- Vídeos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Aprendizado</li> <li>- Interesse</li> <li>- Envolvimento</li> <li>- Participação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Crianças</li> <li>- Adolescentes</li> <li>- Pais</li> <li>- Comunidade</li> </ul>	

<p><b>Objetivo Geral:</b> Promover a transformação Social  <b>Objetivo Específico:</b> Promover a educação através do brinquedo e do brincar  <b>Objeto:</b> Transformação Social</p>					
Dimensão	Perguntas Importantes	Atividades, Técnicas e Instrumentos	Indicadores e Evidências	Público Alvo	Tempo e Responsável
1. Aprendizagem lúdica	1.1 - De que maneira podemos utilizar melhor as nossas tecnologias?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Rodas</li> <li>- Teatro</li> <li>- Jogos</li> <li>- Debates</li> <li>- Dinâmicas</li> <li>- Fotografias</li> <li>- Contação de história</li> <li>- Brincadeiras</li> <li>- Oficinas de brinquedos/permacultura</li> <li>- Dança</li> <li>- Música</li> <li>- Pedagogia das placas</li> <li>- Livros</li> <li>- Estação digital</li> <li>- Diagnóstico do nível de aprendizagem das crianças</li> <li>- Mediação de leitura</li> <li>- Monitoria com adolescentes</li> <li>- Murais de leitura, com recadinhos e pesquisas</li> <li>- Experiências científicas práticas</li> <li>- Utilização de material alternativo/concreto (pedrinhas, tampinhas, sementes, palitinhos de fósforo)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Comunicação</li> <li>- Interação</li> <li>- Envolvimento</li> <li>- Conhecimento</li> <li>- Socialização</li> <li>- Aprendizagem</li> <li>- Informação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Adolescentes</li> <li>- Crianças</li> <li>- Educadores</li> <li>- Pais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Coordenação geral, Educadores, crianças e adolescentes</li> <li>- Semanalmente, com o sistema de rodízio</li> </ul>

Dimensão	Perguntas Importantes	Atividades, Técnicas e Instrumentos	Indicadores e Evidências	Público Alvo	Tempo e Responsável
1. Aprendizagem lúdica	1.2 - Como a aprendizagem adquirida pode gerar transformação social?  1.3 - O que evidencia que as tecnologias usadas geram melhores resultados na aprendizagem?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Vídeos</li> <li>- Ruas de lazer</li> <li>- Música</li> <li>- Leitura</li> <li>- Debates</li> <li>- Produção de jogos</li> <li>- Brincadeiras de roda</li> <li>- Gincanas</li> <li>- Experiências científicas práticas</li> <li>- Utilização de material alternativo/concreto (pedrinhas, tampinhas, sementes, palitinhos de fósforo)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Participação</li> <li>- Informação</li> <li>- Críticidade</li> <li>- Transformação</li> <li>- Protagonismo</li> <li>- Comunicação</li> <li>- Percepção</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Crianças</li> <li>- Adolescentes</li> <li>- Educadores</li> <li>- Pais</li> <li>- Comunidade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Semanalmente, com sistema de rodízio</li> </ul>
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Biblioteca virtual</li> <li>- Cinema Itinerante</li> <li>- Brincadeiras</li> <li>- Livros</li> <li>- Jogos</li> <li>- Teatro</li> <li>- Roda</li> <li>- Contação de história</li> <li>- Dinâmicas</li> <li>- Música</li> <li>- Gincanas</li> <li>- Criação de livros</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Informação</li> <li>- Motivação</li> <li>- Questionamento</li> <li>- Interesse</li> <li>- Valorização</li> <li>- Participação</li> <li>- Apropriação</li> <li>- Rendimento</li> <li>- Inovação</li> <li>- Aproveitamento escolar</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Crianças</li> <li>- Adolescentes</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Semanalmente, com sistema de rodízio</li> </ul>

Dimensão	Perguntas Importantes	Atividades, Técnicas e Instrumentos	Indicadores e Evidências	Público Alvo	Tempo e Responsável
1. Aprendizagem lúdica	1.4 - Como estimular as crianças a ler e escrever de forma prazerosa?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Brincadeiras</li> <li>- Jogos</li> <li>- Músicas</li> <li>- Utilização das Algebeiras/Bornais de Livros</li> <li>- Pedagogia das placas</li> <li>- Pedagogia do biscoito</li> <li>- Cozinha Experimental</li> <li>- Elaboração de cardápios</li> <li>- Bornal de livros</li> <li>- Oficinas no Banco do Livro</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Matemática</li> <li>- Alfabetização</li> <li>- Conhecimento</li> <li>- Interesse</li> <li>- Número de jogos produzidos</li> <li>- Transformação</li> <li>- Comunicação</li> <li>- Número de jogos utilizados</li> <li>- Número de livros lidos</li> <li>- Inovação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Crianças</li> <li>- Adolescentes</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Semanalmente, com</li> <li>- Sistema de rodízio</li> </ul>
	1.5 - Que mecanismos são eficientes na formação dos Educadores?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Clube do Vídeo</li> <li>- Formação de Educador</li> <li>- Oficinas de permacultura/música</li> <li>- Reunião de equipe quinzenal</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Informação</li> <li>- Críticidade</li> <li>- Potencial</li> <li>- Felicidade</li> <li>- Transformação</li> <li>- Apropriação</li> <li>- Vocabulário enriquecido</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Educadores</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- CPCD</li> <li>- Coordenação</li> <li>- Educadores</li> <li>- 2007</li> </ul>
	1.6 - Como despertar nas crianças e adolescentes maior interesse pela aprendizagem?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Jogos</li> <li>- Leitura de revistas/jornais/livros/poesias</li> <li>- Rodas</li> <li>- Contação de história</li> <li>- Enciclopédia virtual</li> <li>- Teatros</li> <li>- Mural de pesquisas</li> <li>- Exposição dos trabalhos em grupo na roda</li> <li>- Pesquisas</li> <li>- Experiências científicas</li> <li>- Varal de poesia</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Matemática</li> <li>- Aprendizagem</li> <li>- Vocabulário ampliado</li> <li>- Participação</li> <li>- Leitura e escrita</li> <li>- Interpretação</li> <li>- Questionadores</li> <li>- Comunicação</li> <li>- Informação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Crianças</li> <li>- Adolescentes</li> </ul>	

Dimensão	Perguntas Importantes	Atividades, Técnicas e Instrumentos	Indicadores e Evidências	Público Alvo	Tempo e Responsável
1. Aprendizagem lúdica	1.7 - Como trabalhar atividades que promovam a comunicação, gerando protagonismo?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Teatro</li> <li>- Dinâmicas</li> <li>- Roda</li> <li>- Contação de história</li> <li>- Brincadeiras</li> <li>- Recitação de poesias</li> <li>- Avaliações</li> <li>- Leitura</li> <li>- Música</li> <li>-</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Desinibição</li> <li>- Questionadores</li> <li>- Envolvidos</li> <li>- Participativos</li> <li>- Comunicativos</li> <li>- Atualizados</li> <li>- Críticos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Crianças</li> <li>- Adolescentes</li> </ul>	
	1.8 - Como estimular o questionamento e o senso crítico nas crianças e adolescentes?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Construção de textos</li> <li>- Poesias</li> <li>- Histórias</li> <li>- Avaliações</li> <li>- Leitura</li> <li>- Reflexão em roda</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Perceptivos</li> <li>- Críticos</li> <li>- Participativos</li> <li>- Conscientes</li> <li>- Questionadores</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Crianças</li> <li>- Adolescentes</li> </ul>	
	1.9 - De que forma despertar o interesse das crianças nas atividades de dever de casa?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Jogos</li> <li>- Dinâmicas</li> <li>- Brincadeiras</li> <li>- Produção de textos</li> <li>- Jogos</li> <li>- Pedagogia das Placas</li> <li>- Utilização de material alternativo/concreto (pedrinhas, tampinhas, sementes, palitinhos de fósforo)</li> <li>- Clubinho da Matéria</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Leitura e escrita</li> <li>- Número de placas</li> <li>- Participação</li> <li>- Satisfação</li> <li>- Diálogo</li> <li>- Conhecimentos</li> <li>- Inovação</li> <li>- Criatividade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Crianças</li> <li>- Adolescentes</li> </ul>	

<p><b>Objetivo Geral:</b> Promover a transformação Social</p> <p><b>Objetivo Específico:</b> Promover a educação através do brinquedo e do brincar</p> <p><b>Objeto:</b> Transformação Social promovida</p>					
Dimensão	Perguntas Importantes	Atividades, Técnicas e Instrumentos	Indicadores e Evidências	Publico Alvo	Tempo e Responsável
1. Satisfação Econômica	1.1 - De quantas maneiras diferentes e inovadoras podemos usar o alternativo para reduzir nossos custos e ter uma vida mais saudável?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Oficinas medicinais</li> <li>- Confecção de roupas para teatro e desfile</li> <li>- Brinquedoteca</li> <li>- Confecção de instrumentos musicais</li> <li>- Oficinas alternativas de produtos de limpeza</li> <li>- Oficina de tinta de terra</li> <li>- Oficina de tinta de terra</li> <li>- Ornamentação alternativa</li> <li>- Cardápio Alternativo</li> <li>- Cozinha Experimental</li> <li>- Oficina de acessórios de beleza alternativa</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mudanças de postura e hábitos alimentares</li> <li>- Valorização</li> <li>- Bem-estar</li> <li>- Diminuição do lixo</li> <li>- Consciência ecológica</li> <li>- Saúde</li> <li>- Bem-estar</li> <li>- Higiene</li> <li>- Alimentação saudável</li> <li>- Preservação ambiental</li> <li>- Hábitos saudáveis</li> <li>- Conhecimento</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Crianças</li> <li>- Adolescentes</li> <li>- Pais</li> <li>- Comunidade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- As atividades acontecem semanalmente, com sistema de rodízio</li> <li>- Dessa forma, todas as crianças podem participar das atividades propostas</li> <li>- Coordenação Geral</li> <li>- Educadores</li> <li>- Crianças</li> <li>- Adolescentes</li> </ul>

## **APÊNDICE III – Transcrições de Entrevistas**

ANA PAULA SILVA – COODENADORA DO SER CRIANÇA

**Eu preciso saber o seu nome completo, sua idade, sua escolaridade, e se você é daqui de Araçuaí.**

Meu nome é Ana Paula. Sou de Araçuaí, de um município próximo aqui de Araçuaí. Tenho 35 anos, e eu trabalho aqui dentro do CPCD há 15 anos.

**E você hoje é coordenadora?**

É, hoje eu coordeno aqui o trabalho do Ser Criança, mas antes de trabalhar com o Ser Criança eu trabalhava como educadora nos grupos. E também já trabalhei como educadora no Sementinha, que são os meninos de 4 a 6 anos, que é também um trabalho educativo voltado mais pras creches do município com a parceria do CPCD com a prefeitura.

**E sua escolaridade?**

Eu tenho Pedagogia, mas por questão de opção, porque sempre tive vontade de fazer Pedagogia. Trabalho aqui não por causa do curso. Eu aprendi a fazer antes de ter o curso. Aqui a cada dia eu aprendi a viver o meu curso que foi a Pedagogia. E estou aqui até hoje por causa do Ser Criança.

**E como é que você vê, você está aqui há 15 anos e CPCD está aqui há 17 certo? Em Araçuaí. Como é que você vê essa evolução do CPCD aqui na cidade? A evolução da cidade? A evolução dos projetos?**

Então, na época quando entrei, quando o CPCD chegou... Quando eu entrei o CPCD já estava há dois anos. E o CPCD veio também com a cara e a coragem. Mas também veio à convite da ex prefeita da época, a Cacá que foi uma ex aluna do Tião. E aí surgiu essa parceria à partir disso. Foi por que o CPCD chegou em Araçuaí. E até então não existia nenhum projeto social com as crianças daqui de Araçuaí. E é uma cidade que existem muitas crianças né. Na época que comecei esse trabalho se deu junto numa parceria de 8 anos, junto com a prefeitura. E aí, estendia esse trabalho com as próprias crianças do Ser Criança com as escolas

municipais. Que era a questão das creches. E aí, à partir disso, com o decorrer do ano, acabou a parceria com a prefeitura, mas nem por isso o trabalho do CPCD acabou. Então, assim, o CPCD pensou, a gente começou a construir grandes transformações, grandes evoluções, junto com as crianças e comunidade, com a família das crianças, e aí a gente não vai desistir. E aí, à partir disso o CPCD começou a buscar parceria. A ONG trabalha com parceria mesmo. E começou a procurar parcerias, e a gente, a cada ano, a cada dois anos, era um parceiro diferente. E fomos indo. Até hoje. Então, a gente está junto até hoje, não por parcerias financeiras, junto com cidade ou prefeitura não. Essa parceria se deu com outras instituições, vem com Natura, Telemig Celular. E à partir disso, o projeto começou e ainda continua. Hoje tem a Petrobrás que patrocina não só o Ser Criança, que é o Arassempre e patrocina todos os projetos do CPCD. A gente escreve alguns projetos, participa de alguns editais né, do (FIA?), CMDCA da cidade. E aí, à partir disso a gente vai construindo. Temos algumas parcerias com a prefeitura, parcerias locais que também trabalha com essa educação informal. E à partir disso, a gente vai construindo esses trabalhos. Mas eu ainda sinto que dentro da cidade as próprias pessoas da cidade não reconhecem tanto o trabalho. Quem reconhece mais o trabalho são as próprias famílias das crianças atendidas, as pessoas que vem de fora, que ouvem falar, que assistem, que vê documentários, que percebe, que vem, que acompanha o trabalho. Então, eu percebo que as pessoas da própria cidade, elas não tem esse interesse de vim, de conhecer, de saber o que realmente acontece. Que essas 160 crianças estão fora da rua. O que elas estão aprendendo aqui pra elas não estarem na rua fazendo o que outras que não tem oportunidade de estar aqui está fazendo. Então, eu sinto que tem uma falta de reconhecimento da própria cidade, das próprias pessoas da cidade. Mas eu como moradora, como as pessoas que acreditam no nosso trabalho, nós temos muitas pessoas também da cidade que trabalha, que se envolve com essa causa, que são parceiros, outros que não são parceiros mas que acompanham, que admira, que valoriza o trabalho. Mas quando eu falo da cidade, eu falo muito do poder público né? E algumas pessoas também da própria cidade mesmo, que ainda não conhece. Se você, talvez, sair por aí, você vai passar em alguns lugares que as pessoas não conhecem o CPCD. Talvez, se você perguntar se

conhece o Ser Criança, se conhece a Cleia do Coral dos Meninos de Araçuaí, se conhece o Coral dos Meninos de Araçuaí. Mas a instituição como todo, essa instituição que veio pra cá por uma causa, que foi uma causa à convite de uma prefeita que quis construir um trabalho, que teve essa preocupação, um trabalho social com as crianças... Então, assim, os outros responsáveis pelo poder público não tiveram essa mesma percepção, preocupação. E aí, eu percebo que isso acaba atrapalhando. Porque você poderia fazer muito mais. E poderia atender muito mais crianças. A gente tem uma lista de espera enorme, mas a gente atende de acordo com a demanda que a gente pode atender. Então, esse espaço que é cedido é porque o colégio é nosso parceiro. Ele cedeu pra gente por 20 anos. Então, a gente está nesse espaço por isso. Temos outros parceiros como sindicato, parceiros como (...). As próprias entidades que também se envolvem por esse trabalho, e que a gente faz alguns trabalhos juntos. Também a gente, em questão de participar, de promover evento em favor à infância, a gente participa com a prefeitura. Tudo que se tem a gente participa, a gente é envolvido. Se você for olhar todos... O CPCD tem representantes em todos os conselhos da cidade. Então em todos os conselhos a gente tem um representante. Mas quando fala na parte financeira ninguém quer saber de nada. Não se toca. Realmente, pra ter isso aqui precisa ter uma estrutura, tem gastos, e tal. Então, assim, tem outras pessoas que vem de um outro olhar, que acham que a instituição está aqui só pra sugar o que a cidade tem. E não percebe a transformação, o que causa na realidade de uma comunidade onde poderia... Essas crianças estariam se não estivessem aqui. Tanto que o trabalho tem efeito porque só pela instituição, só pelos funcionários, o CPCD não estaria aqui. Ele está aqui por causa das crianças, dos pais, por causa desses parceiros locais, por causa dessas outras entidades que também se preocupam. Então, assim, e aí por isso que o CPCD foi crescendo. Porque de uma certa forma a cidade falou assim, não, não quero, mas aí veio outras pessoas e falaram, não, nós temos que abraçar essa causa, porque o trabalho que vocês fazem faz diferença. E o que eu acho mais legal, porque assim, você não consegue descrever, escrever o que realmente a gente consegue fazer com os meninos. Às vezes, vocês leem por internet e tal, mas é uma coisa técnica. E o que me deixa feliz é que quando as pessoas vêm as pessoas percebem o que acontece. O que a gente faz, o que

promove junto às crianças, educador, família, comunidade. Isso pra mim é o mais importante poder saber que realmente faz diferença. Porque se a gente ficar olhando poder público... Cada um resolver fazer pensando no poder público realmente a gente não vai conseguir nada. Então, eu vejo essa diferença. Eu consigo ver a diferença das crianças naquela época das crianças hoje. Como que a instituição convoca gente pra estar mudando, pra estar aprendendo, pra estar criando, pra estar inovando junto com as crianças. Porque as crianças de 15 anos atrás era outro tipo de criança. A gente recebia aqui criança agressiva, crianças que quebravam cadeira, que brigava. Era um tipo de criança mais agressivo. Hoje nós temos outros tipos de problemas que causa... Que elas têm. Claro que todo lugar que a gente vai tem crianças agressivas, né? A gente tem também. Mas o jeito que a gente aprendeu a fazer, a criar junto com elas, a desenvolver esse novo jeito de lidar, de ensinar e de aprender tudo ao mesmo tempo, foi fazendo com que a gente fosse evoluindo junto com as crianças, né? Então, eu consigo ver essa diferença. Tem meninos aqui que está aqui desde nove anos. Como a Léia falou, né? Que no grupo dela tem menino que tem nove anos que está aqui. E tem menino que é educador e tal. Então, por isso você consegue ver essa evolução. E como que isso faz diferença na vida das pessoas. O que elas viveram aqui dentro. Se você me perguntar, Paula, você é a mesma pessoa? O que você aprendeu desde que você entrou até aqui? Nossa, eu sofri uma transformação assim imensa. Mas foi uma coisa que eu aprendi aos poucos, aprendi fazendo, aprendi me descobrindo. A descobrir. Aprendi a experimentar. Não achei nada imposto, ninguém ditou nada pra gente. A gente é instigado a fazer esse tipo de coisa. E a mesma coisa as meninas, né? Que hoje o que está nos motivando, instigando... Vocês fizeram uma pergunta sobre os adolescentes com celular alguma coisa assim. Como que nós vamos usar o celular a nosso favor? A favor do aprendizado, do conhecimento. Nós não vamos proibir os meninos de usar o celular. Nunca jamais. Mas como é que... E aí, as nossas rodas de discussão está sendo essa, como é que nós vamos usar isso com os adolescentes de uma forma que vai só agregar? Vamos melhorar isso nos seus conhecimentos. Agregar esses valores. Então, essa visão de antes e agora, a gente consegue acompanhar no tempo. E eu acho que isso é muito legal. Eu acho que isso é muito prazeroso. Eu sinto uma alegria imensa de poder falar, é

a mesma coisa da alegria que eu sinto quando estou pela rua aí que rapaz e moça e fala, Paula, você ainda está lá no projeto, como é que está lá no projeto? Como é a roda? A roda continua? Eles começam a perguntar tudo de novo e começa a falar. Nossa, aquele tempo. Ó, isso aqui eu faço... Uns que já tem família, fala ah, isso aqui eu faço com a minha filha. Lá em casa eu faço assim. No meu trabalho eu consegui fazer assim por causa daquilo que eu aprendi lá naquela época. Então, isso pra mim é muito gratificante. Eu acho que trabalhar no CPCD é mais que uma causa própria. Não é uma causa de trabalho. A gente vê como uma causa própria mas que vai construir uma comunidade melhor, sabe? Crianças melhores, pessoas melhores.

**E você, ao longo desses anos que você falou, com um monte de transformação, o que você enxerga como os principais resultados? Que já são muito consolidados na prática de vocês?**

Dados consolidados? Ó, pra mim, principalmente essa questão da estrutura familiar. Aqui é difícil. A gente encontra família muito difícil. Questão da família, violência, jeito de lidar com as crianças, como ela reage aqui no dia a dia. E pra mim, o principal resultado, é você acompanhar essa evolução e essa transformação como hoje se pode ter mãe... Tem mãe que vai te dar vários depoimentos de como que era naquela época que ela procurou o projeto porque ela queria inserir o filho dela e porque ela nem sabia do que se tratava. E como hoje depois de muitos anos que ele não está aqui mais, mas que ele continua em outro projeto do CPCD, como que é a vida dele, como que ele se transformou por causa disso aqui, ou o que ele poderia ter se transformado se ele não tivesse passado por aqui. Pra mim, o principal resultado não é a gente querer pôr uma família certinha. Mas, o que no decorrer desse tempo todo, a criança, a família e ao redor dela aprendeu com aquilo ali. Então, tirar uma criança de uma estrutura familiar da violência e uma família que começou assim, e que hoje é uma pessoa que é referência pro seu bairro, pra sua comunidade. Que hoje, de repente, se você quiser conversar com ela, que é a mãe do Félix, que é lá na cooperativa (...) que eles começaram aqui. Tem vários. Esse é um pequeno exemplo que eu estou citando, né? Na época eles perderam o pai também, tem toda uma história e como que ele morreu. E todo mundo começou a entrar em depressão, e a

família dela é uma família muito difícil. O que ela teve que enfrentar com isso tudo... E à partir disso ela procurou a gente. Então, assim, teve uma história muito legal por trás dessa história dela. Então, pra mim, os principais resultados desse trabalho é realmente a promoção desses avanços, dessa melhora de vida pra família dos meninos e pros próprios meninos. É quando eu vejo a Cleia, quando eu vejo o Yuri, é quando eu vejo o João Batista, os meninos que estão, né? Então, assim, meninos que até então tinha muita perspectiva de vida. Tinha, ou que tinha também seu próprio sonho, mas que nunca pensou de chegar onde que está nem onde que vai. E aí, a gente instigou ele a querer e a fazer isso. Então, não é nem só menino que sofreu violência, que sofreu algum tipo de violência, mas também um menino que num sofreu, mas que tinha sonhos, que não achavam que seria possível. Ou até outros meninos que tinha sonhos, mas não acreditavam que era possível. Ou não tinha, e descobriu que tinha sonhos. Sonhos capazes de se concretizar, de se realizar. Então, isso pra mim é resultado.

**O que mais que essas famílias falam, assim? Você sabe de alguns depoimentos de família? Dos pais?**

Ah, tem vários, tem muitos. Mas, principalmente, essa questão da transformação deles, de como... Principalmente quando volta-se à questão do jeito de lidar na família. O jeito de como resolver as coisas, a questão da roda, de dar a vez pras crianças de falar, de ouvir. Então, eles falam muito dessa experiência deles. Principalmente no grupo de produção das mães que a gente tem um grupo de mães. Elas sempre falam isso. E o que elas acham muito legal, que elas sempre falam, que é como que o menino aprende e faz, mas como que eles levam pra casa, e como que eles também tem a oportunidade de aprender junto com os meninos. Então, esse trabalho que a gente faz com os meninos... Um exemplo bobo: se a gente fez uma oficina de boneca o menino chega em casa conta. O pai fica curioso, outros não ligam. E levam. E chegam lá contando. Aí, quando dá o encontro de produção, o encontro de pais, a gente sempre está fazendo a mesma atividade de um jeito diferente, mas a gente faz a mesma pro pai ter a mesma oportunidade, as discussões, as rodas de avaliações. Do mesmo jeito com os pais. Então, assim, é um trabalho que não é no dia a dia, mas é um

trabalho que é contínuo. Ele é feito com os pais também, né? Com a família. Então, eles falam muito desse aprendizado deles, né? De conhecer as coisas, de aprender e de valorizar, principalmente, essa questão da roda. A roda eles aprenderam a fazer e entender o que é a roda. Que, às vezes, muitos falavam assim, ah, é só sentar? Eu vou falar, eu vou falar e vocês vão me ouvir. Essa Mariele mesmo, ela sempre falava. Ela deu esse exemplo da roda né. Ela falava: eu achava que a roda era conversar. Vocês iam sentar e iam me ouvir. E que os meninos ensinaram pra ela o que é a roda. Não mãe, a roda é assim, a senhora vai falar, eu vou falar, Kerliane vai falar, e aí a senhora vai ouvir e todo mundo vai opinar. E aí, nós vamos entrar num acordo, num consenso. Então, assim, tem vários exemplos. Então, tem muitas coisinhas que a gente pode citar como exemplo, né? Depois, talvez, se vocês quiserem conversar com alguma criança, algum pai.

**Só pra entender, como é que é a relação do Ser Criança com as famílias?  
Em quais momentos que a família participa? Tem eventos?**

Tem. Então, mensalmente a gente faz eventos . Tem eventos, tem também oficinas. A gente sempre gosta de promover. Independente de datas. A gente promove alguns encontros com os pais. Temáticos, por exemplo. Ano passado a gente trabalhou muito com o ECA, né? A gente trabalhou com o ECA com os pais. A gente trabalhou o estatuto da criança com os pais. Algumas dinâmicas do estatuto. A gente desenvolveu algumas coisas do estatuto em forma de dinâmicas com eles. Então, assim, tem a oficina de produção que é a questão da pedagogia do sabão. O que o pai tem pra oferecer pra nos ensinar. O que nós podemos fazer junto com os pais. Então, assim, tem esse grupo de produção que é separado dos encontros, né? O grupo de produção é um grupo de mães e pais que participam, que é um grupo que constrói junto essa questão do saber e de oficinas e de produção. Quem produz oficina de sabão, oficina de detergente, oficina de boneca, oficina... Alguma coisa que eles vão aperfeiçoar pra poder fazer, ou que vai evitar o gasto em casa. Vai diminuir os custos.

**Eles ensinam as crianças aqui também?**

Os pais?

**É.**

Tem pais que vem pra fazer algum tipo de oficina com as crianças, junto com os educadores também. Então, assim, é uma troca. Então, mensalmente, a gente tem esse grupo de produção, a cada dois meses a gente tem eventos, encontros com os pais. Esses encontros a gente não chama de reunião porque quando fala reunião os pais entendem que a gente está chamando eles aqui pra falar dos filhos e pra reclamar dos filhos. Mas hoje a gente já tem um público já significativo e frequente que eles já conseguem entender. As reuniões da gente é uma forma... É um dia de projeto. É um dia de projeto com os pais. Como se fosse um dia de projeto com os meninos. É um dia que a gente faz a roda, a gente canta, a gente brinca, a gente desenvolve alguma atividade, algumas oficinas com eles. A gente senta, a gente avalia, a gente puxa pra roda pra discussão, pra reflexão. Principalmente alguns pais que a gente recebeu que tem um menino que está com algum tipo de dificuldade. Então, a gente sempre gosta de convidar esse pai pra essa roda. Mas não focando ele, você está aqui... Nada. A gente convida junto com os outros e trabalhamos alguma oficina específica que vai puxar algum tipo de discussão, algum tipo de conversa pra todo mundo conversar e falar sobre o assunto junto, né? Então, é uma forma da gente trazer eles juntos pra gente também.

**E eles vêm?**

E eles vêm. A gente já tem um grupo. Tem esse grupo de produção que é um grupo específico, e tem esse grupo que já é da roda grande, da roda maior que é com todo mundo, né? Com os pais que vêm, né?

**Você falou dos parceiros numa fala sua. Quem são os parceiros do Ser Criança hoje?**

As escolas, nós somos parceiros de algumas escolas municipais, escolas estaduais, escola particular que é o Colégio Nazaré, né? Que, além de ceder o espaço, a gente também faz oficina junto com alguns professores da educação infantil e tal, algumas parcerias. Tem a ação social, não sei se vocês conhecem. Vocês foram lá embaixo?

### **A gente vai agora lá.**

Tem a ação social que também é o lugar que cedeu o espaço do sítio pra gente fazer o sítio, de onde que vem a verdura. E também a gente em algumas épocas, pelo calendário deles, em algumas épocas a gente vai lá também fazer oficinas com os idosos, junto com as crianças. Então, tem essas parcerias mais de encontros, de fazer junto e construir junto. Tem o sindicato também. E tem algumas coisas assim que a gente sempre usa, por exemplo, a ABB, que é do Banco do Brasil que sempre cede o espaço pra oficinas junto com a gente. Quando é uma oficina maior. Um exemplo, semana que vem tem a oficina com o coral e com o Ponto de Partida. Então, aí a ABB cedo o espaço pra gente. Então, tem vários parceiros dentro da cidade que a gente pode promover alguma coisa junto, né? Na escola a gente faz trabalhos, algumas oficinas, o que a gente faz aqui a gente faz na escola também. Tem uma escola que a gente foi premiado junto com o Prêmio Itaú (...). Que é a escola Manuel Fugêncio. Então, assim, tem vários pequenos parceiros assim dentro da cidade.

### **Tem os fixos né, e os que...**

É, tem alguns que são ocasionais.

### **E sobre essa nova ideia do CPCD do Arassempre, como o Ser Criança está inserido nessa ideia?**

É porque o Arassempre é tudo. É todo mundo pegar o que sabe de melhor nos seus projetos, e promover uma transformação mais saudável, uma transformação de acolhimento, uma transformação de convivência. Cada um com seu projeto, com seu ponto luminoso, promover alguma coisa pra nossa cidade. Pra mim, o Arassempre foi a melhor coisa que surgiu justamente por isso. Porque a gente é uma coisa maior que o Ser Criança. O Ser Criança é o Arassempre porque as crianças que estão aqui são as crianças que vão ser daqui dez anos, quinze anos. O que o Ser Criança está contribuindo pra que Araçuaí seja um lugar mais feliz, um lugar mais sustentável, um lugar onde as famílias aprendam a produzir seu próprio alimento, aprenda conceitos sobre ética. Que aprenda sobre ética, que aprenda tudo que é possível aprender junto. Então, pra mim, o Arassempre... Pra mim, o Ser Criança está no Arassempre em

tudo. Que é poder com seu ponto luminoso, com o que você tem de melhor promover transformação pra cidade. E as crianças são tudo. Pra mim, a gente contribui com a transformação, com a melhoria de vida das crianças. Nós estamos contribuindo com muito dentro da cidade, né?

**E como que as quatro dimensões funcionam aqui no dia a dia, como que elas se dão, e como que a Carta da Terra é aplicada aqui?**

As quatro dimensões funciona assim, algumas são trabalhadas mais fortemente porque cada projeto tem sua dimensão mais tônica. Então, ela é mais clara, ela é mais objetiva. Então, todo mundo trabalha as quatro dimensões. Porém, cada uma tem a sua que é mais visível, que é mais possível. A gente trabalha as quatro dimensões... Com criança trabalhar compromisso ambiental é a coisa mais alegre, mais gostosa. E aí, a gente planeja, dentro do planejamento da gente, a gente insere as quatro dimensões. Então, o que é possível contribuir com o compromisso ambiental? Então, o que a gente faz? O que o Ser Criança faz? É poder estimular, é poder fazer com as crianças, que tenham uma alimentação melhor, que contribua com a sua rua mais bonita, mais limpa, mais cuidada, com a saúde melhor. E como é que a gente faz isso? Junto com a família. Por isso que a gente resolveu, descobriu depois de algumas experiências vivenciadas, que adotar uma rua dos meninos, onde concentra um bom número de meninos aqui do ser criança, é um jeito de mostrar pras pessoas da comunidade que essas crianças sabem o que é ter um cuidado com o meio ambiente. Sabem o que é ter um compromisso ambiental. Colocar realmente a mão na massa. Fazer pequenas coisas, é eu plantar no meu quintal, é eu ter quatro ou cinco mudas frutíferas no meu quintal, é eu cuidar da minha rua, é eu cuidar bem do lixo na minha rua, é eu cuidar da saúde da minha família. E como que é isso? Pequenas oficinas nas casas das crianças de uma família. Então, a gente trabalha várias coisas na casa da família. Compromisso ambiental, valores humanos. Porque os resgates, a música, como que a gente trabalha esse conceito de musicalidade com os meninos, como que a gente trabalha... O que a mídia prega e o que você tem na sua cultura, o que você tem na rua raiz, o que você aprendeu, o que sua mãe aprendeu, o que sua avó aprendeu. Isso é trabalhar normalmente, é muito difícil. E aí, a gente vem com isso daí. Um

exemplo, as pesquisas, pra mim não tem coisa melhor, você poder trabalhar os valores humanos dessa forma. Você ir na casa de Dona Maria que tem 90 anos que ensina uma música, que ensina uma cantiga, que batuca, que toca um tambor, que chama a criançada pra roda e mostra como que era a brincadeira dela naquela época quando ela criança. E que faz uma roda de criança e que ela começa a tocar, e que todo mundo começa a aprender as músicas dela e que traz isso pro dia a dia, pra roda. Como é que eram as histórias de antigamente. Como que eram as brincadeiras de antigamente. Então, assim, a gente não vai na internet, a gente não vai... Pode até ir. A gente vai. Mas o nosso foco maior é a comunidade, as pessoas mais velhas, é aquelas pessoas que estão ali no seu próprio lugar. É muito fácil eu falar assim com os meninos: vamos trabalhar sua identidade. Aí eu vou pegar uma coisa lá do Japão. Como é que vou trabalhar a identidade dele? Tenho que pegar uma coisa de onde ele veio. A raiz dele. Não importa se foi uma família boa, se foi uma família desestruturada. Não importa. Isso aí é com o decorrer do tempo a gente vai conversando, vai discutindo, trabalhando. Claro, nós não vamos fazer milagre com a família de ninguém. Mas à medida do possível as pessoas vão entrando na roda. Vão aprendendo. Vão começando a realmente se preocupar com essas questões. Eu fico olhando na rua mesmo, quanto mais a gente vai na rua, parece que mais as pessoas se lembram de como que é cuidar da rua. Ficou parecendo que... Ah, os meninos do projeto envém. Aí eles já logo querem mostrar. Olha, da última vez que vocês vieram aqui meu quintal estava desse jeito. Vem cá pra você ver como é que tá. Olha o que eu fiz. Chegou as férias, agora mesmo a gente entrou de férias, e tal. E aí, nós ficamos um bom tempo sem ir na rua, né? Mais de dois meses sem ir na rua, falei meu Deus, imagina como que vai estar essa rua né. E foi muito legal. A gente chegou lá e tomou um choque, né? A gente ficou imaginando. Tem que estar na rua? Não tem que estar na rua. A gente não precisa estar na rua. Porque as pessoas é que fazem a rua. Se as pessoas aprenderam com a gente, com os meninos, se as crianças aprenderam como cuidar melhor do seu quintal, do seu quarteirão, não precisa da gente estar lá todo dia né? Não precisa da gente estar lá. A gente vai lá porque a gente quer movimentar aquela rua, a gente quer fazer barulho, quer fazer roda de batuque, a gente quer mostrar pra eles o que a gente aprendeu com a Dona Maria que

mora lá no final da rua. É movimentar ela, e as pessoas perceberem o valor ali daquele bairro, daquela cultura ali, sem focar as coisas ruins. Porque todo mundo passa focando o que tem de ruim naquele bairro. E aí a gente vai junto com as crianças pra mostrar o que é que a gente pode fazer de bom, e o que tem de bom ali dentro. Então, eu acho que essa questão dos valores humanos é muito legal, e aí, a gente aproveita disso e trabalha tudo. Essa questão da satisfação econômica é o que, assim, talvez, a gente poderia falar que é o que a gente menos consegue promover algumas coisas. Mas isso porque não é também uma coisa da nossa área, o nosso foco. Não é nosso foco. Nosso foco é as crianças, a educação. Aproveitando estudo, pegando estudo como um aprendizado. As oficinas com os pais. As oficinas com os pais, a questão da produção, quando eles falam que eles deixaram... Que tirou da lista sabão, tirou da lista detergente, tirou da lista remédio da farmácia, eu acho isso pra mim... Eu acho isso super bacana. Ele deixar de comprar remédio da farmácia porque ele está produzindo, ele aprendeu a fazer algumas receitas.

E eu esqueci de falar de uma parceria que é super legal aqui com a gente e que é parcerassa. É a questão da Pastoral. A Pastoral é uma parceira porque, como a gente trabalha com essa questão de produzir remédios, xaropes, esses remédios, chazinhos, então, a gente traz elas pra roda. E como elas tem uma experiência a mais sobre saúde, aí tem as palestras, as rodas de conversa com elas, elas explicando pro pai sobre as plantas, sobre as ervas, como fazer, até como colher uma erva, o horário. É uma parceira que traz muito aprendizado pra gente, e que é fortíssima com a gente. Eu acho que sem ela a gente não conseguiria trabalhar essas questões com os pais. Que traz uma confiança. Além de um aprendizado, traz uma confiança enorme pra gente, a Pastoral da Saúde.

**... Lá atrás que você estava falando também sobre a educação, a prática também do CPCD, pensando até nos objetivos da educação enquanto essa formação mesmo para esse desenvolvimento de ferramentas pra prática diária, cotidiana, pra formação do cidadão, pra participação também dessa criança, desse sujeito. Como é que você vê hoje até com a experiência do CPCD essa relação entre as atividades e práticas que vocês desenvolvem aqui e a escola tradicional?**

Hoje, se você me perguntar a um tempo atrás, eu falaria pra você que a escola não estava preocupada com essa questão realmente da educação da criança. Porque, às vezes, a gente... Todo mundo critica a educação. Mas ainda vejo a escola como se realmente... Não tem muito essa preocupação nessa formação humana, de trabalhar alguns objetivos com as crianças. Mas, entretanto, eu ainda consigo visualizar, principalmente com essas escolas que a gente tem parceria que elas já começam a se preocupar com esse novo olhar da criança. Dar mais vezes voz pras crianças. Já tem, não é... Eu não posso falar que é a escola como um todo. Mas, muitas escolas hoje aqui, eu vejo que já estão começando a pensar, já estão se preocupando. Eles não estão conseguindo lidar com as crianças. As crianças estão passando, estão indo e está ficando insuportável. Tem professora que relata coisa que está insuportável conviver dentro de uma sala de aula. Então, muitos já estão buscando coisas diferentes porque elas estão sendo obrigadas a buscar esse novo jeito de fazer, esse novo jeito de valorizar a educação, dessa maneira. E aí, o que está levando a escola a fazer isso, são as próprias crianças. Não é o sistema, não é governo. Ainda não acho que é isso.

**Nessa perspectiva, qual que tu acha que o papel da escola mesmo hoje?**

Como?

**Qual que é o papel que a escola tem hoje? Pensando também que a gente tem várias outras experiências que estão fazendo já por outros caminhos, crianças já inseridas numa outra lógica que também estão querendo, esperando outras coisas.**

A escola tem todos os papéis. Pra mim, assim, a escola tem esse papel de educar, de ensinar o que... Essa questão do aprendizado mesmo, voltado pra prática mesmo, de as quatro operações, ler e escrever, falar sobre ética. Aprender a falar. Aprender sobre ética que eu acho que é uma das coisas que está mais batendo de frente com a escola. A escola, pra mim, tem que ter o papel de tudo um pouco. Que é a mesma coisa da gente também. Nós temos que ter um papel de tudo um pouco. É educar, mas aprender tudo junto. Mas, tem que ter um jeito de lidar. Acho que a principal maneira é como que a gente vai tratar

as crianças, e como que a gente vai lidar com elas. Não é simplesmente o papel da escola de ensinar, ensinar, ensinar e ensinar. Não é isso, eu vou ensinar um menino calado. Pra mim esse menino calado pode ser inteligentíssimo ali no papel da escola, de ensinar quatro operações, de ensinar ler e escrever sobre outros países, sobre a cidade. Mas, se o menino não for um menino capaz de questionar, falar o que ele acha, falar o que ele entendeu, refletir sobre as atitudes dele, refletir sobre a ação, refletir sobre o próprio aprendizado dele, pra mim não significa. Não é educação. Educação tem tudo. Ela é tudo, né? Então, assim, desde as pequenas atitudes até esses maiores que é formar cidadão. Mas, como é que é formar cidadão? Porque a escola vem formar cidadão nas quatro paredes, na sala de aula, e isso não está formando cidadão. Está formando, sei lá, talvez, soldado, né? E aí, pra mim, isso daí não é formar cidadão não. Formar cidadão é trabalhar tudo um pouquinho. O que o tudo? É a vivência. Porque se eu hoje estou dando uma matéria de matemática, mas eu estou vendo que o menino lá está com dificuldade porque lá na família dele, ele apanhou, a mãe bateu e o menino hoje chegou aqui na escola batendo, eu vou pegar esse menino e vou colocar lá na diretoria e colocar ele de castigo? Eu vou estar trabalhando o quê com ele?

**E sobre isso, qual que é a diferença entre não só a prática do CPCD e da escola, mas a prática pedagógica do CPCD e de outros projetos sociais de educação?**

Ah, eu falando particularmente, eu acho muito legal. Eu vejo que tem muito projeto também fazendo muita coisa legal. E, pela minha experiência, que eu leio, que eu vejo, que eu viajo, está todo mundo nessa percepção de valorizar a criança. De dar oportunidade pra família, de dar oportunidade pra criança, do ser dele, do que ele é. Principalmente com essa questão do acolhimento, com essa questão dele poder falar e valorizar aquilo que ele tem. Então, assim, eu vejo, tem vários tipos de projetos, né? Tem projeto que não é nessa área aqui de roda, de brincadeira e de resgate da cultura, de resgate de valores e tal. Mas também, ele trabalha isso tudo de outro jeito diferente né. Eu vejo escola de circo, como é que é uma escola de circo? Uma escola aberta, eu acho lindo, maravilhoso. Então, assim, não importa. O CPCD não tem a fórmula certa, outros projetos não

tem a fórmula certa. A gente vai descobrindo. Eu acho que o legal é isso. É um descobrir com o outro e poder trazer pro seu projeto. Ampliar. É o que eu falo, o foco pra mim sempre vai ser as crianças, sempre. Sempre as crianças. O que a gente puder fazer de agregar o trabalho, agregar o conhecimento com o foco nas crianças, a gente consegue caminhar. A gente consegue caminhar.

**Mas em relação a isso, por que você acha que o CPCD deu tão certo e dá tão certo há tanto tempo? E esses resultados que você falou com as crianças, com as famílias, qual é o diferencial do CPCD?**

Pra mim, o diferencial é questão da metodologia. Das tecnologias que no dia a dia a gente descobre, a gente experimenta e descobre. E que a instituição e a ONG pega isso e se motiva. E vira como uma... Vamos supor, são regras de avaliação, de planejamento, de correção de rumo. Que são sistemáticas. Pra mim, é uma instituição que aprendeu a fazer mas com uma estrutura que foi feita justamente à partir das vivências que foi levantando a dificuldade de ter aquilo e aí começou a fazer. Por exemplo, o IQP. Por que existe o IQP com doze indicadores? Quando a gente fala assim, você me pergunta: Paula, os meninos do projeto é feliz? Eu vou falar: os meninos é feliz. Mas como é que eu vou provar que os meninos realmente é feliz? Como é que eu vou chegar, talvez, numa outra roda de conversa e falar assim, ó: os menino do projeto é feliz. Como é que eu vou medir isso? Como é que eu vou poder falar que os meninos é feliz. Então, assim, e aí foi descobrindo, hein Tião? E Tião gosta muito de falar isso, como é que você vai provar isso? De que jeito? Então, Tião tem muito essa coisa do questionar pra gente. Ninguém dá resposta pronta, ninguém tem resposta pronta, mas a gente começa a descobrir. Então, e aí se pensou, os meninos do projeto é o que mesmo? É feliz? Tem apropriação do que eles aprendem, que eles fazem, que eles descobrem? Eficiência é uma coisa importante, eles são eficientes? Eles aprenderam a ser isso? Como que é isso? E a felicidade, e a transformação? Como é que nós vamos medir isso? E aí foi vindo esses questionamentos. E aí, Tião ali, Tião, ele é um idealizador. Ele gosta. Nós temos que apresentar. Nós temos que ter alguma coisa pra medir isso. E aí veio o IQP, que é desses doze indicadores que a gente foi jogando o que a gente achava importante que tinha. E aí, a partir daí, esses doze indicadores foram feitos. Pra

criança, pra pais, comunidade e pros educadores, que eu acho que é uma parte fundamental também. Que o tempo inteiro está junto e questionando os educadores e movimentando. Porque se não questionar, a gente continua no marasmo, na mesma, né?

**E voltando um pouco, só na plataforma Arassempre, como estrutura de todos os projetos do CPCD, como que os outros projetos da plataforma se interconectam com o Ser Criança? E como que as pedagogias se dão aqui no dia a dia? Tem umas pedagogias que são muito claras, né? A da roda é muito clara...**

A da roda é clara, essa do sabão vocês não experimentaram, mas não precisa experimentar. Porque a pedagogia do sabão é do fazer, é tudo que você está fazendo que você pode propor e você pode fazer junto. A pedagogia do abraço, eu acho, é essa questão do acolhimento das crianças, essa questão da alegria delas ali do dia a dia né. Então, assim, algumas pedagogias é a mesma coisa de algumas dimensões lá nas quatro dimensões. Umas são mais fortes, mais evidenciadas, daqui a pouco é o foco. Então, assim, no dia a dia... Pra nós, a roda e o acolhimento, a pedagogia do abraço e a pedagogia da roda, ela é pra mim visível. A mais...

**E a do copo cheio também.**

É, e a pedagogia do copo cheio também. O tempo inteiro a gente está ali vendo, principalmente, o lado luminoso, não olhar pro copo vazio, mas olhar pelo lado luminoso. E aí, a gente brinca muito com isso. Às vezes, no dia a dia, a gente está com algum problema assim que, cadê gente, o que nós vamos fazer? A gente já experimentou isso, aquilo. Aí chega um e diz, mas gente, vocês estão olhando só pro lado ruim da coisa. Mas olha isso aqui acontecendo, vamos apostar nisso aqui. O legal disso é que todo mundo consegue. Quando tem um aqui que está meio que desesperado, preocupado, é nisso que eu acho que é a metodologia contribui, as tecnologias sociais, as tecnologias que a gente desenvolve no dia a dia, que a gente descobre. Então, nisso eu acho que ela ajuda muito. Na prática aqui do dia a dia, sabe?

**E a conexão com os outros projetos?**

A conexão ela acontece assim, porque os meninos da cooperativa estão lá na cooperativa porque eles saem daqui e vão pra lá. Alguns eventos a gente faz junto. Todas as atividades que a gente desenvolve, por exemplo, algumas atividades que é foco da cooperativa, é mais foco deles, mas não é nosso. O que o Ser Criança pode contribuir com a cooperativa? E aí, o Ser Criança contribui lá, um exemplo, vai acontecer um plantio de mudas na rua lá tal, no bairro lá dos meninos da cooperativa. As crianças podem contribuir? Podem, as crianças podem contribuir. Vamos lá todo mundo pro plantio. Vai ter um evento pras mães, e aí a cooperativa, os meninos da cooperativa são falantes, mas eles são tímidos pra brincadeira, eles são tímidos pra cantar. O que o Ser Criança pode contribuir? Os meninos vão cantar. Vão cantar lá pra alegrar lá a tarde deles, o dia deles. Então, assim, cada um vai contribuindo com o que tem. A cooperativa, o cinema, o software, o Ser Criança, vai assistir filme? Na televisão? Não. Vai assistir filme no cinema. O que a gente pode contribuir mais com os meninos do cinema? Essa questão do áudio aí que a gente está pensando dos vídeos, com celular. O que a gente pode pensar junto? Então, a gente está pensando junto. O problema, a preocupação não é de um. É de todos. Tem que ser de todos. O quê que os meninos lá do Caminho das Águas, lá da zona rural pode contribuir aqui com o Ser Criança, né? Elas vão contribuir na questão da alimentação, de falar por quê que elas não usam agrotóxico na plantação deles. Por que vem pra essa roda e falam isso pros meninos. Não tem coisa mais legal do que vir as próprias mulheres falar sobre alimentação alternativa, do que a gente lá na internet pesquisar e falar do que a vivência delas. Então, assim, é procurar o que o outro tem de ponto luminoso que pode contribuir no outro e que depois disso vai gerar uma transformação melhor na rua, na comunidade ou na própria pessoa.

**E aquela coisa que você falou bem no começo da sua fala que tem uma parte da comunidade que não reconhece o CPCD, além do poder público. Por que você acha que eles não reconhecem?**

Alguns eu acho que realmente não reconhecem porque não conhecem. Aqui tenho certeza que tem muita gente que não conhece. Apesar de ter dezessete anos que ainda não conhece. E outros, tem muitos que ficam por questões de

rivalidade, algumas... Principalmente, pra mim principalmente, é o poder público que tem essa questão de rivalidade por questões financeiras. Porque talvez assim, ah, o CPCD consegue uma Petrobrás pra patrocinar um projeto em Araçuaí. Então, talvez por causa dessa estrutura que o CPCD tem. Por causa da metodologia, das tecnologias, de como que o CPCD chega pra convencer os parceiros, né? Que o jeito que o CPCD tem de convencer é de trazer os parceiros primeiro. Traz os parceiros e depois (...). Então, assim, é um jeito que o CPCD tem diferente de fazer. E ainda, algumas instituições ainda não conseguiram estruturar isso e acaba virando. Por exemplo, uma coisa que eu acho que aqui ainda não é uma coisa bem resolvida é a questão dos corais. Os corais tem essa resistência. É tipo uma rivalidade. É como se os meninos de Araçuaí fossem mais do que o Arara dos Grandes (?), ou do que...

### **Os Trovadores.**

Os Trovadores. Mas assim, aí tem algumas pessoas dentro do próprio grupo que conhecem a história, que vivenciou junto, e que fala, e são poucas pessoas que entende do jeito que pensa, que entende que é vender uma notícia. Então, tem muito isso ainda. A gente enfrenta muito isso. Principalmente, quando é em relação do Coral Meninos de Araçuaí. Então, existe esse certo tipo de rivalidade.

### **Todo lugar né?**

É, todo lugar.

### **E Paula, esse negócio que você falou da Petrobrás financiar e tudo mais, como é que você enxerga a sustentabilidade do Ser Criança?**

A sustentabilidade do Ser Criança começa, eu acho, que começa a partir do momento que nós estamos inseridos na rua dos meninos. Que é incentivando, ensinando, trocando e estimulando, principalmente. Porque eles sabem fazer. A família. A fazer, a cuidar melhor disso e fazer, apropriar, né? Porque saber eles sabem. Às vezes não descobriram ainda que sabem. E aí, a gente vai pra mobilizar essa comunidade. Mobilizar as crianças, e mobilizar a família. Então, a sustentabilidade vem disso. Então, a partir da prática que a alimentação dos meninos é toda alternativa, a partir da prática que a gente tem que economizar

água, captar água da chuva. É a partir de pequenas práticas do dia a dia que a gente insere, ensina e aprende junto com os meninos, e que fazem, é que vai surtir esse efeito e vai acontecer essa sustentabilidade pensando em pequena escola. Mas que vai produzir uma grande transformação depois no futuro. Porque a gente está pensando pro futuro. A gente não pensa só no agora. A gente pensa no agora, mas a gente pensa pra daqui um tempo, que essas crianças serão crianças diferentes. Que essas crianças aprendam esse conceito. Mas não é aprender. É apropriar disso né, pra que ela realmente aconteça. Então, assim, o Ser Criança vai entrar dessa maneira nesse poder de transformação, que não vai ser só nas crianças, mas, principalmente, de sua família.

**E aí, pensando nisso também, na sustentabilidade em pequenas escalas por projetos, como é que você vê, como que se dá, na verdade, esse planejamento e a avaliação da plataforma como um todo?**

Como um todo. Então, a gente também tem nossos encontros, né? Pra toda a plataforma poder conversar, avaliar, planejar, discutir. Então, assim, a cada três meses a gente se reúne, senta.

**A gente quem que é?**

Todos os projetos e alguns parceiros que estão inseridos nesses trabalhos com a gente também, né?

**De Araçuaí ou do CPCD como um todo?**

De Araçuaí, e dos CPCD também. Tem a Eliane que é a responsável pelo projeto de Araçuaí Sustentável aqui em Araçuaí. Então a Eliane sempre está junto com a gente nessas discussões. Às vezes é só a coordenação de projeto junto, e às vezes, todo mundo junto. A coordenação, educadores, pais, tudo. Então, tem os momentos. Todo início de ano, por exemplo, esse ano o Ser Criança pensou nas quatro dimensões dessa plataforma junto, todos os projetos juntos, não só o seu projeto aqui separado, né? Então, as ações são juntas, são conjuntas. Então, assim, todo mundo senta, pensa o que cada projeto ou parceiro pode contribuir com essa dimensão. E aí, a partir dessa discussão a gente começa o

planejamento, faz esse planejamento dessas ações em conjunto. E aí, com data marcada que são os MDIs, a gente produz, monta os MDIs e esse planejamento, pra gente poder executar, e aí, poder avaliar como que está sendo e poder medir isso através do MPRA, através dos MDIs e da própria roda que é pra avaliar e medir como que tá esses resultados que a gente programou, se atingiu os nossos objetivos da plataforma.

### **E em relação à autonomia do CPCD, imaginar o Ser Criança sem o CPCD funcionando junto?**

O CPCD estimula a gente a isso, a trabalhar essas questões de ter autonomia de poder fazer e de poder acontecer. Se o CPCD amanhã falar assim ó, a partir de hoje o CPCD não está aqui e o Ser Criança vai continuar ou vai fechar? A gente pensa que a gente vai continuar. Então, por isso a gente já começou a se envolver. Eu acho que essa parceria que a gente tem, de estar dentro dos conselhos, eu acho que contribui bastante com isso porque ali, a partir disso, a gente tem oportunidade de falar sobre o trabalho da gente, e também de mostrar e ter oportunidade de opinar sobre questões da cidade, né? Sobre o que está acontecendo em suas demais localidades, e a partir disso, de poder participar de outras coisas. Principalmente de editais também, que antes a gente nunca participou de editais. E como é que a gente faz isso? Não tem ninguém assim pra o CPCD falar assim, eu vou fazer um projeto do pro Ser Criança, pro Ser Criança mandar pro CMCA. Não. Paula, tem edital lá, você não quer que o Ser Criança participe? Uai, claro que eu quero. Então, vamos pensar no que a gente pode participar? Então, assim, a gente tem essa autonomia pra poder fazer dessa forma, né? O CPCD estimula a gente a fazer isso. E, a partir do que a gente faz, a gente pensa e monta, e aí participa dos editais. Então, essa também é uma forma de ter autonomia pra poder participar e ter um retorno financeiro também, porque a gente sabe que sem o financeiro a gente não consegue também. Porque hoje o Ser Criança tem uma estrutura grande, até equipe de funcionário, despesa de alimentação, essas coisas. Então, assim, mas a gente está trabalhando pra isso. Hoje o sítio é que sustenta o Ser Criança. Então, o CPCD não preocupa de comprar verdura e nada porque o Ser Criança é sustentado pelo sítio. E aí, a partir disso, a gente começa a pensar nas outras

coisas também. A gente compra leite. O que mais a gente pode fazer pra não precisar comprar leite, né? E aí, a gente vai experimentando e começa a fazer esses pequenos exercícios, e daqui um tempo se o CPCD falar com a gente assim, ó não dá mais, aí a gente vai buscar. Nós temos que tomar conta da nossa cidade. O CPCD é uma ONG, uma instituição que está nos ensinando a cuidar da nossa cidade. Então, ela não vai ficar aqui. Quem vai ficar aqui somos nós que estamos aqui e queremos construir isso. Então, ela vai embora e nós vamos ficar, e ele está nos ensinando a aprender a cuidar disso. Não só como prática, os conceitos éticos, mas começa essa coisa de buscar esses recursos. De como aprender a buscar esses recursos. Então, isso é muito importante.

**Paula, pra você, como que a aprendizagem se dá no CPCD?**

Aprendizagem? Ah, pra mim, é o que eu falei antes, se dá toda hora de todas as formas e construindo e fazendo. Se a gente não experimentar e não fazer aqui, a gente não aprende. Se a gente ficar parado não fica no CPCD. Pessoa parada que não tem essa perspectiva de motivação de perceber, de experimentar, fazer, avaliar, e aí o que é? Do simples até o mais complexo. Pode ser uma coisa, uma folha aqui que eu vou descobrir como é que eu vou utilizar essa folha da melhor forma. Então, pra mim a aprendizagem dentro do CPCD é pequenas coisas, pequenos nada que se transformam em pequenos tudo. Então, todo momento a gente está aprendendo porque tudo é valorizado. Desde a criança ao educador. Tudo que cada um tem é valorizado. A roda, ela tem muito esse poder de valorizar o que a gente tem. E até de ouvir. Se você for conversar, você vai conversar com educador, e que entrou dentro do CPCD que era praticamente mudo.

**Sim, muita gente já deu esse depoimento.**

Então, que era praticamente mudo e que hoje fala e tem uma desenvoltura pra poder falar, umas com melhor desenvoltura, outros com mais dificuldade. Mas, assim, era alguém, a pessoa que não achava que era capaz de falar na frente de um público nunca. Então, assim, o CPCD dá essa autonomia pras pessoas buscarem, cutuca, questiona, instiga. Mas, sempre valorizando o potencial. Não pra denegrir, pra baixar, pelo contrário, é o tempo inteiro levantando a auto

estima de educador, de criança e de tudo. Cutucando, metendo os cutucões, mas é isso que motiva o trabalho. Mas, sempre mostrando pelo lado luminoso. Pelo copo cheio. Medindo o que é realmente de legal, de poder fazer.

### **Potencializando.**

É, potencializando.

### **Quais são os principais desafios do CPCD você acha?**

Desafios eu acho que é realmente poder trazer essa transformação pra cidade. Porque quando a gente fala cidade, a gente não está falando só do Ser Criança, só do bairro do Ser Criança. Nós estamos falando de uma cidade, né? Então, o desafio é trazer mais parceiros pra essa plataforma, quanto mais parceiros a gente trazer pra essa plataforma, eu acho que maiores transformações a gente vai conseguir, né? E aí, esse desafio é conseguir mais parceiros pra essa roda e pra essa plataforma. De enfrentar, no dia a dia, algumas dificuldades que depende de outras coisas, depende de outros parceiros, depende de poder público. Como que nós vamos promover uma transformação numa cidade também, sem ter a parceria da própria cidade? Do prefeito.

### **Sem a cidade querer.**

Sem a cidade querer. A cidade não é só o prefeito. Tem muitas outras coisas. Mas, é importante, porque quanto que ali dentro ele vai conseguir trazer mais pessoas pra essa plataforma, né? Então, pra mim um dos maiores desafios é esse.

### **E os próximos passos?**

Os próximos passos é correr atrás e buscar, que é a partir dessas pessoas que, principalmente, em relação ao poder público da cidade. Mas, eu acho que mais pessoas nos conselhos, acho que ainda vai fortalecer. Então, a gente pensa nisso. Os próximos passos trazer mais parceiros pra isso. Então, já tem algumas programações pra isso que é promover também em outras comunidades, essas ações em outras comunidades que a gente ainda não trabalhou. Esse ano a plataforma está com mais onze comunidades que a gente ainda não havia trabalhado. Então, os próximos passos é trabalhar tudo que a gente trabalhou

durante esses anos todos, nessas onze comunidades. Rurais, e da cidade também. Na cidade nós temos três, e essas onze na comunidade. Então, assim, buscar mais parceiros dentro dessas onze comunidades rurais e na própria cidade. E aí, a partir disso, trazer elas junto pra essas ações, desenvolver essas ações juntos, né? E aí, ir avaliando junto e promovendo mais coisas juntos.

### **Mais transformações.**

Mais transformações.

### **E qual que é o potencial de disseminação, você acha?**

Eu acho que, assim, principalmente com as escolas, eu acho que esse poder que a gente tem, essa parceria que a gente já tem com essas escolas, de levar eles mais pra escola, esse novo jeito de pensar, esse novo jeito de fazer, esse potencial do ser criança, ele vai contribuir muito nessa plataforma né. Então, com as escolas e com as famílias eu acho que... Eu acho não, eu tenho certeza que a gente vai dar grandes passos. Então, o potencial do Ser Criança está nas escolas e nas ruas, na própria comunidade.

### **Eu queria saber um pouco, já que você está aqui faz tempo, quinze anos, do histórico dos projetos daqui. O que o Sementinha já teve, por que acabou? O que o Caminho das Águas já teve, por que acabou? E acabou, transformou?**

Na verdade, não é que acabou. É assim, a gente fala acabou quando fala em questão de papel. Porque, assim, quando tinha o Sementinha, foi uma parceria nas creches do município com a prefeitura que durou oito anos com, na época, a prefeita da cidade. Então, assim, o Sementinha não acabou, porque na zona rural todo trabalho que é feito com as mães, seja na área de Permacultura, do meio ambiente, esse trabalho é junto com as crianças, de 4 a 6 anos, com todas as crianças que tem na família. Todo educador do CPCD não trabalha um foco. Eu sou coordenadora, mas eu faço tudo. Eu participo de tudo. Desde uma coisa mais burocrática, que é um banheiro que estragou, até uma roda com o prefeito sobre essa questão do projeto, como a gente fez esse ano com o prefeito. Então, assim, a gente faz de tudo. Então, a mesma coisa como acontecem os projetos

e quando eles... Eles não acabam. Porque quando o CPCD escreve um projeto ele tem que ter inicio, e tem que ter fim. O patrocínio até acaba, mas continua. O Caminho das Águas, ele acabou, mas o Arassempre é o Caminho das Águas na zona rural. Cuidado com a terra, ensinar as mulheres o potencial, ensinando pra elas, junto com elas, descobrindo junto com elas o potencial que ela tem ali naquela terra. Então, assim, o Caminho das Águas era isso, era cuidar das águas daquela comunidade. Dos rios, que é na zona rural. Das nascentes, cuidar das nascentes. O Caminho das Águas, o projeto acabou. Mas, hoje, o trabalho continua. As nascentes, o cercamento, o cuidado das nascentes continua. Que é tudo isso que está dentro do Arassempre. Então, desde o Sementinha, UTI Educacional, as crianças estão com déficit de aprendizagem, as questões mesmo de aprendizagem, as quatro operações e tudo, então, nós vamos fazer uma UTI aqui no Ser Criança. As atividades vão ser voltadas, naquele momento ali, pra serem superadas as dificuldades dos meninos. Então, assim, tem momentos que eles são mais fortes, eles são focos, né? E tem momentos que eles estão menos, e em outros que estão mais. Mas eles não acabam, né? Acabam os patrocínios dos projetos. Mas, as ações, continuam. Foi por isso que pinçou o Arassempre. Porque a gente percebeu que as ações continuavam. Os projetos acabavam em si, mas as ações continuavam. A comunidade apropriou. E aí, por isso que pinçou o Arassempre. Então, aí, veio o questionamento, mas gente, se todo mundo está no seu lugar, o Ser Criança está ali, a cooperativa está ali, por que não o Caminho das Águas, por que não unir tudo pra promover transformação? Por que a gente não faz isso de um jeito que todo mundo compreenda o que é o Arassempre? Então, o Arassempre é isso, é tudo que já foi, que faz, uns vai ter vez que está com foco mais, outros mais fortes outros menos, mas o Arassempre é isso. Ele não para. O Sementinha foi há muitos anos, foi alvo naquela época. Esse ano ele não é tão alvo mais. Esse ano o Ser Criança está aí, por quê? Porque o foco esse ano é formar a questão musical dos meninos. Então, é como a roda, vai rodando e vai vindo os focos, as necessidades. Então, cada ano mesmo a gente senta, avalia pra ver. Todo mês. Não, a gente avalia o tempo inteiro. Mas assim, a gente sempre depois do IQP, a gente senta pra avaliar. Isso aqui mesmo aconteceu? O que faltou? Não aconteceu, o que faltou? O que precisa ser feito ainda pra fazer? Então, a gente

não pode fechar os olhos e falar que está tudo bonitinho não. Porque se a gente fizer isso a gente vai achar que a gente é lindo e perfeito e vai tampar, ficar iludido, e não é isso. É a gente avaliar, e ver as dificuldades pra gente tentar. Porque a gente aprendeu a ficar incomodado. No CPCD todo mundo fica incomodado. Quando você fica incomodado, você não fica quieto. Então, você tem necessidade de fazer o tempo inteiro. Mas fazer dentro de uma linha, dentro de um foco pra poder fazer essas transformações.

### **E qual foi a diferença antes do Arassempre aparecer? Ou do Arassussa?**

É justamente por isso. Porque cada um ficava no seu projeto. O Ser Criança achava que era só as escolas, só os meninos, só a rua, só os pais daqui. Talvez uma parceira com outra entidade e tal, não, o que o Ser Criança juntou a cooperativa (...) junto com as mulheres da zona rural, podem fazer para nossa cidade? Para nosso projeto? Quando a gente pensa assim realmente a gente pensa numa coisa grandiosa, numa transformação grandiosa. Maior. E é isso. É o que nós, junto com esses meninos aqui, vamos poder promover uma vida mais saudável, mais feliz pra essa cidade.

**E aí, Paula, uma questão que eu preciso entender. Porque pelo que eu entendo, essa capacitação que os educadores passam do Ser Criança, dos Jovens das Fabriquetas, todo mundo que vai entrar num projeto do CPCD, eu precisava entender como que essa capacitação acontece. Porque pelo que eu entendi ela é super importante pra muita coisa acontecer dentro da metodologia, dentro dos princípios e tal. E muda muita gente mesmo, né? Então, como que ela acontece, quando ela acontece, do que é feito essa capacitação?**

Então, ela acontece todo início de ano. Ela é feita junto todos os educadores do CPCD. Os coordenadores da Cooperativa Dedo de Gente. E quando é para os adolescentes e jovens entrar na cooperativa é feito com eles também, em alguns temas diferentes, mas é feito com eles também. Mas, pra mim, o que é mais importante nessa capacitação, além das metodologias, das tecnologias, é essa questão da formação humana. Essa quebra de conceitos colocado pela mídia, pequenas coisas que, às vezes, a gente traz por nascença da gente, que já traz

aquela viseira. Você já vem com aquele conceito formal desde criancinha. E aí, você perceber, e vem pra quebrar isso. Então, assim, através desses questionamentos, coisas talvez que a gente pensa que não é importante, mas que é importante. Um exemplo, deixa eu te dar um exemplo bobo que eu gosto de citar isso, porque foi uma coisa que me marcou na minha capacitação, quando eu fiz. A primeira, que é assim, se chegar um menino aqui em que a mãe bateu, ou que a família agrediu, e aí isso foi um exemplo pra se discutir numa roda. E que a gente percebeu que ele estava assim, e que ele era um menino que não gostava de comer, e que não gostava de brincar e tudo. E o que eu como educadora faria? Paula, você tem um problema, esse menino não come, não brinca, não participa de roda, não participa de nada. O que você vai fazer com ele? O que você acha dele? Ele é o que? Aí, eu, na minha triste inocência, eu disse, nossa, pra mim ele é um coitadinho. E ele está sofrendo, a família dele está abusando dele. É, então fui logo olhando por esse lado que ele é um coitadinho. E aí começaram os questionamentos. Mas ele é um coitadinho? Por que ele é um coitadinho? São coisas bobas assim. Mas você não acha que ele pode ser um menino feliz, que ele pode ser um menino que sabe cantar, que sabe cantar, que sabe brincar, que sabe pular? Aí eu falei assim, ué, eu acho, mas ele continua sendo um coitadinho, que ele tá sendo judiado. E aí, são essas pequenas coisas que vem nessas reflexões nas rodas. Que não é eu achar que o menino é coitadinho. Que é a mesma coisa daquele, não sei se você já viu aquele ditado, que tudo pra pobre está bom. O CPCD motiva a gente a nunca acreditar nisso. Que tudo pra pobre está bom. Não está bom, e nós vamos buscar o melhor. Se eu achar que essa roda é linda maravilhosa, ela não está linda. Ela pode ficar muito melhor ainda pro potencial que os meninos tem, e que os educadores tem. E sempre tem alguém pra motivar isso. A coordenação também é feito um trabalho pra isso também. De cutucar a equipe, de motivar. E como é que faz isso? É simplesmente nas rodas, nas discussões, em algumas dinâmicas de formação mesmo, essas questões humanas mesmo, sabe? Desses conceitos, principalmente desses conceitos formais que a gente vem, que a gente escuta e que vai levando ele, multiplicando sem realmente parar pra pensar e refletir sobre aquilo. E aí, o CPCD traz a gente pra essa reflexão dessas coisas sabe? Simples.

**E onde acontece essa formação?**

Ó, antes ela acontecia em Curvelo. Há muitos anos que elas não acontecem em Curvelo. Elas acontecem aqui hoje. Hoje em dia é uma equipe mais estruturada, já é mais preparada. Então, hoje, acontece aqui. Antes vinha muita gente de Curvelo pra trabalhar aqui. Hoje não.

CLEIA SILVA – EDUCADORA DO SER CRIANÇA

**Me conta seu nome completo, sua idade, e se você é daqui mesmo de Araçuaí.**

Eu me chamo Cleia Celestino na Silva, tenho 27 anos. Tenho ensino médio completo, agora com foco... Esse ano quero começar minha faculdade de Pedagogia. E eu estou aqui no Ser Criança desde os meus 10 anos de idade.

**Apenas né?**

Apenas. Desde os 10 anos de idade. Fui semente da terra.

**E você é de Araçuaí mesmo?**

Sou de Araçuaí. Nascida aqui.

**Hoje você é educadora do Ser Criança?**

Hoje eu sou educadora.

**Conta um pouquinho da sua trajetória desde os 10 anos?**

Eu costumo falar que o CPCD não é uma ONG, é uma família. Porque eles abraçam tudo, abraçam sua ideia. Abraça o que você representa pra eles, né? Então, esse amor é a troca. Então, eu estou aqui desde os meus 10 anos de idade, comecei desde o primeiro dia de projeto, aquele encantamento de uma coisa nova, brinquedo. Começou tudo debaixo de um pé de amêndoa lá na minha rua. Uma rodona fazendo um montão de brinquedo, tal. Vinha pra cá pra esse espaço. Logo depois eu fui pro Fabriqueta, que é a educação pelo trabalho, que é uma cooperativa de jovens onde lá também tive essa formação humana, técnica, trabalhei na marcenaria. É, e foi uma quebra de paradigma, sabe por quê? Só tinha menino na marcenaria, e do nada três meninas e depois que a gente já começou na coordenação. Nós viramos cooperados. Começamos a coordenar os que estavam chegando, foi bem uma revolução. E depois, volto a dizer que a família mesmo, me chamar pra vir pra cá pelo simples fato de no espetáculo eu tocar tambor. Então, assim, conseguiu ver essa visão em mim. Que eu poderia ter essa aposta, né? Que é uma menina que também no espetáculo foi a única que quis tocar tambor. Entre escolher dançar e tocar

tambor, eu fui a única que quis tocar tambor. Então, aquela coisa assim, encantava todo mundo. E a Edinalda me convidou pra mim vir pro projeto ser educadora e coordenar os meninos de Araçuaí. E eu também fui do coral. Fui do coral, participei do coral, fiz várias viagens, cantei com Milton Nascimento. E depois voltei como educadora.

### **E você ficou quanto tempo no coral?**

Na verdade, eu fiquei no coral até os meus 18 anos. Aí eu saí porque minha mãe adoeceu e eu estava assim, me sentindo muito... Eu me sentia muito assim, ruim em ficar longe dela, sabe? Meu coração estava pesando, então eu decidi sair do coral. Mas volta e meia eu viajava. Já fiz sessão de fotos com o pessoal lá. Fui Chica da Silva, pintou lá no Museu da História lá em BH essas fotos, chama Ciclo do Ouro. E depois, três anos depois eu fui convidada pra coordenar o coral. E eu acho bacana isso, eu sempre falo com os meninos, gente, tem que valorizar e ver o que vocês vão deixar de herança pro projeto, pros que estão chegando. Pra quando vocês saírem, o que vocês vão pensar, o que vocês vão ver, nossa, o que eu fiz, o que eu contribuí? Qual que foi o meu papel ali dentro? Uma coisa ruim, uma coisa boa, uma coisa sólida sabe? E foi numa simples me ver tocando tambor, me convidou. Viu meu potencial e convidou pra estar coordenando o coral.

### **E você coordena o coral até hoje?**

Estou na coordenação do coral de criança. E sem formação nenhuma. Porque eu não tenho formação musical, não tenho formação musical de faculdade, nada disso. Foi da minha experiência que eu adquiri quando eu era criança, quando era do projeto. Juntou tudo, né? A coisa da disciplina, que você começa a aprender... Começa a aprender aqui do respeito, da disciplina, do saber ouvir, do saber falar. Fabriqueta também que é uma outra história, outra forma de vivência, né? Mais educação pelo trabalho. Então, você trabalha pra você receber. Mas e aí? Como é que é o trabalho em grupo? Está dando certo? Vocês vão conseguir trabalhar em equipe pra todo mundo se sustentar? Então, foi bem essa coisa assim, além da minha coisa que eu tive desde pequena, né? Teve

essa coisa também da disciplina. Tive muitos comigo, foi muito forte. Teve esse olhar tão apegado a mim, mesmo depois de eu ter saído.

**E você se tornou educadora quando?**

Quando?

**É, aqui no Ser Criança.**

Em 2010.

**E aí você está desde então.**

Estou desde então.

**Pelo que eu entendi você cuida mais da parte... Fica rodiziando entre os grupos...**

Eu e o Yuri. É assim, eu trabalho... Eu tenho meu grupo na parte da manhã, meu grupo, que eu sou responsável, que eu tenho que fazer os trabalhos, ter essa visão, esse olhar pra ele. O que eu posso fazer de transformação pro meu grupo. E à tarde eu já estou mais picadinha levando esse trabalho de música. Essa coisa do prazer pela música com os meninos. O Yuri vice versa. Eu de tarde e ele de manhã.

**Ah, entendi.**

E ele fica à tarde com o grupo dele, e fica de manhã com a música. Além da voz, mais pra percussão porque ele também é formado nisso, sabe? Em percussão. Ele fica rodando entre os grupos.

**Então, vocês são os únicos que ficam de manhã e tarde.**

Isso. E a Paula.

**E aí, eu percebi que assim, de segunda a quinta, tem toda uma rotina. Tem a roda, depois tem os grupos, depois o clubinho... E na sexta é como?**

A sexta é livre pra gente levar o que a gente fez pra roda. É muita empolgação. Eu gosto de ver isso neles. E aí gente? O que a gente vai poder levar pra roda sábado? Pra roda estar mais motivada? Então, durante a semana a gente

trabalha teatro, uma música. É uma vitória, sabe? Uma coisinha que um conseguiu fazer, vamos levar pra roda e vai ser legal, os meninos vão gostar de ver isso. A gente trabalha durante a semana essas coisas, e a roda é uma roda maior pra gente levar o que a gente fez durante a semana, teatro, dança. Compartilhar com a roda. Se a gente aprendeu uma música, o que a gente aprendeu, seja ela pequena ou seja ela grande. Ontem mesmo, eu acho que você não pegou, ontem nós fizemos uma música no grupo dos pequenininhos, que é um desafio ensinar uma música pra eles porque eles se cansam muito, né? A gente tem que ver formas de trabalhar pra eles não cansarem tanto e não enjoar da coisa da música, né? Então, a gente procura, vem cá, vamos brincar com a letra, vamos brincar um pouquinho hoje, um pouquinho amanhã, pra eles começarem a gostar. E aí, ontem a gente levou eles pra iniciar a música, e a gente iniciar a música seria só os pequenininhos. E depois a roda toda iria cantar. É uma coisa simples, mas é um incentivo que a gente dá. Tanto pra eles quanto pros outros, sabe?

**Então, só pra eu entender. Hoje vai ser a roda grande, e aí cada grupo vai apresentar alguma coisa. Ou vai contar alguma coisa.**

É, hoje seria, mas como já estou focando muito na música, ensinar algumas músicas pra eles tal, porque semana que vem vai ter visitas, seleção, né? Então, a gente está focando mesmo cantando mais na roda. E é uma roda brincante também. Muito mais brincadeiras de interação mesmo. É uma roda mais livre, mais divertida, bem mais divertida do que as outras. Porque as outras tem aquela rotina, né? Então, a nossa sexta feira é mais livre pra gente poder levar o que a gente conseguiu preparar durante a semana.

**E como você se organiza no seu dia a dia como educadora? Como é que é? Porque eu sei que vocês fazem um planejamento.**

Tem um planejamento mensal, né?

**Mensal todas vocês. Mas e você? Como é que você se organiza pra trazer as ideias pro seu grupo?**

Ah, pro meu grupo ou pro trabalho de música?

## **Pros dois.**

É muito louco. Minha cabeça fica assim. Risos. Eu sou elétrica, eu sou agitada, então, nossa, assim... A gente pensa assim, e tudo é com foco, né? Eu não vou levar uma coisa só pra engambelar. Não. Vou trabalhar isso pra quê? Vou conseguir resultado? Agora mesmo, eu acho que o grupo da Juliana, um exemplo, está muito agitado. O que eu posso fazer, um trabalho que eu possa fazer? Um trabalho de musicalização pra poder estar conseguindo deles essa reflexão da música, do coisa ficar mais calmo. Então, não é só ensinar música. Então, eu posso levar uma dinâmica, posso levar um jogo musical, posso levar brincadeiras. É tudo com foco, sabe? A gente trabalha com foco. E meu grupo também, a mesma coisa. E a gente lida diariamente com vários problemas, tanto pessoal da criança. Eu consegui ver... É uma criança triste. Estou vendo aquela criança triste, o que eu posso fazer pra mim estar conseguindo motivar dentro do grupo aquela menina? O que eu posso fazer? A gente descobre vários problemas familiares, o que eu posso fazer pra estar trabalhando junto com a família isso? Então, assim, é uma barra, mas é o que eu costumo dizer. Ser educador é você aprender muito mais do que ensinar, porque você aprende com os problemas, você aprende com aqueles desafios. Com aquele olhar, com aquele olhar assim, oi, eu estou aqui. Eu preciso de ajuda. Dá pra você me ajudar? O que eu posso fazer? Eu sou tímido. O que você pode fazer pra me ajudar? Entende? São toques assim, que você fica assim, tenta lidar do dia a dia e de uma certa forma você consegue. Igual eu te falei aquele dia. Com amor, com carinho, com dedicação, você consegue ter eles próximos de você. Como diz minha amiga, você tem que pegar pelo coração. Se você pegar pelo coração, você tem a criança com você sempre. Porque é isso que eles precisam, a maioria está aqui pedindo isso, querendo isso. Necessitando disso, né? O que eu posso fazer pra estar contribuindo? Então, várias coisas, a dinâmica, é jogo. É ir na casa da criança. Fica assim ó, que tal a gente ir na sua casa pra gente fazer um jogo lá com a sua mãe e com seu pai, você topa? Topo. É um êpa, eles estão me valorizando. Eles estão olhando pra mim. Então, eu vou voltar a retribuir isso, sabe? Você consegue. No meu grupo mesmo eu já sentia uns meninos... Já é uma vitória, eu sinto. Tem dois meninos muito tímidos, muito fechados, e de uma certa forma eles se tornaram agressivos, a gente não podia falar nada que eles

já estavam armados. Então, eu tentei ver forma de trabalhar isso com eles. Fazendo dinâmicas, jogos do carinho, o que eu poderia fazer pra estar me aproximando deles. E já consegui um avanço. Já estão cantando na roda. E adolescente você sabe que eles começam a ficar retraídos, né? Quem diz de ficar tímido. Tem uma música, cantar na roda, dançar na roda, então, isso já é uma vitória você conseguir isso dele, sabe?

**Em se tratando do processo de aprendizagem. Como você enxerga que a aprendizagem acontece no projeto pros meninos? Quando você acha que eles estão aprendendo de verdade?**

Esses toques você consegue ver no dia a dia. É vivenciando, é estando junto, é estando ali, é conversando, é entendendo eles. Você consegue ter essa dimensão de que eles estão apropriando disso, tendo esse empoderamento de tudo que está aqui ao redor deles. No dia a dia você consegue ver isso muito, assim. Eu acho que não é tão difícil você conseguir enxergar, não.

**E você acha que eles aprendem diferente?**

Muito.

**É?**

Sim. É porque eles aprendem, nem é tão praticando. Eles aprendem absorvendo aquilo. Absorvendo a essência daquilo. A gente não vai lá, não é aquela coisa de ficar lá, você tem que fazer, você tem que fazer. Não. E aí? A gente também joga a pergunta pra eles. E aí? Você acha que está fazendo sua parte? Você acha que é assim? Você acha que tem que ser assim ou você acha que pode ser diferente? Então, é uma coisa de ter ele junto, de estar ali jogando o desafio. Para eles é uma forma de estar conquistando, de ter eles ali, apropriando mesmo. Com verdade daquilo. Seja da nossa rua, seja da nossa comunidade, seja do nosso espaço. Então, mesmo, agora mesmo na roda eu tenho um assunto lá de uma menina que achou um absurdo ver um livro aqui na biblioteca rasgado. É uma coisa simples. É um livro rasgado. Mas pra ela é um absurdo. Porque ela sabe que é um livro destruído. Ela sabe que é um livro que muitas pessoas poderiam ler e agora não vai poder mais. É uma coisa assim de fazer

eles se apropriarem disso. Fazer eles entenderem, gostarem, e saber que aquilo ali é deles, é nosso. Tudo aqui é nosso. Mas cada um tem que fazer sua parte. Cada um tem que se ajudar pra que tudo fique bem.

**E eu vi na roda ali da música que eu acompanhei vocês, vocês perguntando, qual que é a atividade do grupo? E é legal que ao invés de você ficar falando olha, eu percebi isso, isso e isso, fazer com que eles percebam.**

Que eles percebam que isso é um desafio. É porque eles vão ver que eu não estou mandando eles fazerem. Eles tem que ver o que eles estão fazendo de errado. São eles. Porque o problema é meu, o problema é seu, o problema é nosso, pessoal, o que você pode fazer pra ser diferente? O que você pode fazer pra mudar? O que você pode fazer pra colaborar com seu grupo? Sabe? O empoderamento. Eu posso, eu quero. Eu vou mudar.

**Pra você quais são as diferenças entre esse projeto, ou a educação que acontece aqui no CPCD e a escola? Ou outros projetos educacionais aqui da região. Qual é a grande diferença?**

Eu acho que é isso mesmo. Esse empoderamento. Essa apropriação dos meninos. Porque a escola fica muito a coisa da regra. Eu mando e você obedece. E não tem que ser assim com criança. Não tem que ser assim com adolescente, principalmente. Você tem que tentar ver a forma junto com eles de solucionar o problema. Assim, a gente costuma falar, eles ficam assim: ô tia, ô tia. Eu brinco, nós brincamos, eu sou sua tia? Eu não sou sua tia não. Eu sou Cleia. Eu sou sua amiga. Eu não sou sua tia não. Porque tem aquela coisa da tia, do professor. Não. Isso aqui, nós estamos aqui conversando. Eu não estou aqui pra ser melhor do que você. Eu estou aqui querendo ser sua amiga. Querendo ser sua parceira. Entendeu? Eu acho que a gente conquista por aí. A gente não tem a fórmula mágica, mas a gente procura junto com a criança. Junto com ele solucionar os problemas.

**O que você acha que é o papel da escola hoje que ela não consegue cumprir?**

Eu acho que a escola peca muito em achar que elas são as donas da verdade. Você entende? Ou você acha que eu estou errada? Eu acho que eles pecam muito em pensar que eles são os donos da verdade, e não é assim. Cada um tem sua forma de pensar, cada um tem sua forma de agir. Cada um tem que ter esse respeito desse espaço. Então, a criança se sente muito fechada a isso de não poder conversar, de não poder ir lá e fazer assim, ô professor, está acontecendo isso e isso comigo. Sabe? De poder desabafar, expor algum problema, fica muito aquela coisa do atrito. Não deve existir. Escola tem que ser parceira mesmo. Criança é coração. É amor. Se você não tiver isso, se você não puder se doar pra isso... Ficar lá pro A, B, C, D, E, F, G. E aí? Tô passando isso. Mas eles estão aqui pra muito mais. Eles estão aqui pra muito mais, pra puxar de mim muito mais. Eu acho que isso que é a diferença nossa. Uma hora a gente vai ver a dificuldade e vai querer ensinar o A, B, C, D, mas a gente vai querer ver, e aí? Como foi na sua escola hoje? Como é que foi na sua casa hoje? Você está bem? Ixi, daí eles começam a falar a vida inteira. Essa confiança que eu acho que peca muito, perde muito.

### **O que você acha que pras crianças atrai elas a virem pra cá?**

É interligado acho.

### **Por que tem isso de espera? Por que as crianças gostam daqui?**

Eu acho que aqui pra eles é um espaço único. É um refúgio. É um refúgio pra quem já é. E uns começam a falar, nossa o projeto é bom demais. Ixi. Mas eu penso assim, que é um refúgio pra muitos. É um espaço assim que eles são acolhidos. Aqui a amizade entre educador e criança é igual. Então é isso. É um refúgio. Eles querem estar aqui porque eles se sentem bem. É um espaço que passar amor, carinho. Transmite isso. As músicas focam nisso. Eles querem tentar a utopia. O que está dizendo a utopia? E conscientemente eles só querem cantar a utopia. Quero a utopia, quero tudo e mais. Quero a felicidade nos olhos de um pai. O que eles querem? Sabe? Então é muito isso. É ligado. É amor. É a compreensão. Não acha?

**Ô, com certeza. Estou arrepiada aqui também.**

Eu choro porque é isso, porque é amor. Porque você está na sua casa e sua cabeça está assim. O que eu posso fazer? Você está na sua casa, mas é uma cartinha que você recebe. Por exemplo, acabei de receber uma cartinha. Cleia, nunca vou te esquecer, eu te amo demais. É uma cartinha que fez na casa, mas tem esse amor, essa compreensão, essa coisa do carinho.

**Como você acha que aqui o Ser Criança contribui com outros projetos do CPCD? E com o desenvolvimento da cidade?**

Acho que a palavra já diz, né? É uma Araçuaí sustentável. Acho que o projeto busca isso. Junto com as crianças. Vê-los com empoderamento de que eles podem fazer mais pela cidade. Então, nossa rua é uma prática bem sucedida, de que as famílias conseguiram se apropriar disso, através das práticas, das conversas. Dos meninos terem feito esse envolvimento com a comunidade sabe? O ambiental, a gente foca muito nisso. São coisas que não vai ficar aqui, eles virem pro jardim, eles pediram a mudinha na casa de um vizinho. Vai ser levada pra vida inteira. Essa coisa do cuidado com nosso espaço, o cuidado com a pessoa. Vamos ter crianças psicólogos, sociólogos, por quê? Porque eles aprenderam a fazer roda. E o que é fazer roda? É conversar. É nosso pretexto na palavra roda é eles aprenderem a conversar. São coisas que eles vão poder lutar, dialogar. Falar assim, epa, péra aí. Eu estou aqui ó. Eu sou fulano de tal. Podem me escutar por favor? É comunidade, estou aqui. Posso falar? Posso por meu ponto de vista? Posso lutar por isso aqui junto com vocês? Entende? São coisas que eles se empoderam disso e pode ter seus 50 anos que eles vão ter isso com eles. Porque foi assim comigo. Eu apropriei disso. Eu consegui ter esse olhar com as coisas. Eu consegui questionar. Eu consegui questionar meus educadores. Mas por que isso? Não é assim não. E eles me escutavam. Não Cleia, mas você tem que ver isso, isso e isso. Não, mas eu não concordo com isso não. E era muito tímida. Mas a confiança, todo o trabalho que foi feito conseguiram, me soltei muito mais, questionava muito mais. Eles questionam a gente 24 horas. A gente está ali ó, vamos sentar e conversar.

**É engraçado, parece que quando desperta isso, desperta. Não tem ninguém que faça com que adormeça, né? Do tipo, aí pronto.**

Absorveu. E a gente tentou focar muito nisso. Ó, você está aqui, 15 anos. Você tem o direito e dever de poder falar o que você pensa. Poder dizer, não importa se vai me magoar naquele momento, mas a gente pode sentar e conversar e esclarecer toda a situação. É igual o problema que a gente está resolvendo aqui, magoou um, magoou o outro, mas e aí? Quem estava errado? O que aconteceu? O que aconteceu de fato? Você acha que estava certo em tomar essa atitude? Do questionamento, da reflexão. São coisas que fazem eles apropriarem e com certeza estão fazendo um Araçuaí melhor, porque como diz, depende de cada um. Se eu fizer minha parte, do que eu aprendi em toda a minha essência eu vou conseguir fazer meu espaço um lugar melhor. Fazer da minha cidade, minha casa. Tem mãe que agora faz mandala na casa. Nossa rua agora é toda pintada, pintada e tinta de terra. Se você for lá ver, se a gente for lá agora, a planta já está enorme, nosso espiral de horta já está todo plantado já, que nós fizemos junto com a família. Porque a família também apropriou disso.

### **E que rua que é essa?**

É a rua Santa Rita. Na Esplanada. Na rua adotada, na rua nossa. Chama rua adotada. Então, está super diferente. A gente consegue ver, a rua está mais limpa. Houve esse empoderamento, essa apropriação da comunidade em relação a isso. Eles vieram aqui e fizeram junto com a gente esse trabalho de não deixar ficar por isso mesmo, não esperar só a prefeitura vim e limpar. O que nós podemos fazer pra fazer nossa parte? Colocar a lixeira aqui. Por que vamos colocar no chão se tem a lixeira aqui?

### **E Cleia, pra você o que é o papel do educador então?**

Do educador? Ai... A palavra educação. Educar. Educador pra mim é o que eu já disse. É você aprender muito mais do que você ensina. Porque cada situação pede diferente de você. Então, você aprende com aquilo. Você amadurece com aquilo. Você se transforma com aquilo. Então é isso. Eu penso que é isso, é você aprender muito mais. Eu aprendo com aquela criança. Ele está me pedindo ajuda. O que eu posso fazer pra mim poder ajudar ele? O que eu posso fazer pra mim poder me doar mais pra ele sabe? O que eu posso fazer pra mim tentar

ser uma pessoa melhor? Poder ter ele perto de mim? Conseguir conquistar ele pelo coração?

**Às vezes, você observa a criança e aí você vai lá, e tem esse desafio pra você.**

Tem esse desafio.

**Tem criança que fala pra você, Cleia, preciso da sua ajuda? Tem gente que vem te procurar pra...**

Pra falar diretamente. Sim. Temos. E assim, a gente vê muito na percepção. Porque criança tem hora que sofre muito calado. Então, a gente consegue ver através de sentimentos. Nós temos crianças que são super agressivas. Epa. Esse menino está agressivo. Será que ele está agressivo porque ele é um chato? Ai que menino chato, menino nojento, num quero esse menino perto de mim não. Epa, espera aí. Isso está estranho. Por que esse menino está agressivo desse jeito? Ele não era assim. O que está acontecendo? Ele era super carinhoso e agora está agressivo. Aí você senta e vai descobrir, nossa, cada situação que você fala assim, poxa vida. Tá pedindo socorro pra mim. Então, você consegue ver muito através disso. E a gente consegue perceber que criança se prende a isso. Se prende a isso, a agressividade, a tristeza. Chorando toda hora? Agressiva? Triste pelo cantinho? Como assim? Ele está me pedindo ajuda aí, o que está acontecendo? Eu estou sentindo essa criança muito diferente. Tem esse trabalho também, nós educadores juntos. Equipe. Ô Paula, eu estou sentindo ele muito agressivo. Estou sentindo ele muito triste. Está acontecendo alguma coisa. E ele já me contou o que é, o que vocês podem dar de ajuda pra mim pra dar esse suporte pra ele junto? Vai na casa dele, acho que pode ser uma boa história. Vai em outro lugar com ele, com todo o grupo. Sabe? Então, é trabalho em equipe mesmo. Um ajudando o outro e você conseguindo ver esses toquinhos sabe? Por mais que tem uns que chegam, mas a maioria você consegue ter uma percepção através dessa forma que ele fica no dia a dia.

**E você acha que as crianças percebem também que tem um amigo que está mais triste? Elas tentam ajudar de algum jeito?**

Percebem. Ah, isso que eu acho mais lindo neles. A gente consegue ter abertura com eles, e essa apropriação deles se torna tão natural, tão natural que eles cuidam, eles cuidam. Eles tomam pra eles. Eles pegam pra eles. Eles conversam. Nós temos um menino mesmo, e a gente sabe que ele tem um pouco de transtorno, então ele bate, ele pega um lápis, ele faz isso. Aí duas na roda prontificaram, ô Cleia, nós podemos ser o anjo da guarda dele? Você vai ver, pra cima e pra baixo elas pegam ele. Mas aí nós falamos, você vai ser o anjo da guarda dele, mas você tem cuidar dele. Cuidar dele, se tentar brigar você vai chamar ele pra conversar e falar que não pode. Que não pode, está errado. E elas fazem isso com tanta maestria que está sendo o máximo. Ele só vive grudado nelas, ele brinca, ele parou de puxar um, bater em outro. Porque eles tiveram essa compreensão e estão cuidando dele. Entende?

### **Que incrível! E elas que falaram né?**

Elas que falaram. Que agora estão cuidando dele. Agora mesmo elas estavam lá com ele. E ele se sente muito mais calmo, muito mais confiante, muito mais... Com muito mais carinho. Não só com os educadores, mas com os próprios meninos. A apropriação deles com relação a isso é muito forte. Muito forte. Um cuidado excepcional.

### **Eu fico pensando assim, vocês aqui educadores passam por uma capacitação e tal. Não sei se você passou, porque você já veio...**

Sim, inicialmente, quando inicia a gente faz uma capacitação.

### **Sempre faz.**

É. Tem que se reciclar, né? É sempre importante ter essa visão do que eu não fiz o ano passado que eu pequei, que eu posso ser melhor agora. Sabe? Uma discussão forte, rica, que vale a pena. São coisas que podem me deixar chateada, mas são coisas que valem a pena, não só pelo nosso crescimento, mas pelo próprio crescimento da criança.

### **Mas, assim, eu fico pensando, o que você acha que os educadores em geral, não só do CPCD, precisam ter pra ser formado um bom educador?**

**Fico pensando em educadores de outros projetos, professores de escola, sabe, como eles podem se formar pra ser um bom educador?**

Como eles podem se formar?

**É, porque eles não tem essa oportunidade que vocês tem, né?**

Não.

**O que eles precisam ser, sei lá.**

Eu acho que eles precisam primeiramente ter esse olhar mais humano. Não só técnico. Não ter um olhar só técnico que eu tenho que ir lá, passar o dever, dar lição e tchau os meninos. Tem que ter coisa do conhecer, do conviver, do amadurecer junto com a criança, sabe? Essa coisa do humano mesmo.

**É essa dica que você daria pra qualquer pessoa.**

Claro. Que é assim. Ninguém é robô. E essa sociedade está criando crianças como se fossem robôs, né? Essas crianças estão pedindo isso, chorando, gritando, clamando carinho. Clamando amor. Que seja familiar, que seja escolar. Por isso que as crianças estão fazendo tantas barbaridades aí. Porque o mínimo pra elas foi negado. Que é carinho, compreensão, amor, respeito.

**O que todo mundo quer as crianças também querem, né.**

Claro. Adulto pode brigar, falar, mas a criança está ali necessitando disso. Porque elas não tem esse amadurecimento ainda.

**E você, que resultados você acha que você alcança no Ser Criança como um todo. Ou um principal resultado.**

Esse empoderamento deles é uma coisa bem significativa. Porque são coisas que eles, daqui há 20 anos eles vão continuar com isso, porque eles conquistaram isso. Eles conseguiram absorver isso. Esse empoderamento, esse respeito, essa coisa... Eu posso sem pisar em ninguém, eu posso tendo meus direitos, eu consigo, eu vou conseguir, eu quero, eu posso. Sabe? Esse empoderamento, eu quero. Sei lá, acho que é isso.

**Essa coisa de transformar o querer em poder né.**

Isso, eu quero ser sem pisar em ninguém. Com honestidade, com respeito com o próximo.

**Além disso, quais outras habilidades que as crianças desenvolvem pra resolver os problemas, os desafios que tem? A não ser sentar em roda por exemplo, que você falou que elas falam. Você acha que elas sabem lidar com... Elas são tolerantes, sabem lidar com o erro entre elas e delas próprias? Ou elas tem medo de errar. Ou elas tem dificuldade de se adaptar, de se colocar no lugar do outro, como é que é?**

Existem casos e casos. A gente tem casos de crianças que ainda assim, tem essa resistência em até aceitar o seu próprio erro. Poxa, não é porque ela não me chamou que eu não vou chamar ela também. Mas você acha que é assim que tem que ser? É assim que tem que ser? Você chamou, ela vai chamar? Vai pagar com a mesma moeda? Por que você não pode ser superior a ela? Ela me chamou, você pode falar assim, não é assim, eu não sou isso, eu não sou gorda. Ou sou gorda mas você tem que me respeitar. Eu acho que tem, mas assim, é conversa mesmo. É você conversando, você mostrando isso de uma forma tranquila elas conseguem absorver isso e conseguem respeitar os defeitos de cada um. Porque todo mundo tem defeito. A gente costuma falar isso. Todo mundo tem defeito. Mas e aí você vai ficar apontando o dela só porque o dela é mais evidente? E os seu? Você está olhando pra dentro de você? Você está olhando os seus defeitos? Vamos por eles aqui na mesa então, você quer por eles aqui na mesa? Sabe? Então, a gente consegue ter essa... Porque existe. A gente tem muitos conflitos em relação a isso. Mas assim da forma que eles resolvem, conseguem ter essa dimensão, é tão tranquila que depois o assunto nem... Passa. A gente tem um menino mesmo que eu percebi isso. Ele ficava só mexendo com a menina, pondo evidência no defeito dela. Eu falei, mas e aí? Você também não tem defeito não? É só ela que tem? O que você quer com isso? Fala a verdade. Mas fala a verdade mesmo, o que você quer? Aí nós falamos assim, os meninos falaram, ó Cleia, eu acho que ele está querendo ser amigo dela e não está sabendo como chegar nela. Aí nós falamos, é isso? E falou é. Acabou.

**E viraram amigos.**

Viraram amigos. Você está querendo é ficar amigo dela? É. Então pronto, a gente tem que chegar nas pessoas e falar assim, e aí? Vão brincar, vamos ser meu amigo, vamos conversar ali? Porque se você fizer isso você só vai afastar ela de você. Vai fazer ela ficar triste com você, você vai magoar ela, e você vai ficar magoado também porque sabe que não está fazendo a coisa certa. Fico só falando bobagem né.

**Nossa, não. Eu tenho que ficar focada aqui pra fazer um monte de perguntas, se não a gente fica duas horas. Eu queria saber dos pais pelo contato que você tem com eles, o que eles acham dos filhos deles antes e depois do projeto?**

Nossa, pra eles é uma diferença absurda. Nós temos relatos de pais que falam, nossa agradeço demais ao projeto. Minha filha era tímida, agora minha filha não para de tagarelar, não para de me questionar, mas de uma forma positiva. Não para de me perguntar as coisas. São avanços que a gente tem significativo com eles. Meu filho agora canta. Que músicas vocês estão cantando no projeto? Porque todo dia a menina tá cantando uma música diferente lá, ensinando pro irmãozinho dela. Então, a gente tem muito relato de coisa boa, dos pais falando. Da diferença que é agora, de como ele entrou. Até durante o processo mesmo, porque demora muito. Nós temos crianças aqui até hoje... Um pouquinho (...). Mas aos poucos você consegue ter esse avanço.

**Quais você acha que são as maiores dificuldades e desafios que vocês tem aqui no Ser Criança e no CPCD como um todo?**

Desafio? Um desafio mesmo que eu acho que a gente tem que trabalhar ainda muito é, por mais que a gente tenha essa aproximação, é em relação aos pais. Tem muita vitória. Mas a gente quer conseguir transformar esses pais todos próximos da gente mesmo, sabe? Porque pras crianças estarem aqui no dia a dia é um refúgio. Mas pai já tem a cabeça formada, a opinião dele. Então, a gente conseguir ter esse envolvimento assim, essa confiança, por mais que a gente já tenha, mas essa confiança mais íntima mesmo, de poder chegar, conversar, fazer com ele seja amigo do seu filho. Ele não vai lá pra ficar taxando... Ele também vai fazer os mesmos questionamentos pra eles. O que você pode fazer

pra se doar mais pro seu filho? Pra fazer... Porque ele é o reflexo do que acontece na sua casa. Então, o desafio que a gente tem. Eu tenho comigo é essa coisa de estar conquistando esses pais ainda mais. Porque se a criança vem pra cá, se vive esse mundo aqui, vai pra casa e são N problemas. E vai ficar sempre na cabeça. O que eu faço, o que eu posso ser? O que eu vou ser? Eu vou ser ruim, eu vou ser mau? Eu vou conseguir... Será que eu vou seguir o que o meu pai está fazendo com minha mãe? Nossa, então são N coisas. E a gente busca fórmula junto com a família, sabe? Nós temos o caso mesmo de uma mãe chega aí todo dia chorando, falando, ah, meu marido, isso, isso, a menina entra na frente dele pra defender a mãe. 6 aninhos, sabe? Então, a gente fica assim, nossa, eu chego, Paula, a gente precisa fazer alguma coisa. Essa menina está pedindo ajuda pra gente, a gente precisa fazer alguma coisa pra estar junto com ela e conquistar esse pai. A gente precisa fazer alguma coisa pra conquistar esse pai. Se a gente conquistar ele a gente consegue uma mudança, sabe? Então, são coisas que eu acho que é um processo que a gente tem. E a confiança. Agora mesmo, esses dias, e a gente consegue. Quando a gente tem eles próximos da gente, a gente consegue uma diferença, uma mudança. Agora mesmo uma mãe veio atrás da gente aí pedindo conselho pra gente. Porque o menino está caminhando, querendo namorar e tudo, o que eu faço com esse menino? O que vocês podem me ajudar nisso? Eu vim aqui atrás de vocês porque eu sei que vocês são minhas parceiras. Palavras dela. Vocês são minhas parceiras, eu queria muito uma ajuda suas. Sabe? Então, a gente já tem essa coisa de conseguir a criança, de conseguir a família. Vamos chamar aqui, vamos chamar essa mãe, a gente está precisando ver com ela o que está acontecendo, ou vamos lá na casa. Então, nós temos muitas situações, mas que precisa ainda ter essa... estar mais próximo, mais alinhado.

**E pra você, qual é o papel do CPCD em Araçuaí? Qual é a grande função? Tipo, se não tivesse CPCD aqui, sabe?**

Eu acho que, como diz, um Arasempre né. Um Araçuaí auto sustentável. Um Araçuaí sabendo do seu potencial. Isso que a gente tenta pregar pra essas crianças. São seus futuros, né? Um Araçuaí que não espera as coisas caírem do céu. Não espera governante vim. Se a gente pode por a mão na massa e

fazer acontecer. Você não sabe que pequenas coisas, mas que o CPCD está conseguindo essa conquista. Está um cinema lá. De quem é esse cinema? Dos meninos de Araçuaí. Como é que esses meninos conseguiram? Fazendo show aí conseguiram. Conseguiram um empório. Um empório solidário, com a empório que durante dois anos o ingresso era um alimento. Foi conseguido através de doação. A gente conseguiu fazer esse empório durante dois anos pras famílias carentes. E consegui um cinema de presente com o dinheiro. É um Araçuaí que as pessoas não pensem com a cabeça dos outros. Não pensem que é o prefeito, é não sei o que e num sei quem. E eu? O que estou fazendo na minha parte aqui? O que eu posso fazer? É a atitude da menininha do livro. Ela está fazendo a parte dela. Está reivindicando o direito dela. Vocês rasgaram um livro da nossa biblioteca, e aí? Atitudes que fazem a diferença. A apropriação, empoderamento.

**E na sua vida, qual foi o impacto do CPCD e do Ser Criança? Desde você criança, até você cooperada, educadora, coordenadora, musicista?**

Nossa, um amadurecimento, um auto controle, um amadurecimento pesado. A gente continua imatura, mas os problemas, os desafios, te fazem amadurecer. Te fazem... Ô Paula, eu não sei fazer nada disso, como é que eu vou fazer? Eu não sei fazer nada. Cleia, basta você conversar. Não tem desafio. Basta você conversar. Você vai entender. Você vai por seu ponto de vista, eles vão te escutar, você também vai por o seu. Acho que um amadurecimento... Qual é a pergunta mesmo?

**É isso, qual o impacto que o CPCD e o Ser Criança tiveram na sua vida?**

Acho que é isso, um amadurecimento e uma sensação de que eu posso contribuir mais. Sempre mais. Cada um de nós, seres humanos pode contribuir sempre mais pra vida melhor de uma criança, por uma cidade melhor. Os desafios que são jogados que você tem que parar de ter medo deles. Tem que lutar pelo que você pensa, por suas ideias, pelo que você quer. Sabe? Eu acho que é isso.

**Em relação ao seu futuro, quais são suas expectativas?**

Minha faculdade, que eu me descobrir, eu disse não, é isso mesmo. O meu futuro é esse mesmo. Acabei de me achar. Fazer minha faculdade esse ano, vou começar. Já fiz a prova já.

**Onde você vai fazer?**

Aqui mesmo na (...). Fazer minha faculdade. E meu futuro, eu penso assim, a gente não sabe o que esses meninos vão ser. A gente não sabe qual vai ser o futuro deles né. Mas a gente almeja, a gente quer que eles se tornem seres humanos dignos com convicção das coisas que querem.

**E você quer estar junto nisso.**

Com certeza.

**Então, você pretende também ficar em Araçuaí.**

Ah, eu amo aqui. Não consigo sair daqui não. Aqui é meu refúgio. Não, eu quero ficar aqui. Quero continuar nessa luta. É uma causa nobre. É uma causa boa. É uma causa que você não luta porque tem salário no final do mês. É uma causa que você luta porque você conseguiu ver aquilo junto, você conquistou as crianças e as crianças também te conquistaram. Sabe? O amor delas foi recíproco. Você deu e elas também te deram. É uma coisa que você chega em casa, e fica lá, descansa um pouquinho, mas você está lá vendo, gente o que eu posso fazer amanhã? O que eu vou fazer amanhã? O que eu posso fazer pra ajudar aquele menino? O que eu vou fazer pra ajudar Valdinei? O que eu vou fazer? A cabeça da gente fica assim. Porque é uma causa.

**De vida né?**

Claro. É uma causa que você consegue, você puxa, pega pra você também. É uma coisa que o CPCD conseguiu pregar pra gente com muita clareza, sabe? A gente conseguiu ter uma coisa bacana, uma coisa gostosa. É uma luta boa. Vale a pena.

**Vocês têm muito prazer né, em fazer isso.**

Com certeza.

**Não é pesado.**

Não. É cansativo. É uma luta contínua, diária assim. Mas que vale a pena. Vale a pena ver o sorriso, vale a pena receber uma cartinha, vale a pena receber um abraço. É gostoso.

**Você é mãe Cleia?**

Não sou mãe.

**Quer ser?**

Por enquanto não. Eu viajo muito.

**Você vai pro Maranhão, pra outros projetos do CPCD?**

Não. Na verdade eu coordeno o coral. Então o coral viajar pra caramba. O coral para um mês, no outro mês tá viajando. Todo mês está viajando. Então seria uma responsabilidade muito grande eu viajar, deixar meu filho aqui e tal. Então por enquanto eu quero ser mãe dos 160. Risos. Apenas. Você não quer ser mãe não? Não, por enquanto sou mãe de 160 meninos. Tá bom, mas eu pretendo ser mãe. Ter minha cabelinho sarará. Risos. Minha bonequinha, se Deus quiser.

**Tá bom Cleia. É isso aí.**

Ah, eu espero que você tenha gostado, que eu não tenha falado muita bobagem.

**Não, eu adorei. Eu só tenho uma dúvida, não sei se você vai saber me responder. Quantas crianças vocês tinham aqui no começo, e quantas vocês tem hoje, se aumentou muito, se é igual.**

Quem vai saber isso é a Paula. Porque eu era criança. Eu não sabia.

**Mas quando você estava aqui...**

Era muito. Era mais.

**Era mais. Sempre foi esse muito assim.**

Era muito. Acho que era 100 e 100.

**100 e 100? 100 de manhã e 100 de tarde?**

Sim.

**Você fez grandes amizades aqui?**

Nossa! Todo dia um teatro, a gente inventava. Nossa, era bom demais. Brincava. Ali tinha uma quadra de vôlei, nossa era ótimo. Era bom demais. Era maravilhoso.

**E aí fora daqui vocês também...**

Sim, amizades até hoje. Ontem mesmo estava na casa de uma amiga minha. Nós crescemos aqui junto. É amizade mesmo. É amor. Você conquista.

**É vínculo verdadeiro né?**

É vínculo. É a conquista. Eu consegui ter eles próximos de mim tantos anos.

## CRIANÇAS – SER CRIANÇA

**Quero que vocês vão me falando assim: nome, que série que está, e desde quando está no projeto, e quantos anos tem.**

Eu não sei não.

**Uma de cada vez vai. Nome completo.**

Meu nome é Luiza Rodrigues Eugrácio de Melo. Eu tenho 12 anos. Estou no sétimo ano. Sobre o projeto estou desde os 7, 8 anos, sabe? E aqui é um lugar maravilhoso, não é igual escola. Não tem nada a ver com escola. Aqui tem combinados, não é bem regras, sabe? São combinados que a gente faz pra melhoria pra quando a gente crescer. Aqui tudo é educativo. Não tem nada que não seja. Tudo é educativo que a gente aprende, leva pros nossos pais. A gente aprende coisas educadoras. Aqui tudo é brincando. Se você vai fazer (...) dificuldade com matemática você vai lá, você vai aprender a matemática brincando com jogos educativos.

**Legal, obrigada Lú.**

Meu nome é Maria Clara dos Anjos de Jesus. Eu tenho 9 anos e estou no projeto desde os 8 ou 7 anos. Eu estou na quarta série. Sobre o projeto eu acho que é muito bom aqui por causa que todo problema que a gente tem a gente não precisa levar na maldade, a gente não precisa bater, a gente conversa com a possibilidade e conversa pra poder resolver os problemas sem precisar bater um no outro. E o que a gente aprende como educadores é pela própria experiência que a gente vai vivendo. E também, aqui a gente faz brincadeiras educativas, brincadeiras que ajudam a Língua Portuguesa. Tem os grupos aqui também que ajudam na Língua Portuguesa, em Matemática. Então, é muito bom aqui pra essas pessoas. Então eu gosto muito daqui.

**Desde quando você está aqui Maria Clara?**

7 ou 8 anos.

**E você Lú?**

Eu já falei.

### **Já falou? Eu não lembro.**

Eu estou aqui desde 7 anos ou 8 e eu já tenho 12.

### **Tá.**

Bom, meu nome é Emily Alves Miranda, eu tenho 14 anos, estou no nono ano e participo do projeto há 5 anos. Eu acho assim que o projeto é um lugar de entretenimento e globalização. Que não tem a exclusão de certas pessoas, todos nós somos acolhidos com todo o carinho possível. E quando há, assim, algum conflito, mesmo que nos grupos mesmo pode ajudar, pode contribuir com isso. Eu acho bacana também que o projeto a gente tem a oportunidade de mostrar nosso ponto de vista, mostrar pra roda, levar coisa inovadora. Sempre multiplicar. Sempre tem uma coisa, ah, você está com problema, eu posso te ajudar. Tem todo esse tipo de amizade.

### **Legal.**

Meu nome é Mayane Cristine Marcês e Silva. Tenho 11 anos e estou no sétimo ano. Estou aqui desde os 7 anos. O projeto é muito bom. Os coordenador aprende com as crianças e as crianças aprendem com os educador. Tem hora que a gente vai no pé de manga, brinca, jogos educativos, brincadeiras.

### **Legal.**

O meu nome é Emily Pereira Batista, eu estou aqui no projeto desde os 6 anos de idade. Tenho 14 anos e estou no oitavo ano. Eu acho o projeto um lugar bom e educativo para todas as crianças, não só para mim. Um lugar que prepara todos nós, não somente eu, para o nosso futuro. Eu acho o projeto um lugar muito bom de viver e ficar, se eu tivesse que sair daqui eu não sairia. Ficaria aqui muito tempo. Mas como o tempo passa, a gente tem que sair e deixar outras crianças entrar, aí a gente vai pra Fabriqueta, participa um pouquinho de lá, mesmo assim a gente pode vim aqui visitar. Ver como que está o projeto, se está como antigamente.

Meu nome é Gleiciele dos Santos Laurindo. Eu tenho 11 anos, estou no sexto ano. Estou aqui no projeto desde os 9 anos. Eu acho o projeto muito educativo,

ensina as pessoas várias coisas, brincadeiras legais, músicas educativas e a gente pode fazer uma roda onde que a gente conversa sobre o projeto.

Meu nome é Emily Rodrigues Lemes. Eu tenho 12 anos, estou no sexto ano. Estou aqui no projeto desde os meus 10. Eu acho o projeto um lugar bom de ficar, de expressar os sentimentos da gente, brincar. Porque tem várias pessoas que a gente pode fazer as coisas. Eu gosto também daqui do projeto, principalmente, da roda que a gente canta, brinca. E eu acho o projeto bastante educativo.

**Gente, o que eu queria saber. Quem vai me falar? Não precisa todo mundo falar todas as respostas. Vamos fazer uma roda mesmo. Quem quiser falar fala.**

**Eu queria saber qual é a diferença do projeto e da escola.**

**Quem começa? Fala Lú.**

Eu acho que a escola é um lugar de castigo, sabe? Se você fizer alguma coisa errada você vai ficar de castigo. Lá é difícil sabe, de aprender. Porque é aprender assim, e não tem outro jeito de aprender. Aqui no projeto não, tem vários jeitos. É brincando, é cantando, é lendo um livro, é aprender. Tudo que a gente aprende aqui a gente leva pra escola, pra que a escola fique melhor sabe? E é tipo o projeto.

**Quem quer falar alguma coisa diferente?**

A escola é diferente do projeto Ser Criança porque o projeto em roda tem muitas crianças pequenas. Na escola já não, na escola já não. Na escola tem no sexto ano, até o sétimo ano de manhã. A tarde já é diferenciado. É do primeiro ano, até o sétimo ano. Aí, eu acho assim, a escola é o lugar onde a gente aprende a Matemática e o Português. E no projeto não, a gente aprende brincando, divertindo com as crianças e ensinando os que precisam da gente. Só que na escola é diferente. Na escola não tem roda, aqui já tem roda. Músicas educativas, brincadeiras, sem brigas, e resolve assim, tudo assim, com uma simples roda. Lá na escola já não.

**Que mais?**

Não.

**E vocês gostam mais de qual? Da escola ou do projeto?**

Do projeto.

Pra mim do projeto, porque o projeto é um lugar dos sonhos, né, que toda criança sonha. Fala, ah, eu quero entrar no projeto, todo mundo fala a mesma coisa. Porque aqui a gente convive com as pessoas da nossa idade sabe, aqui a gente pode brincar, pode se divertir juntos. Aqui ensina a gente a se lidar um com o outro, sabe? Não importa das diferenças, não importando nada. Importando o que a gente é, como criança né?

As pessoas tem as oportunidades. Na escola não. Aqui tem o coral pra gente entrar. Tem como mostrar o que a gente tem de melhor.

**Vocês falaram que vocês ensinam as outras crianças da escola o que aprendem aqui. O que vocês ensinam?**

Aprender a ler, aprender músicas legais. Ensinar as tarefas, umas brincadeiras boas.

Aqui no projeto a gente pode ensinar pras crianças o que a gente já aprendeu, né? Por exemplo, se eu fico 5 anos... Eu já fiquei 5 anos no projeto. Eu posso ensinar o que é certo e o que é errado, sabe? Mas não castigando, essas coisas. É conversando mesmo.

E também aqui as crianças são mais maduras, que mais respeitam as regras. Agora tem os monitores, que alguns ficam na hora do dever pra poder ensinar, outros ensinam a ler, ficam no clubinho pra poder fazer mediação de leitura, fazer brincadeiras educativas. Então, tudo isso é uma forma de passar o que a gente sabe, o que a gente aprendeu com os educadores mais velhos pras crianças que chegaram agora.

**Legal.**

Ensinar música nova a gente aprendeu quando a gente era pequeno, ensinar as crianças a ler que não assim na escola, porque você pode ensinar a ler, mas as crianças chegam aqui sem saber. No dever mesmo, na Matemática, é difícil pras

criança pequena. Só pra nós grandes que estamos passando por isso, é mais fácil de ensinar, nós ensinamos, (...). E também as brincadeiras que a gente brincava, quando a gente era pequeno, as regras certas e as que não é certa. E várias coisas legais.

E também pra ensinar Matemática, às vezes, é ensinando brincando. Pega as pedrinhas, ajuda lá, fica contando, pega nos dedos, ensina. É muitas coisas em forma de brincadeira.

E também a gente não sabe só compartilhar com os pequenos, é com os grandes também. É um passando pro outro. Até pros educadores mesmo. Eles ensinam pra gente e a gente passa pras outras pessoas também.

Até os pequenos ensinam brincadeiras novas que eles aprenderam na escola, que até a gente mesmo não conhece. Então, eles ensinam e a gente fica compartilhando uns pros outros.

### **E gente, quem me conta o dia a dia de vocês, como é que acontece aqui?**

Nosso dia a dia é assim: primeiro a gente chega da escola, troca de roupa. Aí, quando dá meio dia e meio, meio dia e vinte, nós vamos e almoçamos. Depois do almoço nós vamos pra roda, tem gincana, a gente brinca. E depois na segunda a quinta nós fazemos um grupo que é dividido em faixa etária. Aí, vai os de 7 a 8 num grupo e é assim. Aí, a gente aprende várias coisas, jogos educativos, às vezes, musicas, e depois do grupo tem o dever. E quem tem dever vai pro dever, fazer os deveres que os coordenadores ajudam. E quem não tem vai pro clubinho, um lugar que eles fazem outras brincadeiras com a gente. E depois vem a hora que todo mundo pode brincar do que quiser, aí depois vai a hora do lanche e depois do lanche a gente vai embora.

### **E na sexta feira?**

Aí é só brincadeira depois da roda.

Atividade principal aqui do projeto é a roda. Porque na roda a gente pode cantar, pode brincar, pode dançar, a gente pode fazer mediação de leitura, pode fazer de tudo um pouco.

E nosso primeiro contato, a partir do dia que a gente chega, o nosso primeiro contato com todas as pessoas do projeto.

Pode resolver os problemas que houver no projeto.

Dar opiniões.

Trazer experiências de coisas novas. Notícias boas pra roda.

### **Gente, e que tipo de problemas vocês resolvem?**

De tudo um pouco, sabe? Se tiver algum problema em casa, a gente resolve também conversando, dialogando pra ver o que está acontecendo. Se a criança fica inquieta, fica desanimada, a gente vê o que está acontecendo em casa, sabe? Não só em casa, aqui no projeto também, se acontece alguma discussão alguma briguinha sabe, a gente também resolve.

Minha família também adotou esse método. Antes a gente tinha, assim, certos conflitos mas deixa passar. Hoje não, com as experiências que a gente aprende no projeto a gente leva pra casa, aí eu adotei isso lá em casa. A gente faz rodas quando tem dificuldades. Quando meu irmão precisa de ajuda na escola, vamos pra roda, vamos conversar, vamos ver o que precisa melhorar. Minha família também está sendo como o projeto. Isso eu acho que é muito legal.

E também aqui a gente tem o nosso espaço. O projeto que fica no colégio (...) vai ser um espaço só pro projeto. Um espaço já combinado. Esse espaço aqui é todo nosso. A grama não é nossa, então, as pessoas que ficam (...) no nosso espaço, quebrando as regras do projeto, a gente resolve em roda. Como as gramas que todo mundo pisa, então, elas já fora ressecadas, ficaram secas, depois a chuva foi e renovou elas e agora todo mundo fica pisando agora. E aí, a gente tem que conversar em roda.

### **Entendi. Querem falar mais alguma coisa?**

### **E gente, e com a cidade, como é que vocês aqui se relacionam com a cidade?**

Tem até um certo desenvolvimento que a gente tem com uma rua adotada, que a gente leva algumas plantas, ajuda os vizinhos, que tem todo um processo, né,

que pinta a minha casa. A gente faz tinta de terra pra levar pra eles também, pra reformar os muros. Aí, tem tipo um controle, sabe? A gente vai semana que vem, aí vamos ver lá o que os vizinhos estão precisando, eles vêm visitar a gente também. Tem todo um aconchego entre os vizinhos e todo mundo da cidade também.

### **Que mais? Quem quer falar mais?**

Aqui a gente aprende tudo pra melhorar a nossa cidade, não só em casa, mas como na cidade também. Aqui ensina se vai com a ignorância já, a gente ajuda, sabe? Na rua mesmo, se acontece algum discurso, não precisa logo ir na polícia, é só ajudar mesmo, sabe? Conversar, o que está acontecendo? Aí a gente aprende tudo aqui no projeto.

Quando um menino pega um passarinho, os educadores mandam soltar pra deixar o passarinho ser livre, ser igual a gente, livre.

### **O que vocês mais gostam no projeto? Uma coisa só.**

Eu gosto mais das músicas.

Da roda da música.

Eu gosto mais do teatro que a gente faz aqui no projeto sabe, que envolve tudo.

Eu gosto mais de quarta feira que é o dia de (...).

Eu gosto principalmente da roda.

Das saídas.

Eu gosto de tudo um pouquinho. Mas mais da roda.

### **Qual que vocês acham que é um desafio pro projeto de vocês?**

Oficina.

Como assim, um desafio?

**Um desafio no dia a dia, uma dificuldade que vocês tem...**

Pra mim, sabe, não tem. Porque quando a gente chega mesmo, a gente fica envergonhado. Mas depois a gente se solta.

Antes mesmo eu era quietinha. Só que agora eu sou espoleta.

Espevitada.

### **E com os educadores, como é a relação de vocês?**

Não muda nada sabe, igual, ela é minha amiga, não muda nada. A gente é tratado da mesma forma. Não é que nem na escola. É lógico que tem que respeitar o professor, sabe? Mas aqui é como amigas grandes da gente.

Tem mais uma certa descontração com os educadores, pois eles ajudam a gente, a gente também ajuda eles, de uma certa forma, tem todo um balanceado, tem toda uma ajuda.

Como nossa casa. A gente, aqui também, a gente faz a limpeza do nosso espaço, a gente cuida do nosso próprio espaço que a gente usa. Então, é igual nossa casa, que a gente tem um monte de irmãos né, vamos dizer assim, um monte de irmãos que nos ajudam, que nos dá conselhos, sempre nos momentos difíceis e que a gente precisa.

Às vezes, elas até brincam com a gente na hora da brincadeira. Ensinam brincadeiras novas pra gente. E é só isso. Respeito.

Pra mim os educadores são meus irmãos. Por causa que, se eu tiver um conflito para resolver, eles vão me ajudar, e eu vou ajudar a eles. Aí, tipo assim, uma brincadeira nova, se eu não sei essa brincadeira, eu aprendi assim, vou pedir pra que eles possam me ajudar. Se eles não puderem eu vou esperar o tempo que for pra eles me ensinarem.

### **Meninos qual que é a diferença que vocês sentem na forma como vocês se relacionam com os colegas e com as pessoas da escola pra cá?**

Totalmente diferente.

### **Por quê?**

Porque na escola a gente vai conversar com uma pessoa assim, chega aproximando, eles vêm com dez palmadas na mão. E aqui no projeto não, aqui você vai conversar com a pessoa, eles já não é dessa forma.

É educado.

É, é gente educada. Na escola é muito diferente do que aqui.

Eu acho que as crianças se sentem mais acolhidas aqui do que na escola. Chega lá, eles já sabem como é que funciona a escola, né, com professor pegando no nosso pé, toda hora briga com a gente.

Só copiar, copiar.

Escrever, escrever, não para nunca. Mas, aqui no projeto, quando a gente chega, a gente sente uma alegria tanta que não quer mais sair daqui. Quer morar aqui, por causa que aqui, a gente se relaciona tão facilmente com tantas brincadeiras e a conversa. E as pessoas entram no ritmo.

Às vezes, a gente consegue conquistar uma pessoa pelas brincadeiras, pelas músicas, pelo jeito da gente ser.

**Ô gente, tem alguma coisa que eu não perguntei que vocês querem falar?**

Não.

**Então vamos fazer assim, vamos fechar com uma palavra. Cada um fala só uma palavra do que o projeto representa pra você na sua vida?**

**Difícil a pergunta?**

Não.

**Vamos começar por aqui.**

Oportunidade.

Ensino.

Família.

Animação.

Felicidade.

Tudo.

Harmonia.

**Muito bom gente. Que legal. Muito obrigada.**

EDILÚCIA BORGES – COORDENADORA DA COOPERATIVA DEDO DE GENTE

**Edilúcia, vou precisar do seu nome todo, cidade, a sua escolaridade, se você é daqui de Araçuaí mesmo.**

Meu nome é Edilúcia Borges (...). Nossa, a idade é tão chato de falar. Mas eu tenho 35 anos. Tenho terceiro grau mas é um curso técnico, né? Tecnólogo em Administração. E sou daqui de Araçuaí.

**E você atua desde quando aqui?**

Estou no CPCD desde 98.

**E você hoje, qual é o seu cargo oficial?**

Eu sou educadora da cooperativa da (...).

**Mas você (...).**

Faço o trabalho junto com meus meninos. É porque aqui a gente não tem uma hierarquia né. É meio misturado.

**Então eu queria ver se você pode me disponibilizar o PPA da cooperativa, de cada Fabriqueta, não sei se você tem isso.**

Desse ano atualizado eu não vou ter pra te passar isso. Eu tenho que olhar dos outros anos.

**O IQP você tem (...).**

Não, a Dedo de Gente já tem alguns anos que não faz IQP.

**Por quê?**

A gente faz IQP à medida dos relatórios fotográficos. Porque o IQP é feito no final do ano e é justamente a época mais crítica pra gente. Que é época de produção, de vendas. Aí esse IQP ele é feito à medida do ano, que a gente entrega um relatório técnico, um relatório fotográfico, onde num relatório fotográfico é os indicadores de uma avaliação do indicador e do jovem daqueles

12 indicadores do IQP. Aí o que o jovem avalia, harmonia, protagonismo. Aí trimestralmente, e a gente manda isso junto com os relatórios semestralmente.

**Mas eu queria saber dos critérios... O que me interessa é saber dos critérios dos indicadores. Como é que vocês medem? Quais são os indicadores de felicidade, por exemplo. Ou de apropriação?**

Como assim? Não estou entendendo o que você está perguntando.

**Além das fotografias. Como é que você sabe que ele se apropriou ou não?**

Pela atitude dos jovens. Inclusive, essa avaliação, as avaliações nas rodas no dia a dia, as avaliações semanais, mensais.

**Vocês vão registrando isso ao longo do tempo?**

Isso. Porque muita coisa a gente não tem. A gente ainda peca, não sistematiza. Acontece, mas ainda essa sistematização talvez a gente ainda é falho. Fazemos muita coisa, mas talvez na hora de sistematizar, né? Ainda peca. O que registra ainda é muito pouco pela quantidade de coisa que eles fazem. Mas em questão do que indica se o menino é feliz, o que indica que ele se apropria, o que indica que fomos eficientes, acho que é nas atitudes. As atitudes, a fala, a participação.

**Mas tem isso no relatório?**

Cada atividade, quando a gente descreve a atividade, a gente faz uma reflexão daquela atividade, né? O quê que é que foi, quais foram os pontos positivos, como foi a participação dos jovens, como foi a aceitação.

**E aí eu queria saber se vocês podem me disponibilizar também números das fabriquetas que já teve no passado, quantos jovens já foram atendidos.**

Os números que eu tenho... Eu não tenho desde o início da Fabriqueta, porque eu não estou na Fabriqueta desde que ela iniciou em Araçuaí. Eu entrei na Fabriqueta em 2010/2011. Esses números, à partir daí eu posso te fornecer. Porque se você me perguntar quantos jovens já passou pelo Dedo de Gente, nós não temos esse registro. Assim, certinho né?

**Eu não sei se vocês podem me disponibilizar porque ainda não foi aprovado, mas eu queria ver como é que é o projeto do Arassempre de hoje.**

Aí eu vou ter que perguntar, ver com a Eliane. Ou talvez se você quiser também ver diretamente com a Eliane. Que é um projeto que até ontem estava mexendo pra ser enviado, né? Na verdade já foi escrito, mas estava tendo alterações, né? Aí eu não sei se ele está totalmente pronto, totalmente alterado pra gente encaminhar. Mas seria com a Eliane.

**Você tem registro de MDIs?**

MDIs a gente tem. Mas é uma coisa bem interna, né? Porque isso daí são as dificuldades. Está caindo goteira, então vamos fazer MDI pra tirar aquela goteira. Então, são coisas nossas bem do dia a dia, né?

**Eu só queria ver um modelinho assim, não precisa ser vários MDIs. Um MDI que vocês fizeram só pra eu ver como funciona. Só se tiver também.**

Não, ter tem.

**E deixa eu entender uma coisa. Sobre as Fabriquetas, e a cooperativa, eu queria saber... Que surgiu em Curvelo, é isso?**

Isso.

**E aí, pela demanda do Ser Criança sugeriram que as Fabriquetas viesse pra cá também.**

Isso. Foi um pedido dos educadores de Araçuaí.

**E veio em que ano?**

Nossa. Esses dados, se eu não me engano são 12 anos que as Fabriquetas estão em Araçuaí. Mas eu não tenho esse dado certinho pra te passar. Eu posso dar uma olhada. Porque eu não estava aqui quando veio. Eu estava em outros lugares, então...

**Você começou... Conta um pouco da sua trajetória aqui.**

Eu comecei como educadora de grupo dentro do Ser Criança. De educadora de grupo eu fui coordenar um projeto, coordenadora do Ser Criança. E depois eu fui coordenar outros projetos em outras cidades. Fui no Maranhão, o Ser Criança e o Sementinha, depois eu vim pro Vale trabalhar com (...) de jogos, Capelinha, Minas Novas, Turmalina. Não só eu, tinha outras pessoas também. Voltei pra Araçuaí e participei da UTI Educacional do projeto Cidade Criança, a Pedagogia do Abraço, o Caminho das Águas, e hoje estou na Dedo de Gente.

**Passou por quase todos.**

Quase todos aqui em Araçuaí.

**Aí veio mais ou menos há 12 anos, e veio qual primeiro?**

O artesanato.

**Veio as tintas de terra, (...).**

Não. Na época nós iniciamos a Fabriqueta com a cerâmica que é o que é muito forte aqui no Vale. Os meninos teve oficina com a Lira. Tanto de cerâmica quanto com a tinta de terra. Só que a cerâmica é muito melindrosa, é uma coisa que você tem que ter um talento pra mexer com aquilo ali. A questão da queima, do tempo, né? Essas técnicas aí que é bem... Assim, tem que ter um dom. A pessoa tem que ter um dom, uma sensibilidade, né? Pra fazer. Então a gente trabalhou um tempo com a cerâmica, mas a gente estava tendo problema justamente na queima. Algumas pessoas falaram que era o barro, algumas falaram que era o forno. Aí então a gente achou melhor não dar continuidade com a cerâmica. Mas na época a gente a cerâmica, teve a serralheria, a tinta de terra. Já tivemos o bordado aqui em Araçuaí, a bambuzeria. Mas aí no decorrer, a qualidade dos produtos não estava nos satisfazendo, né? Acho que não estava uma coisa legal, bacana. Aí a gente resolveu então em não investir.

**E a cooperativa lá em Curvelo surgiu com um projeto pronto já? Tipo, ah, vamos fazer um projeto Fabriquetas e cooperativa, ou foi uma consequência de...**

Foi uma consequência dos Ser Criança.

### **Lá em Curvelo também.**

Lá em Curvelo também. Porque tinha o Marquinhos, que foi um dos fundadores, que infelizmente no ano passado ele chegou a falecer. Mas ele junto com outros meninos começaram a pegar sucata e juntar, fazer forma. E ia numa serralheria pedir o serralheiro pra soldar, pra fazer o brinquedo. Tem o Robinho que também era dessa turma, e ele fazia muito carrinho de brinquedo, de madeira, né? E aí teve uma vez que teve até uma fala do Tião, que ele foi conversar com o Robinho, ver se ele dava conta de fazer outras coisas, né? E que o Robinho ainda fala pra ele, quem faz um carrinho de madeira faz qualquer coisa besta. Então, se eu sei fazer um carrinho de madeira eu sei cortar a madeira e fazer outras coisas também. Dar outras formas. Então, a Dedo de Gente nasceu foi do Ser Criança mesmo. Dessa brincadeira aí dos meninos com a madeira. O Robinho hoje é dono de uma das empresas que trabalham com móveis lá em Curvelo, e o Marquinhos também era coordenador do Dedo de Gente, ele adoeceu e teve que se afastar. Também trabalhava independente. E infelizmente o câncer não deixou ele com a gente. Mas surgiu assim.

### **Me conta da seleção das Fabriquetas, como que ela é feita?**

Agora está muito complicado porque tem uma demanda muito grande. Já chegou ano... No ano passado, retrasado, nós tivemos 104 jovens inscritos em Araçuaí que queriam fazer parte da Dedo de Gente. Em Curvelo essa demanda é muito maior, já teve mais de 200 jovens, né? Então, a gente faz, num primeiro momento, uma reunião, uma roda, pra falar o que é a Dedo de Gente. Porque às vezes também algum jovem se inscreve achando que é um emprego, uma carteira assinada. Não sabe, não tem o conhecimento do quê que é. Então, num primeiro momento a gente faz uma roda pra explicar o trabalho da cooperativa, o funcionamento, que ela faz parte dessa plataforma, e à partir dessa roda a gente pergunta às pessoas, né? Partindo daquelas informações se é isso que elas querem, se elas querem continuar, se não. Aí num segundo momento a gente faz uma dinâmica mesmo, uma dinâmica de apresentação, uma dinâmica de grupo, uma dinâmica escrita, e à partir dessa dinâmica a gente seleciona aqueles jovens que a gente acredita que apresentou mais uma aptidão com a Dedo de Gente. Que tenham mais facilidade de cooperar, de trabalhar em grupo,

né? De atitude, de buscar aprender fazendo. Esse perfil. Esse jovem que tem mais ou menos esse perfil, ele é convidado a fazer parte da formação. Aí a formação são 4 semanas. É duas semanas de formação metodológica, e esse trabalho de pedagogia do CPCD, a pedagogia da roda, do sabão, do copo cheio, né? Da formação de time. E duas semanas da formação técnica. Dentro dessa formação metodológica tem os momentos que os jovens vão até as fabriquetas conhecer. Ficam um dia no software, um dia no cinema, um dia no artesanato, faz roda com a serralheria, com a marcenaria, pra eles decidirem ou escolher qual que eles gostariam de experimentar, o quê que eles acham que vão ter maior habilidade. E depois que eles escolherem, depois, no final, cada um decide qual a fabriqueta que ele quer fazer a formação técnica. No cinema e no software, são os próprios meninos cooperados que fazem essa formação pra quem está chegando. É uma formação técnica mas é uma noção bem básica. Porque duas semanas ele não vai sair expert em edição e cinegrafia. Mas ele vai ter noção. Ele vai ter noção de que à partir daquilo ali ele vai poder, se ele quiser, correr atrás, desenvolver e aprender mais. E no artesanato, na marcenaria e na serralheria, vem um técnico de Curvelo que dá essa formação. Por questão de segurança mesmo, porque tem a questão do equipamento, de segurança, tem questão se são máquinas, né? Que são máquinas perigosas. Então, a gente tem o Ronaldo que é o técnico responsável pelo Dedo de Gente, então ele vem dar essa formação.

**E nessas 4 semanas vem gente de fora dar aula, oficina, (...). Só vocês?**

Nessa do Dedo de Gente é só um educador do CPCD.

**Muita gente, tanto jovens quanto educadores falam, ah, a gente faz muitas dinâmicas. Eu fico, gente, que dinâmicas são essas assim? Porque pelo que eu entendo, quando os jovens passam pela formação da fabriqueta é bem importante esse momento. Porque aí eles vão de fato incorporar como funciona no dia a dia, qual é a postura que se tem na roda, no trabalho em equipe.**

Na verdade Gabriela, quando a gente vai fazer a formação a gente senta antes, a gente faz um planejamento, tem um objetivo do dia. Geralmente o primeiro,

segundo, terceiro dia a gente trabalha muito com dinâmicas pra autoconhecimento. Quem eu sou? Qual a comunidade que eu venho? Quais são os valores da minha comunidade? Porque isso pra gente pode ser normal, pode ser uma coisa besteira, mas a maioria dos jovens que entram não tem nem noção. Quais são os valores da minha comunidade? Quem eu sou? Essa coisa da identidade mesmo. E aí depois que a gente vai passando por essa coisa da formação do time. Tem os dias que a gente trabalha as formações do time, tem os dias que a gente trabalha a questão da atitude, da busca de solução, do planejamento, do MDI. Então a formação tem essas etapas. Cada dia tem seu objetivo. E no dia a dia, dependendo da nossa dificuldade, a gente leva assim pra roda uma dinâmica, um texto, um vídeo pra debater em cima daquela dificuldade que a gente tem com o grupo. Ou que seja de organização, de relacionamento, de atitude, de busca de solução.

**É porque muita gente falou da capacitação, e eu falei gente, o que acontece nessa capacitação que é tão importante pra dar continuidade ao resto, né? E que todos os projetos passam por ela, né? Tanto educadores do Ser Criança...**

**Pra você qual é a diferença entre hoje o CPCD estruturado na plataforma Arassempre, e antes?**

Essa é muito profunda, né? Eu acho que é muita coisa. Tem que achar as palavras pra transmitir, pra falar. Porque eu acho que hoje a integração, a nossa visão em torno com a comunidade, com buscar mais pessoas pra essa causa. Acho que é completamente diferente. Que talvez antes de ser coordenadora do Ser Criança eu ficava presa no meu mundinho. Hoje a gente já tem a consciência de que a gente não é só o Ser Criança, só esse mundinho. Tem outros projetos, tem outras pessoas, tem a escola, tem a igreja, que a gente pode envolver nessa causa que é buscar fazer uma Araçuaí melhor. Acho que ampliou um pouquinho a nossa visão. É tanto que hoje, talvez, uma coisa que eu acho positivo, o grupo até discute mais a questão de política. Não politicagem, mas a política em si. Né? E aí? Se a gente quer, é necessário então esses jovens começarem a pensar em ser uma liderança? Né? Isso eu acho uma coisa positiva. E há algum tempo atrás se cada um fosse ficar só paradinho olhando pro seu mundinho não

ia ter essa visão. Não ia ter essas discussões, né? Agora tem conferência. Qual é a importância do jovem participar da conferência da criança e do adolescente? Né? Qual é a importância de ter uma reunião pra participar de um conselho da APA, que é uma área de preservação ambiental que está dentro, que teve dentro do projeto do Caminho das Águas. Qual é a importância da gente participar desse conselho? Da gente poder contribuir e aprender junto, em parceria?

### **E a diferença do Arassussa pro Arassempre?**

Eu não sei se eu vou saber explicar bem. O Arassussa iniciou mais essa ideia de o quê que eu posso contribuir com uma ação pra que a minha cidade possa ser uma cidade melhor. Então, trabalhamos cerca de 3, 4 anos, não sei ao certo, com essa ideia. Então, as pessoas começaram a mudar os hábitos de alimentação, de plantio, de cuidado com o solo, de cuidado com sua comunidade, de cuidado com seu lugar. E o Arassempre, agora, essas pessoas que tiveram essas mudanças de atitude e de hábito, como que é à partir daquilo ali, à partir do que elas construíram, elas podem também gerar renda. Pra permanecer no seu lugar e construir um lugar melhor.

### **Lembrei, você me falou da emancipação, né? Da autonomia.**

Não sei se é a resposta completa, mas é o que eu acho. O que eu sinto.

### **Como que você vê a interconexão desses projetos na prática hoje?**

Dos projetos do CPCD você fala?

**É.**

Eu acho que a gente tem muita essa integração. Eu acho que a gente trabalha muito junto. Não tem ninguém isolado fazendo coisa sozinho. É tudo muito misturado. É tanto que Paula coordena o Ser Criança, mas eu estou lá no Ser Criança, eu dou palpite, quando ela tem alguma dificuldade a gente vem, pede ajuda, a gente faz junto. A Edivete e a Regina estão mais focadas na questão da Permacultura, mas ela faz parte do conselho, então surgiu uma oportunidade de inscrever o projeto do Ser Criança pro conselho, elas junto com a Paula faz isso, né? Acho que tem muito essas trocas. Isso é bom. Acho que enriquece mais o trabalho do dia a dia.

**E como que é a relação do CPCD dentro da comunidade, assim, pro município de Araçuaí? Você acha que eles têm uma emancipação forte de vocês, um reconhecimento?**

Ô Gabriela, se eu falar pra você que tem uma aceitação forte eu vou estar mentindo. Porque nem Jesus Cristo agradou a todos. Então tem sim aquelas pessoas que são as nossas parceiras, que acreditam na causa e que está junto, e o que a gente precisar a gente faz junto, né? E tem aquelas pessoas que não gostam, que envolvem talvez outras questões, ou questões políticas, ou questões de ciúmes. Porque o Tião não é de Araçuaí, né? Então, acho que tem as duas coisas, falando assim, de município. É tanto que a gente não tem o apoio da prefeitura, né? Tem o apoio assim, superficial. Apoia e não apoia. Fica em cima do muro, né? Se fosse uma coisa mais forte teria um apoio, teria um nome, teria uma ajuda, teria sei lá. Mas estaria mais junto. Mas tem um apoio, assim, em cima do muro. Mas assim, em questão nas comunidades, com as associações da comunidade, com as pessoas dos Quintais Maravilhas (?), com algumas instituições, como eu já falei pra você, as que a gente tem, o sindicato, a EFA, o Colégio Nazaré, Ação Social, que tem essa parceria, que faz coisa junto. Talvez não pode concordar com tudo, mas faz junto, acredita que pode somar força pra melhorar nossa cidade. Acho que tem as duas coisas dos dois lados. Acho que tem sim pessoas que acreditam, e que fazem, e que vê o resultado, né? E tem aquelas pessoas também que não gostam, que falam mal. Porque se eu acho que se nem Jesus agradou, acho que vai ser bem difícil o CPCD agradar, né?

**Eu conversei com algumas pessoas da comunidade assim, poucas. Mas é engraçado que dá pra ver que ou eles conhecem projetos, né? Coral, o Ser Criança. Ah, não, ouvi falar... O CPCD como organização só algumas pessoas só. Acho que tem mais essa questão dos projetos isolados. Mas, eu já ouvi também dizer que tem gente que não conhece. E aí me falaram assim, que eu achei interessante. Mas o CPCD não tem essa intenção de divulgar o trabalho em Araçuaí. Ele não se preocupa muito com isso, com a divulgação do trabalho dele. E aí eu acho que eu entendi isso, além do site, dos projetos, não existe uma grande preocupação de fato de vocês**

**falarem que vocês são o CPCD, que isso ou aquilo. Vocês simplesmente fazem o projeto. E aí como que você enxerga isso? Por quê que vocês não divulgam mais?**

Acho que há um tempo atrás nós não nos preocupávamos com isso mesmo não. A gente realmente executava o trabalho, não era assim objetivo que tivesse uma divulgação, que tivesse... O que assim, as pessoas que fossem chegando fossem as parceiras, eu acho que era bom e ia fortalecer, né? E às vezes a gente fica perguntando isso, porque algumas pessoas falam que não conhece. Mas a gente também já fez tanta coisa, já fez tanta folia nessa rua, a gente já andou tanto com a algibeira aí com os meninos pela rua. A gente já participa de todos os movimentos, os conselhos que tem. E algumas pessoas ainda falam que não conhecem. Todos os movimentos sociais que todas as escolas estão, né? E às vezes a gente fica ainda se perguntando por que isso ainda acontece. Dependendo da pessoa, do ponto da cidade que parar, onde que é o CPCD? Ninguém vai saber pra dar uma informação. Mas eu não sei se é por desinteresse de alguns, ou se é por falta nossa de divulgação, ou se é os dois também.

**E se vocês fizessem a “parte” de vocês de divulgação, vocês acham que isso seria benéfico?**

Poderia, acho que sim. Mas é porque eu acredito que por mais que no início não teve essa preocupação, essa intenção, o CPCD era muito de ir, de fazer... É muito de ir, de fazer. Mas as pessoas que se interessar elas conhecem, elas sabem. Nossa, o que tem da cooperativa, tem tantos projetos, em todos os movimentos, passeatas, todos os eventos, o CPCD, os jovens, as crianças estão participando, a comunidade. Não sei. Eu não tenho essa resposta pra te dar, ainda fica essa interrogação. Não sei se seria só falta de divulgação.

**E em relação às pedagogias realizadas? Como que elas se dão, assim, no dia a dia, a cooperativa?**

Pra mim é normal, é dentro da rotina. Igual a questão da roda. Todo dia a gente inicia com a roda. Lógico que é diferente do Ser Criança, não tem aquela cantoria, aquele batuque. Mas a gente inicia com uma roda pra conversar, pra

colocar as dificuldades, colocar as notícias, as novidades, as coisas boas. A questão do sabão. A cada dia a gente vai aprendendo a fazer coisa diferente, aprendendo a usar mais o nosso potencial. Agora mesmo, esse ano, uma coisa que está acontecendo que eu acho que é bem legal, é que realmente a gente realmente não está comprando sabão e detergente para os projetos. Inclusive pra Fabriqueta. Então, os próprios jovens, gente, mas se a gente tem isso em casa, tem óleo sobrando em casa, como que nunca caiu a nossa ficha que a gente podia fazer sabão também no nosso projeto? Não precisava comprar. Então, é coisa que no dia a dia vão surgindo nas discussões, nesses debates, nesses encontros que a gente tem, e a gente vai planejando e vai incorporando.

**Você acha que tem algum conceito por trás dessas pedagogias? Tipo um conceito... Vocês falam muito do Paulo Freire, né? Enfim... Vocês pensam nisso?**

A inspiração do Tião é o Paulo Freire, né? Conceito tem, né? Que é as pedagogias. E além dessa coisa da fazeção a gente busca também pra passar esse conceito pro jovem. Pra ele também ter consciência que ali a gente trabalha, mas o que é a pedagogia da roda? O que é uma pedagogia do sabão? Não tem uma receita, ó, você faz isso que é. Essa aqui é a receita, o ideal é você fazer a certa. Cada grupo, cada espaço vai descobrindo a sua forma de executar, né? O próprio conceito do Arassussa, e agora pro Arassempre, talvez os meninos não saibam te explicar, te destrinchar tudo o que é Arassussa, o que é Arassempre, as dimensões e tal. Mas isso é trabalhado com os meninos. E à medida do que eles vão assimilando, que eles conseguem ir incorporando, eles vão passando isso pras pessoas. Mas pra gente é importante o menino saber que ele está naquele projeto, mas que não é só aquele projeto, que tem uma coisa maior, que ele pode contribuir mais, participar mais, como cidadão da sua cidade. Esse conceito a gente busca trabalhar.

**É bem apropriado por eles mesmo. Eles falam das pedagogias, e ao mesmo tempo é muito natural, né? Eles não ficam pensando, estamos fazendo a pedagogia... Né?**

Não. Às vezes a gente na discussão, na avaliação a gente descobre, ó, isso aqui está muito ligado na pedagogia do sabão, porque é isso, e tal. Isso é bacana, né?

**Pra você, Edilúcia, como que se dá a aprendizagem no CPCD?**

Nossa, essa é muito difícil viu Gabriela. Porque se eu vou parar pra pensar, a Edilúcia que há 17 anos, que entrou pela formação do CPCD, e a Edilúcia que eu sou hoje, nossa, é outra pessoa. O jeito de eu me enxergar, meu lugar, minha cidade. O jeito de eu acreditar em mim, no que eu faço, no meu potencial, que eu posso correr atrás, que eu posso aprender mais. Que eu não preciso ficar conformada àquela situação. Então, falar assim, como se dá a aprendizagem no CPCD é bem complicado de te responder. E cada pessoa é de uma forma diferente. Aprende de uma forma diferente, tem um tempo diferente também pra assimilar. Eu só sei que a gente entra e sai com alguma coisa diferente. A gente entra de um jeito e sai de outro. A gente sai levando. E é isso que a gente sai levando que é o que nós aprendemos, né?

**Você falou que cada um é de um jeito. Mas você já parou pra pensar, tipo, ah agora eu estou aprendendo. Aprendi muito com essa pessoa, aprendi muito com isso, com aquilo?**

Ah, Gabriela, aquela coisa. Todos os projetos que eu já passei pelo CPCD... Quando começou o Caminho das Águas a gente não sabia nada de questão ambiental. Pra gente era tudo novo. Então tem muito essa coisa do correr atrás da informação, correr atrás pra aprender, pra fazer, aprender junto com as pessoas. Agora mesmo a gente está trabalhando muito essa questão da cooperativa, como que a gente pode tornar a cooperativa mais sustentável. Quando a gente fala mais sustentável, a gente está falando da questão mais financeira mesmo. Como que a cooperativa pode ser mais independente? Hoje a cooperativa é meio misturada com o CPCD, porque se não fosse o CPCD ela não existia. Que a gente não consegue vender o suficiente pra no final do mês pagar todas as nossas contas. Então a gente depende muito de projeto, de patrocínio, do CPCD, né? Que é um paizão, que ajuda a manter esse trabalho. Mas a gente está começando a discutir isso com os meninos. Como que a gente

pode ser sustentável, né? Como que a gente pode conseguir chegar no final do mês e conseguir pagar nossas contas, conseguir ter uma retirada legal pro cooperado. Como que a gente pode aprender mais essa questão administrativa, financeira, que pelo menos pra nós que somos do CPCD não é fácil porque nós somos muito mais pro lado pedagógico. E a gente está buscando ajuda com outras pessoas. A gente está buscando ajuda com o pessoal do SENAR (?), do SEBRAI. Agora mesmo o pessoal do SEBRAI estava cutucando. É possível vocês nos ajudarem a pensar num plano de negócios pra unidade da cooperativa de Araçuaí? Porque pra gente isso é uma dificuldade, e que a gente até então... Nós não somos assim, não temos essa experiência nessas questões. Aí é o aprender que a gente estava falando. Os desafios... O bom de trabalhar no CPCD é que você não acomoda com uma coisa. A cada vez você está num espaço diferente, num trabalho, num projeto diferente, e que você não domina totalmente. Você também está na mesma condição das outras pessoas. Você também tem que correr atrás. Você também tem que aprender. Então, isso é o bacana.

**E pra você então, qual é a diferença maior entre o CPCD e as outras práticas educacionais de outros projetos daqui da região, da escola?**

Nossa. A diferença maior. Tem muitas diferenças. Eu não sei qual é a maior. Só essa questão do construir junto. Das pessoas que vêm, elas não tem essa hierarquia. Como eu estava te falando, não tem uma hierarquia. Eu estou na frente de um trabalho, mas eu não sou chefe de ninguém. Eu estou na frente de um trabalho simplesmente porque facilita. Porque tem alguém que eu posso direcionar. Mas não quer dizer que aqui vai direcionar pra Edilúcia, pra Edivete que é chefe. Talvez que a gente tem mais facilidade de ir nos outros espaços, de articular, de chamar, de sentar. Mas não tem essa hierarquia. É essa coisa do construir junto. Eu não sei tudo. Eu sou imperfeita. Então, cada dia eu tenho que aprender mais, cada dia eu tenho que buscar maneiras de solucionar minhas dificuldades. E acho que é isso. Isso que é bacana. Umas das principais coisas bacanas. As pessoas que estão no CPCD, elas não entram assim, com uma grade curricular, exigência, tem que ter graduação, tem que ter pós, ou tem que ter não sei o quê. Não tem essa exigência. Desde de que a pessoa queira, tenha

vontade. Eu quero fazer parte do trabalho, eu quero contribuir, quero ser uma educadora. Desde que tenha vontade, ela vai, ela entra. Não tem essa exigência dessa graduação. A exigência é da experiência da vida mesmo, né? De reconhecer os saberes, os fazeres. E ver como que a gente pode transformar isso em potencial. É a questão do lado cheio do copo. Como que a gente pode ajudar a fazer isso aí transformar e fazer um trabalho legal e mudar a vida das pessoas, mudar a vida dos jovens, influenciar a vida dos meninos que já passaram pelo Ser Criança. É muito bacana, igual, a gente é meio assim, mãezona. Mês passado um menino foi lá na Fabriqueta agradecer, o Alisson, agradecer pela oportunidade, pelo tempo que ele esteve no projeto. Ele era um menino do Ser Criança, foi da Dedo de Gente, e hoje ele está ingressando no trabalho aí de carteira assinada, uma papelaria, né? E é muito bom, assim, por um lado a gente queria colocar todos os meninos debaixo da nossa asa, né? Ficar todo mundo junto. Mas é muito bom quando ele retorna pra fazer esse agradecimento, como ele valoriza. E segundo como que as pessoas de fora, quando fala, ah, é um jovem que já passou pela Dedo de Gente, já passou pelos projetos do CPCD, isso se torna uma referência boa. Aí então, espera aí. A gente tem que conversar, dar uma olhada. Vamos olhar aqui com calma. Isso é uma coisa gostosa. Demais. Vocês estão nas Araras?

### **Estamos.**

Então, nas Araras já passaram dois jovens lá que foram meninos de projeto. Hoje eles saíram, foram embora. Um está estudando fora, já foi pra São Paulo. Mas é bacana. Igual acontece, como meu esposo já trabalhou lá, eu sou muito amiga do pessoal, aí de vez em quando Bruno, Pedro. Edilúcia, cadê? Não tem nenhum menino aí não? Não tem ninguém pra indicar e tal? O Zé (...) ali da (...) e outras pessoas. Quando busca essa referência na Dedo de Gente, nos projetos, nesses meninos.

### **Só pra eu entender, quais são os parceiros atuais da cooperativa?**

É porque é tudo misturado. Na cooperativa a gente tem um espaço cedido, que é do Estado. Aquele espaço lá do artesanato, né? Então o Estado cedeu pra gente desde quando existe lá. E são praticamente os mesmo que tem essa

conversa. Tem pessoas das próprias comunidade, dono de oficina que é um pouco diferente do público do CPCD. Ó meninos, vem buscar sucata. Tem sucata aqui. Vocês querem dar uma olhada? Então, é um pouco diferente. O IFET, a prefeitura, os conselhos que a gente faz parte. É meio misturado com o CPCD. Não tem como eu te falei, isso aqui é só Dedo de Gente, isso aqui é só CPCD.

**É, não tem muito. Eu vi na mandala lá do Arassempre. E quais são os resultados consolidados do CPCD que você acha? Pode até falar da cooperativa, um pouco do CPCD em geral, durante todos esses anos.**

Eu não sei Gabriela. Aí é uma pergunta muito difícil pra mim te falar que é assim...

**Ah, o principal (...).**

Acho que só a transformação que fez na vida de muitos jovens, e de muitas crianças, é um resultado muito legal. É muito positivo.

**E que transformação é essa, assim?**

Transformação. O Alisson mesmo, de ir agradecer pela oportunidade, pela formação que ele teve. Pelas coisas que ele aprendeu, que hoje vai ajudar ele a ser um profissional diferenciado, dentro de uma empresa. Pessoas que já passaram, até mesmo alguns profissionais que já passaram dentro do CPCD, que hoje tem uma prática que é diferenciada dentro da sala de aula, ou dentro de uma escola, em qualquer outro espaço que ela for. Acho que isso é bacana. Porque tem esse lado mais humano, né? Mais humano assim ó, eu não sou o dono de tudo. Eu também posso aprender. É uma relação igual. É uma relação que eu tenho alguma coisa pra oferecer, mas o outro também tem alguma coisa pra me oferecer. Eu acho que as pessoas que saem do CPCD saem com esse sentimento, que eu acho que é o mais bacana.

**E pra além desses impactos da aprendizagem, da transformação pessoal, que outros impactos que você vê o CPCD faz em Araçuaí?**

Num é mais ou menos a mesma pergunta?

**Além da aprendizagem, você acha que transformou ambientalmente, economicamente, politicamente? Ou você acha que (...)? Pra evolução da cidade, o que você acha?**

**Não só do ponto de vista da educação.**

**Se o CPCD não tivesse aqui em Araçuaí, você acha que Araçuaí ia ser muito diferente? Você acha que o CPCD fez grande diferença aqui na cidade?**

Nossa, eu acredito que sim. Com certeza. Até essa discussão hoje no conselho da APA, essa contribuição na questão das nascentes, nas comunidades. Vamos dizer, nessa consciência ecologicamente correta, do não agrotóxico, do orgânico, do valer a pena insistir nessa questão da saúde. Economicamente tem um impacto muito grande que são... Até então, no início do ano eram 46 jovens cooperados e bolsistas. Os bolsistas recebem um valor pra ele estar aprendendo. Funcionários eu não sei o número exato, mas praticamente deve ser uns 30 funcionários, né? Dentro da cidade de Araçuaí. Então vamos dizer assim que indiretamente tem um impacto econômico, né? Que daí é pessoas que estão envolvidas no trabalho e que de uma certa forma eu posso chutar no mínimo 100. Porque tem as mulheres da barraca da feira, tem as mulheres que vai vir aqui na sexta feira, vocês vão conhecer. Não todas, mas uma ou duas vai vir. Que elas trazem o excedente pra vender pras pessoas. Além dos funcionários, dos jovens da Dedo de Gente, os cooperados, bolsistas.

**É muita gente. E pra você quais são os principais desafios do CPCD, e quais são os próximos passos?**

Eu não sei se para o CPCD, mas pra gente como equipe daqui de Araçuaí, o principal desafio nosso seria ter esse trabalho reconhecido lá, politicamente. Se um vereador peitasse, levasse o projeto do Ser Criança pra Câmara pra ser uma política pública. Ter apoio dessa prefeitura pra ampliar esses atendimentos. Acho que nós que sentimos muito essa falta. Porque nós somos daqui da cidade, né? E os próximos passos é o Arassempre que está sendo escrito, está sendo debatido, está sendo rascunhado. Porque ainda não está pronto. Provavelmente hoje ou amanhã deve estar finalizando. Que é essa questão que eu te falei mesmo, né? Como é que à partir de agora a Dedo de Gente caminhar com as

próprias pernas, como conseguir isso, como vender, como pagar as contas, como dar continuidade... Continuar dando oportunidade para novos jovens. Sem depender do CPCD, sem depender de patrocínio. Como pegar aquelas alunos da EFA e transformá-los em multiplicadores na sua comunidade, já que a gente está pensando em Arassempre, né? Não é só em uma comunidade, em um ponto, em um local. Acho que esses são os próximos passos. Isso são boas encrencas como diz o Tião.

**Então tem algumas perspectivas novas, né? Porque vocês já estão (...) turismo, Fabriqueta de Turismo.**

É, tem, tem a Fabriqueta de Turismo porque é uma demanda. Porque tem muita demanda de pessoas querendo vir conhecer o CPCD é muito difícil conciliar as datas das pessoas, a agenda da equipe local. Vocês mesmo essa semana acabou chegando num período bem complicado pra gente, e de organização de oficinas, de outras coisas que a gente tem que fazer. Então aí se pensou mesmo, porque não ter um grupo preparado pra isso? Que vai poder dar atenção, vai poder fazer um receptivo legal. No Arassempre, além dessa questão dos jovens da EFA ser multiplicadores nas suas comunidades, tem também uma parceria com a TV local que talvez isso vai ajudar na questão da divulgação que as pessoas estão falando, né? A gente tem uma TV local que chama TV Araçuaí. Infelizmente ela está inativada, mas no período que ela esteve no ar, que era só uma hora no dia, que era de meio dia à uma, e de sete às oito, um exemplo, toda sexta feira tinha um jornal da cidade. Em Araçuaí chegava a ter 82 pontos, que eles falam, né? De audiência. Infelizmente foi desativado, questões financeiras. Então, tem essa conversa da TV Araçuaí em parceria com o CPCD. Quem sabe inserir os meninos do cinema aí nessa equipe. Ter um programa, talvez não só pra divulgar os trabalhos, somente pra fazer propaganda. Mas pra divulgar a ideia, pra divulgar essa ideia, esse conceito, esses valores que a gente não quer perder. E eu acredito que o Arassempre o principal é isso, né? E a questão do Ser Criança com a parceria com as escolas, com a rua adotada, esse envolvimento com a comunidade. Que é trazer essa comunidade pra dentro dos projetos, né? Que já acontece. Mas tem a ampliação desse trabalho. Acho que os próximos passos são esses.

**Bastante. E é isso. Tinha mais uma pergunta que você já respondeu, mas se você quiser falar mais um pouco sobre o impacto do CPCD na sua vida.**

Ah, eu acho que tudo que eu acho que eu sou, que eu aprendi, acho que eu devo muito, mas muito ao CPCD. Acho que trabalhar no CPCD é uma grande oportunidade muito legal. Pra gente melhorar como pessoa, como ser humano, né? E tudo que eu conquistei, né? Hoje eu tenho minha casa. Se eu tenho algum transporte foi por causa desse trabalho, né? Por causa dessa oportunidade. E se eu posso dar algum conforto pro meu filho, né? É por causa desse trabalho. E quando a gente fala também, é lógico que a gente também tem conta pra pagar. Mas o mais bacana é que é um trabalho, e ao mesmo tempo ele ficou tão misturado que acaba sendo um trabalho e um ideal. Pelo menos da equipe de Araçuaí a gente costuma falar muito isso. Que é o que a gente quer pros nossos filhos. Como a maioria da equipe é mãe, todo mundo bem pequeno. O meu tem 3 anos, o de Edivete tem 2, o de Aline tem 4, o de Paula tem 4 e o outro acho que tem 6. Então tem muito essa coisa do ideal. E aí? Qual a cidade que nós vamos querer construir pros nossos filhos? Então se tornou mais ou menos uma causa, não só de trabalho, mas uma causa nossa, como pessoa. De querer contribuir pra que essa cidade realmente seja uma cidade melhor, e que meu filho possa viver aqui, né? Possa viver e ter uma vida bacana, poder se sustentar e fazer a trajetória dele.

**É isso, a gente já passou uns 5 minutos.**

**Quando você era pequena você achava que você ia transformar a sua cidade?**

Não. Nunca nem passou pela minha cabeça. Mas que bom que eu estou fazendo parte disso. Às vezes a gente conversa, quando a gente fala desse privilégio fazer parte da equipe do CPCD, é que por causa do CPCD que a gente conseguiu... Péra aí, abrir um pouco o leque. Ver outras coisas, né? Saber de outras coisas, discutir sobre outras coisas. Então, isso pra gente é muito forte. Porque talvez, dependendo de outro lugar, ou de outro espaço que a gente tivesse, isso não iria fazer importância. Achar que eu posso fazer alguma coisa pra melhorar, achar que é importante dar uma opinião, achar que é importante,

talvez, discutir a nossa política, o nosso futuro. Discutir, junto com os grupos, qual lugar que eu quero daqui há vinte, cem anos pra viver. Então, é um privilégio por isso. Talvez a gente não iria dar importância à coisas que é a essência da vida, né?

**E é muito lindo, assim, ver vocês trabalhando e falando. Porque uma coisa que eu adorei, eu acho que eu aprendi muito com vocês, e que eu sou muito grata por esses dias aqui. Cada uma de vocês tem uma personalidade muito única, assim, né? É de vocês, você é Edilúcia, a Regina é a Regina, a Cleia é a Cleia, a Paula é a Paula. Mas vocês tem um coletivo assim, que suporta vocês atrás que também é muito lindo, sabe, assim. Tipo, não sei, é muito bonito ver, assim, como... Realmente ver essa combinação da pessoa na comunidade, sabe? A gente vê muito claramente isso aqui. É uma coisa super linda. Muito bonito.**

**Pessoas muito diferentes, mas que cada qual, à sua maneira, tem um envolvimento muito forte, muito intenso. Acho que pelo projeto também. E isso acho que traz um brilho também.**

É, isso é bastante forte. Eu acho que o comprometimento.

**Não é mais um trabalho, é o que você falou.**

Não é mais um trabalho. É algo mais que isso. É o que a gente, na segunda feira, estava conversando. Hoje é uma causa nossa, é um comprometimento nosso como equipe. Nós estamos tomando conta desse trabalho, né? Não tem ninguém de fora, não tem ninguém do CPCD, não tem gente de Curvelo. Não que seja, não que não pode ter. Pelo contrário. Sempre eles estão aqui e contribuem, e estão na roda. Mas é diferente, né? Somos nós da cidade que queremos tocar isso. Então, ou o Tião, a Eliana e a Dora estando aqui ou não, nós garantimos que vai acontecer, porque pra nós é importante. Pra nós é importante que aconteça, né? Pra nós é a nossa contribuição.

**É um comprometimento que não é um comprometimento profissional, né?  
É um comprometimento pessoal, de cidadão, de moradora de Araçuaí.**

É claro que a gente precisa ter uma remuneração, todo mundo tem uma conta ali pra pagar. E tudo. Só que isso não é o principal. Isso não é o que move. Porque isso aí não iria comprar o nosso envolvimento, o nosso comprometimento, o que a gente acredita, né?

**Só uma dúvida, eu não sei se você pode me ajudar, porque eu não achei isso nos dados dos sites, essas coisas. Antes de chegar em Araçuaí o CPCD atuou em Curvelo, e você sabe mais onde?**

Eu não sei te falar todos os lugares certo. Mas na época que eu entrei estava atuando em Curvelo, em São Francisco, já atuou em Porto Seguro na Bahia. Num lixão de Porto Seguro. Moçambique, eu acho que tem alguma coisa no site, né?

**Mas foi antes de Araçuaí?**

Não. Moçambique foi mais ou menos na mesma época. Que eu lembro, Gabriela, era isso. São Francisco, Porto Seguro.

**Então foi além de Minas.**

Santo André, acho que foi junto, não me lembro. São Paulo. Acho que foi junto. Mas tem alguns dados que a Eliane acho que te passa com mais precisão do que eu.

**Então eu vou falar com ela.**

Marca um Skype com ela. Porque tem algumas coisas do trabalho de Araçuaí a gente sabe, mas algumas perguntas mais antigas, alguns casos.

**Eu não sei se você vai conseguir me responder, né? Mas assim...**

Eu fico até preocupada quando vocês falam desse jeito.

**É que eu estou pensando agora, me veio uma coisa assim, por exemplo, eu sei que muitas vezes pra várias ONGs tem muita dificuldade com a questão financeira. A questão financeira parece que é o que muitas vezes tira o sonho das ONGs, né? Como é que é isso aqui, assim? Como é que vocês fazem pra isso não aconteça, sabe?**

Infelizmente não vou saber te responder mesmo. Essa questão financeira é o escritório de Curvelo. É a Dora e a Paula que administram e que coordenam. Elas que saberiam te dar. A gente sabe, tipo assim, tem projeto. Então, vai escrever projeto, quais as demandas nossas? Aí isso é discutido junto com o CPCD. A equipe de Araçuaí senta com a Eliane, com a Dora, com a Luciana. Qual é a demanda? Qual é a ideia? Porque são desse trabalho na EFA, então quais seriam as demandas de equipamento, de material, de num sei o quê. Aí a gente faz a demanda. A demanda é um veículo, recurso pra passagem, recurso pra hospedagem. Lá seria legal construir uma casa de semente. Então, essa demanda é feita em conjunto. Aí quando o projeto vem a gente sabe que tem recurso praquela demanda nossa. Quando não tem projeto a gente sabe que não tem. Mas aí como que o CPCD faz pra manter quando não tem projeto, eu acredito que seja mesmo com as mesas das palestras do Tião, as mesas de formação.

### **Mas aqui, por exemplo...**

Quem vai saber mais completo seria a Dora.

**Mas não estou falando tanto do dinheiro. Estou falando mais desse motor, sabe? Dessa coisa assim de não deixar a peteca cair. Tem a história do copo sempre meio cheio. Mas, por exemplo, não tem dinheiro pra fazer o projeto, aí muitas vezes eu imagino que vocês fazem mesmo assim, do jeito que der.**

É tão complicado, porque a gente acaba envolvendo as famílias. Pai, mãe, tio, cachorro, marido, sabe? Então, não tem dinheiro, tem que capinar ali. Quantos meses que os maridos já vieram ajudar a capinar? Então, assim, tem que fazer não sei o quê. Acaba envolvendo.

### **Chama a galera.**

É meter a mão na massa. Porque a gente não tem aquela coisa assim, ah, é quadradinho, é isso aqui. A gente faz tudo. Desde limpeza, de serviço de pedreiro, até prestação de conta, um relatório, execução das atividades. A gente não deixa de fazer uma coisa que a gente acha que é importante. Não, não tem

dinheiro pra comprar isso aqui. Dependendo do que for, se for uma coisa muito cara, é lógico que a gente não vai ter como fazer. Mas dependendo do que for a gente mesmo mete a mão na massa, vai lá, faz.

**Tem uma coisa que você falou, sabe, que é assim, ai aqui não tem uma coisa verticalizada, uma hierarquia. Você é coordenadora. Mas por acaso é seu título e você faz algumas coisas melhores. Acho que você não se limita a essa função. Se precisar fazer alguma coisa, por exemplo, com a Regina, a gente perguntou pra ela...**

É porque eu nem coloco, eu nem gosto desse coordenadora. Sempre falo, sou educadora, né, do CPCD.

**Vocês todas falam, eu sou educadora.**

Eu sou educadora.

**Eu acho que essa história, talvez, tem ONG que acaba se engessando na burocracia, sabe? E aí não tem, acho que vocês tem muito dessa malemolência e desse jogo de todo mundo fazer de tudo. Tipo, não tem história assim, ah, esse aqui é meu papel, eu paro aqui. Acho que você vai. Se tiver que fazer você vai. E a Regina também, e a Paula também, e todo mundo também.**

Mete a mão na massa. Se precisar fazer serviço de pedreiro, carregar, nossa. Isso a gente não deixa de executar.

**Maravilhoso isso.**

E essa questão, talvez, é pra facilitar. Agora, ah Edilúcia, você pode canalizar, fazer isso aqui no momento? Eu posso. Em outro momento é Paula. É Edivete. Aí cada um vai assumindo algumas responsabilidades pra tentar facilitar. Porque realmente assim, algumas coisas a gente tem que tomar cuidado. Não posso dizer assim, eu, Gustavo e a Gabriela. Vamos fazer, tirar isso aqui do lugar. Mas se não canalizar pra uma pessoa, aí vai ficando, ficando. Ou pode nós três levar a mão junto, ou ninguém levar a mão e tirar. Algumas coisas só pra tentar facilitar mesmo. Pra tentar puxar. Aí tem momentos que eu faço isso, tem momentos que

é Paula, tem outros momentos que Edivete. A gente vai fazendo isso junto. Revezando. Vai chamando o outro na responsabilidade.

**Muito bom.**

IVANETE OLIVEIRA – CHEFE DE GABINETE DA PREFEITURA DE ARAÇUAÍ

**Qual é a visão do município referente ao CPCD?**

O CPCD iniciou em Araçuaí na gestão de 96 a 2000. A (?) entrou de 2007 pra 2008, não me lembro a data. Antes o papel do CPCD foi muito mais importante pro município do que atualmente. Porque antes o CPCD trabalhou muito junto com a Secretaria de Educação do município. Então foi desenvolvida várias ações na zona rural, a integração da escola com o CPCD. Na época a educação estava passando por um momento muito crítico. A educação não estava de boa qualidade, e foi formado um grupo de teatro, (?) muito com grupo de... Além de teatro, o coral, foi na época dos Meninos de Araçuaí. Hoje atualmente continuam os (?) do CPCD que tem atuado muito na zona rural com cisternas. Está voltado muito pra agricultura familiar. E ainda permanece ainda o projeto que desenvolve no Colégio Nazaré né, com as crianças e também esse coral ainda permanece, os Meninos de Araçuaí. Na nossa opinião nós inclusive a gente tem visitado, a prefeitura é parceira do CPCD, tudo que trabalha na área social pra gente é de bem, de muito valor. A nossa região é muito carente. Então é um programa que visa desenvolvimento mesmo, a conscientização e diminuir o risco social dos adolescentes e as crianças. Então na visão do município do nosso governo, o CPCD tem desenvolvido muitas ações e pode desenvolver mais ainda. Eu acho que a gente está precisando de uma integração até maior para que a gente possa melhorar mais o entrosamento do CPCD com a prefeitura para que a gente possa desenvolver melhores ações. Nós temos inclusive na comunidade... Eles desenvolvem um projeto nas comunidades quilombolas, a comunidade Maú, Arraial dos Crioulos, eu acho que você poderia também fazer uma visita, estar conversando com eles. Eu acredito que eles vão falar muito bem também do CPCD.

**O CPCD faz projetos também com essas comunidades?**

Faz projetos com essas comunidades.

**E quando você fala que antes era melhor do que hoje, por quê?**

Houve um rompimento da prefeitura. A prefeitura na gestão de 2008, 2006, rompeu a parceria com o CPCD. Nós tínhamos uma parceria. Ela foi rompida. O gestor resolveu romper. Eu entendia que não tinha muita necessidade. Eu não sei explicar não. Aí rompeu. Então nós voltamos. E a administração também era administração do PT, né, quando rompeu veio na administração do PT, e foi rompida a parceira na administração do PT e hoje nós estamos na administração do PT. Então eu vejo que é preciso talvez uma interlocução melhor, sabe?

### **E vocês tentam dialogar com eles?**

Tenta. Nós já fomos. O prefeito vai, visita. O ex secretário da educação nossa quando saiu foi participar foi coordenar um projeto do CPCD. Mas eu acho que precisa estreitar mais, é até falha da gente do governo né, que Às vezes a gente fica esperando e as atribuições do dia a dia termina consumindo a vida da gente. Para que possa desenvolver ações mais eficazes né.

### **Que legal, vocês já desenharam alguma coisa?**

Juntos nessa gestão não. Nessa gestão é só parceira mesmo, é quando eles precisam levar os adolescentes pra fazer um retiro, pra fazer umas visitas na zona rural. A gente dá passeio, vale transporte pra eles né. Quando solicita a gente é parceiro. Eu não tenho dificuldade nenhuma.

### **Desde que você... Você é daqui de Araçuaí?**

Eu sou daqui de Araçuaí.

### **Você percebe uma diferença de antes do CPCD estar aqui e depois?**

Percebo.

### **Qual?**

Porque a diferença... O adolescente não tinha muita perspectiva antes do CPCD em Araçuaí. Onde um filho de pessoal do quilombo, do pessoal da comunidade Maú, né, é um pessoal de raça negra. Então onde uma pessoa, um adolescente poderia conhecer um país no exterior. Ele não ia conhecer uma capital numa situação familiar financeira com dificuldade. Então muitos adolescentes, onde muita gente que foi do CPCD hoje está no mercado de trabalho. Quando criou o

CPCD. E eram os meninos do CPCD do Ser Criança, era monitor. Depois uma era monitor, passou a ser né, ficavam lá, depois passou a ser monitora do CPCD. Hoje eles estão inclusos no mercado de trabalho. É importante.

**E com relação à educação, o projeto educacional do CPCD, o que você acha?**

Eu assim, eu vejo, eu não posso falar preciso. Eu não sei a metodologia que eles trabalham lá. Mas o índice, se não fosse bom, os meninos que estão na escola na parte do dia, e na outra parte está no programa do CPCD, as escolas estariam comunicando que não estava bom. Então eu acredito que seja bom, seria positivo por isso. Porque tudo chega né. Nós temos escola municipal, então se nós não... Se o CPCD não estivesse atendendo o tempo que estão fora da escola, mas estão no CPCD, se eles não estivessem tendo rendimento, com certeza estavam tendo muitas críticas pelas escolas. Tanto estadual quanto municipal. Então eu acredito que seja um bom trabalho.

**E a comunidade? Você acha que a comunidade aceita o CPCD?**

Aceita. No início não. Quando o CPCD chegou houve um bloqueio. Porque o pessoal de fora, de Curvelo. Essa história toda. Mas aí as relações foi mostrando. E o Coral Menino de Araçuaí que ficou conhecido né internacionalmente, então isso também valorizou muito.

**Você acha que depois do CPCD tem mais gente que conhece Araçuaí?**

Mais gente conhece Araçuaí. Através dos meninos de Araçuaí.

**Porque também aqui na região, e aqui na cidade tem bastante cultura local, artesanato, e tem a Lira Marques, a Dona Zefa. Tem muito artista aqui né?**

Tem, Josino Medina. Muito artista. Tem muitos corais.

**Tem o coral dos Trovadores.**

Tem o Trovadores do Vale, tem Araras Grandes, tem Coral do Rosário, tem o Coral da Santa Tereza. E Araçuaí também tem, o centro cultural também, não sei se você já viu, tem o Zé Pereira. Tem muitos eventos né, que desenvolvem também muitas atividades populares.

**E qual você acha que é a diferença entre o CPCD e os outros projetos sociais que tem aqui em Araçuaí?**

Através do CPCD... Quem trouxe o CPCD foi pessoas com formação. A nossa dificuldade no Vale é a formação, educação. Essa é a realidade. Então se não tem oportunidade pra ter curso superior... Está começando agora. Na verdade é isso. Como é que as pessoas vão ter capacidade de desenvolver projeto pra que possa arrecadar recurso. O CPCD não, o CPCD é uma ONG que tem pessoas capacitadas, bons profissionais e com isso conseguir um recurso pra desenvolver ações melhores.

**Entendi, então você acha que essa é a grande diferença.**

Isso. Essa é a grande diferença.

**Mas você acha bom os outros projetos que tem aqui?**

Os outros também são bons. Os outros projetos que nós temos hoje mais está sendo através do município né. Do município não, é federal né. Mas convênio com o município. São os CREAS, os CRAS né, que também desenvolve esses projetos com as crianças, adolescentes das comunidades rurais, também na cidade.

**E o que você acha que o CPCD pode fazer mais pra ajudar o município assim?**

Eu acho que o CPCD, acho que a gente poderia fazer uma reunião depois, né, o CPCD junto com o prefeito. A gente já teve uma reunião, eu não estava junto, então eu não sei o andamento da reunião. Mas acho que poderia, seja qual for o andamento, ter sinalizado uma parceria. Retomar né, fazer uma parceria pra poder desenvolver mais. Acho que precisa desenvolver mais. Acho que atualmente está muito fechado. E antes expandia mais porque estava dentro da parceria do município com o CPCD.

**Entendi. É, isso ajuda bastante né.**

Ajuda bastante.

**Você tem alguma proposta pro CPCD de expansão assim?**

Não. Eu acho que a gente tem que conversar. Pra saber o que é de fato, acho que tem que conversar. Na educação a gente tem recurso, na assistência social a gente tem recurso, CPCD tem bons profissionais, os meninos funcionários do CPCD são muito bem capacitados. Então eu acho que só tem pra somar né.

**E deixa eu te perguntar uma coisa, eu não sei se você vai saber, é sobre um dado do município, porque eu pesquisei um pouquinho da história, dos dados e tal. Você sabe quantos por cento hoje é a população rural e quanto que é urbana? Ou quantas comunidades rurais existem?**

Não. Quantas comunidades rurais são 64 comunidades rurais. Mas assim, eu não sei a porcentagem. Precisamente eu não sei. Eu sei que urbano a população nossa é maior. O pessoal depois do Minha Casa Minha Vida, muita gente saiu da zona rural né. Teve a oportunidade de construir e vieram morar na cidade. Devido à seca também né, o pessoal sai muito da zona rural.

**O que as pessoas mais fazem aqui de trabalho, os homens e as mulheres?**

Geralmente são funcionários né. A maior fonte de renda do município é a prefeitura e aí vem o comércio. Supermercado, lojas. Hoje também tem muitos salões de beleza né, manicures, pedicure. Artesanato. Dona de casa que faz biscoito, essas coisas, quitandas pra vender. Mas não temos fábricas ou empresa que consegue empregar muita gente.

**Você acha que cresceu muito nos últimos anos?**

Sim. Cresceu bastante. E também precisa crescer mais. O município cresce e a falta de recursos públicos termina não tendo o investimento adequado que deveria ter. Então cresce, a população cresce, o pessoal passa a adquirir né mais casas, mais imóveis. Mas ainda falta um planejamento, a cidade nasceu sem planejamento e vem também sem planejamento. É preciso melhorar.

**Qual é o grande desafio hoje da prefeitura com relação ao município? O que pega mais aqui em Araçuaí?**

É a infra estrutura né. Pavimentação. Porque foi criado muito loteamento sem estrutura nenhuma. E o FPN (?) é pouco, e aí o pessoal comprava os terrenos,

hoje precisa estar na responsabilidade do município, cuidar da pavimentação. Expandiu muito e está com muita dificuldade. Então o desafio é a pavimentação.

**Me disseram, isso eu estou escutando assim, sobre, falam pra mim que sou de fora né. Cuidado, está mais violento Araçuaí. Os meninos adolescentes estão usando droga, como é isso?**

Na verdade eu vejo Araçuaí, toda cidade que cresce também vem violência, claro. Nós não estamos preparados. A população não está preparada, por mais aberta até. A tecnologia está aí muito mais avançada. Hoje toda criança hoje tem um celular. Hoje tem o Sky, hoje tudo quanto é criança assiste tudo quanto é programa de televisão. Não existe uma educação familiar. Eu acho que um dos desafios nossos, pelo menos social, é educação familiar. Talvez seja a necessidade do trabalho do pai, da mãe e seus filhos acabam fazendo o que deve e o que não deve sozinhos. Se você não tem um acompanhamento a tendência é ir piorando. E quando a cidade desenvolve vem gente de tudo quanto é lugar. E aí vai chegando pessoas que nem sabe de onde e aí vai infiltrando, tomando conta da cidade. Com efetivo policiamento de Araçuaí é pouco, tem uma deficiência de policiamento bom. Tanto da Polícia Militar quanto Civil. A cidade de Araçuaí é muito grande pra ter somente uma delegada. Por menor que seja não dá conta. E o povo ainda reclama. Mas o índice de violência tem aumentado sim. Tem aumentado mesmo. O prefeito Dr. Armando também em Belo Horizonte, ele falou ontem que hoje ele ia tentar falar lá no Aldair Cunha, o líder de governo pra falar sobre a violência de Araçuaí. Não só de Araçuaí como da região também. Porque a delegacia de Araçuaí atende cinco cidades né. Talvez o que passe em Araçuaí não passe numa cidade menor, porque a cidade está menorzinha. Araçuaí já está uma cidade maior. Mas o índice de droga também realmente é muito grande. Mas é igual eu estou falando, eu acho que tem que começar a educação familiar. É preciso. A escola tem de trabalhar muito e a família também.

**Juntas né.**

Ajuda.

**Última pergunta. O que você acha que é o ponto mais forte aqui do município? Você falou dos desafios e agora, o que é...**

O ponto mais forte do município? Deixa eu pensar. Para geração de renda para o desenvolvimento, não é isso? O ponto mais forte seria trazer de fato uma universidade federal pro Vale do Jequitinhonha. E aí a universidade federal daria oportunidade ao jovem a fazer uma faculdade de boa qualidade e (...). O ensino médio não vale mais nada hoje. Então o jovem com ensino médio termina com dezessete anos, dezoito anos. Se não tiver recurso, com o estado tem curso técnico né? Está tendo dois cursos superior, dois ou três. Antes nem isso tinha. Só tinha curso técnico. Mas tem jovem que sai com dezessete anos e fala eu quero um curso superior. Não quero estudar um curso técnico porque eu acho que ainda não caiu a ficha da importância de um curso técnico né? Num caiu a ficha ainda. Quando se a universidade federal além de vim, tem uma educação de qualidade, aí fomenta empresa, geração de emprego e renda. Virá pra Araçuaí e região se isso de fato concretizar. E outro ponto é a zona rural, de dar condição de fato pra minimizar a seca da região e dar as comunidades rurais, porque se o pessoal tem água eles conseguem ter plantio. Tendo plantio consegue ter sobrevivência. Não é preciso sair jovens muito novos pra vir pra cidade. E aí sai de um mundo diferente e vem pra um outro e acaba tendo muitos problemas. Acho que com isso vai tentar minimizar e vai ser uma grande solução pro município.

**Mas isso ainda não tem aqui, certo?**

Não.

**E o que tem hoje aqui? O que você acha que é de grande valia pro município?**

O que tem hoje é o IFET que é de grande valia pro município. Me ajude aí.

**Ah, não sei, eu vim pra cá porque eu vi que a cultura do Vale do Jequitinhonha era muito interessante. E aí eu me interessei pra vim. Então o que me chamou atenção em Araçuaí foi a cultura, por exemplo. Pra mim é um ponto forte na cidade.**

É um ponto forte mesmo. Com certeza. Mas a cultura é um ponto forte em Araçuaí. Mas nós precisamos, eu não sei se você vai entender. Nós precisamos também... De que forma que é forte? É forte quando você vem conhecer a fortuna do Vale do Jequitinhonha, especialmente em Araçuaí, da riqueza dos contos, das histórias, beleza. E vamos embora. É preciso investimento. É preciso investimento pros agentes culturais. Se você for na Associação dos Artesãos você vai entender mais. Ela tem uma peça maravilhosa, uma peça de artesão lá. Hoje, não tenho muita certeza, mas acredito que eles estejam trabalhando com monitor do CRAS, da prefeitura, Marcinho. Eu não tenho muita certeza, mas eu acredito que está. Foi feito a seleção e ficou como monitor de artesanato. Mas esse artista, você vê as peças maravilhosas que ele faz, e fica sem ter alimento até pra sustentar a casa. Então é muito rica, mas não tem um investimento. Não tem investimento pra esses agentes culturais. Então se tivesse investimento não precisava correr muito pra trazer grandes empresas não. Sustento, capacidade nós temos, é pra nós né. Nós temos, capacidade a gente tem. E precisa é o olhar mais voltado. Porque se não tiver o olhar mais voltado pra desenvolver projeto, pra conseguir recurso pra que as pessoas possam se capacitar mais, para que possam ampliar mais, então imagina se a gente consegue fazer acontecer de fato uma capacitação melhor, onde esses artistas tem condição de sobreviver, e começar só a fazer peça mesmo com salário. E ai exportar, começar a fazer feira maior. Só faz uma feira por mês em Belo Horizonte, uma ou duas vezes. A dificuldade de sair desse município e não arranjar veículo, não arranjar transporte. Então tem de (?)... Porque são capazes, porque o povo é capaz, mas o povo precisa de ter condição de andar por suas próprias pernas. Maior investimento a nível de estado.

**Isso é verdade. Dá pra vocês conversarem bastante sobre isso com o CPCD né?**

Isso.

**Acho que seria uma boa parceria mesmo.**

Dá uma boa parceria.

**E com isso que você falou né, com a Casa dos Artesãos.**

Isso.

**Eu passei pouco pela cidade, mas eu vi que tem muitos comércios de artesanato mesmo né.**

Tem. Nós temos a loja dos artesãos. Nós inauguramos, a prefeitura, na rodoviária a Casa dos Artesãos onde lá vai ter a Associação dos Artesãos, que eles deixam suas coisas, deixa uma pessoa lá pra todo mundo que chega, às vezes é mais distante né. Às vezes a pessoa nem sabe que tem a Associação dos Artesãos, que tem Casa dos Artesãos. Fomentar mais né.

**Você fala pra mim, só pra eu deixar gravado aqui, o seu nome inteiro, desde quando você está na prefeitura.**

Meu nome é Maria Ivanete Magalhães de Oliveira. Estou na prefeitura desde primeiro de janeiro de 2013.

**E você é chefe de gabinete certo?**

Eu sou chefe de gabinete.

**Você já teve outros cargos?**

Já. Na prefeitura não. Eu já fui assessora do deputado, fui secretária parlamentar de dois deputados né. Fui secretária parlamentar ainda de 2002 a 2007 do deputado João Magno né, deputado federal do PT e fiquei também como assessora de deputado federal do PT Leonardo Monteiro, cinco anos e meio. Eu saí dia trinta de dezembro pra ajudar o governo municipal. Minha história de fato é de, eu vim de pastorais. Eu vim de comunidade eclesial de base. E de movimento negro, pastoral, associação de bairro, Vicentino. Então minha caminhada é essa.

**Que legal. E você é daqui de Araçuaí?**

Eu sou de Araçuaí.

**E a sua escolaridade?**

Eu tenho ensino superior incompleto. Eu estava fazendo gestão pública e dei uma paradinha porque não deu pra conciliar né.

**Tá certo, mas é super ativista. Tanta coisa que você faz também né.**

É minha prática. Minha formação é da, como diz, da prática da vida. Dos movimentos sociais.

**Muito legal. MUITÍSSIMO obrigada.**

Se precisar estamos aqui.

YURI MIRANDA – EDUCADOR DO SER CRIANÇA

**Como começaram as ações em Araçuaí?**

Começou com o Ser Criança.

**É, né? O Sementinha, né?**

É, o Sementinha. Não era Ser Criança.

**É que o Ser Criança é a mesma coisa, né?**

**Só entendendo assim. Eu não entendo ainda o Sementinha. O que era o Sementinha?**

O Sementinha era o Ser Criança pra menininho pequenininho, quase bebezinho. De dar carinho, de cuidar, era isso.

**E aí Yuri, tem muitas coisas que eu já tive resposta, assim, sabe? Então, eu vou tentar ser um pouco mais breve com você. Eu queria saber mais... Você fez Ser Criança também, né?**

Sim.

**Aí eu queria saber essa sua trajetória. Quando você escolheu ser vereador. E tal. Daí a gente vai guiando.**

**Mas primeiro fala pra mim seu no completo, sua idade, escolaridade, por favor.**

Yuri Unas Miranda. 27 anos. Eu formei em escola pública aqui no ensino médio e depois fui estudar música na Bituca, em Barbacena.

**Ah, que legal. É bacharel?**

É. Universidade de Música Popular. É um pouco diferente da acadêmica assim, porque ela propõe a dar uma formação pra cultura brasileira mesmo, né? Não só da erudita, assim, de estudar Chopin, Mozart e Beethoven. Quais seriam os

nossos aqui no Brasil, né? Milton Nascimento, Chico Buarque, Tom Jobim. De pensar a música brasileira.

**E você escolheu essa faculdade muito pela sua experiência aqui?**

É. Essa faculdade surgiu... Deixa eu explicar direito.

**Tá bom.**

Então, tudo começou aqui no Ser Criança, assim. Eu vim pra cá com 10 anos, e aí a gente tinha o coro né, dos Meninos. Aí o Tião chegou um dia falando assim, ó, o que vocês têm pra gente levar de presente pra dar pro patrocinador? Que, na verdade, nem era patrocinador, eram uns colaboradores da Natura. Olha que legal. Aí ah, a gente tem um coral aqui. E era muito ruim, né? A gente não tinha qualidade técnica nenhuma. A gente aprendia com os outros grupos, com os avós aqui, mas não tinha técnica. Aí ele falou, então tá bom. Vamos preparar esse coro, aí preparou o coro. Chamou o Ponto de Partida, que até hoje é parceiro e responsável técnico pra formar a gente. E aí, numa dessas oficinas, veio o Paulinho do Uakiti, você conhece?

**Não.**

É um grupo de percussão mineiro, assim, que faz um trabalho super legal de trilha.

**Lá de BH?**

É. Ele veio dar oficina pra gente, aí o Tião conta a história que encontrou o Paulinho chorando num canto aí. Ô Paulinho, quê que foi? Não, é que tem dois meninos ali na oficina, o Yuri e o Renato, que tem 10 minutos que eu estou fazendo eles errarem e eles não erram de jeito nenhum. Eu mudo o ritmo, eles vêm comigo, eu atravesso, mudo, vou devagar, não tem jeito. Eles não erram. Isso é ruim então? Não, isso é bom. Não, é bom. Mas ele me falou que quer ser tamborzeiro. Aí Tião, com a cabeça viajando dele, né? Falou, então, como é que a gente forma um tamborzeiro? Que advogado já tem muito, médico já tem muito e como é que forma tamborzeiro? Não tinha como formar tamborzeiro. E a ideia foi criar a Bituca, a Universidade de Música.

### **Ah, e ele criou? O Paulo.**

Aí o Ponto de Partida criou. Que é o parceiro. Criou a Bituca, que hoje atende 120 alunos por turma. E assim, é mais concorrida do que a Federal de Minas. Vem gente do Brasil inteiro estudar lá, até do exterior. Virou um centro de referência musical. Essa formatura agora o Hamilton de Holanda estava lá fazendo o encerramento. Então, é isso que eu te falei antes, assim. O Ser Criança e o coro tem uma mágica que a gente não explica. Tem esse poder de impulsionar as pessoas a criar coisas. Como foi o Cinema, a Fabriqueta, a Bituca. Agora essa história da política que está acontecendo comigo, que por ter essa história do projeto despertou esse desejo, assim, de querer poder fazer mais coisas pelas pessoas e pela cidade. Eu acho que isso é a história da gente, né. Por isso que tem essa mágica toda. Porque envolve a história de muita gente, todo mundo se sente responsável por isso.

### **Mas me conta um pouco mais dessa sua trajetória. Tipo aqui. Com 10 anos você começou no Ser Criança. E aí você já fazia parte do Coral?**

Fazia. No começo era assim, quem quer entrar no Coral? Aí todo mundo vinha. Tanto que tinha 40 meninos. Aí se vocês pegarem Roda que Rola que é o primeiro, ele não tem muita qualidade técnica, né? Porque é 40 meninos cantando, assim, escolhidos aleatoriamente. O próximo que é o Prainha Terra e o Presente (...) pode ver que tem um nível de qualidade maior. Agora a gente já faz seleção, né? De voz e tudo. Aí eu comecei com 10 anos, fiquei aqui uns quase 5.

### **Que ano que foi isso? Você lembra?**

98. Quando começou o Coral também. E aí, quando a gente chegou nos 15 anos, mais ou menos, chegava a hora de sair do projeto. Não era obrigado a sair, mas a gente se sentia... Não estava interessante mais pro adolescente. Aí não queríamos sair. Aí a gente falou com o Tião pra criar a Fabriqueta que já existia em Curvelo. A gente foi lá fazer uma apresentação, a gente foi cantar, os adolescentes. Aí marcamos uma reunião com ele e chegou Tião todo sério. A gente tremendo, né, pra falar com ele. É Tião, nós estamos querendo fazer uma Fabriqueta em Araçuaí também, o que você acha? Você vai comprar nosso

sonho? Aí ele já estava com o projeto pronto pra fazer, né? Aí foi maravilhoso, deu certo a Fabriqueta. Chegou nesse nível que está, né? Aí a gente foi pra Fabriqueta. Quando eu falo a gente assim é a minha geração, né? Que é eu, Renato, Pitágoras. Cada um seguiu um caminho. E aí, depois da Fabriqueta a gente foi estudar música em Barbacena. Na Bituca, quando ele ficou pronta, né?

### **Mas a Fabriqueta que você participou era qual?**

A Dedo de Gente. Ah, sim. No começo tinha só cerâmica. A gente começou um trabalho com o Lira, né? Que era uma coisa mais evidente, que era referência, e tudo. A gente começou fazendo máscaras, esculturas e cerâmica. E depois foram vindo novas Fabriquetas. Marcenaria, de serralheria, que tinha essa demanda, né? Muito material aí reciclável disponível. Daí veio a de cinema, quando os meninos deram o cinema de presente. Depois veio a de software. O Tião se perguntou, se eles fazem artesanato, por que não pode fazer software? Então, aí veio essa história do software também.

### **Tá, aí depois participou da Fabriqueta...**

Particpei da Fabriqueta uns 2 anos mais ou menos. Daí fui pra Barbacena estudar música na Bituca. Lá a gente tinha uma casa de morada dos meninos. Foram 6 meninos do coro que tinham um talento apontado, uma vontade de carreira artística. Foram morar lá. Aí estudava na Bituca o dia inteiro música. Tanto que o Pitágoras está lá hoje. Ele é meio que coordenador da Bituca, sabe? Pianista, assim.

### **Ah, que é da sua geração, participou com você.**

Isso. Tem uma história dele que é engraçada, que a gente foi na casa do Milton, e estamos lá assim, fazendo a entrevista, conversando com o Milton. De repente o menino começa a tocar piano. Aí o Bituca vira assim, ele levantou, foi lá ver. Era o Pitágoras, né? Pequeninho, 10 anos. Quem te ensinou a tocar piano? Ninguém. Eu não sei. E tocando lá, assim. Ele falou nossa, esse menino tem que ser músico. Aí quando a gente chegou em Araçuaí de volta tinha um piano de presente pra ele na casa dele que o Milton que deu. Então assim, as coisas vão acontecendo. Essa história do Milton, assim, quem ia imaginar um dia o coro

cantar com o Milton. Olha a curiosidade, vou te contar. Quando o coro foi começar, né? Que o Tião foi procurar alguém pra preparar musicalmente, chamou a Babai (?), que é a referência de preparação vocal em Minas. Aí ela falou, ô Tião, não posso porque eu estou preparando Milton Nascimento. Ele falou, uai, se Milton Nascimento precisa de preparo, imagina os meninos? Aí foi o ponto de partida. Aí 5 anos depois a gente vai cantar com o Milton. Olha que loucura.

### **E como que foi essa coisa do Milton?**

O Milton foi uma proposta do... Que na época a gente participava de um circuito de cultura que tinha em Minas. E aí era o Milton com outro partido e os meninos de Araçuaí. Cada um separado. Aí esse projeto convidou, deu a ideia. Por que você não juntam os 3? Tem tudo a ver, né? Fala de Minas, da música mineira e tudo. E aí criaram o Ser Minas assim. E aí a gente encontrou e nunca mais separou. Teve uma relação muito... Foi amor à primeira vista, né?

### **Tudo mineiro.**

É, tudo mineiro. Tá em casa. E aí a gente nunca mais se separou, assim. Volta e meia a gente está gravando com ele. Ele está gravando com a gente. Criou a Bituca, né? Em homenagem a ele. Bituca é o apelido dele.

### **Ah, Bituca é o apelido dele.**

É. Todo mundo chama ele de Bituca. Só que ele não gosta não, né? Ele fala, demorei anos pra ficar famoso como o Bituca e agora vocês colocam a Bituca. Risos. Mas ele está lá também em contato com a galera. Tem muita história. Se ficar contando caso...

### **Risos. Fiquei perdida agora.**

A gente viaja mesmo.

### **Mas e depois da Bituca, você...**

Então, Ser Criança, Fabriqueta, fui estudar na Bituca. Quando eu me formei lá, falei assim, agora eu vou seguir a minha carreira de músico, né? Aí fui pra Belo Horizonte. Fiquei lá em Belo Horizonte tocando com um monte de gente, estava

consolidando a carreira. Aí tocava com a Elza Soares, com Renato Teixeira. A galera boa né. Ganhei prêmio de melhor jovem instrumentista de Minas, assim. Estava muito animado. Só que me faltava alguma coisa sabe? Em Belo Horizonte assim, na capital. Eu descobri que são as raízes, né? Eu não conseguia ficar longe da minha cidade, da minha família.

**Você é daqui mesmo. Nasceu aqui.**

Sou daqui. É. E aí eu decidi voltar pra cá, assim, porque por mais que estava gostando da carreira musical, não estava feliz lá, né? Aquele barulho da cidade grande e tudo mais. Aí voltei pra cá. Quando eu voltei pra cá, falei, o que eu vou fazer da vida?

**Quando foi isso?**

Foi em 2012. Aí comecei a procurar um sentido pra estar em Araçuaí, né? E não tinha como fugir. Era o Ser Criança, né? Foi a primeira coisa que pensei. E aí estou aqui como educador agora.

**Desde 2012.**

Desde 2012. Finalzinho de 2012.

**E essa história da política?**

Essa história aí é um pouco complicada de falar assim, porque já tem muito tempo, né? Desde quando a gente... Quando o coro propôs de dar o cinema pra Araçuaí, desde quando a gente percebeu que tinha... Não sei se é poder, mas esse encantamento, essa mágica de atrair coisas boas pra Araçuaí, descobriu-se que o coro dos meninos tinha uma função política, né? Muito forte. A gente começou a viajar pra representar as crianças do Brasil em congressos, recebemos prêmios da presidência da república. Um monte de coisas. Então, tinha uma função política desde o começo. Que não foi de propósito. A gente tinha um papel de representar as crianças do país. E isso vai despertando responsabilidade, né? Então, eu acho que veio daí, assim, esse meu desejo de me envolver politicamente. E aí você vai crescendo, começa a estudar, você vê que é o seu papel mesmo, de cidadão, né? Por que está do jeito que está assim, é porque a população desacredita da política, perdeu o encantamento, a nobreza

da política. Porque a imagem que a gente tem (...) não era pra ser assim. A gente só vai conseguir transformar esse país no dia que todo mundo... Que nem eu falo, não é ir pra rua, porque não está fazendo mais efeito a gente ir pra rua. Vai pra rua, protesta, um milhão de pessoas contra a corrupção. Valeu, obrigado pelo protesto, vou embora pra casa. Então, tem que se propor a participar, ir lá mesmo assim, porque se não, vai ficar do jeito que está pra sempre. E aí, nesse sentido eu encontrei a RAPS, que é meio que uma escola de formação. RAPS significa Rede de Ação Política pela Sustentabilidade. E tem tudo a ver com a nossa proposta, né? Todos esses projetos de Araçuaí, Ser Criança, Dedo de Gente, o Sítio Maravilha que veio depois, a EFA que também é parceira. Tudo isso, começou a se integrar, um precisar do outro. Todos esses projetos viraram Araçuaí sustentável, né? Porque é tudo conectado, assim, não é projeto separado. Então, a proposta da RAPS é isso. É usar a política pra promover sustentabilidade. Em todos os níveis que sustentabilidade possa significar, né? Não só esse discurso politicamente correto de ambientalista, né? Plantar arvorezinha. Não é isso. E aí, me identifiquei, participei do processo de seleção, e estou lá nesse curso.

### **Desde quando?**

Começou esse ano, desde o começo do ano. Aí eu vou uma vez por mês em São Paulo. Tem encontro com os jovens, né?

### **Do Brasil todo.**

Do Brasil todo.

### **Mudando agora, mais voltado pra cá. Como é que você enxerga a aprendizagem?**

Eu vou dizer assim, um pouco do que eu penso, e usando o meu exemplo, assim, né? Que eu participei desse processo todo. Muitas pessoas questionam, né? Ficam comparando o Ser Criança com a escola convencional. Falando não, o Ser Criança não ensina nada pros meninos. Os críticos falam isso, né? E o que eu penso, assim, pra mim. Ele não está aqui pra ensinar mesmo. Por mais que as crianças aprendam, e tudo. Eu acho que a questão do Ser Criança é incentivar

a criança a querer aprender. Que isso que a gente faz. Porque a gente não vai obrigar a criança a ler um livro. Isso eu vejo nos pequenininhos aqui. Eles estão ali com um livro, né? Não é uma coisa forçada. Tem que ser prazeroso. Eles tem que aprender a gostar de leitura. E não ler um livro por obrigação, pra fazer uma prova. Então, acho que nesse sentido, assim. A educação, o aprendizado, ser uma coisa gostosa. E os meninos aqui já descobriram isso, sabe? Tanto que eles querem vir pro projeto e ficar aqui o dia inteiro. Não querem ir pra escola porque é uma coisa chata, né? Fica preso na grade, ali, na escola, tudo. Como se fosse disciplina militar. E não é isso. Educação não é isso. Então, eu vejo o Ser Criança como isso mesmo, assim. E aconteceu comigo isso, né? Eu lembro que no primeiro dia que eu cheguei aqui me deram um livro de presente. Aí eu fui pra casa doido com aquele livro, né? Primeira vez que você ganha um livro. Aí fiquei a noite inteira lendo aquele livro. Cheguei no outro dia e entreguei pro meu educador. Falei, ó, eu gostei. Me dá outro. Risos. E aí aprendi a gostar de leitura. Não lia pra fazer uma prova, pra decorar.

### **Não era obrigatório.**

Não era obrigatório.

### **E você, como você vê que as crianças aprendem aqui no projeto hoje?**

Então, além disso, de incentivar elas aprenderem, de despertar esse gosto, o aprendizado é constante, assim. É o tempo inteiro. Desde a hora que chega até na hora que vai embora. E aí se estende, né? Até com o porteiro, na rua, com as pessoas da comunidade. Porque a gente acredita que educação não é só na hora da escola. Educação é o tempo inteiro. Ela acontece agora, a gente conversando aqui, né? Então, tem essa preocupação, esse cuidado de pensar a educação da criança desde a hora que ela chega, né? De estar fazendo a limpeza, que a gente faz, né? Elas cuidam do espaço, pra aprender a cuidar do espaço onde vivem. E nesse momento, às vezes, surge uma confusão, como estava brigando ali. Isso é motivo de aprender, né? Aprender respeito, cidadania, né? Então, tudo... É o que eles falam hoje, temas transversais, né? Aqui não é aula de Português, Matemática, Cidadania. É tudo misturado. É uma confusão, uma bagunça organizada, né? E assim, a gente não sabe, não podemos provar,

mostrar pro país, assim ó, isso aqui é um exemplo. O Ser Criança é o melhor projeto do Brasil, e vocês tem que seguir. Não é isso. O que eu acredito é que fazer educação é de acordo com cada comunidade. A melhor escola de Belo Horizonte talvez não sirva pra Araçuaí. E a melhor de Araçuaí pode não servir pra São Paulo, né? Então, tem que ser de acordo com a cultura local, com as pessoas que vivem ali. E elas fazerem essa escola, né? É o que a gente percebe nas outras escolas, nas escolas públicas, principalmente de Araçuaí, que não faz isso. Eles estão presos num sistema, não vou dizer que não podem, mas não tem a coragem de libertar disso, né? De ir pra rua, de ir pra beira da floresta, de ir pro rio aprender. Tem que ficar na sala seguindo aqueles esquemas assim. Os que tentam são massacrados ou proibidos de fazer isso, assim. Então, eu acho que o Ser Criança existe pra isso, assim. Pra propor às pessoas a inventarem o jeito delas aprenderem. Esse é o jeito que a gente encontrou. Essa liberdade, assim. De aprender tudo brincando.

### **E qual é o seu papel de educador? O que é educador pra você?**

Eu tenho uns amigos que eu fico brincando com eles o tempo inteiro, que eu acho que educador é aquele que não fala pra criança voar, vai, voa. Ele fala, vamos voar junto? E vai, né? Que é isso que a gente percebe, assim, numa simples brincadeira, né? A gente não manda as crianças, vai brincar! A gente brinca junto com elas. Que aí você não é descer no nível da criança. É subir no nível da criança. Outro dia mesmo eles me perguntaram, por que você tá mandando a gente lê livro? Por que você não lê? Aí eu trouxe pra roda a minha mochila, né? E eles perguntando, o que você tem nessa mochila? Pow, joguei no meio da roda. Aí fui abrindo e mostrando pra eles os livros. Esse aqui eu estou lendo, esse aqui é da RAPS, esse aqui é de história da política, esse aqui é de poesia de Drummond. Eles, né? Caladinho. E esse aqui é um livro chato que eu comecei a ler mas não gostei e deixei ele aqui de lado, mas um dia eu ainda vou ler. Então, o exemplo está aqui, né? O educador é muito importante nesse sentido também de dar o exemplo. Não só falar pra criança fazer isso, mas fazer também, né? Porque aí ela vai querer fazer também. Ela vê que tem um resultado que a pessoa é um espelho pra ela.

**E como você acha que o Ser Criança contribui com a comunidade, com a cidade?**

Primeiramente contribuindo com a formação das crianças, né? De um jeito novo de pensar, assim. De novo não. Que o mundo está pedindo. A sociedade está pedindo esse novo jeito de pensar. De não pensar a cidade como só da prefeitura. A cidade é de todos nós, né? Todo mundo tem que cuidar. E aí entra esse exemplo da rua adotada. De fazer as crianças pensarem a sua rua, a sua casa, a escola, como dela. E é isso que o projeto faz aqui todo o tempo. Eu acho que esse que é o maior presente que a gente tem dado pra cidade. Não só um cinema que está funcionando ali, ou uma Fabriqueta que está empregando um monte de jovem, ou o sítio que está dando novas tecnologias de cultivo, né? Que é parceira da EFA também. Mas isso, mostrando pras pessoas que a cidade é delas, né? Não é só cobrar. Você tem que fazer também, cara. Sua rua está ali, cuida dela. Acho que isso é a principal importância.

**Em relação aos outros projetos do CPCD. Como você acha que o Ser Criança se relaciona, contribui?**

Como ele foi o primeiro, né? Aqui em Araçuaí, o Ser Criança. Foi surgindo os outros e aí... É tudo muito dinâmico, vocês já perceberam, então, foi entrelaçando. Até chegar nesse Araçuaí sustentável, sem projetos isolados. Então, o Ser Criança se relaciona com todos os outros. Desde o sítio que produz o alimento e a gente vai lá estudar a Permacultura com os meninos também, conhecer os animais, aprender lá. Até o cinema, que a gente vai lá assistir filme, mas também tem oficina de animação. A Fabriqueta que... Como posso dizer? É uma perspectiva, né? Os adolescentes, eles já ficam... Não só os adolescentes, mas os de 11, 12. Já ficam pensando em crescer e ir pra Fabriqueta. Então, isso é uma perspectiva de futuro, assim. Que não minha época não tinha. Quando eu era pequenininho, você crescia em Araçuaí e ia trabalhar no comércio, só isso. Hoje já tem mais outras oportunidades, né? A gente tem SENAI, Instituto Federal, vai ter uma universidade federal aí daqui há pouco.

**Ah vai?**

Vai. A Fabriqueta também tem esse sentido de dar perspectiva pra população que não tinha até pouco tempo. A única perspectiva era migrar. Essa história do corte de cana, né? Dos homens irem pra lá. Eu quero completar os meus 18 anos pra eu ir embora pra São Paulo trabalhar. E agora está invertendo essa banca. Que é o meu caso, né? Não me interessa ganhar dinheiro em Belo Horizonte. Me interessa ficar aqui no meu lugar que me faz feliz, onde eu tenho laços afetivos. Que a vida é isso, né? É o presente. Não adianta eu pensar no futuro e esquecer do meu presente. Vai passar, eu vou ficar velho e falar, por que eu fiz?

**Pra você qual é diferença do CPCD, do Ser Criança pra escola, e pra outros projetos educacionais daqui da região, ou que você já teve contato?**

Eu acho que a principal diferença é a liberdade, né? De propor o que não foi feito ainda. Que os tradicionais não fazem, né? Ou tem medo de ousar. Às vezes a gente cai também nessa armadilha. Como a gente essa semana percebeu. A gente estava ficando muito formal. A gente tem a hora da tarefa aqui. Quem tem tarefa vai fazer a tarefa. Quem não tem vai pro clubinho da matéria, que é aprender essas matérias de forma lúdica. Mesmo que a proposta é boa estava ficando chato. Não tem que ser assim. Quem tem tarefa vai fazer, quem não tem vai ajudar o outro. Os adolescentes estão ajudando, e pode ser em qualquer lugar. Não precisa ser no galpão, na mesa. Já estão fazendo tarefa nos banquinhos, em cima da árvore. Tem que ser prazeroso, né? O meu grupo no ano passado, eles criaram uma lei. Eles criaram. Que a atividade tinha que ser prazerosa. Eles falavam gostosa. Tem que ser gostoso, se não for nós não vamos fazer não. Então, tudo era assim. A limpeza era brincando. A gente ia fazer... Plantar mudas. Produzir mudas, tinha que ser brincando, eles fazendo graça, botando as sementinhas pra germinar. Então, aprendizado tem que ser gostoso. E eu vejo que as outras escolas, principalmente as formais, né? Estaduais. Não tem essa liberdade. Eu acho que até tem, né? A escola é municipal, e o diretor tem autoridade, num tem, pra poder fazer diferente?

**Tem, tem sim.**

Então, eu acho que é um pouco medo dessa liberdade. Porque a liberdade é difícil, né? Você dar asas é assustador, né? As pessoas estão acomodadas e essa conforto é muito bom também. Mas o Ser Criança faz isso, né? Provoca as escolas. A gente tem duas parceiras na educação integral, e a gente vai lá, eles vêm aqui. E a gente provoca eles nesse sentido né? Ah, por que vocês não fizeram isso? Não é pra copiar o Ser Criança não. Olha aqui pra mim. Por que vocês não fizeram ainda? Você pode fazer. Vão inventar. Aí eu percebo aquela história que o presidente falou, ia investir, não sei se 60% do petróleo do pré sal lá, na educação. Daí eu fiquei pensando em casa: será que vai investir esse dinheiro todo na escola que está aí? Mais em jaulas? Não vai adiantar nada. Tem que fazer outras coisas que não foram feitas ainda. Que na é segredo, não é novidade pra ninguém, né? Todos os educadores do passado falavam isso. Os índios fazem isso, né? Quando está cansado de uma coisa, vamos fazer outra.

### **Além da sua experiência, qual é a sua principal referência em educação?**

Como eu fui incentivado a ler muito aqui no Ser Criança, eu li muita coisa. Mas eu não tenho... Não sou religioso assim, na educação não. Não sou seguidor de Paulo Freire, não sou um seguidor de Tião Rocha. Acho que eu penso em liberdade, né? De acordo com o lugar. Eu acho que tem que ser assim. Mas eu convivi... Fui formado, além do Ser Criança, com o Ponto de Partida, lá na Bituca. Então lá tinha uma referência muito poética, assim. Um grupo de teatro e uma escola de música. Então sempre se falava em poesia. A gente discutia no nível da utopia, né? Então... Eu tenho esse pensamento assim, de viver um pouco o sonho. E a gente tem uma música que chama Coração Civil. Ela fala disso, e os meninos todo dia... Virou um hino. Todo dia eles estão querendo cantar essa música. Porque eles não são bobos também, né? Ela fala tudo que a gente sonha.

### **Que é o quê?**

Aí, estão cantando. Quero a utopia, quero tudo e mais. Quero a felicidade nos olhos de um pai. Quero a alegria, quero muita gente feliz. Quero que a justiça reine em meu país. Quero a liberdade, quero o vinho e o pão. Quero ser a amizade, quero amor, prazer. Quero nossa cidade sempre ensolarada. Os

meninos e o povo no poder, eu quero ver. Ela resume tudo, né? Aí no outro verso fala do exemplo de São José da Costa Rica, coração civil, me inspire no meu sonho de amor Brasil. Se o poeta é o que sonha, é o que vai ser real. Sonhar coisas boas que o homem faz e esperar pelos frutos do quintal. Criança não é boba, né? Elas sabem que isso é uma simples música mas tem uma simbologia enorme. Então, é nisso que a gente acredita, nessa utopia possível. Por isso que eu me identifiquei tanto com a RAPS, porque lá... O Guilherme falou isso. A RAPS está aqui pra fazer essa utopia possível de acontecer. Se a gente não acreditar nisso... Então vamos botar fogo no Brasil e devolver, começar tudo do zero. E não é isso que a gente acredita. Eu acredito muito que por ser um país jovem, né? A gente já tem 500 e poucos anos. Isso que está acontecendo agora, todos os problemas, essas crises, tanto na educação e tudo, é a formação do nosso país. É a história que está acontecendo, e a gente está percebendo. Agora é a hora de mudar. Não está servindo mais essa educação do século XIX, quase XVIII, né? Educação de fábrica, né? De produzir crianças... Adultos em série né? Pra trabalhar. Não é isso. E aqui também a gente propõe isso, né? De não educar crianças em série. A gente procura fazer o mais individualizado possível. Descobrir o talento de cada um. Fazer ele descobrir isso, potencializar esse talento. Tanto que eu falo muito pra eles que a criatividade que eles usam pra fazer um brinquedo de garrafa pet, pra inventar uma coisa, ou fazer um desenho, ela vai ser usada no futuro da mesma forma. Pra produzir um software, uma animação, fazer uma arte. Então, é isso, é a mesma coisa. Eles estão se preparando pro futuro. A gente não está formando um jeito de pensar. Uma escola de pensamento. A gente está dando pra eles a criatividade pra eles inventarem em qualquer área que for.

**Eu queria saber um pouco mais disso. Você falou da liberdade e da criatividade como se fosse uma... Criatividade é uma habilidade, né?**

Capacidade de inventar, né?

**Uma competência, isso, que se cria à partir dessa educação tão livre.**

E eu acredito que desenvolve a criatividade, né?

**E que mais além da criatividade você acha que desenvolve nas crianças?**

Uma coisa que eu acho a mais importante no projeto. Que até eu coloquei no relatório outro dia, que se a coisa mais preciosa que a gente pode dar pra essas crianças é o nosso amor, o nosso carinho, o cuidado com elas, elas também devolvem isso. Então, acho que essa é a coisa mais importante de todas no Ser Criança. Que é a relação que a relação que a gente tem com elas. De carinho, de amor. Que é fundamental na formação de um ser humano. E, às vezes, elas não tem isso nem em casa. Tanto que eu falo o tempo inteiro aqui. O papel de educador aqui é o papel de mãe e agora pai. Porque eu sou o único educador homem. É o único. Então acho que é isso. Vocês podem ver... Acho que Paula já mostrou pra vocês os relatórios técnicos, e tudo, essa parte.

**Eu pedi tudo pra ela, ela falou que não tem nada atualizado (...).**

Tem a tecnologia que o CPCD criou, né? Junto com o Tião e tudo. E aí tem o MDI. Ela já falou com você sobre isso? Que é de inventar os indicadores.

**Eu queria muito um IQP Yuri, se você tiver.**

Não é o atualizado, como ela te falou. A gente faz de três em três meses. Mas dá pra ter uma noção, assim. Mas vai dar pra ter uma noção, também. Nos indicadores... Claro que a gente tem problemas aqui, né? Tem brigas, e isso é normal. Mas a gente escolhe não olhar... Que é a pedagogia do copo cheio né? A gente não está aqui pra olhar os problemas, olhar nosso lado ruim. A gente está pra olhar as coisas boas. Valorizar o aprendizado da criança, a evolução que ela teve. Se for pra registrar o que ela tem de ruim, o que ela não evoluiu, não precisa, né? A gente está focando nas qualidades, no que ela consegue, no que ela tem de bom. E fazer ela acreditar que ela tem isso, né? Que ela tem um potencial enorme. E não é só as crianças de Araçuaí, né? É do Brasil inteiro. Tem um potencial enorme. Só que, às vezes, não tem oportunidade de desenvolver. E aí, quem poderia ser um grande artista, um grande empresário, qualquer coisa fazer bem, vai fazer qualquer coisa. Ser atendente de caixa. Não que isso não tenha valor. Mas fazer uma coisa que não exige o potencial que aquela pessoa tem, né? Pra desenvolver. E a gente tem vários exemplos. Eu sou apenas um dessa coisa toda. Tem Cleia, tem Marta que foi do Ser Criança e que hoje é coordenadora do software. Daniwel que está na loja.

**Marta foi do Ser Criança?**

Foi.

**Não me falou nada. E eu falando...**

E tem mais muita gente, assim.

**Eu percebi bastante, assim... É que você veio do Ser Criança e tem uma trajetória maior. Mas eu percebi que pra muita gente, tanto pros jovens que entram nas Fabriquetas, quanto pros educadores que são do Ser Criança e tudo mais, é muito importante essa formação que vocês têm anualmente. E eu queria saber de você como que se forma um educador na sua visão. O que é importante pra se tornar um bom educador?**

Da mesma forma que eu aprendi no teatro, se tempera o ator é no palco. Eu acho que está bem relacionado à educação. O educador se forma é no palco da vida, né? A gente vê estagiários formados em educação, formado em pedagogia, e vindo conhecer o Ser Criança, e eles chegam, né? Tudo travado assim, eu falo, meu amigo, se solta, né? Vai viver a vida. Então, acho que é isso. Além de toda a formação técnica, de estudo e tudo, assim, eu acho que é a prática mesmo, de ter coragem de viver aquilo, se doar. Acho que educador é isso. É a pessoa que tem coragem de...

**Se forma na entrega.**

É. Tem coragem de doar, se envolver, de amar aquelas crianças, sabe?

**Pra você, com a sua prática, quais são os principais resultados que você já alcançou?**

Como assim? Resultados práticos, assim, de pessoas?

É, você tem...

**Sei lá, num tem as avaliações?**

Sim.

**O que no final você percebe, assim, onde você chegou nessas avaliações?**

Esse ano assim, já tem além dos técnicos que tem que ser uma coisa burocrática, assim.

### **É, sem ser os quantitativos.**

A gente percebe isso o tempo inteiro. Que a gente chama de piscadela, né? Uma criança que chega aqui e não sabe ler e daqui a pouco está lendo, que foi o caso do Alex. Outro dia ele passou o dia inteiro com o livro na mão, correndo atrás de todo mundo, mostrando que ele estava aprendendo a ler. Isso é o máximo né? A descoberta da leitura, então. Isso é uma coisa maravilhosa. E aprendeu de uma forma diferente. Ninguém está forçando ele a aprender. Né? Copia aqui essa frase dez vezes. Não. Ele está lá com 200 livros à disposição e ele brincando com um, brincando com outro, foi descobrindo. Então, esse é um exemplo do que acontece aqui. As pessoas, de repente, aprendem. E educador é isso. Não é aquele que ensina, que ensina. É o que aprende, né? E além disso, eu aprendo muito mais com eles do que eles comigo. Mas tem vários outros exemplos, assim. De quando eu entrei aqui, em 2012, tinha dois meninos que estão na Fabriqueta agora. Félix e Gustavo. Eles era muito complicados, assim, de comportamental, sabe assim? Eram agressivos, atrevidos. Tinha que ser do jeito deles, ou não era. O bicho pegava. E hoje eles estão na Fabriqueta. E, às vezes, vem aqui na roda e fala, pô, tudo que eu aprendi aqui eu estou usando lá agora. A gente vê os adolescentes que estão aqui agora, que estão passando por essa fase, né? Assim, de complicação, de rebeldia, de questionar o que a gente está discutindo, de achar que educador fala muito, né? Mas daqui a pouco cai a ficha. Que é o papel que a mãe tem que fazer, que o pai tem que fazer e que não está fazendo. Está mandando as crianças pra escola. Vai lá, fica lá guardado.

### **Terceiriza a educação.**

Terceiriza. Outro dia eu até escrevi um texto, assim, e li pra eles na roda. Falei que criança é igual semente, só precisa de poucas coisas pra germinar. Água, luz, amor e só isso pra crescer. Agora, se ficar preso numa gaveta ou numa sala de concreto, não vai brotar nunca. Vai ficar ali.

### **Qual é a principal diferença que você vê nas crianças depois de um tempo?**

Acho que tem várias coisas. Mas eu acho que o mais importante é essa alegria que eles têm. Que isso é nítido. Além de alegria também, essa espontaneidade, sabe? A liberdade. Muitos chegam aqui travados, com medo. Hoje o Emanuel falou de manhã, eu tenho vergonha de ir no palco. Porque semana que vem vai ter oficina, né? Eu tenho vergonha de ir no palco. Eu falei, então você vai perder a vergonha, porque vai ter oficina, e daí, ah, então tá bom. Está animado agora pra perder a vergonha. Ele está disposto a perder, entendeu? Criou uma expectativa ali. Então isso é claro. Lucas, por exemplo, chegou aqui era dentro da caixinha, né? Morria de vergonha. Agora já é um... Botando fogo no projeto.

### **Até dança aqui pra nós.**

Então, essa parte humana, acho que é muito marca do Ser Criança. Que não é pensar em ser feliz no futuro. Vou esperar crescer e trabalhar pra ter uma casona, um carrão, ganhar dinheiro. Não é isso. Tem que ser feliz aqui, agora. Então, outro dia a Luciana, de São Paulo, que trabalha no CPCD, chegou e me perguntou: você está feliz aqui? Eu disse, não. Eu sou feliz. Eu acho que ser feliz é uma escolha, né? Problema todo mundo tem em qualquer lugar. Mas é um jeito de você viver, né? De querer estar bem com as pessoas. De estar bem com elas. Fazê-las felizes. Acho que é isso. Acho que a principal característica das crianças aqui. E elas ficam bem.

### **E as famílias? O que os pais acham? (...)**

Você vai poder ver isso tecnicamente nos relatórios, IQP. Mas tem.. Tanto que os pais vêm muito aqui, né? Agora que está começando o ano, não está formado ainda, não está consistente. Mas a gente tem o grupo de base, e eu não vou lembrar agora de cor assim. E tem o caso do Félix, que é esse que está na Fabriqueta.

### **Eu lembro dele.**

Você lembra?

### **Lembro, um grandão.**

É. Então, ele tem um caso da mãe dele, por exemplo, que antes deles entrarem no projeto, ele perdeu o pai, né? Num acidente. Foi eletrocutado, e tudo.

Trabalhava na CEMIG. E aí os três né, Félix, Dedé e Kerliane, que estão no projeto. Eles praticamente entraram em depressão, né? Pô, imagina esse choque. E aí ela tem vários depoimentos. Falando que o Ser Criança foi responsável por... Virou o pai dos filhos dela. Então, eles reconhecem essa importância na formação dos filhos. Muitos por não ter, como posso dizer, por não ter uma formação acadêmica, assim, não sabe dizer isso assim. Na prática. Em palavras. Mas sente. Tanto que vem, trazem as crianças, querem ficar aqui. Valorizam. E falam que se não fosse esse projeto não sabem o que aconteceria. Vocês podem também conversar com os pais depois.

**Eu conversei. E muita gente fala, tanto as crianças... Elas têm muita consciência da transformação delas, né? Os jovens das Fabriquetas, dos pais, dos educadores, essa coisa da sociabilidade, do se colocar, do interagir. O George, do software, ontem, falou assim: antes eu não conversava com a minha família. Hoje eu chamo a minha irmã pra vir brincar comigo. Sabe? Eu falo, eu dou opinião pra minha família na hora do almoço. É muito legal.**

É isso que a gente faz aqui todo dia, né? Não é forçar a pessoa a se colocar. A gente vai fazendo isso naturalmente. Todo dia na roda, quem quiser colocar seu assunto, falar.

**E é muito legal, que agora a gente estava fazendo uma roda com as meninas ali, e aí quando eu fazia uma pergunta levantavam a mão, assim. Aí uma falava, uma começava. E aí eu falei, agora é sua vez. Ela falou: não, não preciso falar, porque ela já falou por mim isso. Não é uma coisa de querer falar toda hora a qualquer preço. É uma consciência muito grande de contribuição pro grupo.**

**Yuri, principais dificuldades e desafios do projeto e do CPCD talvez?**

O maior desafio é fazer essa cidade sustentável, né? Como eu te disse, todos os níveis que a gente possa imaginar. Não só na questão ambiental. E convocar as pessoas a fazer isso, né? Porque ainda tem... Como posso dizer? Porque é muito restrito, né? Porque o CPCD é uma ONG, ele faz o trabalho dele aqui, aí depois, logo após tem o ciclo das pessoas que estão envolvidas, as famílias

dessas pessoas. Mas não é uma coisa que envolve a cidade ainda. Não virou política pública. E no final do ano passado o Tião foi conversar com o prefeito pra propor parceria a nível municipal. O prefeito falou que tudo bem, que acha maravilhoso, mas que não podia porque estava começando o mandato e aquilo não era prioridade. E também que o anterior tinha destruído a prefeitura. Em todos os níveis que você possa imaginar. Destruiu. Ele perdeu, destruiu. Imagina, você assumir uma prefeitura... A gente entende o lado dele, né? Que estava assumindo. Você chegar numa prefeitura e não ter nada? Começar do zero.

**É tipo queimar o Brasil e começar de novo.**

É. Não tinha nada. Então ele ficou um ano, que foi o ano passado, construindo a prefeitura. Tanto administrativo quanto estrutural, veículo, essas coisas.

**Ah, destruiu fisicamente.**

É ué. Não veio nem entregar a chave. Avacalhou tudo. O computadores.

**Devia ser preso, né?**

Foi um horror. Mas enfim, assim, é nesse nível que a gente quer chegar, sabe? De envolvimento das pessoas. Não é só ficar... Eu acho que esse é o maior desafio. Que a gente fala tecnicamente, né? Escreve o projeto lá, Araçuaí Sustentável, manda pro patrocinador, ele manda um dinheiro pra gente fazer isso. E a gente faz esse projeto. Mas e aí? É isso que a gente está se questionando há uns dois anos atrás, né? Qual o impacto? Qual o legado que você está deixando pra cidade? Tem que ser além. Não pode ser só um projeto. Um projeto de lei, físico. É muito pouco, né? Então, acho que esse é o maior desafio, assim. De conseguir mobilizar as pessoas, de convocar a cidade pra... O que a gente falou no começo, né? Cuidar da cidade. A gente tem exemplo no mundo inteiro que as pessoas já estão fazendo isso.

**E do Ser Criança?**

O maior desafio?

**Hoje, né?**

Hoje? Acho que o maior desafio é essa era na tecnologia que a gente está começando, que é muito nebulosa e que a gente não sabe pra onde que vai. Acho que esse é o desafio, sabe? Porque os meninos estão muito conectados. Só querem ficar no Smartphone ali. E eu acho que o desafio é esse. Levar a educação prali ou trazer elas pra cá. Não sei. Estamos tentando descobrir. Tanto que estamos começando a digitalizar os jogos, né? Do Bernal. Começou com a gramática, assim. Pro Smartphone não ser só entretenimento, né? A gente discutiu isso com o coral, que viaja mais e fica muito tempo no Smartphone. Eles estavam só se entretendo. Aí eu comecei a propor pra eles pra procurar alguma forma de aprender com o Smartphone. Aí na outra viagem eles já vieram com um monte de joguinhos, e desafio. Aí o bicho pegou. Então, é uma forma que a gente está começando a descobrir. Esse é o desafio. O computador não está ali só pra pesquisar no Google. Tem que ser de outra forma. Tem que ser mais rico, né?

### **Potencializar o instrumento também, né?**

É, e que isso faça bem, né? Não faça mal, não vire um vício, né?

### **Pra você, qual é o cenário, falando de educação brasileira, qual é o cenário da educação brasileira atual? Quais você acha que são os desafios?**

Eu acho que o desafio é romper. Porque está um caos, né? Eu vejo no Brasil todo e especialmente Araçuaí, as crianças não estão querendo ir pra escola. É muito ruim.

### **Mas romper o que? O sistema?**

Com esse sistema. Eu não sei... Romper a mudança é muito difícil, né? A gente percebeu nessa mudança que a gente fez aqui. Dá uma angústia você se ver livre daquilo que você fazia antes e não faz mais. Então, você chegar pra um professor e falar, ó, vocês não vão mais fazer fila um atrás do outro, vão fazer aula em qualquer lugar, menos na sala. Isso é difícil. Então, eu acho que esse é o desafio. De fazer uma escola diferente dessa que está, que não está fazendo mais sentido, né? E fazer uma escola que faça sentido pras pessoas. Pro mundo atual, né? Porque você vai pra escola aprender álgebra, química inorgânica.

Qual criança que usa isso na vida prática? Não usa, né? Até então não. Se a escola fizesse usar isso, levar pra vida real aí sim era um aprendizado. Eu acho que o desafio é esse. Fazer uma escola que faça sentido na vida das pessoas. Porque não está fazendo, né?

### **Desde muito tempo, né?**

Muito tempo, né? Eu estou percebendo, e vocês percebem, lógico, tem um movimento no Brasil inteiro, todo mundo já está angustiado, ninguém está aguentando mais e vai acontecer alguma coisa. Todo mundo já está fazendo, já está mudando. Tem a história daquele livro lá, Educação. Vocês viram? Do André Gravatá, que eles viajaram?

### **A Camila escreveu?**

Ah, você escreveu? Ah, prazer Camila. Não sabia. Tem só o André aqui.

### **É por isso que eu vim agora.**

Ah, que legal. Então, ali é um retrato, né? Tem um monte de coisa nova acontecendo. Iniciativas pontuais. Só que pensando em política pública isso não aconteceu ainda, né? Esse novo ministro aí falou uma coisa muito legal, né? Que é aproximar a educação da cultura. Quer cultura mais rica que a brasileira? A educação está ali. Que é o que a gente faz aqui, né? Tudo que o coral aprende, todo esse repertório que a gente canta nas rodas, foi aprendido na comunidade, com os avós. As receitas a gente aprende lá. Aí faz sentido pra criança. O que ela faz aqui ela vê lá, né? É a vida dela. O biscoito escrivido dessa história. Por mais que seja simbólica essa história, né? Não tem como a gente fazer biscoito escrivido todo dia e aprender, mas elas fazem biscoito escrivido em casa. Todo mundo faz. Então, acho que é isso, né? A gente está dando um exemplo de que é possível fazer. A gente precisa fazer em nível... Também não é o governo federal falar vai ser assim agora. Vocês vão fazer aula debaixo do pé de manga. Não, é descobrir que ninguém tem receita, né? A gente fala aqui o tempo inteiro. A gente não tem uma receita. Nós temos que inventar a nossa receita. E é isso que é o segredo. Cada cidade, cada escola inventar a sua receita. Que é o desafio.

## **E o impacto do CPCD na sua vida?**

Eu acho que determinou o caminho a ser seguido. Quando eu era pequenininho, nessa época eu estava saindo do Ser Criança, minha mãe me levou no supermercado e viu uma amiga dela, que era minha amiga também, pra eu experimentar lá se eu gostaria de trabalhar lá. Eu nem entrei. Eu fiquei na porta emburrado. Risos. Porque não fazia sentido pra mim. Apesar de não saber, né? Que era por isso que eu não queria entrar lá. Mas eu não entrei. Fiquei lá empacado igual um jumento. E aí foi que surgiu a Fabriqueta. Então, acho que o Ser Criança e o CPCD determinou o caminho a ser seguido. Essa história da música, de não ser um caminho tradicional. Eu coloquei isso no meu currículo, né? Que eu mandei pra RAPS. Talvez seja o mais divergente de todos. Eu escolhi. O Ser Criança me deu oportunidade de escolher. Eu acho que foi isso. Eu escolhi um caminho não acadêmico tradicional. Eu preferi estudar a cultura brasileira com o Ponto de Partida, música popular na Bituca, né? Agora estou estudando educação no Ser Criança, né? Então, eu acho que essa liberdade de escolha, acho que é o maior presente que eles me deram. Eu estou escolhendo agora me candidatar a vereador, seguir um caminho diferente. Que eu estou escolhendo. Acho que é isso. E as crianças vão ter a oportunidade de escolher. Claro que alguns escolhem um caminho ruim também, como temos exemplos aí. Aquele dia eu com o Henrique. Ele precisou passar por todos as turbulências, envolveu com droga, com roubo, ele falou que passava com a cabeça baixa em frente à polícia.

## **Quem é o menino?**

Henrique. É um menino que foi do projeto e agora é tamborzeiro do rosário. E lá que a gente encontrou ele. E ele falou que passou por tudo isso. Apanhou de bandido, apanhou de polícia, pra depois ele ver que precisava seguir um bom caminho, né? Agora ele passa de cabeça erguida em frente à polícia. E aí eu até usei o exemplo dele na roda. A gente não quer que essas crianças aqui precisem ir nesse caminho pra descobrir e voltar, ou se perder lá. Tem que mostrar pra elas os caminhos que tem aqui. Ó, você tem a Fabriqueta, você tem o SENAI ali ou a universidade. Ou o CPCD, você pode trabalhar no CPCD, tem o Sítio Maravilha, e tem a EFA. Tem muitas possibilidades boas, né? Ou vai inventar a

sua, como acontece também. Mas é isso, a liberdade de escolha. Acho que é o maior presente que eu tive.

**Eu ia fechar assim, você já falou bastante na sua fala sobre o seu futuro. Tanto profissional quanto aqui em Araçuaí, deu pra perceber que é aqui que você quer ficar, pelo menos hoje é isso que faz sentido. Tem a questão do seu curso, do seu movimento. É mais uma curiosidade. Que mais no seu futuro (...) seu sonho?**

Descobrir vida extra terrestre. Risos. Não sei. Tem uma coisa muito engraçada. Olha que louco. Quando eu cheguei em Araçuaí, naquela história de procurar novos sentidos, eu falei, uma coisa que eu gosto é astronomia. Aí me inscrevi, fiz o vestibular e passei em astronomia na federal do Rio. Puta que pariu, meu sonho, vou estudar. Aí minha mãe falou assim pra mim, ô Yuri, faz um favor pra mim? Vai na roça amanhã, lá no meu avô, levar esse recado, não lembro. Fui. Fiquei lá três dias e perdi o dia da matrícula. Queria matar a minha mãe e fiquei culpando ela um mês que você destruiu a minha vida, era o meu futuro. Aí agora eu já tenho noção de que não era pra ser, né? A vida tem isso. Eu cheguei numa época da minha vida que eu achei que eu tinha controle da minha vida. Estava nas rédeas, eu vou ser um grande músico, daqui a pouco vou pros EUA estudar na Berkeley, que eles me convidaram, vou ser um dos maiores músicos do mundo. Mas aí vem a vida e te dá um tapa na cara. Não é isso não meu amigo, é aqui. A gente não tem rédeas. Não dá pra controlar. Por mais que você planeje tudo assim, isso aqui também acontece no nível da educação. Tem alguma coisa aí que chamam de Deus, de natureza, energia, o que for, que ela comanda, né? Então acho que é isso.

**Paulinha tem filhos...**

Só a Cleia que não tem, né?

**Só a Cleia que não tem. E ela quer ter, mas fala que prefere os 160, por enquanto. E você?**

Eu também quero ter filho. Mas vou esperar um pouquinho assim. Porque Tião falou assim, antes de eu entrar aqui como educador. Que educador, e eu via

sempre os vídeos dele né? Educador não é aquele que ensina, é aquele que mais aprende do que ensina. Eu falava, pô, isso é conversa fiada, né? Respeitava por ser o Tião, né? Que assim, desde o começo é meu amigo e tudo. Uai, que conversa fiada é essa Tião? E quando eu vim pra cá eu percebi que é assim mesmo. Então, só nesse sentido de ter esse contato com a criança eu estou aprendendo. Estou me tornando um pai, né? Então, estou aprendendo e me preparando pra quando eu tiver meu filho pra eu poder propor o que estou fazendo isso aqui agora. Que eu vejo as pessoas virem lá de São Paulo e vindo aqui. Ano passado a gente teve muito isso. Os pais vindo com os filhos pra tentar descobrir uma escola diferente pra eles. Falavam, não, nós não vamos colocar nossos filhos nessa escola careta que está aí. Aí eles vieram aqui, foram em outras escolas também, e descobrir a escola que servia pros filhos deles. Eu acho que eu penso isso também. Eu estou me preparando aqui pra descobrir a escola que vai servir pro meu filho. Que fazer a escola dele, ou a escola que ele quiser.

**E só pra fechar assim, o que você tem visto aqui em Araçuaí e até no Vale mesmo de projetos interessantes? Além do CPCD? (...)**

Aumentou muito por uma coisa assim, que são esses projetos de lei. Então, tem vários. Tem inclusive, não sei, foi com você que eu comentei que eu tenho um trabalho lá em Jenipapo?

**Não.**

Não, foi com o Gustavo. Tem uma cidade aqui pertinho, que amanhã eu vou pra lá ensaiar lá com eles. Chama Jenipapo de Minas. Lá tem uma instituição, uma associação que chama (...) que é pra cuidar da criança. Eles fazem tudo que a gente faz aqui, mas do jeito deles lá. Que é propor uma educação diferente, prazerosa pras crianças. Tanto que os meninos lá criaram um coral e a gente está gravando um disco lá agora. Final de semana a gente gravou as bases e eles vão pra Belo Horizonte semana que vem gravar as vozes. Então lá eles fazem isso, assim.

REGINA POLUCENO – COORDENADORA DO SÍTIO MARAVILHA

**Então, Regina, fala pra mim seu nome inteiro, por favor.**

Regina Poluceno Jardim.

**Idade?**

37 anos.

**Escolaridade?**

Terceiro grau completo.

**Cidade de origem?**

Araçuaí, Minas Gerais.

**E o que você já fez no projeto, e o que você faz hoje?**

Já fiz receitas alternativas...

**Mas qual era o seu cargo no projeto? Você entrou como?**

Ah tá, eu entrei como cozinheira do Ser Criança. Lá eu fiquei trabalhando durante 3 anos, e assim, todo o trabalho lá era feito na cozinha alternativa, né? Os alimentos, as frutas e verduras sempre foram do Sítio Maravilha, né? E lá nós tínhamos um cardápio semanal, cada dia um cardápio diferente. E assim, a gente usava os alternativos, as cascas, as folhas, sabe? Os lanches também, sucos. E aí depois de 3 anos, 3 anos depois, eu fui pras comunidades rurais pra trabalhar com os projetos ambientais. Por quê? Porque necessitava muito. Não adianta a gente trabalhar a questão ambiental e social só na cidade, né? E sendo que o entorno também precisa. Porque pra cidade estar bem, pra cidade caminhar, as comunidades rurais e entorno também precisa de ter essa conscientização. Então, assim, foi discutido na época, né? O trabalho ambiental. E como as comunidades rurais já tinha esse trabalho já começado, e como foi o educador na época, no caso, sairia pra ir pra um outro projeto, mas dentro do CPCD, mas em outra cidade, aí precisava de educador. Ai à partir dessa época de 2010 eu comecei nas comunidades rurais trabalhar.

### **E você ficou até quando lá?**

Eu fiquei lá... Na verdade, eu acho que eu nunca saí de lá, né? A gente sempre está encontrando com as mulheres. Até hoje nós encontramos. Nós vamos na feira, agora mesmo o sítio tem essa produção aqui também de hortaliças, aí o que lá tem, às vezes, aqui não tem. Aí eu ligo, ô menina, manda pra mim tal muda de tal coisa, de tal semente. Vocês tem? Temos. Aí no outro dia manda pelo ônibus, deixa lá no escritório do CPCD. O escritório encaminha pra vir pra cá. Sabe, é uma troca na verdade. Hoje ainda existe essa troca. Esse ano mesmo já aconteceu. No mês passado eu pedi mudas de oropronobis que não tinha aqui e brócolis. Couve. Aí mandou, já está plantado aqui. Então é uma troca que nós temos de comunidade e sítio. Uma experiência vivenciada, né? Às vezes, também, muitas coisas que é alguma incidência de praga que tem lá. Ô Regina, o que vocês estão usando no Sítio Maravilha pra combater tal praga? Aí nós passamos a receita, sabe assim? Sempre é uma troca de experiência, de conhecimento.

### **E hoje qual é o seu cargo? Qual é a sua responsabilidade no CPCD?**

Hoje eu estou mais focada no Sítio Maravilha. Pra coordenação do Sítio Maravilha. Eu comecei aqui em fevereiro. Mas antes eu já vim muito aqui, sabe? Pra mim, assim, foi novidade fazer a questão interna. Porque, antes, quando o Celso estava, eu que escrevia os relatórios. Então, assim, eu sempre estava presente aqui no sítio. Mas como essa pessoa participativa de estar à frente assim mesmo, de delegar as funções, de coordenar mesmo o trabalho é agora. Mas antes tinha o Celso e a gente contribuía muito, sabe?

### **E você está no CPCD desde de?**

Fevereiro de 2006.

### **Eu queria saber, que o Arassussa se formou em 2005, certo?**

Sim.

### **Eu queria saber como que se deu a evolução do Arassussa pro Arassempre. Desde 2005 até hoje. Qual que é a diferença entre eles?**

Olha, o Arassussa, né? Até as meninas devem ter falado um pouco ontem. Arassussa e Arassempre. O Arassussa é todo, um projetão né. O Arassempre também. Só que o Arassussa tinha mais as divisões, né? Dedo de Gente, Caminho das Águas, né? Mesmo que a Petrobrás... Tinha a Petrobrás Ambiental na época. Petrobrás Ambiental e Petrobrás e Cidadania. Tinha essas duas diferenças. E agora, e cada uma... A Ambiental era só o foco ambiental. Na época, igual o Caminho das Águas, o foco era Petrobrás Ambiental. Só Ambiental. E tinha o Arassussa que era todos os projetos, né? Englobado dentro do Arassussa. E hoje não, expandiu isso. Juntou um só. O Arassempre é um só. Todo mundo conectado no Arassempre. Não tem mais essa divisão. Arassussa e Caminho das Águas. Na época, até as roupas, as marcas, eram diferentes. Caminho das Águas era um, e Arassussa era outro. Até na hora de fazer os relatórios a mesma coisa. Tinha a blusa do Arassussa e a blusa do Caminho das Águas. Então assim, hoje não. Hoje juntou e ficou um projeto só. Que é o Arassempre, todo mundo conectado dentro do Arassempre. Tipo assim, eu estou hoje, o sítio né, eu estou mais à frente. Mas não quer dizer que as outras meninas, outros educadores também podem estar aqui. Contribuindo. Todo mundo está contribuindo no sítio. Eu posso estar contribuindo na Fabriqueta, na Dedo de Gente. Sabe? Tem muito isso aí. Tipo assim, a Edilúcia está à frente, mas não quer dizer que é só ela. Outras pessoas, outros educadores também podem estar contribuindo lá. Sabe? Se precisar a gente pode estar lá. A gente faz oficina lá também. De Permacultura mesmo. Mês passado o Celso estava, foi pra lá, fez a oficina, sabe? Fez no Ser Criança. Todo mundo tá junto. Como diz, junto e misturado.

### **E vocês fazem roda juntos?**

Sim.

### **De quanto em quanto tempo?**

É a coordenação geralmente senta mensal, quinzenal. Sabe? A gente sempre está reunindo pra discutir o trabalho, pra contribuir. Assim, igual eu estou te falando, não tem essa diferença. Tipo assim, se eu estou com um problema no sítio... Que nem as meninas lá, as educadoras, eu estou com isso, isso, e isso.

As contribuições que vocês podem dar, o que você acham de eu estar fazendo isso? Ou então, vocês podem estar indo pra contribuir e melhorar tal coisa? Talvez vocês tenham mais experiência em tal coisa. Entendeu? Igual mesmo, como eu mesma, eu falei muito da produção. Igual mesmo, eu já faço detergente lá pra casa desde o ano passado, né? Aí nós fizemos as oficinas esse ano, e a gente começou a não comprar sabão nos projetos. Aí eu fui, dei oficina de detergente lá no Ser Criança. Depois, eu passei a receita pro Dedo de Gente porque eu não pude estar lá. Eu estava aqui. Aí eu também passei a receita, eles fizeram, entendeu? Essa contribuição de todos os setores.

**E você como coordenadora agora do sítio, como que é o seu dia a dia de trabalho? Suas funções, o que você faz?**

Olha, a proposta do sítio, na verdade, era pra vim 2 a 3 vezes só na semana. Mas agora, no momento, eu venho todos os dias. Assim, a minha função hoje aqui, eu ajudo no que precisa. Sabe? Eu não estou só pra coordenar. Igual mesmo, tem um viveiro de mudas, tem que produzir mudas? Vamos fazer um mutirão, vamos produzir mudas. Entendeu? Ou então, talvez aqui na cozinha mesmo. A Regina está muito tumultuada, né? Porque é muita coisa pra ela só. Por exemplo, assim, o almoço tem que sair meio dia. Mas se está atrasado eu vou, ajudo a fazer. Eu estou em tudo. A horta também, não, hoje tem que fazer um mutirão com todo mundo pra ajudar. Eu também estou. Eu estou sempre dando esse suporte também.

**E o planejamento, como que é feito? Daqui.**

O planejamento é feito quinzenal. Nós sentamos, né? A equipe daqui. Planejamos, avaliamos. Nós fazemos o planejamento. O que não foi feito, nós avaliamos. Por que não foi feito? Sabe? E a gente torna a remarcar novamente pro próximo. Pra acontecer, né? Às vezes, a gente até coloca no papel, né? Mas a gente sabe que aquilo ali ficou sem fazer. Então, nós temos que voltar e fazer. Porque é prioridade, né? Tudo aqui é prioridade. Mas tem coisas que tem prioridade principal. É coisa que não pode ficar sem fazer. Igual mesmo, o plantio de hortaliças. Não pode ficar sem plantar. Nós não podemos ficar aqui uma semana sem plantar nada. Porque precisa de plantar. Precisa de estar na horta.

A horta é uma coisa que tem que estar todos os dias. Às vezes, assim, o Nascimento tá aí ele contribuiu. Por exemplo, igual mesmo, sexta feira nós fizemos o bananal muito grande. Você viu, né? Poucas pessoas. Aí nós fizemos um mutirão, aí a gente saiu da horta nesse dia pra ir pra lá. Entendeu? Mas assim, é casos , né? Mas lá também já estava tranquilo. A horta já estava começada. Mas quando está no início mesmo, fevereiro, do zero, né? Porque as pessoas estavam de férias. E aqui o pessoal entre de férias a maioria em janeiro. E ficam poucos funcionários. Então, em fevereiro fica muito focada a horta. Fevereiro e março. Tem que estar lá todos os dias.

### **Pra produção, né?**

Pra produção.

### **E então de 15 em 15 dias, só pra eu entender, vocês fazem planejamento e avaliação.**

Isso.

### **E todo mundo fala na roda? Eles falam bastante?**

Bastante não. Mas falam, assim, o principal. Dá sugestão. A maioria das pessoas aqui, igual mesmo, eles são agricultores. A Regina trabalha aqui, mas ela é agricultora. Ela planta na casa dela, ela faz horta, entendeu? O marido. E as outras pessoas também. Então, tipo assim, além da gente ter essa formalidade, mas também não impede das pessoas que têm o hábito de plantar, em seus lugares, contribui também aqui com o nosso trabalho.

### **Legal.**

Entendeu? Então, tipo assim, cria aqui porcos, né? Pocilga. Na zona rural, geralmente, o pessoal cria porco, faz o chiqueiro convencional. Com aquelas madeiras, com aquelas coisas e tudo. Mas não quer dizer que o tratar do porco é diferente. Não. Aí muitas pessoas, igual o Wilton mesmo, na casa deles, eles criam pra vender. Então assim, ele já tem uma noção do que é. Então, traz muita informação também. Ó, lá em casa nós fazemos assim, sabe? Não, vamos fazer desse jeito. As experiências contam muito, sabe? Nós não temos muito aquela coisa. Nós não temos muitas formalidades. É bem informal mesmo, sabe? De

pegar o que as pessoas aprendem lá das comunidades, replicar aqui. Por isso que aqui chama, né? O centro de referência. Permacultura. Tudo é experimentado. Tudo é testado. Mesmo que não dê certo.

### **Desde quando tem o sítio mesmo?**

Desde 2005. 2006.

### **Você sabe me explicar, porque assim, o Arassussa foi um projeto, certo? Que hoje está virando como que o CPCD se organiza. Não é?**

Isso. A plataforma.

### **Como é que funciona essa plataforma?**

Ué, essa plataforma todo mundo está englobado nela, né? O CPCD como um todo em Araçuaí. Todo mundo está engajado nessa plataforma, só dividido em setores. Porque também pras coisas funcionarem tem que ter um setor, e tem que ter uma pessoa à frente daquele trabalho. Não quer dizer, igual mesmo assim, tem um sítio, tem a Dedo de Gente, tem a loja, tem um escritório, tem o cinema, tem o Ser Criança, tem as comunidades rurais. Então uma pessoa sozinha não daria conta de estar em todos, né? De estar fazendo isso funcionar em todos. Então, tipo assim, todo mundo é tipo um guarda chuva aberto, né? A gente brinca muito nessa questão. Todo mundo engajado, mas no mesmo foco. Igual mesmo, o compromisso ambiental, eu trabalho o compromisso ambiental no sítio, na Dedo de Gente, no escritório, no Ser Criança. Entendeu? Então, assim, os focos são muito comuns. Sabe? Nós não saímos do foco. Só que a gente está em lugares diferentes. Em lugares assim, setores, não é diferente não. Mas dividido, não sei, talvez, né? Chamamos assim, porque eu também não consigo enxergar isso como uma divisão. Cada um administrando, né, uma equipe. Um pedacinho. Igual mesmo, aqui a produção mesmo. Vai pro Ser Criança, mas também vai pra fabriqueta do Dedo de Gente, sabe? Ontem mesmo foi maracujá, banana, sabe? O que tem. Então, assim, não é só fechado só por determinado lugar. Nós estamos abertos. Somos abertos. Então, assim, a gente tem essa coisa de ter um educador pra estar coordenando determinado grupo. Porque se não também não daria conta. Cresceu muito.

**Ainda bem, né?**

Com certeza.

**E deixa eu entender, hoje, como é que funcionam as ações na zona rural?  
O que o CPCD hoje faz na zona rural?**

Olha, na zona rural, hoje, no momento, nós temos, né? Igual eu te falei. Na época que terminou o Caminho das Águas, nós continuamos com umas oficinas, né? As pessoas começaram a caminhar com as próprias pernas, porque é isso que foi o objetivo do Caminho das Águas, né? Deixar as pessoas andar sozinhas, porque precisam. Porque você sabe, quando você está acompanhando um grupo todos os dias é uma coisa. Quando você deixa eles, né? Sozinhos, eles muitas vezes nem conseguem produzir, né? A caminhada fica a desejar. E assim, mas aí hoje, nós temos muito a questão da cesta. Tem a questão da barraca que as mulheres também vendem na feira. Tem a questão da Permacultura que também é muito forte. O Celso mesmo vai pras comunidades dar oficinas. Sabe? Porque assim, tem uma certa deficiência, Gabi, da produção ainda é um desafio na comunidade. Sabe? Porque, igual eu te falei, muitas vezes o que a gente consegue produzir aqui, não consegue produzir na comunidade. Ou vice versa. Então, assim, no ano passado mesmo nós fizemos uma planilha do que faltava. Qual é a deficiência da produção, em qual produto? Ano passado nós fizemos isso, né? E esse ano a gente ia discutir isso. Então, o Celso veio pra comunidade esse ano, discutiu com as mulheres lá as possibilidades de tentar produzir determinadas coisas que elas têm dificuldade. E assim, e fazendo essas oficinas. Mas a oficina acho que aconteceu uma vez, ficou de voltar, mas não deu certo. Porque também o trabalho, né? É muita coisa. E ele também, como ele fica no Maranhão. Além do Maranhão ele vem aqui no sítio contribuir aqui também com trabalho. Então, como diz, “fica muito disputado”.

**Mas hoje as ações na zona rural não são financiadas?**

Não.

**Nada.**

Não.

**É só vocês mesmo. É por conta do CPCD.**

Isso. E elas hoje também estão caminhando sozinhas, igual eu falei, né?

**Elas ainda reaplicam os Quintais Maravilhas umas nas casas das outras?**

Cada uma aplica no seu quintal, né, o que aprendeu. Amanhã mesmo a gente vai conhecer o de Lurdes, o que ela aplica. Tem algumas outras pessoas que ainda dá continuidade. A gente não pode falar que todo mundo dá porque não é verdade. Porque a gente planta a semente, mas tem pessoas que, infelizmente, não pega aquilo como uma meta, uma causa, né? De transformação, de produção, de geração de renda, né? E muitos também, outros lugares também, igual Cruzinhas, que é um lugar longe também, né? Uma comunidade bem longe, afastada de Araçuaí, é uma das comunidades mais longe que nós trabalhamos, lá também as pessoas também têm os seus quintais. Mas lá o destino é mais pro consumo.

**Próprio, né?**

É, o consumo próprio.

**E as mulheres se encontram ainda, lá?**

Lá, quando tem reuniões sim, se encontram. Igual mesmo, foi marcado uma oficina na casa de uma delas, sabe? Pra replicar também, né? Nos Quintais Maravilha. Elas sempre estão encontrando. Encontram na sexta feira, encontra no sábado, na barraca. Entendeu? Ou, sempre está juntas, né?

**Quando eu fui lá tinha aqueles painéis com uns livros.**

Isso, algibeira.

**As crianças ainda vão lá, elas leem?**

Hoje, é porque igual eu estou te falando, a gente não tem mais esse trabalho contínuo com elas. Cada um tem sua casa, seus afazeres. Toca sua vida, sabe? Aquela época mesmo era quando tinha, né? O grupo formado, você lembra? Mãe cuidadora.

**Lembro. Era tudo caminho das águas, né?**

Isso, Caminho das Águas, aí tinha um grupo formado, cada dia uma atividade na casa de uma pessoa, né? Na comunidade. Hoje não tem mais.

**Como que você vê as pedagogias do CPCD aqui no sítio e na zona rural?**

Ah, eu vejo as pedagogias muito positivas, sabe? Eu acho que as pedagogias fortalecem o nosso trabalho a cada dia. Pra não se perder também, sabe? O CPCD é (...) de que tudo é desenvolvimento, né? Então assim, pra você não poder também a popularidade, o resgate da cultura local, sabe? Então, a pedagogia é uma coisa muito forte, que faz com que a gente trabalhe muito nesse sentido. De não perder as suas raízes, né? O compromisso com as pessoas, os valores humanos.

**E como que elas acontecem aqui e na zona rural, além da roda?**

Pois é, é o que eu estou te falando, além da roda tem a pedagogia do sabão, né? E assim, além da roda a gente está fazendo muito esse trabalho de oficinas, né? Aqui no sítio mesmo foi feito, sexta feira oficina de sabão. Veio a mãe do Yuri lá de Araçuaí. Você conhece o Yuri, né?

**O educador?**

É, do Ser Criança. A mãe dele veio aqui, é uma pessoa muito bacana que está conosco, sabe? Direto, no que precisa, sabe? De oficinas, ela veio aqui. Foi feito o sabão. O sabão está até aí. Te mostrar. É feito um sabão caseiro. Essa semana, quinta feira eu vou dar oficina aqui de detergente.

**Ah, entendi. Legal.**

Entendeu? Então a gente vai replicando isso nos projetos, sabe? Em cada lugar.

**Eu queria saber como é que você enxerga a aprendizagem no CPCD. Como que ela acontece?**

Assim, como que eu enxergo, pra minha vida, assim? Ou não?

**Como que você acha que a aprendizagem acontece no CPCD, nos projetos, no dia a dia?**

Eu acho, assim, que acontece de forma coletiva, sabe? Você não faz nada sozinho. Tem sempre trabalho junto, discute junto. As discussões. Acho que é um grupo, né? Eu falo que é uma família, o trabalho se torna uma família que você adquire nessa longa jornada de trabalho. Eu mesma consegui, em muitas comunidades, eu ganhei pai, ganhei mãe, ganhei irmão. Família, sabe? Pessoas assim bacanas que se não tivesse a instituição, acho que não teria acontecido.

**E pra você qual é a diferença então da educação que acontece no CPCD? E da educação que você conhece de outros projetos? Tanto que pode ser de Araçuaí ou outros projetos, ou escola, ou práticas educacionais que são diferentes daqui.**

Assim, eu acho que... Fora daqui eu não conheço muito não. Mas eu já ouvi falar muito das escolas, sabe? Pelo que eu percebo nas escolas há diferença. Porque lá eu acho que as pessoas trabalham muito sozinhas. Sabe, aqui a gente trabalha em grupo. É no coletivo, um preocupado com o trabalho do outro, sabe? Assim, se não dá certo, se tem alguém ali pra conversar, discutir, avaliar, sabe? Planejar, vamos fazer de forma diferente, né? As maneiras diferentes, inovadoras, né? Que você já conhece, tem o MDI. Vamos fazer tal forma. Então assim, é muito fechado as outras instituições, sabe? Assim, meu marido mesmo fala comigo, ô Regina, na escola as pessoas querem saber quantas aulas você pegou, sabe? Aquela disputa. É uma disputa sala de aula. E aqui acho que não tem essas coisas. É tudo assim em grupo, em discussão. Não tem essa questão de superioridade, sabe? Pessoa né, só porque está coordenador, educador, cozinheiros, sabe? Ninguém tem essa diferença. Todo mundo é do mesmo patamar. Respeita as diferenças do outro. É um grupo e o diferencial é isso. É um grupo onde todos se preocupam com o outro, com o trabalho, de ajudar. Disseminar o trabalho pra outras pessoas.

**Isso é uma bela diferença que eu vejo também, sabia? É tão simples isso, mas não é tão óbvio pras pessoas, né?**

Com certeza. E assim, as pessoas são muito disponíveis pra estar fazendo. Eu vejo assim, CPCD tem muito isso. Se marca domingo, nós estamos lá disponíveis. Eu não vejo que as outras instituições é assim, sabe? Então, se

você está precisando de uma ajuda em tal lugar, eu largo o que eu estou fazendo pra te ajudar. Sabe Gabi? Então, se você está precisando de uma ajuda em tal lugar eu largo o que eu estou fazendo pra ajudar. Eu acho que tem muito essa coisa de solidariedade. Nos outros lugares não tem.

**Só voltando um pouco de como que dá o planejamento e a avaliação, vocês fazem de 15 em 15 dias, mas tem algum planejamento anual do sítio, ou vocês fazem um PTA?**

Não fazemos o PTA porque é uma coisa muito complexa. E aqui o pessoal não tem escolaridade. Entendeu? Então assim, ia ser muito...

**Vocês fazem de um jeito diferente.**

De um jeito diferente, sabe? Ia mudar toda aquela rotina. Tem funcionário aí mesmo que só assina o nome, não sabe ler. A gente não quer dificultar. A gente está todo mundo conectado com CPCD como um todo, mas assim, aqui tem essa diferença do sítio. O trabalho mais voltado pra produção mesmo. Não que a gente não discute as outras questões. Mas a proposta mais é produção pra Ser Criança e Ação Social. Eles já sabem disso. Então assim, a gente não discute muito as outras coisas. Discute assim, a questão ambiental, né? Que temos que ter. Mas como PTA mesmo nós não... Tipo assim, mas não está fora o sítio do PTA, sabe?

**Vocês só fazem diferente, né?**

É. Está dentro do PTA, só que aqui a gente estando trabalhando junto com eles, não.

**Entendi. E os parceiros? Tem algum parceiro que é direto aqui do sítio?**

Você fala algum parceiro que ajuda aqui direto?

**É, algum parceiro que ajuda sempre, além da Ação Social, tem algum outro parceiro que ou de Araçuaí ou de outro lugar que contribui, sei lá, financeiramente, ou contribui dando oficina, ou contribui de alguma forma?**

Olha, contribuição financeira não. Mas nós temos muita parceria com os alunos da EFA que vem fazer estágio aqui. Os alunos fazem estágio aqui. Agora mesmo

está marcada uma oficina com eles aqui. O engenheiro chama Carlos André e vai dar uma oficina aqui pra eles aqui no sítio.

**Ele é da onde, o Carlos André?**

De Araçuaí.

**Ah, é de Araçuaí mesmo.**

É. Aí ele vai dar uma oficina no mês de maio para os alunos da EFA. Todas as tecnologias que eles vão conhecer aqui, aí a parte da manhã é aula passeio, e à tarde ele vai dar uma oficina, sabe? Mas assim, financeiramente não. É só o CPCD mesmo. E também as instituições que são minhas parceiras né? De estar vindo conhecer, trazendo alunos. Pessoas, ONGs também vem muito.

**As escolas vem visitar?**

Vem. As escolas vem muito. Ano passado mesmo veio as escolas municipais, estaduais, Instituto Federal.

**Eles pagam a visita, não?**

Não.

**Tudo gratuito.**

É. E agendado lá no escritório, né? Aí tem todo o procedimento que é feito. Aí tem o procedimento, eles vem, fazem a aula passeio e vai embora. Onze e meia, meio dia, eles vão embora.

**E aqui no sítio então vocês produzem alimento pra Ação Social e pro Ser Criança. Vocês produzem mudas, certo? Essas mudas são vendidas quando e como?**

Olha, nós começamos agora, Gabi, a vender, né? A gente está em conversa assim, na verdade, sabe? Nós não temos assim, nada certo. Assim, falar assim, que nós tem X que tem que vender, entendeu? Isso ainda está em conversa, em discussão pra gente começar a vender. Mas a gente ainda não tem essa ideia pronta. Sabe? De como que vai ser. Tipo assim, estipulado, nós vamos vender X pra tal pessoa, X tem que produzir pra vender. Nós não temos isso certo. A

única coisa que nós temos certo aqui de produção de mudas é pro hospital. O programa Criança Uma Vida. As meninas devem ter falado ontem, né?

**Não.**

Não? Olha, nós temos esse programa, uma parceria do hospital com o CPCD, desde 2008. Acho que é 2008, 2009. De 2008 pra 2009, por aí.